

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Sociologia - Área de Especialização em Família e População

**Aspectos sociais e demográficos na transição
para a vida adulta entre os estudantes do
ensino superior em Portugal, no início do
século XXI**

(Um estudo exploratório)



170 150

Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Maria da Conceição Reis da Costa Picoito

Orientador: Professora Doutora Maria Filomena Mendes

Outubro 2007

RESUMO

Este trabalho insere-se no estudo dos acontecimentos demográficos que ocorrem na fase de transição para a vida adulta, como parte integrante da pesquisa sobre as alterações da fecundidade em Portugal.

O estudo teve como objectivos conhecer as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto à fase da passagem para a vida adulta, compreender os mecanismos e factores que podem influenciar as tomadas de decisão em relação aos projectos de vida dos estudantes do ensino superior e perceber as consequências sociais e demográficas que decorrem do modo como se processa a transição para a vida adulta.

Seguiu-se uma metodologia qualitativa, utilizando a técnica da entrevista semi-estruturada dirigida a seis grupos de estudantes a frequentar cursos diferentes da Universidade de Évora. Os dados obtidos foram trabalhados através de análise de conteúdo.

Como resultado da análise das entrevistas, poderá dizer-se que o binómio formação/emprego joga um papel fundamental relativamente ao momento e tipo de decisões que os estudantes tomam em relação à construção dos seus projectos de vida. Destaca-se particularmente a ligação que existe entre a possibilidade de ter emprego e a autonomia em relação à família de origem com vista à formação de um núcleo familiar independente. Do mesmo modo, a estabilidade profissional, e com ela a auto-sustentabilidade financeira, aparece como factor principal condicionante para a assunção de compromissos familiares, particularmente a possibilidade de ter filhos. As dificuldades sentidas, neste aspecto, pelos estudantes, são apontadas como causa para o adiamento do casamento e do nascimento dos filhos.

ABSTRACT

Social and demographic aspects in the transition to adulthood among Portuguese university students at the beginning of the 21st century. An exploratory study

This study contributes to the understanding of demographic events which take place in the transition to adulthood, as an integrant part of a wider research project on the changes of fertility in Portugal.

The research aims are three fold: to uncover university students' hopes during the period of change to adulthood, to understand the mechanisms and agents that can affect the making of decisions concerning life project; and to apprehend the social and demographic consequences as transition to adulthood takes place.

For the purpose of the study data was collected via semi-structured interviews with six sets of students, attending different courses/degrees in Évora University. The content analysis of the data revealed that education and employment play a fundamental in the students' decision making process (time and types of decisions) concerning their life projects.

The relationships between job prospects and self autonomy from parents in order to start their own family must be especially stressed out. In the same way, professional and personal stability are also important factors when considering tacking familiar engagements, particularly the possibility of having children. These kind of difficulties faced by the students are considered an important cause for the delay of marriage and child birth.

AGRADECIMENTOS

O meu reconhecimento a todos aqueles que me entusiasmarão e ajudaram na realização deste trabalho.

Em primeiro lugar quero destacar a minha Orientadora, Professora Doutora Maria Filomena Mendes, por ter acreditado em que eu seria capaz de levar a bom termo esta tarefa e por me ter convidado a participar no seu grupo de investigação.

De um modo particular dirijo-me aos estudantes que entrevistei e que se disponibilizaram para que este estudo fosse possível. Também lhes agradeço a jovialidade e entusiasmo sempre presentes, mesmo quando referiam alguma incerteza quanto aos tempos futuros.

Aos meus colegas do Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC) por toda a motivação e acompanhamento que me concederam. Entre estes destaco a minha colega Rita Friães, pelo trabalho acrescido que teve de realizar, e por toda a ajuda que me dispensou esclarecendo todas as dúvidas surgidas à medida que esta pesquisa avançava.

À minha família que me acompanhou e apoiou em todas as etapas deste percurso.

ÍNDICE	Pág.
Introdução	10
Parte I – Enquadramento Teórico	17
1.O ciclo de vida: a juventude e a vida adulta.	17
2. A geografia europeia da transição para a vida adulta: homogeneidade e heterogeneidade dos comportamentos	28
2.1. A transição para a vida adulta e a saída da casa dos pais	32
2.2. A formação profissional, o mercado de trabalho e a transição para a vida adulta	37
2.3. Nupcialidade e fecundidade no processo de transição para a vida adulta	48
3. Factores condicionantes da transição para a vida adulta; as principais posições teóricas explicativas do processo	64
Parte II – Desenho Metodológico do Estudo	84
1. Problemática. Pergunta de partida. Objectivos	84
2. Procedimentos metodológicos	87
2.1. Natureza do estudo	87
2.2. Processo de recolha de dados	88
2.1.1 As entrevistas - sua pertinência	88
2.1.2 Preparação e desenvolvimentos das entrevistas	93
2.3. Caracterização da amostra	97
2.4. O processo da análise dos dados	100
Parte III – Apresentação, Análise e Discussão dos Dados	104
Parte IV – Considerações Finais	167

	Pág.
PARTE V – Bibliografia	176
Índice de Anexos	186
Anexos	187

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Acontecimentos sociodemográficos respeitantes a mulheres com 25 anos de idade, em coortes com dez anos de distância: estimativas feitas a partir dos *Fertility and Family Surveys* em 1990

Quadro 2 – Percentagem de jovens a viver em casa dos pais na Europa por grupos de idades

Quadro 3 – Evolução das taxas de emprego em alguns países, Europa N, W, S, grupo etário 25-29 anos, jovens licenciados, primeiro trimestre 2001- 2007

Quadro 4 – População de desempregados em milhares, seis países, Europa N, W, S, nacionais, grupo etário 25-29 anos, primeiro trimestre, anos 2000 e 2006

Quadro 5 – Índice sintético de fecundidade por países entre 1993 e 2004

Quadro 6 – Percentagem de jovens portugueses solteiros em 2001

Quadro 7 – Percentagem de homens e mulheres casados e a viver em união de facto de grupos de idades entre os 15 e os 29 anos em 2001

Quadro 8 – Percentagem de nados vivos, nascidos fora do casamento

Quadro 9 – Quadro resumo da análise de conteúdo

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentagens de jovens, a viver em casa dos pais, em diferentes países da Europa, por grupos de idades

Gráfico 2 – Índice sintético de fecundidade por países, 1993 e 2003

Gráfico 3 – Evolução do índice sintético de fecundidade, Portugal, 1981-2004

Gráfico 4 – Evolução da idade média ao 1º casamento, homens, Portugal, 1991-2004

Gráfico 5 – Evolução da idade média ao 1º casamento, mulheres, Portugal, 1991-2004

Gráfico 6 – Evolução idade média ao 1º casamento, homens e mulheres, Portugal, 1991-2004

Gráfico 7 – Evolução da taxa de nupcialidade, Portugal, 1980 - 2004

Gráfico 8 – Evolução da idade média da fecundidade, ao 1º filho, Portugal, 1981-2004

Gráfico 9 – Evolução da Idade Média da Fecundidade, Portugal, 1981-2004

Gráfico 10 – Percentagem de nados vivos nascidos fora do casamento em 15 Países europeus (Europa Ocidental, Europa do Norte, Europa do Sul), 1993 e 2003

INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial e particularmente a partir da passada década de sessenta, o comportamento demográfico dos países ocidentais sofreu profundas alterações. Acompanhando as tendências demográficas, desenvolveram-se estudos sobre a mais pronunciada longevidade da população e mais recentemente, o facto de muitos países, concretamente os europeus, apresentarem índices de fecundidade muito baixos, conduziu ao interesse da investigação por esta temática (Billari 2004); “Actualmente, as consequências da manutenção de uma fecundidade tão baixa, não são só demográficas, mas também sócio-económicas, e têm vindo a despertar um interesse cada vez maior no que respeita ao conhecimento dos comportamentos de fecundidade, suas causas e provável evolução futura.” (Mendes, Rego e Caleiro 2006).

A par da diminuição da fecundidade registaram-se outros fenómenos, como sejam, o adiamento do casamento, o aumento da coabitação sem casamento, o aumento do divórcio e o declínio da habitação dos idosos a viverem com os filhos. Também a idade, em que passou a dar-se o nascimento do primeiro filho, tornou-se mais tardia. É neste contexto que investigadores como Vaupel e Kohler (2000 cit. por Billari 2004) denominam por “*new demography*” o novo cenário de estudo das dinâmicas de população, em que se observa um aumento da esperança de vida, uma diminuição acentuada dos valores da fecundidade e elevados contingentes de migrantes.

Direccionando o olhar sobre os países desenvolvidos e entre estes sobre aqueles que compõem a União Europeia, verifica-se uma não diminuição da população, à excepção da Alemanha que registou uma descida em 1998, e dados os baixos valores do índice sintético de fecundidade, isso só foi possível nos diversos países do espaço europeu, através de uma compensação populacional pelo aumento da imigração (Cordón, Sgritta 2000). Os valores do índice sintético de fecundidade, embora divergindo entre os diferentes países, deixaram de permitir a renovação das gerações, sendo que os valores mais

baixos aparecem nos países mediterrânicos (Espanha, Grécia, Itália). Portugal poderá considerar-se integrado neste conjunto de países, pelas suas características geográficas, ainda que não se encontre situado, em sentido próprio, junto da bacia mediterrânica. No caso português, a manutenção dos baixos níveis de fecundidade “constitui a principal causa de envelhecimento que inevitavelmente se irá verificar no futuro próximo.” (Mendes 2006: 1). Este comportamento do índice sintético de fecundidade aproxima-se do que se verifica nos países da Europa Oriental, em que, de acordo com os dados de 2007 do *Population Reference Bureau*, a República Checa, a Hungria, a Moldávia, a Polónia, a Roménia, a Rússia, a Eslováquia, bem como a Ucrânia, registam um valor de 1,3 tal como acontece na Grécia. Na Bulgária, o índice sintético de fecundidade apresenta o valor de 1,4, como ocorre em Portugal, Espanha e Itália.

A pesquisa demográfica tem acompanhado esta evolução e muitos trabalhos recentes têm procurado explicar as causas e as implicações que aparecem ligadas a este comportamento dos índices de fecundidade. Os estudos apontam vários caminhos para explicar estas mudanças demográficas e, entre eles, destaca-se a forte relação entre o comportamento da fecundidade e o modo como passaram a dar-se os acontecimentos demográficos na fase da transição para a vida adulta. Para Córdon e Sgritta (2000), o cerne da questão da descida da fecundidade encontra-se em dois factores a saber, a situação dos jovens e as dificuldades em conciliar trabalho e família.

Precisamente nas idades compreendidas entre os dezoito e os trinta e quatro anos, período que Billari (2004) caracterizou como de forte densidade demográfica, desenrolam-se os acontecimentos que têm maior conexão com a fecundidade. É neste período do ciclo de vida que habitualmente se tomam as decisões relativas ao casamento ou ao estabelecer de uma união; também é nesta altura que se deixa a escola, que se acabam os cursos e se arranja um emprego, factos que habitualmente têm ligação com a busca e possibilidade de autonomia, o que em geral se conjuga com a formação de um novo núcleo familiar.

Desde os anos noventa, a questão da transição para a vida adulta despertou o interesse da pesquisa demográfica, dada a forte ligação desta fase da vida com as decisões que afectam o comportamento da fecundidade e, também, pela constatação das transformações ocorridas no modo como passou a fazer-se a transição para a situação de adulto. Por um lado, registou-se na generalidade dos países europeus um adiamento em relação à saída da casa dos pais (Billari 2004) e, por outro, a sequência e a temporalidade segundo a qual passaram a dar-se alguns fenómenos, sofreram alterações. Assim, o casamento foi adiado, bem como o nascimento do primeiro filho. Estas alterações, que sinteticamente significam adiamento, segundo Sobotka (2004) e Goldscheider (2000), aparecem enquadradas no contexto da segunda transição demográfica e estão ligadas ao processo de modernização e individualização que caracterizam sociologicamente o desenvolvimento das sociedades ocidentais.

Para Francesco Billari (2004) a teoria da segunda transição demográfica só parcialmente pode explicar o adiamento da saída da casa dos pais, particularmente acentuado no caso dos países da Europa do Sul.

No quadro da evolução registada para os países europeus e entre estes, os países da Europa do Sul, Portugal apresenta também a mesma tendência de descida dos valores da fecundidade que releva estudar e atender às respectivas especificidades. Portugal é um dos países europeus que, desde a passada década de oitenta, apresenta níveis de fecundidade baixos, inferiores ao mínimo necessário para substituir as gerações (Mendes 1992), quando em 1975 apresentava para o índice sintético de fecundidade o valor de 2,2 (Córdon, Sgritta 2000). Esta tendência sugere um estudo aprofundado do comportamento da fecundidade, dado o impacte que tal facto produzirá ao nível do mercado de trabalho, educação, habitação, sistema de segurança social, entre outros aspectos.

O projecto de investigação POCTI/DEM/59445/2004 "A Fecundidade em Portugal: uma perspectiva macro/micro económica", em que o presente estudo se integra, visa compreender os principais factores económicos e sociológicos

que se interligam com a evolução da fecundidade em Portugal nas últimas décadas, perspectivar a partir da análise realizada o número provável dos nascimentos e indicar os aspectos em que a acção política poderá intervir no processo de evolução da fecundidade.

Reveste-se de particular importância para o estudo sobre o comportamento da fecundidade a compreensão dos fenómenos que acontecem na transição para a vida adulta. É nesta fase que são tomadas decisões, quanto ao modo de vida, que se repercutem necessariamente na evolução da fecundidade, para o que se salienta o facto de grande parte do período fértil da mulher se distribuir pelos anos em que se dá habitualmente aquela passagem. Sobressai, por isso, a necessidade de dedicar atenção a esta fase do ciclo de vida, definindo-a como objecto de estudo. Este foi o propósito do presente trabalho.

Fez-se incidir a pesquisa sobre estudantes do ensino superior. Esta escolha justifica-se pelo facto de estes se encontrarem numa fase da vida propícia ou potenciadora de grandes mudanças tanto a nível pessoal como profissional, oferecendo a possibilidade de abordar várias questões como as que decorrem da relação formação e emprego/mercado de trabalho e a ligação destes aspectos com outras opções, como sejam as de âmbito relacional/familiar. Em Portugal, para a generalidade dos estudantes do ensino superior, é a partir do momento em que estes terminam os cursos que irão surgir as escolhas profissionais e, do modo como se dá a transição para a vida profissional, poderão decorrer diversas consequências com repercussão no modo como os estudantes estabelecem os seus projectos pessoais, concretamente os que dizem respeito aos compromissos de natureza familiar.

Desenvolveu-se um estudo exploratório seguindo uma abordagem qualitativa em que se procurou recolher e analisar as representações dos actores através da técnica de entrevista. Adoptou-se a técnica da entrevista de grupo com orientação semi-directiva. Posteriormente, procedeu-se à análise de conteúdo dos dados.

Estabeleceu-se uma pergunta de partida que seguiu a formulação “Como se processa a transição para a vida adulta entre os estudantes do ensino superior?”. Em torno desta questão de partida, desenharam-se outras perguntas para as quais se tentou encontrar resposta ao longo da pesquisa; quais são as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto ao futuro após o termo do curso? Os mesmos estudantes contam empreender compromissos de natureza familiar antes ou imediatamente a seguir ao termo do curso? Que lugar ocupa a construção de um projecto familiar na arquitectura do futuro próximo daqueles jovens? Quais os principais objectivos de vida após a conclusão do curso? Que constrangimentos encontram para a concretização dos seus projectos pessoais?

Atendendo a estas questões, definiram-se como objectivos gerais do trabalho:

- Conhecer as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto à fase de transição para a vida adulta.
- Compreender os mecanismos e factores que podem influenciar as tomadas de decisão em relação aos projectos de vida dos estudantes do ensino superior.
- Perceber as consequências sociais e demográficas que decorrem do modo como se processa a transição para a vida adulta.

Nas entrevistas procurou-se abordar as questões que apresentassem ligação com as ideias chave colhidas durante a revisão da literatura, tais como, a saída da casa dos pais, a formação e o emprego, os projectos em relação à conjugabilidade e ao nascimento dos filhos.

Conhecendo as limitações deste trabalho, que incidiu apenas sobre alguns grupos de estudantes do ensino superior, não se pretende através dele fazer generalizações, mas apenas conhecer, dado o carácter exploratório da pesquisa, aspectos que ajudem a compreender a fase de transição para a vida adulta e contribuir para o levantamento de pistas susceptíveis de conduzirem ao desenvolvimento de trabalhos futuros sobre esta temática.

Uma vez feita a contextualização do trabalho de investigação produzido, apresenta-se agora a estrutura da dissertação que reflecte o caminho seguido durante a pesquisa.

A dissertação é composta por quatro partes.

A primeira parte, intitulada por “Enquadramento teórico”, recolhe as principais posições dos autores sobre o objecto de estudo. Tentou-se clarificar e contrapor as diferentes colocações teóricas sobre o tema. Procurou-se, no primeiro capítulo desta parte, apresentar a descrição das fases que compõem o ciclo de vida e, atendendo aos aspectos demográficos, considerar a sua evolução. No segundo capítulo, descreveram-se as diferenças existentes entre os diversos países europeus, quanto às questões: saída da casa dos pais, formação e emprego e constituição da família. Para este trabalho comparativo os países foram agrupados segundo a classificação usada nas publicações do Conselho da Europa (Schoenmaeckers e Lodewijckx 1999). Assim, consideraram-se as “Sub-região” Norte, Ocidental e Sul com a seguinte constituição por países:

- Norte: Dinamarca, Finlândia, Noruega, Suécia
- Ocidental: Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Irlanda, Luxemburgo, Holanda, Suíça, Reino Unido
- Sul: Grécia, Itália, Portugal, Espanha

Na literatura aparecem diferentes maneiras de designar os conjuntos de países, pelo que se transpuseram as diversas classificações para aquela que se seguiu neste trabalho, com vista a uma uniformização da nomenclatura para que desse modo se tornasse possível comparar as asserções feitas pelos autores.

Não se estendeu o estudo teórico aos países europeus que faziam parte, antes de Novembro de 1989, do conjunto constituído pelos chamados países da Europa de Leste, por isso, sempre que no texto se fala de países europeus ou da Europa não se está a considerar aqueles países.

No terceiro capítulo desta parte, procurou-se estudar os factores explicativos da evolução dos acontecimentos demográficos que marcam a transição para a vida adulta.

A segunda parte deste trabalho descreve o percurso metodológico, a estratégia e as técnicas de pesquisa adoptadas.

Na terceira parte, apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos.

A quarta parte contém as reflexões finais que se apresentam em ligação com as perguntas da pesquisa e também se apresentam algumas considerações para a prossecução de trabalhos futuros. É sobretudo nesta parte que se procura situar os resultados da análise dos dados, face às posições teóricas recolhidas na literatura.

Na parte final, integram-se os anexos do trabalho onde constam a grelha de análise de conteúdo, o quadro síntese da análise de conteúdo, o guião das entrevistas, a matriz de codificação das entrevistas e o protocolo de uma das entrevistas realizadas.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O ciclo da vida: a juventude e a vida adulta.

Na segunda metade do século XX ocorreram mudanças consideráveis na sequência, modo e cronologia dos acontecimentos que marcam a passagem para a vida adulta. A ordem pré-estabelecida, segundo a qual anteriormente se fazia esta passagem, foi manifestamente alterada e, mesmo nas situações em que ocorriam variações resultantes da posição social, estas não provocavam grandes modificações no conjunto dos acontecimentos (Sgritta 2001).

O ciclo de vida iniciava-se com a infância, a que se seguia a fase da juventude que era entendida como a passagem da situação de dependência para a autonomia (Roquero 1997, Córdon 1997), operando-se nessa altura a independência própria do estado adulto, a qual se realizava, para a generalidade da população, através da integração laboral (Roquero 1997) e da independência social que reconhecia os direitos próprios do adulto e a possibilidade de exercê-los (Córdon 1997). Os limites de cada uma destas passagens variam muito e a juventude pode ocupar um período maior ou menor, dependendo do momento e da sociedade em que se vive (Córdon 1997).

No entanto, a estruturação do ciclo de vida em fases distintas, enquanto períodos de idade definidos, vulgarmente identificadas como a infância, a adolescência, a juventude, a meia-idade e a velhice, sofreu alterações ao longo da história.

A consolidação da infância como uma fase do ciclo de vida emergiu na Europa, nos finais do século XVIII e princípios do século XIX. Este facto manifestou-se através do aparecimento de estudos literários e de educação dedicados à infância e surgiram também, na mesma altura, iniciativas de carácter assistencial e legislativo visando a protecção das crianças (Pais 1991). Mais tarde, já na segunda metade do século XIX, a puberdade, se bem que resulte

de um processo biológico, e por isso exista independentemente de circunstâncias históricas ou culturais, começou a ser encarada como uma fase do ciclo de vida, quando se deu uma tomada de consciência sobre os problemas e tensões que afectavam os jovens (Pais 1991).

Histórica e sociologicamente, a juventude, como etapa do ciclo de vida, surgiu na sequência das mudanças operadas nas relações entre a família, a escola e o trabalho (Pais 1991) e ganhou estatuto, autonomia, quando aumentou o tempo de passagem entre a infância e a idade adulta; a passagem da infância para a idade adulta prolongou-se e a formação da família contemporânea passou a estar associada a um longo período entre a puberdade e o acesso ao estatuto de adulto (Gammer 1999).

A juventude, enquanto fase de uma classificação do ciclo de vida baseada na idade, é aquela que apresenta uma maior transitoriedade, cuja duração depende das circunstâncias históricas e culturais e “Por isso, a juventude não tem uma clara delimitação demográfica nem qualquer definição estrita na lei.”¹ (Cordón, 1997: 576).

A sociologia da juventude tem oscilado entre duas tendências, no que diz respeito à definição desta fase do ciclo de vida. Para alguns autores, a juventude é definida segundo padrões etários, ou seja, é considerada como um conjunto social para cuja definição se entra em linha de conta, primordialmente, com o facto de os indivíduos se encontrarem num dado momento do percurso de vida, no qual se evidenciam determinadas vivências que se consideram componentes de uma “cultura juvenil”. Para outros autores, a juventude é considerada como um conjunto social diversificado, não podendo falar-se de uma cultura juvenil, mas de diferentes culturas juvenis, de acordo com as pertenças de classe, diferentes situações económicas, tipos de ocupação, interesses diversos, etc. Não haverá portanto um só conceito de juventude, já que nele estão contidos diversos universos sociais (Pais 1991).

¹ « *Thus, youth has neither a clear demographic delimitation nor any strict definition in law.* » (Cordón 1997: 576)

De acordo com Gélis (1986 cit. por Buchmann 1989), nos séculos XVI e XVII, iniciou-se um percurso longo de “individualização da criança”, a partir do qual as crianças passaram a ser consideradas “qualitativamente diferentes” dos adultos e a necessitarem por isso de cuidados especiais; estes seriam resolvidos através de educação adequada. Esta atenção começou a ser dispensada por instituições sociais, o que no século XVIII ficou evidenciado pelo desempenho de grupos religiosos que se encarregaram de criar escolas (Buchmann 1969). No século XIX, a escolarização passou a ser concretizada em muitos países através das instituições do Estado e culminou no processo de institucionalização da educação obrigatória (Buchmann 1989).

Para Marlis Buchamnn (1989), a juventude como uma fase da vida resultou do aprofundar da diferenciação da infância em relação à situação de adulto, fenómeno que acompanhou o desenvolvimento da sociedade moderna; este processo tornou-se consistente pela organização da escolaridade segundo as idades e pela abolição do trabalho infantil. Esta tendência reforçou-se depois da II Guerra Mundial pela escolarização em massa até aos quinze e dezasseis anos (Ariès 1983, Gillis 1974 cit. por Buchmann 1989) e, através de legislação adequada, pelo aumento das idades de entrada no mercado de trabalho de grande parte da população (Buchmann 1989). De acordo com Modell (1976 cit. Buchmann 1989) e Hogan (1978 cit. Buchmann 1989), os limites de idade da fase da juventude tornaram-se mais nítidos durante a primeira metade do século XX.

Com a consolidação da juventude como uma fase da vida emergiram, no século XX, dois modelos de transição para a vida adulta: um protagonizado pelos filhos da classe baixa, com um período curto de juventude e uma passagem para o estatuto de adulto feito rapidamente, e outro protagonizado pelos filhos da classe média e alta com uma fase de juventude de duração mais longa e uma transição para a vida adulta prolongada (Buchmann 1989).

Nas sociedades ocidentais modernas, a passagem da juventude para a fase adulta é gradual e a sua demarcação tem vindo a atenuar-se à medida que tem aumentado o tempo de permanência na situação de estudante. Por outro lado,

com o aumento da coabitação é mais difícil dizer quando é que se formou um novo núcleo familiar distinto dos pais (Córdon 1997). Também a flexibilidade crescente exigida pelo mercado de trabalho tem mantido os jovens numa situação ambígua, entre a dependência e a possibilidade de independência económica, a que se juntam também as características do mercado imobiliário que contribuem para tornar difícil ter uma residência separada da família de origem (Córdon 1997).

No estudo *Adolescence, pos-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interpretations*, Olivier Galland (2001) recorda as análises sociológicas de Talcott Parsons, de Edgar Morin e de Hugh Cunningham a propósito das fases do ciclo de vida.

Talcott Parsons, em 1942, apresentou um primeiro modelo do ciclo de vida com referência à juventude como uma fase da vida distinta da infância e da vida adulta. Segundo o autor, as características próprias da juventude permitem definir uma “cultura juvenil”, identificada como uma cultura de irresponsabilidade e em que os rapazes e as raparigas aparecem a protagonizar papéis diferentes (Galland 2001).

A descrição feita por Parsons sobre a cultura juvenil americana contém dois elementos primordiais. Por um lado, os adolescentes tendem a libertar-se dos pais e a não estarem sujeitos à sua autoridade, o que não acontece na fase da infância, e por outro, são diferentes os papéis femininos e masculinos, o que mais tarde virá a verificar-se também, tanto na vida profissional como na familiar (Galland 2001).

A adolescência aparece ligada ao prolongamento dos estudos e surge mais cedo na sociedade americana, que nos outros países ocidentais (Galland 2001).

Em França, cerca de três décadas depois de terem sido formuladas as reflexões de Talcott Parsons, Edgar Morin propõe uma análise sociológica sobre a cultura adolescente. Evidencia a presença de uma solidariedade entre

os adolescentes, fechada ao mundo dos adultos, e que é mais importante que outras relações, como por exemplo, as derivadas da pertença a uma mesma comunidade local (Galland 2001).

Hugh Cunningham (2000 cit. por Galland 2001) descreveu e interpretou as relações entre pais e filhos e a evolução da idade em que se deu a saída da casa dos pais, em Inglaterra, nos últimos duzentos e cinquenta anos. Considerou existirem quatro períodos distintos que caracterizou, analisando dois aspectos, as relações entre pais e filhos e o deixar o domicílio da família; numa primeira fase, que ocupou todo o século XVIII, os jovens deixavam a casa dos pais, por volta dos catorze anos. Saíam para trabalhar, já que não tinham trabalho em casa dos pais, os rapazes na agricultura e as raparigas no trabalho doméstico. Com o começo da industrialização, os jovens passaram a viver em casa dos pais durante mais tempo e houve uma forte participação dos filhos na economia familiar. Seguiu-se uma terceira fase que teve início na altura da 2ª Guerra Mundial e que terminou nos anos 70. Verificou-se então o aumento da escolaridade e uma descida na idade do casamento. Estes factos foram acompanhados de alterações nas relações pais-filhos. Ao contrário do que acontecia na fase anterior, agora, os filhos sentem uma menor obrigação de cuidar dos pais e tornam-se mais reivindicativos face ao poder paternal. Cunningham descreveu ainda uma quarta fase, localizada nos anos seguintes a 1980, em que a passagem para a vida adulta se tornou mais demorada pelo facto de ser mais difícil para os jovens conseguir emprego e, como consequência disso, optaram por prolongar os estudos. Mesmo nesta situação, os jovens podem viver fora da casa dos pais, sem que isso tenha qualquer relação com o casamento ou signifique o assumir os papéis de adulto. Béjin (1983 cit. Galland 2001) considerou por isso existir um prolongamento da fase da adolescência, que denominou de pós-adolescência “uma forma de irresponsabilidade projectada para além do limite da adolescência fisiológica - cujas causas devem ser procuradas, segundo os autores, tanto junto dos

jovens como a partir dos comportamentos da geração mais velha.”² (Galland 2001: 616).

Segundo Olivier Galland (2001), a juventude, hoje, perdeu algumas das características que integravam o conceito de adolescência defendido por Parsons, a oposição ao mundo dos adultos, através de uma cultura de frivolidade e de desinteresse, e a diferenciação sexual dos papéis sociais. Os jovens fazem hoje uma aprendizagem lenta para a autonomia, que é temporalmente diversa segundo os elementos que se consideram compor essa mesma autonomia, “já não é certamente “a irresponsabilidade” que poderá definir a juventude. Será antes a aprendizagem progressiva das responsabilidades, sob protecção mais ou menos próxima, segundo as situações nacionais, da família ou do Estado. Nos países do Sul da Europa, é a família que constitui o suporte essencial do acompanhamento para a idade adulta, enquanto, no Norte da Europa, os modelos culturais como os dispositivos institucionais conferem ao poder público um papel determinante para ajudar os jovens a aceder à autonomia.”³ (Galland 2001: 636).

Em 1990, Olivier Galland demarcou-se da tese sobre a pós-adolescência e defendeu a existência de uma fase do percurso de vida, a juventude, distinta da adolescência e da idade adulta. Posteriormente, alterou esta posição e passou a defender que a juventude é actualmente uma continuidade entre a adolescência e a idade adulta, “a juventude dificilmente pode viver-se hoje como um modelo cultural em ruptura com a geração mais velha e o resto da sociedade: a continuidade que ela estabeleceu entre a adolescência e a idade adulta apaga os contrastes morfológicos como os contrastes culturais”⁴

² “...une forme d'irresponsabilité repoussée au-delà de la limite de l'adolescence physiologique – dont les causes sont à rechercher, selon les auteurs, soit chez les jeunes eux-mêmes, soit dans les comportements de la génération aînée.” (Galland 2001 : 616).

³ “Ce n'est donc certainement plus “irresponsabilité” qui pourrait définir la jeunesse. Ce serait plutôt l'apprentissage progressif des responsabilités, sous protection plus ou moins rapproché, selon les situations nationales, de la famille et/ou de l'État. Dans les pays du sud de l'Europe, c'est la famille que constitue le support essentiel d'accompagnement vers l'âge adulte, tandis que dans le Nord de l'Europe, les modèles culturels comme les dispositifs institutionnels confèrent à la puissance publique un rôle déterminant pour aider les jeunes à accéder à l'autonomie.” (Galland 2001 : 636).

⁴ “ La jeunesse peut aujourd'hui difficilement se vivre comme un modèle culturel en rupture avec la génération aînée et le reste de la société: la continuité qu'elle établit entre l'adolescence

(Galland 2001: 637). Como resultado de pesquisas recentes sobre a sociedade francesa, defende ainda este autor que há “uma grande continuidade entre os sistemas de valores dos Franceses, com idade entre os 18 e os 50 anos ou mesmo 60 anos” ⁵(Galland 2001: 637).

Diz ainda Olivier Galland “Os trabalhos de comparação internacional que se multiplicaram desde há dez anos mostram que cada país, em função das suas tradições culturais e dos seus dispositivos institucionais, adota maneiras bem específicas, de organizar a passagem da adolescência para a idade adulta.”⁶ (Galland 2001: 620).

Pode dizer-se que os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos à medida que assumem um conjunto de responsabilidades de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado), conjugal, familiar ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento).

Para Clarissa Kugelberg “O conceito de “início da vida adulta” é utilizado de modo a fazer a distinção entre o período de vida dos jovens de 18 a 30 anos e o dos jovens até aos 18 anos. O conceito de “juventude” é frequentemente usado para ambos os grupos como o período entre a infância e a idade adulta e corresponde, com efeito, a uma designação arbitrária cujo significado está relacionado com o contexto social e cultural. Há grandes variações culturais no significado do termo juventude e este tem mudado ao longo dos tempos. A construção cultural do conceito está relacionada com a maturidade biológica e a idade, mas com amplas variações.” (Kugelberg 1998:41).

Para Marlis Buchmann (1989), as mudanças estruturais e culturais operadas nas últimas décadas “têm tornado a juventude um estágio de vida cada vez mais obsoleto, ao mesmo tempo que o têm prolongado indefinidamente”

et l'age adulte en gomme les contrastes morphologiques comme les contrastes culturels.”(Galland 2001: 637).

⁵ “une grand continuité entre les systèmes de valeurs des Français âgés de 18 à 50 ans, voir 60 ans.” (Galland 2001: 637)

⁶ “Les travaux de comparaison internationale qui se sont multipliés depuis dix ans montrent que chaque pays, en fonction de ses traditions culturelles et de ses dispositifs institutionnels, adopte des façons bien spécifiques d’organiser le passage de l’adolescence à l’âge adulte.” (Galland 2001: 620).

(Nilsen 1998: 63) e a transição para a vida adulta como uma fase bem definida deixou de ocorrer; os modelos de transição ter-se-ão diversificado e estendido no tempo, verificando-se “ uma não estandardização parcial da transição para a vida adulta.”⁷ (Buchmann 1989: 83). Ver-se-á, no capítulo 3, a propósito das teorias interpretativas do modo como se faz a transição para a vida adulta, a posição que alguns autores tomaram em relação à tese de Buchmann sobre a não estandardização do curso da vida.

A partir da década de 90, a questão da transição para a autonomia passou a ser estudada por muitos autores tanto na Europa como nos Estados Unidos. Todos os estudos têm em comum o apontar para uma permanência mais prolongada dos jovens adultos em casa dos pais e tendem a descrever a transição para a vida adulta como uma fase problemática (Dumon 2001).

Como Beck (1986 e 1999), Kohli (1986) e Elder (1995), referidos por Schizzerotto e Lucchinni (2002), defendem, as mudanças no tempo e sequência dos acontecimentos, para desempenhar as funções de adulto, significam alterações consideráveis nos arranjos institucionais da sociedade e particularmente no modo como está organizado o trabalho.

Antes de se analisar as posições interpretativas que os diferentes autores tomaram relativamente ao modo como se dá a passagem para a vida adulta, o que se fará no capítulo 3, interessa saber como é que se define do ponto de vista demográfico a fase adulta e qual é o conceito de transição para a vida adulta.

A transição para a vida adulta pode ser definida como a passagem no ciclo de vida da dependência para a autonomia (Sgritta 2001). A transição para a vida adulta é, portanto, o processo mediante o qual um indivíduo atinge a independência, ou seja, passa a ser adulto.

⁷ “(...) a partial destandardization of the transition to adulthood.” (Buchmann 1989: 83)

A autonomia pode ser vista sob diferentes ângulos e assim ela é alcançada também, através de diversos caminhos. Para Giovanni Sgritta (2001), fazem parte deste percurso o abandono da casa dos pais, o ter um emprego relativamente estável, a coabitação ou a constituição de um núcleo familiar independente.

A identificação como adulto e o seu reconhecimento social dão-se mediante a possibilidade, considerada enquanto capacidade e competência, para se ser economicamente independente e poder estabelecer um lar próprio; para chegarem à fase de adulto, os jovens deverão ter a possibilidade de ser economicamente independentes e de ter abandonado a família de origem. No que se refere à independência económica, nela ficam contidos dois acontecimentos específicos, um diz respeito à inserção no mercado de trabalho, com a possibilidade de obtenção de um salário, e o outro tem a ver com o termo de uma fase institucionalmente regulada da formação educativa (Roquero 1997). Segundo Esperanza Roquero (1997), a juventude entendida como tempo de passagem para a fase adulta deixa de poder ter uma limitação biológica já que a falta de autonomia financeira normalmente obtida a partir de um emprego está a aparecer até idades muito avançadas do ciclo de vida e sem nenhuma ligação cronológica com o mesmo, ou seja, está a atingir grupos tradicionalmente designados como adultos.

De acordo com Antonio Schizzerotto e Mario Lucchini (2002) e seguindo (Modell et al.1976; Cavalli e Galland 1993; Iedema et al 1997; Shanahan 2000), há quatro acontecimentos fundamentais a marcar a passagem para a vida adulta: o termo da permanência habitual no sistema educativo, o facto de um indivíduo ter, de uma forma permanente ou temporária, um emprego a partir do qual se sustenta a ele próprio ou à família, ter uma união relativamente estável com habitação comum e o nascimento do primeiro filho.

O modo como se fazem as passagens de umas fases para as outras sofreu alterações em relação àquilo que se verificava há quarenta ou cinquenta anos. Nessa altura, a infância era seguida de uma fase intermédia com permanência em casa dos pais, enquanto se aguardava a entrada no mercado de trabalho, a

que se seguia, de uma forma rápida, o deixar a casa dos pais, casar e ter filhos, “Este tipo de “compacto” constituído por acabar a escola, ter um emprego, casar e tornar-se pai ou mãe deu lugar a uma sequência dos acontecimentos mais espaçada e mais variada.”⁸ (Wall 2001: 7).

Vogel (2001), a partir de análises empíricas que realizou nos diferentes Estados Membros da União Europeia, concluiu que o caminho a percorrer até chegar à vida adulta se tornou mais longo. No itinerário para chegar à vida adulta considerou os seguintes factos: deixar a escola, abandonar a casa dos pais, casar e concretizar a parentalidade.

Verifica-se actualmente que na Europa há uma proporção considerável, com tendência crescente, de indivíduos que não completaram, ou não completarão nunca, todos os passos acima descritos para chegar à vida adulta. Precisamente nas coortes nascidas a partir dos anos sessenta, há mais pessoas nestas circunstâncias do que nas coortes nascidas entre os anos trinta e os anos cinquenta (Schizzerotto e Lucchini 2002). Neste mesmo sentido, Esperanza Roquero afirma, “As situações intermédias entre o reconhecimento como adulto e a dependência familiar, proliferaram nos últimos anos ao institucionalizar-se o alargamento da escolaridade, a flexibilidade laboral e as formações ocupacionais subvencionadas. Tais elementos vêm acompanhados do atraso ou do não abandono da família de origem.”⁹ (Roquero 1997: 189).

Perante esta constatação, há autores que questionam existir hoje uma distinção entre a fase da juventude e a fase adulta, nas sociedades contemporâneas. Isto é defendido por Beck (1986 e 1999), Wallace e Kovatceva (1998) e Leccardi (1999) referidos por Schizzerotto e Lucchini, (2002). Estes dois autores mantêm uma posição diversa, mediante a qual as transições poderão ser incompletas, no sentido de não se verificarem todos os

⁸ “This type of “compact” at the point of finishing school, getting a job, getting married and becoming a parent has given way to more spacing and greater variability in the sequencing of events.” (Wall 2001: 7)

⁹ “las situaciones intermedias entre el reconocimiento como adulto y la dependencia familiar, han proliferado en los últimos años al institucionalizarse el alargamiento de la escolaridad, la flexibilidad laboral y las formaciones ocupacionales subvencionadas. Tales elementos vienen acompañados del retraso o no abandono del hogar familiar de origen.” (Roquero 1997:189).

aspectos que podem definir a fase adulta, mas o facto de se deixar a permanência regular no sistema educativo e assumir uma função estabilizada, quer ela seja de carácter ocupacional, conjugal, ou parental, permite afirmar que alguém terminou a fase da juventude e que se encontra na situação de adulto.

No capítulo seguinte, abordar-se-ão as questões referentes à saída da casa dos pais, formação e emprego, nupcialidade e fecundidade, elementos chave para a análise do processo de transição para a vida adulta. O estudo apresentará as semelhanças e as diferenças de comportamento, que em relação a esses aspectos, se verificam nos diferentes países europeus.

2. A geografia europeia da transição para a vida adulta; homogeneidade e heterogeneidade dos comportamentos.

Nas regiões desenvolvidas, particularmente nos países europeus, as tendências demográficas apontam para uma longevidade mais prolongada, taxas de fecundidade baixas, imigração elevada e transições para a vida adulta tardias.

De acordo com a OCDE (1999) as alterações no processo de transição para a vida adulta dizem respeito à idade do casamento que se tornou mais tardia, com consequências na descida da fecundidade. Por outro lado, a formação profissional estendeu-se até ocupar um período mais longo do percurso da vida e, em simultâneo, em muitos países europeus houve um aumento do desemprego entre os jovens. Paralelamente a todos estes fenómenos, a saída da casa dos pais passou a fazer-se mais tarde nos países ocidentais. (Sgritta 2001).

Nos países europeus, os acontecimentos que dizem respeito à formação de novos agregados foram diferidos no tempo; o adiamento é a característica mais comum para definir a situação em que passaram a dar-se nestes países alguns eventos demográficos; deixar a casa dos pais, casar e ter filhos ocorrem muito mais tarde do que antes (Billari 2004, Liefbroer 2005).

A duração das passagens entre os acontecimentos sociodemográficos que habitualmente caracterizam a transição para a vida adulta, tais como, sair da casa dos pais, casar e ser pai ou mãe, aumentou, encontrando-se por isso mais espaçados e a ligação entre cada um destes marcos diminuiu. Se esta circunstância não é tão visível no deixar a casa dos pais e realizar a primeira união, torna-se mais evidente na relação entre o casamento e o nascimento do primeiro filho (Liefbroer 2005).

O Quadro 1 regista os valores das percentagens em que ocorrem alguns acontecimentos sociodemográficos (saída da casa dos pais, união com residência comum, início da maternidade) em diferentes países europeus,

respeitantes a coortes¹⁰ com dez anos de diferença, de mulheres com vinte e cinco anos de idade – coorte 1, sensivelmente no intervalo 1955-1960 – coorte 2, sensivelmente no intervalo 1965-1970; a sua análise indica que:

a) Relativamente ao indicador saída da casa dos pais (% de mulheres com 25 anos que à data já tinham saído da casa dos pais)

Coorte 1.

- Itália é o país que apresenta o valor mais baixo, 67,7%. Segue-se Portugal com o valor de 72,1% e Espanha com 73,3%. Por ordem crescente dos valores das percentagens, a distribuição dos países far-se-á segundo a seguinte ordem: 1º Itália, 2º Portugal, 3º Espanha, 4º Grécia (com um valor bastante distante dos outros países da Europa do Sul, 83,3%), 5º Áustria, 6º Noruega, 7º França, 8º Bélgica, 9º Finlândia, 10º Holanda e 11º Suécia.

Os países da Europa do Sul apresentam as percentagens mais baixas quanto ao indicador saída da casa dos pais, a Suécia apresenta o valor mais elevado.

Coorte 2.

- Constatam-se tendências de valores semelhantes aos anteriores, mas também se observam algumas alterações. Assim, Espanha passa a registar a percentagem mais baixa com um valor de 60,7%. Por ordem crescente, a distribuição dos países europeus considerados far-se-á do seguinte modo: 1º Espanha, 2º Portugal, 3º Itália, 4º Grécia, 5º Bélgica, 6º Áustria, 7º França, 8º Holanda, 9º Noruega, 10º Finlândia e 11º Suécia.

Os países nórdicos apresentam as percentagens mais elevadas quanto ao indicador em causa. Portugal, tal como os restantes países da Europa do Sul, aparece entre os países que apresentam percentagens mais baixas.

Portugal, Espanha e Grécia registaram as maiores alterações nos valores das percentagens da coorte 1 para a coorte 2. Estes países registaram valores da diminuição das percentagens; Portugal registou uma diminuição de 11,4 pontos

¹⁰ Coorte – “conjunto de pessoas que são submetidas a um mesmo acontecimento de origem durante um mesmo período de tempo.” Nazareth (2000: 117)

percentuais, Espanha registou uma diminuição de 16,7 e a Grécia registou uma diminuição de 10,5.

b) Relativamente ao indicador união com residência comum (% de mulheres com 25 anos que à data coabitavam)

Coorte 1.

- Itália é o país que regista o valor mais baixo das percentagens, 61,2%, imediatamente seguido de Portugal com 70,6%, Espanha com 71,2% e a Grécia com 75,5%. Por ordem crescente, os diferentes países distribuem-se do seguinte modo: 1º Itália, 2º Portugal, 3º Espanha, 4º Áustria, 5º Grécia, 6º Finlândia, 7º Noruega, 8º Holanda, 9º França, 10º Suécia e 11º Bélgica. A Bélgica é o país que apresenta a percentagem mais elevada de mulheres que deixam a casa dos pais para formar uma união.

Coorte 2.

O valor mais baixo refere-se a Itália, 40,7%. Segue-se Espanha com 56,6%, Grécia com 54,9% e Portugal com 58,5%. Por ordem crescente, a distribuição dos países quanto a este indicador é a seguinte: 1º Itália, 2º Espanha, 3º Grécia, 4º Portugal, 5º Áustria, 6º Holanda, 7º Bélgica, 8º França, 9º Finlândia, 10º Noruega e 11º Suécia.

c) Indicador início da maternidade (% de mulheres com 25 anos que à data já tinham um filho)

Coorte 1.

- O valor mais baixo das percentagens diz respeito à Holanda. Por ordem crescente dos valores registados os países distribuem-se do seguinte modo: 1º Holanda, 2º Itália, 3º Bélgica, 4º Suécia, 5º Finlândia, 6º Espanha, 7º Áustria, 8º Grécia, 9º França, 10º Noruega e 11º Portugal. É de salientar a posição de Portugal como o país que apresenta a percentagem mais elevada e as posições diferentes que os países passaram a ocupar relativamente a este indicador, quando se comparam as posições relativas verificadas para os outros indicadores.

Coorte 2.

- O valor mais baixo das percentagens é apresentado pela Holanda. Por ordem crescente dos valores observados pelos diferentes países, a distribuição é a seguinte: 1º Holanda, 2º Itália, 3º Bélgica, 4º Espanha, 5º Grécia, 6º Finlândia, 7º França, 8º Suécia, 9º Noruega, 10º Áustria e 11º Portugal. Portugal, tal como acontecia em relação à coorte 1, apresenta a percentagem mais elevada de mulheres com vinte e cinco anos que deram início à maternidade

Quadro1: Acontecimentos sociodemográficos respeitantes a mulheres com 25 anos de idade, em coortes com dez anos de distância: estimativas feitas a partir dos *Fertility and Family Surveys* em 1990

Países	Coortes	Coorte 1			Coorte 2		
		Saída da casa dos pais	União c/ residência comum	Início matern.	Saída da casa dos pais	União c/ residência comum	Início matern.
Áustria	(1) 1956-61 (2) 1966-71	86.1	74.8	52.5	83.0	70.2	43.4
Bélgica	(1) 1951-56 (2) 1961-66	89.3	86.1	47.1	82.3	75.7	26.3
Finlândia	(1) 1950-54 (2) 1960-64	90.2	75.7	49.1	91.0	77.8	36.1
França	(1) 1954-58 (2) 1964-68	88.8	81.7	57.5	86.6	76.1	36.4
Grécia	(1) 1960-64 (2) 1970-74	83.3	75.5	54.5	72.8	54.9	34.8
Itália	(1) 1956-60 (2) 1966-70	67.7	61.2	44.3	64.7	40.7	23.5
Holanda	(1) 1953-58 (2) 1963-68	92.6	81.1	32.3	88.9	71.3	19.8
Noruega	(1) 1950 (2) 1960	88.7	78.0	58.1	90.7	78.5	44.2
Portugal	(1) 1957-62 (2) 1967-72	72.1	70.6	61.8	60.7	58.5	43.5
Espanha	(1) 1955-60 (2) 1966-70	73.3	71.2	50.0	56.6	53.3	33.2
Suécia	(1) 1954 (2) 1964	95.0	82.2	47.6	96.7	79.8	36.9

Fonte: UNECE FFS *Standard Country Tables*: [http:// www.unece.org/ead/pau/ffs/ffs_standtabframe.htm](http://www.unece.org/ead/pau/ffs/ffs_standtabframe.htm)
(adaptado de Billari 2004:19)

Embora o comportamento dos jovens reflecta uma tendência para a homogeneidade, em aspectos como os estilos de vida, a sexualidade, o uso do tempo livre, a intervenção ao nível social e político, quando se considera a questão da passagem para a vida adulta, constata-se diferenças consideráveis entre os países. Os estudos dos diferentes autores têm evidenciado esta realidade que é referida por Francesco Billari “A heterogeneidade cultural e institucional, as diferenças económicas e a interacção entre elas formaram um caminho incrivelmente diverso para “tornar-se um adulto” no sentido demográfico.”¹¹ (Billari 2004:17). Ainda que as alterações ideológicas possam vir a introduzir mudanças no comportamento dos jovens adultos, a situação presente leva a concluir que há uma maior diversidade nos processos de transição do que na situação económica dos países da Europa Ocidental, onde se regista uma maior convergência (Billari 2004). Este facto indicia a existência de factores determinantes nos processos de transição para além dos de natureza económica, o que será analisado no capítulo 3 do presente estudo.

Tratar-se-ão, nos pontos seguintes, as questões referentes à saída da casa dos pais, formação e emprego, nupcialidade e fecundidade, elementos chave para a análise do processo de transição para a vida adulta. O estudo apresentará as semelhanças e as diferenças de comportamento que em relação a esses aspectos se verificam nos diferentes países europeus.

2.1. A transição para a vida adulta e a saída da casa dos pais

O facto de se deixar a casa dos pais constitui um dos passos cruciais no ciclo de vida. Significa não apenas ter residência independente, mas constitui um ponto de partida para fazer escolhas individualizadas, ou seja, adquirir uma maior autonomia social (Billari, Philipov e Baizán 2001). É um momento chave no itinerário de vida de um indivíduo e um passo fundamental na transição para a vida adulta; com ele estão relacionadas outras mudanças e trajectórias do

¹¹ “*Cultural and institutional heterogeneity, economic differences and the interaction between them, have shaped an incredibly diverse way of “becoming an adult” in a demographic sense.*” (Billari 2004: 17).

percurso dos jovens adultos. Aparece normalmente associado a diversos acontecimentos com significado do ponto de vista demográfico. Entre estes, destaca-se a possibilidade de estabelecer uma união. Muitos indivíduos deixam a casa dos pais para casar. Acontece, porém, que em algumas situações, a saída da casa dos pais não é seguida de nenhuma união e noutros ainda, os filhos não chegam a constituir uma residência independente. Os aspectos institucionais e económicos bem como as normas sociais interagem e exercem a sua acção causal quanto ao momento e ao modo como se dá a saída da casa dos pais.

Há profundas diferenças nos Estados Europeus, quanto às políticas referentes ao mercado de trabalho e habitação, impostos e ajudas sociais, particularmente as que se referem aos jovens. Desta realidade deriva o facto de se verificar um papel mais relevante da família nos casos em que a ajuda aos jovens por parte de Estado é menor e vice-versa. (Billari, Philipov e Baizán 2001).

Os acontecimentos que marcam a passagem para a vida adulta eram bastante previsíveis no tempo e sequência. Este facto apresenta hoje uma tendência para a mudança, verificando-se experiências heterogêneas dos cursos de vida (Sgritta 2001). De acordo com Buchmann (1989), este fenómeno deve-se ao processo de individualização, segundo o qual têm evoluído as sociedades dos países ocidentais, o que será abordado no capítulo 3 do presente estudo. No entanto, precisamente nos países nórdicos, tal como referem Billari, Philipov e Baizán (2001), em que o processo de individualização está numa fase mais avançada, “parece haver pouco espaço para a escolha individual da idade em que se dá a saída da casa dos pais. Pelo contrário, nos países europeus do Sul “mais tradicionais”, o facto de se deixar a casa dos pais aparece mais ligado a preferências e constrangimentos.”¹² (Billari, Philipov e Baizán 2001: 20). Verifica-se portanto, uma maior homogeneidade nos comportamentos, em relação à saída da casa dos pais, naqueles países em que de acordo com a teoria da individualização seria expectável uma maior heterogeneidade. Como

¹² *“there seems to be little space for individual choice in the age at leaving home. On the contrary, in the “more traditional” Southern European countries, leaving home appears much more subject to preferences and constraints.”* (Billari, Philipov e Baizán 2001: 20)

Billari, Philipov e Baizán observam “Em geral, o facto de se poder considerar o deixar a casa como um assunto chave é uma questão cultural que depende também do grau de institucionalização.”¹³ (Billari, Philipov e Baizán 2001: 6).

Reher (1998 cit. Billari, Philipov e Baizán 2001) integra o facto de deixar a casa dos pais num sistema mais vasto das relações intergeracionais com uma particular relação com o cuidado dos mais velhos; nas sociedades em que os laços familiares são mais fortes, os filhos saíam de casa mais tarde, recebendo um maior suporte da família, sobretudo nos casos em que as dificuldades para encontrarem trabalho forem maiores. Considera aquele autor que esta relação será também um sistema de segurança para os pais quando atingirem a velhice. Nos países de laços familiares fracos em que o Estado assume maiores obrigações sociais, os mais velhos recebem o suporte das ajudas estatais e os filhos encontram-se mais desligados dos pais, e por isso os “Jovens adultos podem estar mais expostos à pobreza na Europa do NW do que na Europa do SW e ter o seu estatuto social diminuído.”¹⁴ (Billari, Philipov e Baizán 2001: 21).

Vários autores estudaram nos vários países europeus o modo como se dá a saída da casa dos pais no processo de transição para a vida adulta.

Kiernan (1986 cit. por Billari, Philipov e Baizán 2001) analisou os modos de vida em seis países europeus. A partir dos inquéritos realizados, concluiu que a Dinamarca era então o país em que a saída da casa dos pais se dava mais cedo, seguindo-se a Alemanha Ocidental, a França, Holanda, Irlanda e Grã-Bretanha.

Fernandez Córdon (1987 cit. por Billari, Philipov e Baizán 2001), a partir de inquéritos realizados em Espanha, Grécia, Itália, França, Alemanha e Grã-Bretanha, concluiu que, comparativamente, os jovens italianos saíam de casa

¹³ “In general, the extent to which one can consider leaving home as a key event is a cultural matter, which also depends on the degree of institutionalisation.” (Billari, Philipov e Baizán 2001: 6)

¹⁴ “Young adults may be more exposed to poverty and diminishing social status in North-Western Europe than in South-Western Europe (...).” (Billari, Philipov e Baizán 2001: 21).

do país mais tarde que os jovens dos outros países, tendo a Grã-Bretanha a percentagem mais baixa de jovens a co-residir com os pais.

Alessandro Cavalli e Olivier Galland (1996 cit. por Billari, Philipov e Baizán 2001), nos estudos feitos sobre a transição para a vida adulta, particularmente no que se refere à saída da casa dos pais, conceberam três padrões na Europa: o padrão mediterrânico, em que os jovens permanecem até idades mais avançadas em casa dos pais e saem para casar; o padrão francês e do Norte da Europa, em que ter casa própria precede a formação da família, sendo por isso longo o período durante o qual os jovens vivem sós; o padrão inglês, com transições precoces da escola para o trabalho e com uma formação da família tardia.

Tendo em conta o momento do percurso da vida em que se dá a saída da casa dos pais nos diferentes países europeus, Francesco Billari (2004) definiu dois padrões de comportamento opostos. Um que designou por padrão "*latest-late*" aplicável aos países da Europa do Sul e que se caracteriza por transições tardias em deixar a casa dos pais, formar uma união e chegar à parentalidade, transições estas que estão estandardizadas quanto à idade e quanto à formação da união. Um outro padrão denominado "*earliest-early*" diz respeito à transição nos países nórdicos, segundo o qual a saída da casa dos pais se dá por volta dos 19/20 anos e é uma prática consideravelmente generalizada, mas em que a conexão com a formação de uma união é mais diversificada. Os outros países europeus podem ser considerados entre estes dois extremos.

Corijn (1999 cit por Billari, Philipov e Baizán 2001), a partir de um estudo comparativo acerca da saída da casa dos pais em diversos países europeus (Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Holanda, Noruega, Polónia¹⁵ e Espanha) concluiu existir uma ampla diversidade de situações. Porém, os resultados permitiram-lhe afirmar que as coortes nascidas em torno de 1960, em muitos países, adiaram aquela saída; na Áustria e na Holanda deram-se as saídas mais precoces "*early-leavers*", em Itália, Espanha e Polónia registaram-

¹⁵ Faz-se alusão à Polónia, uma vez que o estudo referido incidiu também sobre este país.

se as saídas mais tardias “*late-leavers*”. Interpretando os resultados e atendendo às características culturais dos países estudados, Corijn chama a atenção para a influência do factor religião nos comportamentos, tanto a nível individual como social.

No quadro 2, indicam-se os valores das percentagens dos jovens que vivem em casa dos pais em catorze países europeus, segundo os grupos de idades de 18-21 anos, 22-25 anos, 26-29 anos; no gráfico 1 estão representados os valores das percentagens para os grupos de idades de 22-25 anos e de 26-29 anos. Através da leitura do gráfico, verifica-se que os valores máximos das percentagens, nos dois grupos de idades, correspondem a Espanha, Grécia, Itália e Portugal. Verifica-se também que, comparativamente, as diferenças nas percentagens, entre o conjunto de países constituído por Espanha, Itália, Grécia e Portugal e os restantes, acentuam-se no grupo de idades de 26-29 anos.

Quadro 2: Percentagem de jovens a viver em casa dos pais na Europa por grupos de idades

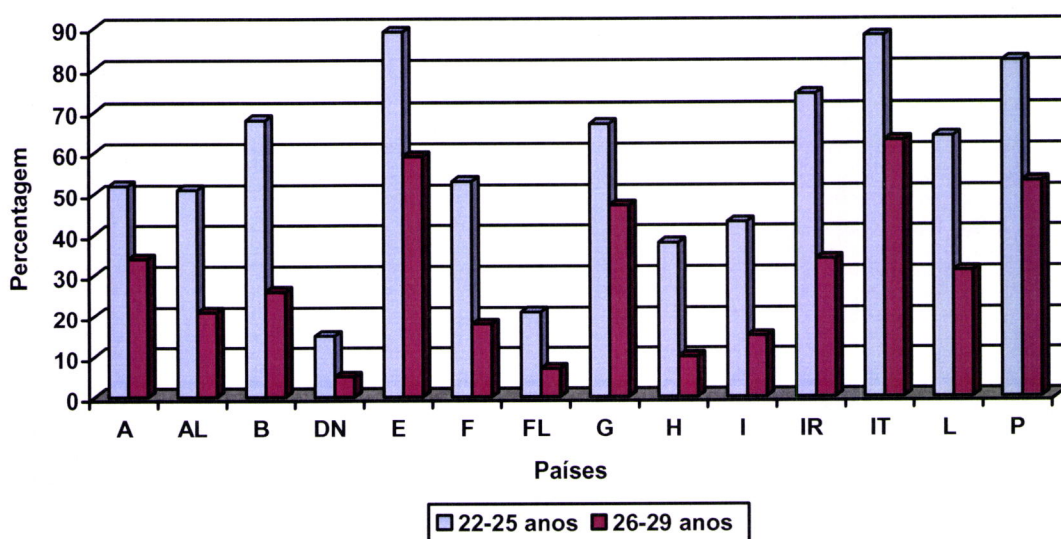
Grupos etários	A	AI	B	DN	E	F	FL	G	H	I	IR	IT	L	P	UE
18-21 anos	85	91	95	73	98	86	72	88	83	79	95	96	90	93	90
22-25 anos	52	51	68	15	89	53	21	67	38	43	74	88	64	82	63
26-29 anos	34	21	26	5	59	18	7	47	10	15	34	63	31	53	32

Legenda: A (Áustria), AI (Alemanha), B (Bélgica), DN (Dinamarca), E (Espanha), F (França), FL (Finlândia), G (Grécia), H (Holanda), I (Inglaterra), IR (Irlanda), IT (Itália), L (Luxemburgo), P (Portugal), UE (União Europeia, UE 14 países).

Fonte: Eurostat, Painel Comunitário das famílias, vaga 3 (1996)

Adaptado de Galland (2001: 631)

Gráfico 1: Percentagens de jovens, a viver em casa dos pais, em diferentes países da Europa, por grupos de idades



Legenda: A (Áustria), AL (Alemanha), B (Bélgica), DN (Dinamarca), E (Espanha), F (França), FL (Finlândia), G (Grécia), H (Holanda), I (Inglaterra), IR (Irlanda), IT (Itália), L (Luxemburgo), P (Portugal), UE (União Europeia, UE 14 países).

Fonte: Eurostat, Painel Comunitário das famílias, vaga 3 (1996), (elaboração própria)

Destacar-se-á, de seguida, a influência das alterações introduzidas nos processos formativos e da evolução do mercado de trabalho, no desenho dos perfis biográficos dos indivíduos, até atingirem as funções que caracterizam a vida adulta.

2.2. A formação profissional, o mercado de trabalho e a transição para a vida adulta

Na generalidade dos países europeus, tem havido um aumento dos anos dedicados ao ensino básico obrigatório, bem como um crescimento do número de jovens, que uma vez terminada a sua formação no ensino secundário, ingressa no ensino superior. Ocorreram mudanças substantivas quanto à escolarização e aos processos formativos; a escolarização aumentou e, por isso, passou a ocupar um período mais longo da vida dos jovens e tornou-se extensiva a uma camada da população mais vasta. Alessandro Cavalli (1997)

afirma também que os estudantes passaram a fazer um percurso universitário mais longo, por se ter considerado que isso seria uma solução para haver uma menor pressão sobre o mercado de trabalho. Na generalidade dos países europeus, deixaram de ser significativas as diferenças de sexo no acesso à educação, embora continuem a existir algumas discrepâncias que se ligam com o estrato social, o que se traduz por uma maior permanência na fase formativa dos jovens provenientes das classes mais elevadas.

A pesquisa recente indica que os países do Sul como a Grécia, Espanha e Itália apresentam uma tendência para o aumento da idade em que os jovens deixam a casa dos pais, dada a maior permanência no sistema educativo e a escassez de emprego. O aumento do tempo dos estudos está ligado à percepção de que a uma mais qualificada preparação profissional corresponderão possibilidades acrescidas de melhor emprego. Face à situação do emprego, a saída mais tardia da casa dos pais será o culminar estratégico de um problema, quando há tradições familiares no sentido do suporte. (Vogel 2001).

Nos países do Norte, os jovens adultos com um nível educacional mais alto saem mais cedo da casa dos pais, enquanto nos países da Europa do Sul se dá precisamente o fenómeno inverso (Sgritta 2001). A precariedade do mercado de trabalho na Europa tem criado particulares dificuldades aos jovens, no que se refere à sua inserção laboral; há uma diminuição do emprego permanente e o desemprego tem aumentado. Mesmo em países onde, até há alguns anos, esse fenómeno não era frequente, ele parece agora manifestar-se. A este propósito, poderá referir-se o caso da Suécia, em que os jovens passam por uma situação diferente da que foi vivida pela geração dos pais, que puderam usufruir de possibilidades de emprego estável e de subida do nível de vida. "O desemprego é um problema novo na Suécia: em 1990 a sua taxa era de 3,2% e em 1993 tinha aumentado para 12,1%. O desemprego é elevado sobretudo entre os jovens, embora varie consoante a região...O emprego temporário é cada vez mais trabalho em tempo parcial...Face a esta situação, muitos jovens passam um período bastante longo a dependerem dos pais ou de subsídios públicos para ganhar o sustento." (Kugelberg 1998: 42). Mas, se

na generalidade dos países europeus, a situação do emprego para os jovens se deteriorou, ela atinge de uma maneira acentuada os países da Europa do Sul, observando-se em Portugal uma situação particular, já que até agora este país tem apresentado valores mais baixos de desemprego juvenil do que os registados para Espanha, Itália ou Grécia (Sgritta 2001).

Ao analisar os grupos que apresentam maior índice de desemprego, destaca-se a singularidade dos países da Europa do Sul, uma vez que apresentam percentagens elevadas de desemprego entre jovens de qualquer grau de ensino com idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos, período a partir do qual se considera estar terminado o ciclo de formação académica (Sgritta 2001). Significa isto, que nestes países o desemprego está presente entre os jovens com formação superior, facto que é menos frequente nos restantes países europeus (Vogel 2001). Em 1996, a média europeia de desempregados entre os estudantes que tinham terminado os seus cursos universitários era de 8,1% contra 27,3% de italianos, 24,7% de espanhóis e 16,8% de portugueses (Sgritta 2001).

O quadro 3 apresenta a evolução das taxas de emprego registada em diversos países da Europa do Norte, Ocidental e Sul, entre os anos 2000 e 2007, para o grupo de jovens entre os 25 e os 29 anos, com formação superior; é possível verificar a situação de países como a Grécia, Itália e Espanha com os valores mais baixos das taxas, ainda que Espanha apresente, desde o ano 2000, uma tendência para o crescimento nos valores das taxas. Portugal surge com valores genericamente mais altos que os restantes países da Europa do Sul, mas com uma tendência decrescente, chegando mesmo em 2007, a registar um valor inferior ao de Espanha. Saliente-se também o facto de a Suécia, país da Europa do Norte, apresentar comparativamente valores baixos de emprego dos licenciados, mais próximos dos valores dos países da Europa do Sul e mais distantes dos restantes países, tanto da Europa do Norte como da Europa Ocidental.

Quadro 3: Evolução das taxas de emprego em alguns países, Europa N, W, S, grupo etário 25-29 anos, jovens licenciados, primeiro trimestre 2001- 2007

Países	Anos							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Bélgica	90.3	89.3	89.9	87.8	90.1	89.1	87.1	87.9
Dinamarca	81.8	82.9	81.0	79.9	78.0	83.4	84.2	87.8
Irlanda	90.4	90.0	90.1	87.4	88.0	87.9	88.5	89.6
Grécia	70.6	70.4	74.3	75.8	74.6	73.1	76.2	75.7
Espanha	70.0	72.1	72.2	72.8	74.1	77.2	78.3	81.2
França	82.7	83.7	83.6	80.1	81.5	81.3	81.2	81.1
Itália	-	63.6	63.2	63.4	61.1	57.8	61.6	57.8
Holanda	94.5	94.6	93.3	93.3	91.1	91.0	92.1	91.8
Áustria	88.9	87.1	90.0	84.7	84.3	85.2	84.7	87.1
Portugal	90.1	89.9	87.8	84.2	85.3	83.5	84.2	80.9
Finlândia	81.2	82.6	84.4	84.9	82.8	86.0	86.8	87.4
Suécia	-	77.8	79.0	78.4	76.8	75.7	79.7	79.3
Inglaterra	90.8	92.0	90.9	89.6	90.1	90.3	89.9	90.3

Fonte dos dados: Eurostat (elaboração própria)

Fernandez Córdon (1997 cit. por Dumon 2001) refere ainda que a situação relativa ao emprego dos jovens adultos, nos países mediterrânicos, terá piorado entre 1986 e 1994 e que, por isso, para eles terão aumentado as dificuldades de integração social.

No quadro 4 registam-se os valores da população entre os 25 e os 29 anos desempregada, no 1º trimestre de 2000 e 2006, em alguns países da Europa do Norte (Dinamarca, Finlândia e Suécia), da Europa Ocidental (França, Inglaterra, e Irlanda) e da Europa do Sul (Espanha, Grécia e Portugal); são evidentes os valores mais altos verificados nos países da Europa do Sul, à excepção de Portugal, bem como em França e Inglaterra, se comparados com os valores que se observam tanto nos países nórdicos como na Irlanda.

Quadro 4: População de desempregados em milhares, seis países, Europa N, W, S, nacionais, grupo etário 25-29 anos, primeiro trimestre, anos 2000 e 2006

Países N	Ano 2000	Ano 2006	Países W	Ano 2000	Ano 2006	Países S	Ano 2000	Ano 2006
Dinamarca	17.8	13.1	França	398.0	327.5	Espanha	449.5	263.3
Finlândia	26.0	20.4	Inglaterra	175.3	142.7	Grécia	110.0	89.0
Suécia	25.8	36.3	Irlanda	10.3	12.8	Portugal	29.4	75.1

Fonte dos dados: Eurostat (elaboração própria)

Joachin Vogel (2001) tomando como termo de comparação o *cluster* constituído por países como a Alemanha, França, Bélgica, Luxemburgo, países da Europa Ocidental, reconhece que a saída da casa dos pais é mais tardia nos países da Europa do Sul, que nos países nórdicos, ainda que considere não existirem grandes diferenças quanto à duração da escolaridade e, conseqüentemente, ao tempo de permanência no sistema educativo; nos países nórdicos a saída da casa dos pais faz-se correntemente a seguir ao termo do ensino secundário, ou seja, antes de estar terminada a sua formação, ou após a obtenção do primeiro emprego com carácter permanente. Por contraste, os jovens dos países da Europa do Sul permanecem em casa dos pais nos seus avançados vinte anos, mesmo já tendo acabado os estudos e de já terem emprego. Também refere este autor que, nos países nórdicos, uma grande percentagem dos jovens que já desenvolvem a sua vida independentes dos pais e que ainda permanecem a estudar, situam-se abaixo do limiar da pobreza “nos países nórdicos, os jovens adultos muito novos que ainda estão frequentemente na escola, constituem uma grande proporção de pessoas que ficam abaixo da linha de pobreza. Pelo contrário, no Sul, uma grande proporção de jovens adultos nos finais dos seus 20 anos, preferem ficar com os pais, mesmo depois da sua formação estar concluída e mesmo depois de se terem estabelecido no mercado de trabalho.”¹⁶ (Vogel 2001: 131).

Nos países da Europa do Sul, a solidariedade familiar tem assegurado a satisfação das necessidades dos jovens, podendo mesmo ter constituído um factor de estabilidade social em situações graves de precariedade do emprego (Schizzerotto 2001).

Para Marlis Buchmann (1989), a competição criada nos percursos formativos e profissionais poderá criar novas formas de dependência familiar.

¹⁶ “in the Nordic countries young adults of very low age who are frequently still in school, constitute a large proportion of people falling below the poverty line. In contrast, in the South, a large proportion of young adults in their late twenties prefer to stay on with their parents, even after their education is concluded, and even after being established on the labour market.” (Vogel 2001: 131).

A partir dos dados do ECHP (*European Community Household Panel*), Giovanni Sgritta (2001) conclui que nos países do Norte os jovens que mais adiam a saída da casa dos pais são os de nível educacional mais baixo, contrariamente ao que acontece nos países da Europa do Sul (Sgritta 2001).

Antonio Schizzerotto e Mario Lucchinni comparam as transições em três países europeus e concluem “As sequências pós modernas das transições para a vida adulta, que essencialmente consistem em trabalhar e ter uma família antes de acabar a escola, são muito mais comuns na Suécia que na Grã-Bretanha e Itália.”¹⁷ (Schizzerotto e Lucchinni, 2002: 32).

Autores como Rossi (1997), Billari e Ongaro (1998) e Sgritta (2001) citados por Dumon (2001) enfatizam a posição de Itália como um caso extremo de adiamento na passagem para a vida adulta. Referindo-se ao percurso vivido pelos jovens italianos Livi Bacci (1997 cit. por Sgritta 2001:74) afirma “a conclusão da formação é um requisito indispensável para encontrar um emprego; ter um emprego estável e casa são condições necessárias para que possa dar-se a independência da família; isto precede a decisão de viver como casal, o que é por seu turno preliminar a quaisquer decisões reprodutivas. Cada uma destas fases, até ao final do último século, foi tornando-se cada vez mais longa.”¹⁸

A precariedade do trabalho, derivada do elevado índice de desemprego e das características dos contratos, retrai os jovens para assumirem compromissos familiares. É neste sentido que Smithson, Lewis e Guerreiro afirmam, “O efeito do número crescente de contratos de trabalho precário leva a que muitas pessoas se encontrem ainda numa situação profissional de grande incerteza quando estão perto dos 30 anos ou têm 30 e poucos anos de idade, numa altura da vida em que deviam pensar comprar uma casa, constituir uma família

¹⁷ “*Post-modern sequences of transitions to adulthood – which essentially consist in working and having a family before ending school – are more common in Sweden than they are in Great Britain and Italy.*” (Schizzerotto e Lucchinni 2002: 32).

¹⁸ “*the conclusion of education is an indispensable requisite for finding a job; having a steady job – and accommodation available – is needed for the family independence; this precedes the decision to live as a couple, which is, in its turn, preliminary to making reproductive decisions. Each of these intervals – at the tail-end of this century – has been growing longer.*” (Sgritta 2001: 74).

ou começar uma relação permanente. A noção de insegurança e a dificuldade em sincronizar tempos de trabalho e de não trabalho cria uma tensão considerável em relação a vários aspectos da vida.” (Smithson, Lewis e Guerreiro 1998: 103).

Muitos jovens passam muito tempo da sua vida activa em situação de semi-emprego através de trabalhos em *part-time*, trabalho sazonal, trabalho precário e muitas vezes, só quando já estão perto dos trinta e cinco anos conseguem um trabalho a tempo integral (Cavalli 1997), “Por isso, deixar a escola e conseguir um emprego pode tornar-se num período de extrema vulnerabilidade para os jovens. Em bastantes países, eles podem ter de esperar muito tempo até conseguirem obter o seu nicho no mercado de trabalho.”¹⁹ (Perea 2001: 170).

No estudo “Percepções dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida familiar”, Smithson, Lewis e Guerreiro (1998) referem que os jovens aceitam uma certa dose de insegurança na fase de “construção” da carreira, mas, pelo contrário, exigem segurança quanto às fontes de rendimento, para poderem assentar na vida “O adiamento das fases da vida, tais como construir um lar e uma relação segura ou um casamento, é assim apresentado, como uma contingência da oportunidade de conseguir um emprego permanente e não apenas como uma escolha de natureza individual.” (Smithson, Lewis e Guerreiro 1998: 105).

A empregabilidade é hoje, entre os jovens europeus, uma preocupação fundamental que os leva a ter um especial cuidado na gestão do seu próprio percurso profissional, salvaguardando a formação e todos os factores que possam melhorar o seu próprio desempenho.

Como consequência da insegurança e instabilidade quanto às condições de rendimento provenientes do trabalho, os jovens adiam a saída da casa dos pais

¹⁹ “Hence, leaving school and taking a job may turn out to be a time of great vulnerability for young people. In quite a number of countries, they may have to wait a very long time until they find their niche in the labour market.” (Perea 2001: 170)

e dilatam no tempo o momento de assumir compromissos, como casar ou ter filhos, “nem sempre o adiamento das fases mais importantes da vida é um desejo dos jovens com menos de trinta anos, mas sim, que as escolhas destes jovens são condicionadas pela situação de insegurança no emprego com que se debatem muitos dos que se encontram nesta faixa etária, bem como pela ideia de que estarão num emprego sem segurança no futuro.” (Smithson, Lewis e Guerreiro 1998: 111-112).

Atendendo à falta de oportunidades de trabalho actualmente disponíveis, pode dizer-se que os jovens europeus têm maior dificuldade do que a geração dos pais em observar as normas sociais conducentes a percorrer as sequências habituais do percurso da vida até à fase adulta (Wall 2001).

Segundo Diamanti (1998 cit. por Palomba 2001), os jovens de hoje, a quem atribui a designação de “geração invisível”, não têm sido capazes de atrair a atenção política, como o fizeram as anteriores gerações de jovens e, com isso, os seus problemas são esquecidos, “os jovens e os seus problemas actualmente são ignorados e a sua condição é relegada para uma espécie de limbo de uma infância prolongada”²⁰ (Palomba 2001: 3).

As mudanças operadas quanto aos modelos de contratos de trabalho, de que é expressão a prática frequente do contrato temporário, vieram criar uma situação diferente da que se gerava através de um emprego estável. O emprego estável conferia o estatuto de adulto independente. Hoje, os jovens circulam por distintos empregos, de tal forma que o chegar à autonomia financeira que permite a obtenção da casa, bem como o sustento da família, já não é um caminho ascendente e unidireccional, mas constitui um conjunto de passagens entre diferentes trabalhos “Os jovens hoje parecem estratificar-se entre os favorecidos por empregos estáveis e os condicionados por empregos “atípicos” de uma mobilidade diversa.”²¹ (Roquero 1997: 189).

²⁰ “young people and their problems are actually ignored and their condition is relegated to a sort of limbo of “extended childhood”.” (Rossella 2001: 3)

²¹ “Los jóvenes parecen estratificarse hoy entre los favorecidos por empleos estables y los abocados a lo “atípico” de una movilidad diversa.” (Roquero 1997: 189).

As características dos contratos, bem como dos horários de trabalho que os jovens em início de carreira podem ser obrigados a cumprir, a que se acrescentam os períodos de desemprego, condicionam a possibilidade de cada um assumir responsabilidades familiares e isso leva-os a adiar o casamento e a parentalidade, e a atrasar a saída da casa dos pais (Cavalli 1997, Roquero 1997, Smithson, Lewis e Guerreiro 1998).

Muitos jovens permanecem com contratos de curta duração durante muito tempo. O facto de estes contratos não proporcionarem o direito a usufruir das medidas das políticas laborais no apoio à família, como pausas na carreira e licenças familiares, cria dificuldades aos jovens para contraírem responsabilidades a nível familiar (Smithson, Lewis e Guerreiro 1998).

Clarissa Kugelberg (1998) questiona, no entanto, se a mobilidade dos jovens no mercado de trabalho é apenas a resultante de uma situação precária do emprego, ou se não será também uma opção dos jovens, motivada por uma mudança de mentalidade, que se identifica com as novas aspirações de uma vida livre, independente e cheia de experiências diferentes, “O grande valor atribuído ao emprego permanente como condição para ter a vida desejada diverge das exigências de flexibilidade do mercado de trabalho e também da imagem dominante dos jovens apresentada pela comunicação social, que acentua o seu desejo de mobilidade, de experimentar vários empregos, de aceitar contratos a prazo.” (Clarissa Kugelberg 1998: 55-56).

As dificuldades sentidas pelos jovens adultos nos diferentes países da Europa, no que se refere à empregabilidade, não parecem explicar, por si só, o fenómeno particularmente pronunciado do adiamento em deixar a casa dos pais, vivido pelos jovens da Europa do Sul. Precisamente Joachin Vogel (1997), a partir da análise dos dados empíricos fornecidos pelo primeiro inquérito comparativo dirigido a doze Estados membros e conduzido pelo Eurostat em 1994, a que se somaram os dados resultantes de inquéritos similares realizados na Europa do Norte, concluiu que nos países da Europa do Sul é frequente que os jovens adultos, mesmo na situação de já terem terminado o seu percurso académico e de terem emprego, permaneçam na

casa dos pais (Sgritta 2001). A saída mais tardia da casa dos pais não parece portanto, encontrar a sua explicação apenas em factores de natureza económica, mas resulta também das expectativas que os jovens adultos têm acerca da função dos pais e das características das relações intra-familiares. Estes factos remetem a explicação do fenómeno para factores de natureza cultural, aos quais se fará referência no capítulo 3.

Fernandez Córdon (s/d cit. por Dumon 2001), em estudos sobre a juventude realizados em 1997, compara a situação de três países mediterrânicos (Espanha, Itália e Grécia) com três países da Europa Ocidental (França, Alemanha e Reino Unido). O estudo aponta para a existência de alguns aspectos comuns em todos estes países. Assim, salienta o facto de estar a aumentar o número de jovens não activos, ou seja, economicamente não independentes, entre os 25 e os 29 anos, os quais continuam a viver em casa dos pais.

Antes de se analisar o comportamento da nupcialidade e da fecundidade, na sua relação com a passagem para a fase adulta, interessa considerar duas componentes importantes que se interligam neste processo, por um lado, o percurso formativo com vista à obtenção de uma carreira e, por outro, a formação de uma união. Para Lucia Coppola (2004), os dois acontecimentos estão fortemente relacionados um com o outro, de tal modo que a entrada na primeira união provoca um abandono precoce do sistema educativo e inversamente um maior envolvimento nos estudos atrasa a transição para a primeira união.

As decisões individuais tomadas, tanto em relação ao percurso formativo, como em relação à primeira união, implicam-se mutuamente (Coppola 2004). Assim, se se analisarem, tal como referem Hoem (1986 cit. por Coppola 2004), Liefbroer e Corijn (1999 cit. por Coppola 2004), as consequências da formação prolongada, particularmente em relação à mulher, conclui-se que a permanência longa no sistema educativo atrasa as decisões de entrada na primeira união. Por um lado, não se verificam ainda condições de estabilidade financeira que permitam esse passo e, segundo Blossfeld e Huinink (1991 cit.

por Coppola 2004), as normas sociais estabelecem que o papel de estudante pertence à juventude e não à fase de adulto, à qual associam o casamento. Por seu turno, Lucia Coppola (2004) citando Davis e Bumpass (1976), Teach e Polonko (1988), refere que a concretização de uma união contribui para tornar mais contingente o prosseguimento dos estudos.

A permanência em situação formativa, ao não proporcionar condições de estabilidade financeira para a formação da família, obtenção da casa, etc., repercute-se no percurso de vida pelo atraso do casamento. Segundo Thorton (1995 cit. por Coppola 2004) e Clarkberg (1999 cit. por Coppola 2004), o prolongamento dos estudos afecta de uma forma mais marcante a altura do casamento que a formação de uniões consensuais. Esta constatação parece derivar do facto de a coabitação não envolver um compromisso tão forte como o casamento (Coppola 2004).

Pelas exigências de carácter financeiro, o casamento pode precipitar a entrada no mercado de trabalho e o abandono do processo educativo, "Muitos estudos mostraram que a adopção de comportamentos familiares típicos das idades adultas conduz a um risco mais alto de abandono do sistema educativo."²² (Coppola 2004: 222).

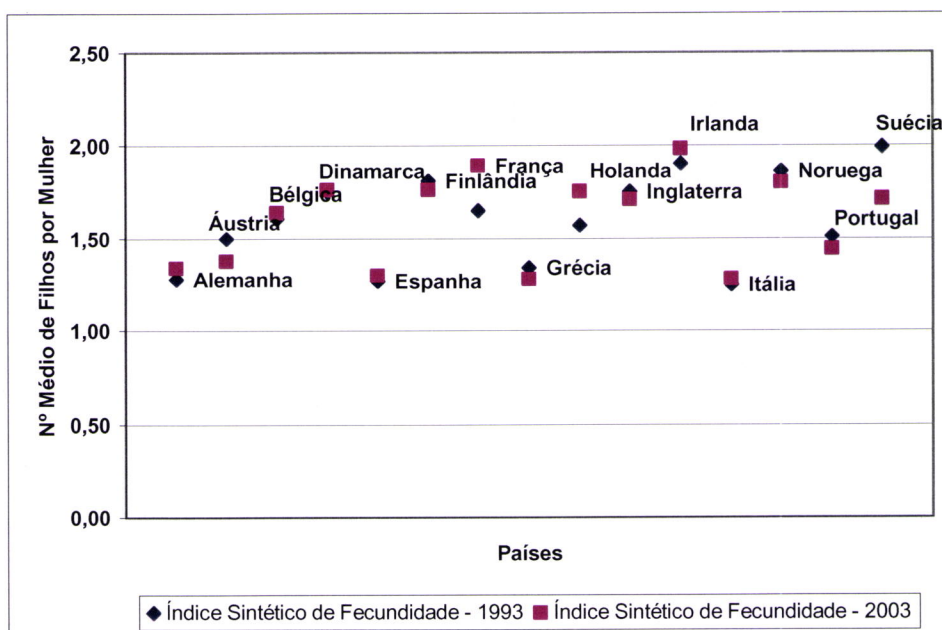
²² *"Many studies have shown that the adoption of family behaviours typical of adult ages leads to a higher risk of leaving the educational system."* (Coppola 2004: 222).

2.3. Nupcialidade e fecundidade no processo de transição para a vida adulta

Durante as últimas quatro décadas, o comportamento da fecundidade e da nupcialidade sofreu profundas alterações nos países europeus. A fecundidade desceu em todos os países da Europa até valores que não permitem a renovação das gerações. Esta descida nos valores das taxas de fecundidade não se deu em simultâneo, nem do mesmo modo, nos diferentes países.

Em meados dos anos 70, o comportamento da fecundidade nos diversos países europeus divergia. Os países da Europa do Norte e Ocidental já registavam valores de queda, enquanto os países da Europa do Sul apresentavam valores relativamente altos do índice sintético de fecundidade: 2.79 em Espanha, cerca de 2.2 em Portugal, Itália e Grécia (Palomba 2001). Nos anos 90, a situação alterou-se, passando a verificar-se os valores mais baixos precisamente nos países da Europa do Sul, Espanha 1.15, Itália 1.18, Grécia 1.28 e Portugal 1.41 (Palomba 2001).

Gráfico 2: Índice sintético de fecundidade por países, 1993 e 2003



Fonte dos dados: Eurostat (elaboração própria)

A leitura do gráfico 2 permite dizer que os valores mais baixos dos índices

de fecundidade pertencem a Itália, Espanha Grécia e Alemanha, seguidos imediatamente por Portugal e Áustria. É verificável, ainda, uma ligeira subida dos valores do índice sintético de fecundidade de 1993 para 2003, nos casos da Alemanha, Espanha e Itália, e dá-se o fenómeno inverso nos casos de Portugal, da Grécia e da Áustria. A Irlanda destaca-se dos restantes países como aquele que regista, em 2003, o valor mais elevado do índice sintético de fecundidade. A Suécia, que em 1993 atingia um valor superior à Irlanda, apresenta uma descida em 2003, com um valor inferior tanto em relação à Irlanda como em relação à Noruega, Finlândia, França e Dinamarca. A Holanda, tal como a França, regista um crescimento no valor do índice sintético de fecundidade quando se consideram os dados de 1993 e de 2003. Países como a Dinamarca, Inglaterra, Noruega e Finlândia apresentam pequenas oscilações, umas positivas outras negativas, quando se comparam os valores de 1993 e de 2003.

Quadro 5: Índice sintético de fecundidade por países, entre 1993 e 2004

	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
UE (15 P)	1.47	1.48	1.44	1.44	1.44	1.43	1.42	1.48	1.46	1.46*	1.48*	1.50*
Alemanha	1.28	1.24	1.25	1.32	1.37	1.36	1.36	1.38*	1.35+	1.31*	1.34	1.37*
Áustria	1.50	1.47	1.42	1.45	1.39	1.37	1.34*	1.36	1.33	1.40*	1.38	1.42
Bélgica	1.61	1.56	1.55*	1.59	1.61	1.59	1.61*	1.66	1.64*	1.62*	1.64	1.64*
Dinamarca	1.75	1.81	1.80	1.75	1.75	1.72	1.73	1.77	1.74	1.72	1.76	1.78
Espanha	1.27	1.21	1.18	1.17	1.19	1.15	1.20+	1.24+	1.26+	1.27*+	1.30	1.32*
Finlândia	1.81	1.85	1.81	1.76	1.75	1.70	1.74	1.73	1.73	1.72	1.76	1.80
França	1.65	1.66	1.70	1.72	1.71+	1.75+	1.79+	1.88+	1.89+	1.88+	1.89	1.90+
Grécia	1.34	1.35	1.32	1.30	1.31	1.29	1.28+	1.29*	1.25+	1.27*	1.28	1.29*
Holanda	1.57	1.57	1.53	1.53	1.56	1.63	1.65*	1.72	1.71	1.73+	1.75	1.73
Inglaterra	1.75	1.74	1.71	1.72	1.72	1.71	1.68+	1.64	1.63+	1.64*	1.71*	1.74*
Irlanda	1.90	1.85	1.84	1.88+	1.94+	1.95+	1.91+	1.90+	1.94+	1.97+	1.98+	1.99*
Itália	1.25	1.21	1.18	1.20	1.22	1.19+	1.22+	1.24*	1.25*	1.26*	1.28	1.33
Noruega	1.86	1.86	1.87	1.89	1.86	1.81	1.84*	1.85	1.78	1.75	1.80	1.81
Portugal	1.51	1.44	1.41	1.44	1.47	1.48	1.50*	1.55	1.45	1.47+	1.44	1.42*
Suécia	1.99	1.88	1.73	1.60	1.52	1.50	1.50	1.54	1.57	1.65	1.71	1.75

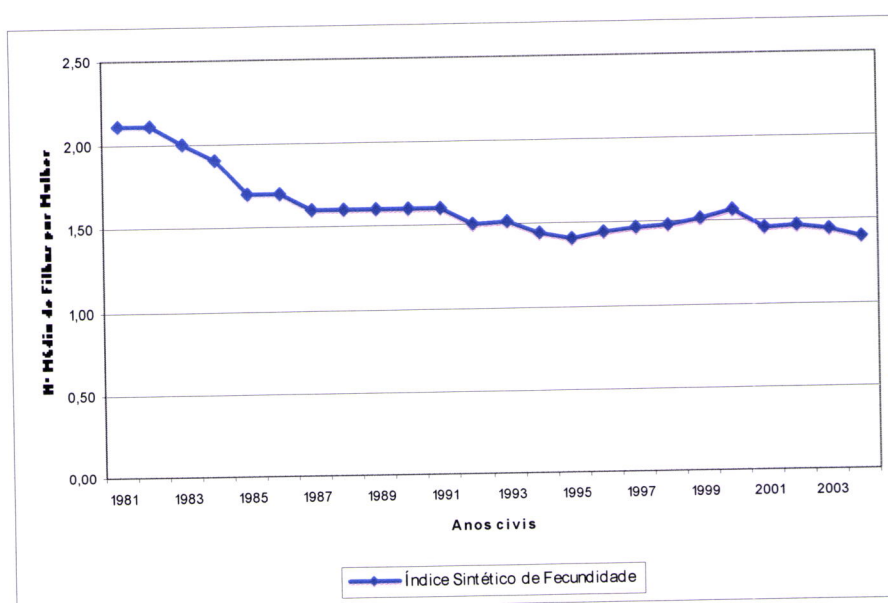
* Valores estimados; + Valores provisórios

Fonte: Eurostat (elaboração própria)

No quadro 5, registam-se os valores do índice sintético de fecundidade entre os anos de 1993 e 2004, em 15 países da Europa; neste período verifica-se que o

valor mais alto do índice sintético de fecundidade é de 1,99 na Irlanda, em 2004, e o mais baixo é de 1,15 em Espanha, no ano de 1998. O gráfico 3, que a seguir se apresenta, permite fazer a leitura do comportamento do índice sintético de fecundidade para o caso de Portugal, no período compreendido entre 1981 e 2004. A curva indica claramente a quebra no valor do índice que em 1981 era superior a 2, para um valor abaixo de 1,5 em 2004. Entre 1995 e 2000 há uma pequena subida nos valores do índice sintético de fecundidade que voltam a decrescer a partir do último ano referido.

Gráfico 3: Evolução do índice sintético de fecundidade, Portugal, 1981-2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

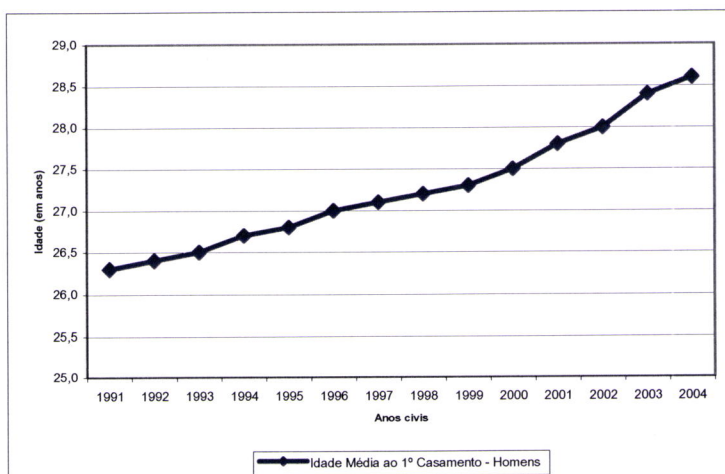
De acordo com Aart Liefbroer (2005), a queda da fecundidade registada nos países europeus deve-se ao facto de as mulheres terem os filhos em idades mais avançadas e em menor número que anteriormente. A conjugação destes dois fenómenos concorre também para o aumento da percentagem de mulheres sem filhos e para a diminuição da percentagem de mulheres com prole numerosa (Liefbroer 2005).

Nos diversos países europeus, para além da convergência, quanto aos valores baixos da fecundidade (quadro 5) e uma tendência para o adiamento do casamento, regista-se, em paralelo, um crescimento rápido da coabitação dos

não casados, bem como o aumento de jovens adultos a viverem sós (Liefbroer 2005). A intensidade segundo a qual os fenómenos se manifestam varia nos diferentes países.

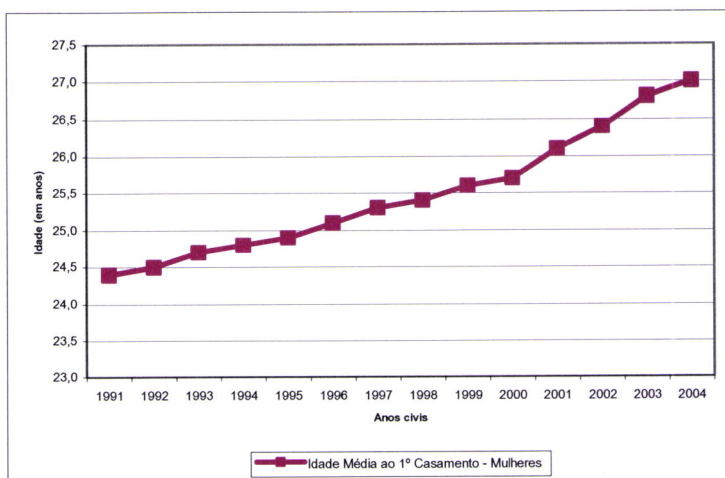
Apresentam-se a seguir os gráficos 4 e 5 que identificam o aumento da idade em que se dá o primeiro casamento em Portugal, tanto no caso dos homens como das mulheres. Em relação aos homens, a idade média do primeiro casamento em 1991 é de 26,3 anos e em 2004 é de 28,6 anos. No caso das mulheres, a idade média do primeiro casamento é de 24,4 anos em 1991 e de 27,0 anos em 2004.

Gráfico 4: Evolução da idade média ao 1º casamento, homens, Portugal, 1991-2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

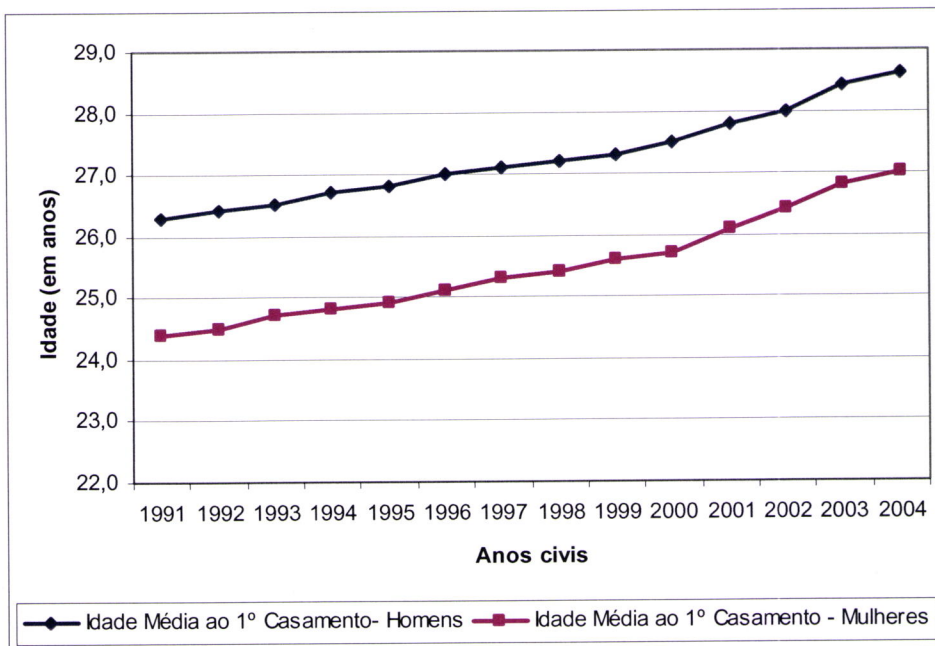
Gráfico 5: Evolução da idade média ao 1º casamento, mulheres, Portugal, 1991-2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

No gráfico 6, comparam-se as idades médias do primeiro casamento de homens e mulheres entre 1991 e 2004, o que permite verificar a subida em paralelo na idade em que se dá este acontecimento, tanto em relação aos homens como às mulheres, registando-se apenas entre 2000 e 2004 um ligeiro aumento da idade em que se dá o primeiro casamento, no caso das mulheres.

Gráfico 6: Evolução idade média ao 1º casamento, homens e mulheres, Portugal, 1991-2004



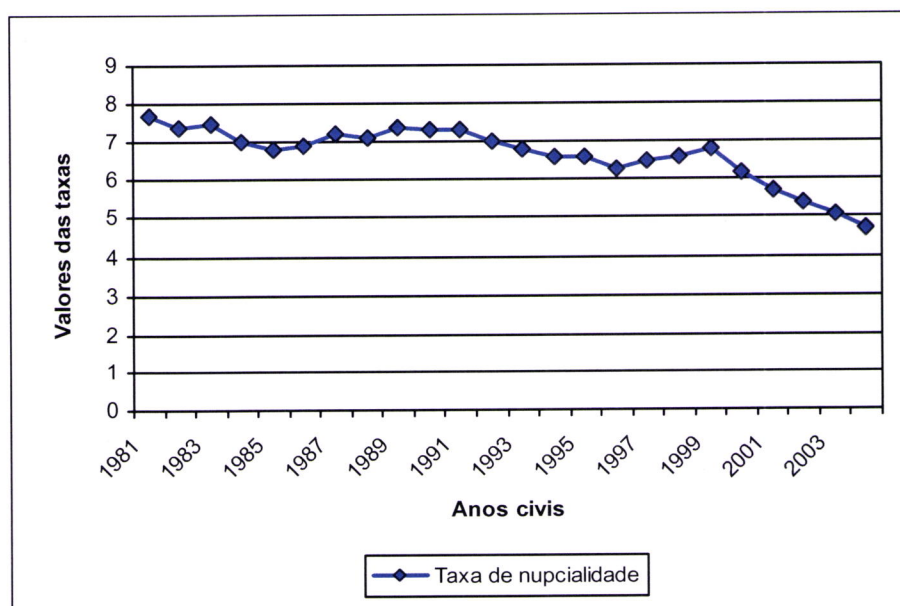
Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

Tal como acontece em Portugal, também em outros países da Europa do Sul, a idade do casamento está a subir. Assim em Espanha e Itália a idade do casamento é aproximadamente de 27 anos (Palomba 2001). A taxa de nupcialidade total (TNR) é de cerca de 0,6 tanto para Itália como para Espanha (Palomba 2001). Este valor, que por volta dos anos de 1980 registou uma grande descida, estabilizou a partir daquele período (Palomba 2001), “O número de casamentos por ano é também basicamente estável e qualquer redução pode ser atribuída mais ao pequeno tamanho das coortes em idade de

casamento do que a uma mais baixa propensão para o casamento entre os jovens.”²³ (Palomba 2001: 4).

O gráfico 7, que a seguir se apresenta permite verificar a evolução da taxa de nupcialidade em Portugal desde os anos de 1981 até 2004. A curva regista os valores mais elevados em 1981 e no intervalo compreendido entre 1989 e 1994. Após oscilações não muito pronunciadas, verifica-se uma diminuição continuada nos valores da taxa de nupcialidade desde o ano 2000, observando-se a partir dessa data os valores mais baixos registados desde 1981.

Gráfico 7: Evolução da taxa de nupcialidade, Portugal, 1980 - 2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

Apesar da idade mais tardia em que tem vindo a registar-se o casamento entre os países da Europa do Sul, as taxas de coabitação permanecem baixas quando comparadas com outros países da Europa. Em 1994, segundo o Eurostat, a média de jovens a coabitar sem estarem casados, com idades inferiores a 30 anos, era para Itália cerca de 4%, para Espanha cerca de 16%,

²³ “The number of marriages per year is also basically stable and any reduction can be attributed more to the small size of the cohorts at marriage age than to a lower propensity towards marriage among young people (Cordon, Sgritta in press; IRP 1999) (Palomba 2001: 4)

contra 72% na Dinamarca, 53% na Holanda, 46% em França e o valor médio calculado para a Europa era de cerca de 30% (Palomba 2001).

A percentagem de jovens adultos entre os 25 e os 29 anos a viverem sós nos países da Europa do Sul também é mais baixa que a média europeia cujo valor é de 12%. Segundo Rosella Palomba (2001), este fenómeno, tal como as percentagens baixas de jovens a coabitarem, que se verificam em Portugal e na Grécia, estão relacionados com os valores altos das taxas de nupcialidade e com o facto de o casamento se realizar em idades jovens; Espanha e Itália apresentam um adiamento mais pronunciado no que diz respeito à formação da família. No que diz respeito a Portugal, a alteração nos valores da taxa de nupcialidade, a partir do ano 2000, conjugados com os valores da coabitação sem casamento, deverá ser tida em conta na análise.

No quadro 6, estão indicados, com os dados obtidos a partir do recenseamento de 2001, os valores das percentagens dos jovens residentes em Portugal na situação de solteiro.

Quadro 6: Percentagem de jovens portugueses solteiros em 2001

PORTUGAL	% de jovens segundo o estado civil - solteiros		
Idades	Masculino	Feminino	Total
15-19	98,8	95,4	97,1
20-24	85,1	71,2	78,2
25-29	51,5	36,2	43,9
Total (15-29)	77,4	65,9	71,7
Total (20-29)	68,1	53,3	60,8

Fonte dos dados: INE, Recenseamento de 2001 (elaboração própria)

É possível verificar que os homens solteiros, em qualquer um dos grupos etários, ou seja em idades inferiores a 30 anos, representavam sempre mais de 50% do total. No grupo de idades de 20-24 anos a percentagem de mulheres solteiras é de 71,2%. Esta percentagem é visivelmente alterada, já que no grupo de idades de 25-29 anos o seu valor passa a ser de 36,2%. Os dados relativos a 2001 indicam por isso que uma percentagem elevada de mulheres

muda de estado civil entre os 25 e os 29 anos. Considerando a idade compreendida entre os 20 e os 29 anos, 68,1% dos homens eram solteiros enquanto a percentagem de mulheres no mesmo estado civil era de 53,3%.

A partir dos dados do recenseamento de 2001 para Portugal (quadro 7), é possível concluir que no grupo de idades de 20-24 anos apenas 14,5% dos homens estavam casados, legalmente ou em união de facto (10,8% casados legalmente e 3,7% em união de facto). Por seu turno, o valor de percentagem registado para as mulheres no mesmo grupo etário era de 27,8% (22,2% estavam casadas legalmente e 5,6% em união de facto).

Em relação ao grupo de idades de 25-29 anos, 47,1% dos homens estavam casados, legalmente ou em união de acto (40,4% casados legalmente e 6,7% viviam em união de facto). Em relação às mulheres a percentagem é superior, 61% (53,4% casadas legalmente e 7,6% viviam em união de facto).

Quadro 7: Percentagem de homens e mulheres casados e a viver em união de facto de grupos de idades entre os 15 e os 29 anos em 2001

PORTUGAL	Masculino		Feminino	
Idades	Casados legalmente	União de facto	Casados legalmente	União de facto
15-19	0,5	0,7	2,6	2,0
20-24	10,8	3,7	22,2	5,6
25-29	40,4	6,7	53,4	7,6
Total 15-29	18,1	3,9	27,5	5,2
Total 20-29	25,8	5,2	38,1	6,6

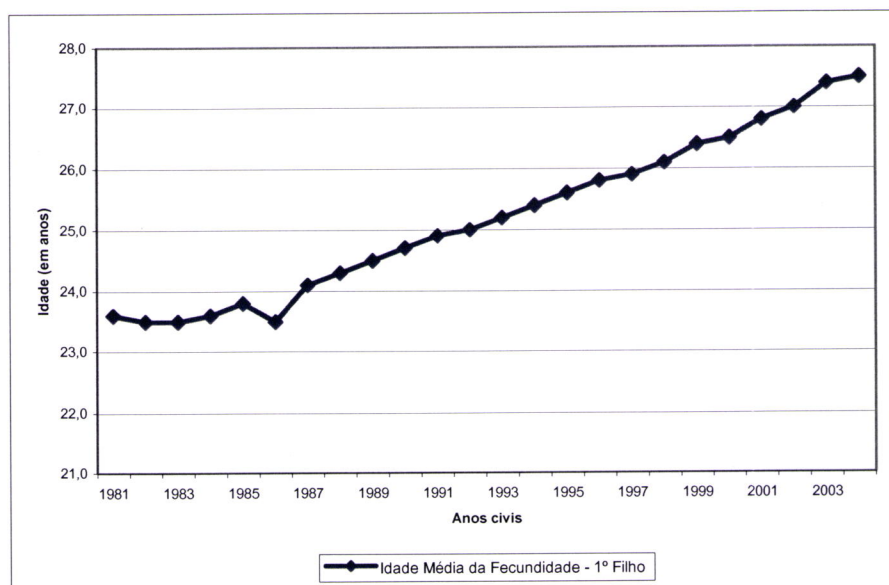
Fonte dos dados: INE, Recenseamento de 2001 (elaboração própria)

No estudo sobre as alterações que se verificaram nos países europeus, relativamente ao comportamento da fecundidade, interessa referir que a partir da segunda metade da década de 1960 para 1970, os casais começaram a adiar o nascimento do primeiro filho, situação diferente da que se deu no pós-guerra em que as mulheres tinham o primeiro filho cedo, sendo bastante jovens. Nos países da Europa W, N e S, a média das idades das mulheres quando do nascimento do primeiro filho aparece no intervalo entre os 26 e os

29 anos, enquanto em 1970 tal ocorria entre os 23 e os 25 anos (Sobotka 2004).

O gráfico 8 mostra a curva que representa a evolução da idade média do nascimento do primeiro filho entre as mulheres portuguesas, considerando o período que se estende desde 1981 até 2004. Sobressai o facto do nascimento do primeiro filho estar a fazer-se sucessivamente mais tarde, segundo uma tendência sem descontinuidades. Apenas no ano de 1986, se registou uma pequena alteração neste comportamento, ou seja, houve uma diminuição da idade em que se deu o nascimento do primeiro filho.

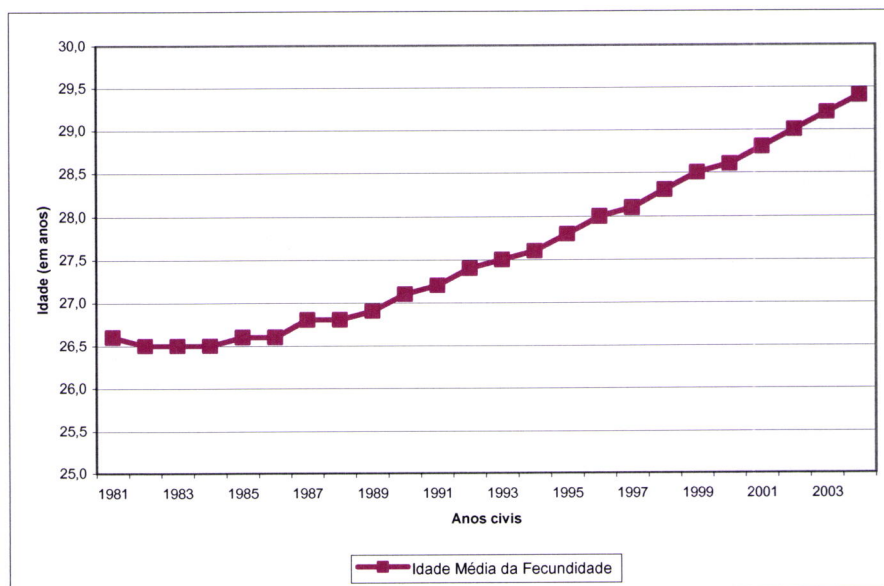
Gráfico 8: Evolução da idade média da fecundidade, ao 1º filho, Portugal, 1981-2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

O gráfico 9, que a seguir se apresenta, permite verificar o aumento da idade média da fecundidade que se tem registado em Portugal desde o ano de 1981. Pela figura pode ler-se que, em 1981, a idade média da fecundidade era ligeiramente superior a 26,5 anos e que, no ano 2004, passa para uma idade um pouco inferior a 29,5 anos.

Gráfico 9: Evolução da Idade Média da Fecundidade, Portugal, 1981-2004



Fonte dos dados: INE (elaboração própria)

No quadro 8 registam-se os valores das percentagens de nados vivos nascidos fora do casamento, entre 1993 e 2004, em 15 países europeus. Estes dados dão informação sobre a representatividade do casamento/coabitação sem casamento nos diferentes países europeus.

Se, genericamente, o casamento e os nascimentos dentro do casamento prevalecem tanto sobre a coabitação como sobre a ocorrência de nascimentos, fora do casamento, em alguns países porém, os fenómenos dão-se de forma inversa (Neyer e Andersson 2004). Segundo Kiernan (1999 cit. por Billari, Philipov, Baizán 2001), a prevalência da coabitação aparece nos diferentes países de uma forma bastante desigual.

Analisando o quadro 8, verifica-se que a percentagem mais alta de nados vivos nascidos fora do casamento é de 56,04 na Suécia em 2002 e o valor mais baixo é de 2,84 na Grécia em 1993. Em todos os países, com excepção da Dinamarca, os valores das percentagens de nados vivos nascidos fora do casamento registaram uma subida durante aquele período, o que é possível verificar através da leitura do gráfico 10, que mostra comparativamente os valores das percentagens obtidas em 1993 e em 2003.

A Dinamarca apresenta uma ligeira descida passando do valor percentual de 46,76 em 1993 para 45,40 em 2004.

A Suécia e a Noruega apresentam os valores mais baixos de subidas percentuais, embora com percentagens anuais muito superiores aos restantes países europeus.

A Holanda regista a maior subida percentual de 13,10 em 1993 para 32,50 em 2004, ou seja, um aumento de 148% (de 1993 a 2004).

Em Portugal, verifica-se um aumento de 70,9% entre 1993 e 2004, valor que se encontra próximo do aumento registado na Irlanda entre 1993 e 2003, 68,6% (no quadro 4 não há valores registados em 2004 para este último país).

A Grécia apresenta um aumento de 95,1% e a Itália de 85,1% mas mantêm, no período compreendido entre 1993 e 2004, as percentagens mais baixas de nados vivos nascidos fora do casamento

Entre 1993 e 2004, a Dinamarca, a Finlândia, a Inglaterra, a Noruega e a Suécia apresentaram sempre valores superiores à média europeia (considerando os países da Europa dos Quinze).

Relativamente aos países da Europa do Sul, pode concluir-se que, embora os valores da fecundidade sejam baixos, tal como se estudou anteriormente, as percentagens de nados vivos nascidos fora do casamento permitem afirmar que os nascimentos ocorrem principalmente dentro do casamento.

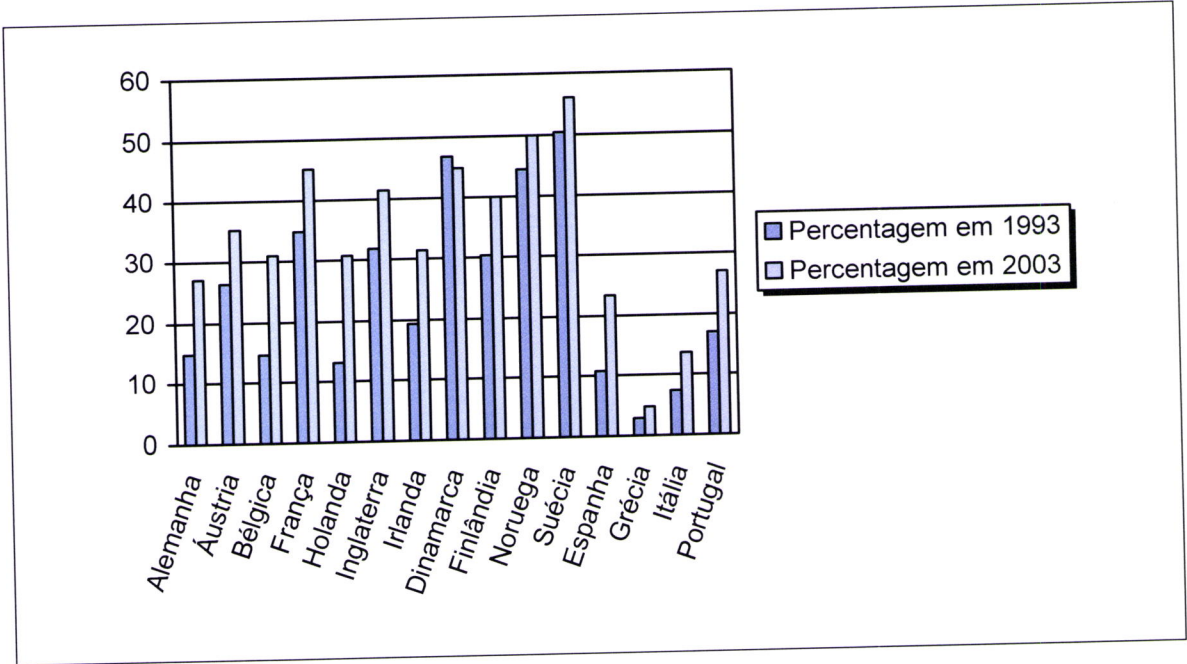
Quadro 8: Percentagem de nados vivos, nascidos fora do casamento

	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
UE (15P)	21.79	22.50	23.50	24.48	25.09	26.62*	27.71*	28.60*	28.42	29.20+	30.60*	31.60*
Alemanha	14.81	15.39	16.06	17.12	17.96	20.01	22.14*	23.41	25.03	26.10	27.00	28.00+
Áustria	26.33	26.81	27.37	28.02	28.80	29.45	30.49	31.30	33.06	33.80	35.30	35.90
Bélgica	14.55	15.84	17.28*	19.05*	20.98*					29.50*	31.00*	
Dinamarca	46.76	46.85	46.47	46.28	45.14	44.80	44.86	44.57	44.62	44.58	44.90	45.40
Espanha	10.75	10.76	11.09	11.68	13.12	14.51	16.30*	17.74*	19.73*	26.60*	23.20*	
Finlândia	30.34	31.33	33.12	35.38	36.51	37.20	38.69	39.21	39.55	39.88	40.00	40.80
França	34.90	36.10	37.58	38.88	40.02+	40.72+	41.74+	42.61	43.71	44.26	45.20+	
Grécia	2.84	2.87	3.04	3.27	3.46	3.81	3.87*	4.02*	4.25	4.40	4.80	4.90*
Holanda	13.10	14.26	15.52	16.99	19.16	20.78	22.75+	24.94	27.20	29.13	30.70	32.50
Inglaterra	31.75	31.99	33.57	35.51	36.74	37.62	38.79+	39.48	40.05	40.63	41.50	42.30+
Irlanda	19.33	20.82	22.26	25.26+	26.81+	28.71	31.14	31.51+	31.18+	31.09	31.40	
Itália	7.36	7.82	8.11	8.29	6.98+	9.04+	9.24	9.66*		10.80*	13.60*	14.90*
Noruega	44.45	45.90	47.59	48.31	48.72	48.97	49.07	49.58	49.73	50.31	50.00	51.40
Portugal	16.96	17.84	18.67	18.66	19.56	20.15+	20.85	22.20	23.78	25.46	26.90	29.10+
Suécia	50.42	51.60	52.96	53.88	54.08	54.65	55.29	55.33	55.49	56.04	56.00	55.40

* Valores estimados; + Valores provisórios

Fonte: Eurostat (elaboração própria)

Gráfico 10: Percentagem de nados vivos nascidos fora do casamento em 15 Países europeus (Europa Ocidental, Europa do Norte, Europa do Sul), 1993 e 2003



Fonte: Eurostat (elaboração própria)

Ao estudar as causas que justificam as alterações da fecundidade nos diferentes países, verificou-se a relevância da situação económica e social como factor que afecta não só o número de filhos, mas também as escolhas que são feitas com vista à formação da família e à procriação.

Segundo Joachin Vogel (2001), as variações da conjugalidade e da fecundidade apresentam uma relação estreita com as oportunidades oferecidas tanto pelo mercado de trabalho, como pelas provisões do Estado Social. Se este cria condições, então a conjugalidade e a fecundidade dão-se mais cedo.

O atraso no processo conducente à formação da família determinou uma concentração dos acontecimentos com significado demográfico, tais como o casamento, o nascimento do primeiro filho, segundo ou terceiro, que passaram a localizar-se num intervalo de poucos anos, entre os 30-35 ou até aos 40 anos e um pouco mais. A concentração destes acontecimentos reduz drasticamente o período disponível para o nascimento dos filhos, o que tem repercussões evidentes no comportamento das taxas de fecundidade.

O adiamento para a formação da família tem uma estreita conexão com as maiores dificuldades encontradas pelos jovens na sua inserção no mercado de trabalho (Palomba 2001).

A pesquisa tem atribuído a factores de ordem económica e cultural a explicação das mudanças operadas no comportamento da fecundidade e da formação da família. No entanto, também os factores de ordem psicológica, institucional e política, bem como a interacção entre eles, têm a sua repercussão nas decisões individuais. Neste sentido, Neyer e Andersson afirmam "A diversidade da Europa fornece um incentivo para ir mais longe nas abordagens da pesquisa a desenvolver, considerando tais factores, e procurando explicações multi-facetadas acerca do comportamento dos nascimentos e da formação da família."²⁴ (Neyer e Andersson 2004: 3).

²⁴ "The diversity of Europe provides an incentive to further develop research approaches that consider such factors and to seek multi-faceted explanations of childbearing behaviour and family formation." (Neyer e Andersson 2004: 3)

Os estudos transversais sobre as dinâmicas familiares “não apenas confirmaram e mais ainda sublinharam a grande heterogeneidade do comportamento demográfico na Europa, mas também elucidaram acerca das idiosincrasias respeitantes às dinâmicas da fecundidade e da família.”²⁵ (Neyer e Andersson 2004: 3).

Maria Jacouvou (2000), a partir dos dados extraídos do ECHP (*European Community Household Panel*) do Eurostat, estudou em onze estados membros da União (Dinamarca, Holanda, Reino Unido, França, Luxemburgo, Bélgica, Irlanda, Grécia, Portugal, Espanha e Itália), o comportamento respeitante à formação da família, das pessoas entre os 15 e os 35 anos. Considerou existirem dois modelos de comportamento: o modelo dos países da Europa do Sul em que os jovens fazem transições directas da casa dos pais para o casamento e para a parentalidade. No caso dos países da Europa do Norte, os jovens saem da casa dos pais precocemente e a passagem é marcada por “múltiplas transições por via de um número de estados intermédios, tais como, viver sozinhos, coabitação e períodos longos de casamento sem filhos.”²⁶ (Jacouvou 2000:2).

No mesmo sentido que Maria Jacouvou (2000), Alessandro Cavalli (1997) estabelece uma distinção entre os países da Europa do Sul e os da Europa do Norte, quanto ao casamento e às circunstâncias em que os indivíduos assumem a parentalidade; nos países do Sul, os jovens casam mais tarde e deixam a casa dos pais para casar. Recentemente, a coabitação antes e fora do casamento tem vindo a registar um aumento, mas os filhos nascem dentro do casamento. Esta mudança relativa à coabitação é mais frequente entre os indivíduos das classes mais altas dos centros urbanos. Os jovens dos países da Europa do Norte deixam a casa dos pais e fixam residência independente sem que isso implique qualquer relação com o casamento. A coabitação é

²⁵ “ have not only confirmed and further underlined the great heterogeneity of demographic behaviour in Europe, but have also shed light on national idiosyncrasies of fertility and family dynamics.” (Neyer e Andersson 2004: 3)

²⁶ “multiple transitions via a number of intermediate states such as living alone, cohabitation, and extended periods of marriage without children.” (Jacouvou 2000:2).

frequente e tem-se registado um aumento dos nascimentos fora do casamento (Cavalli 1997).

No seu estudo sobre a sociedade sueca, Clarissa Kugelberg (1998) confirma as análises feitas por Alessandro Cavalli (1997) sobre o comportamento dos jovens da Europa do Norte; “Na sociedade sueca, deixar a escola, arranjar um emprego, viver junto com outra pessoa e ter filhos são consideradas como as principais fases de transição para a vida adulta (Waara 1996; Arnell 1988). No entanto, a idade em que estas transições se verificam e a forma como se sucedem têm variado. Os trajectos de vida têm, pois, mudado. Para as gerações anteriores, um emprego constituía frequentemente o primeiro passo para a vida adulta e o noivado, o casamento e a coabitação estavam intimamente relacionados e eram etapas que surgiam antes de se ter filhos. Nas gerações mais velhas, a maioria dos jovens adquiria a independência económica previamente à maioridade, a qual, na Suécia, acontecia aos 21 anos. Hoje em dia, os rapazes e raparigas atingem-na aos 18 anos, altura em que a maioria ainda se encontra economicamente dependente dos pais ou do Estado. A coabitação acontece frequentemente antes de se ter um emprego e é um fenómeno independente do casamento e da procriação. Hoje em dia, não existe um caminho linear para atingir a vida adulta e, até aos 30 anos, a situação de muitos jovens é ainda caracterizada por um estado de transição.” (Kugelberg 1998: 41-42).

Analisámos os aspectos similares e diversos que aparecem a caracterizar o comportamento dos jovens adultos no processo de transição para a vida adulta, particularmente no que diz respeito à saída da casa dos pais, formação e emprego, nupcialidade e fecundidade. Destacaram-se aspectos como a descida nos valores da fecundidade e o adiamento em relação ao nascimento dos filhos, tão presentes na caracterização dos acontecimentos demográficos dos países europeus “ o adiamento quanto à formação da família e a baixa da fecundidade tornaram-se factores estruturais intrínsecos e, em certo sentido,

implícitos na qualidade de membro da sociedade moderna." (Palomba 2001: 2)²⁷.

Estudar-se-ão no capítulo seguinte as posições teóricas que os diferentes autores tomaram para explicar as alterações que, sensivelmente nas últimas quatro décadas, surgiram no percurso de vida dos jovens até à fase adulta. Explicitar-se-ão assim as considerações referidas na literatura sobre os factores que parecem interferir e condicionar a construção da biografia demográfica dos jovens adultos.

²⁷ *"the postponement of family formation and the low fertility have become intrinsic, structural factors, in a certain sense implicit in the membership of a modern society."* (Palomba 2001: 2)

3. Factores condicionantes da transição para a vida adulta; as principais posições teóricas explicativas do processo.

A pesquisa tem apresentado diversas perspectivas para explicar as transformações verificadas no processo da passagem para a vida adulta. Estas mudanças repetem-se em todos os países (o percurso académico é mais longo, o desemprego juvenil aumentou, o casamento é mais tardio, genericamente o abandono da casa dos pais sofreu um adiamento). Estes fenómenos, que se manifestam com maior ou menor intensidade nos diferentes países ocidentais, sugerem que há factores comuns a influenciar o início da vida adulta, para além dos limites nacionais (Sgritta 2001). No entanto, há diferenças relevantes entre os diversos países, desencadeadas pela interacção de vários factores que podem ser de natureza cultural, religiosa, económica, política ou institucional; os elementos e o número de variantes nacionais que podem influenciar o modo como o processo da transição se desenvolve são muitos, o que leva Giovanni Sgritta (2001) a considerar não ser possível estabelecer uma combinação de factores susceptível de acelerar ou retardar o processo de transição.

Destacar-se-ão de seguida as principais posições teóricas que visam explicar o modo como se dá o processo de transição para a vida adulta e as causas das alterações ocorridas nos últimos anos. Far-se-á referência à teoria da segunda transição demográfica de Lestaege e Van de Kaa, à tese de Marlis Buchmann sobre a não standardização do curso da vida e à proposta de Becker sobre a “*New Home Economics*”, teorias que, de uma forma explícita, abordam as mudanças operadas no processo de transição para a vida adulta (Liefbroer 2005). Abordar-se-ão também as posições teóricas que sublinham o papel das políticas, dos arranjos institucionais e dos factores de natureza cultural no modo como decorre o processo de chegada à fase adulta. Contrastar-se-ão as perspectivas dos diferentes autores, particularmente com a teoria da segunda transição demográfica e com a tese de não standardização de Buchmann.

O conjunto de mudanças operadas nos países industrializados ocidentais, em que se destacam a diminuição da fecundidade, os períodos longos de vida a sós, o crescimento da coabitação, o aumento da instabilidade das uniões, os nascimentos fora do casamento, o adiamento do casamento e da parentalidade, o declínio da co-residência dos mais velhos com os filhos, acompanha a tendência a que Van de Kaa designou por Segunda Transição Demográfica (Liefbroer 2005, Neyer e Andersson 2004).

Para Lesthaeghe e Van de Kaa (1987 cit. por Surkyn e Lesthaeghe 2004), os factores de ordem ideológica têm uma particular importância para a explicação das diferenças existentes nos vários países relativamente aos fenómenos demográficos. As mudanças ideológicas estão ligadas à ideia de modernização em estreita conexão com a teoria da segunda transição demográfica. Segundo aqueles autores, verifica-se uma tendência para a acentuação da autonomia individual, a rejeição do controle institucional e o aparecimento de valores associados às “*higher order needs*” (Surkyn e Lesthaeghe 2004)²⁸.

As transformações verificadas nos padrões de formação da família foram assumidas como estando ligadas à acentuação do desejo de privacidade e de autonomia, particularmente pela mulher; autonomia nas questões morais, políticas e simultaneamente a rejeição da autoridade e do controle institucional. Precisamente, as transformações demográficas operadas e a sua conexão a uma mudança na valoração de diferentes aspectos da vida constituem o cerne da teoria da Segunda Transição Demográfica (Surkyn e Lesthaeghe 2004, Neyer e Andersson 2004).

A emergência de novos comportamentos como a coabitação, bem como o viver sozinho durante os primeiros anos da vida adulta constituem algumas das manifestações da individualização que aparecem a caracterizar a “*new modernity*” referida por Buchmann (1989), Beck (1992 cit. por Billari 2004) e Giddens (1990 cit. por Billari 2004), tanto na Europa Ocidental como na América do Norte.

²⁸ “*Higher order needs*” – *self-actualisation, expressive values, recognition* (Surkyn e Lesthaeghe 2004: 51)

Segundo a tese da segunda transição demográfica, a expansão do Estado Social moderno, que converteu o indivíduo em unidade primária de produção e consumo económicos, e o processo de secularização determinaram o enfraquecimento da dependência da família pela diminuição das prescrições normativas e ampliaram o espaço dos jovens para fazerem as suas escolhas pessoais (Liefbroer 2005).

No estudo *“Value Orientations and the Second Demographic Transition (SDT) in Northern, Western and Southern Europe: An Update”* realizado a partir do *European Value Survey* de 1999, Joahan Surkyn e Ron Lesthaeghe (2004) consideram existir, nas diferentes regiões da Europa, uma nítida associação estatística entre a orientação dos valores e a formação da família (Surkyn e Lesthaeghe 2004). Neyer e Andersson (2004) sugerem por isso que “Os resultados do estudo feito por Surkyn e Lesthaeghe sublinham a necessidade de olhar para a conexão existente entre a transformação ideológica, os acontecimentos ligados à adaptação dos valores e as mudanças demográficas, para compreender as tendências na Europa.”²⁹ (Neyer e Andersson 2004: 5)

Para Marlis Buchmann (1989), as tendências políticas e económicas que se desenvolveram a partir do século XVIII, considerando o indivíduo como unidade social básica, geraram os processos de individualização e de institucionalização segundo os quais evoluiu a sociedade moderna. Tanto o processo de individualização como de institucionalização vieram a configurar os mecanismos da entrada para a vida adulta.

De acordo com Marshall (1964 cit. por Buchmann 1989) o desenvolvimento da ideia de cidadania desenvolveu-se no século XVIII, teve a sua expressão no século XIX pela institucionalização dos direitos políticos e progrediu no século XX pela consideração universal dos direitos sociais o que levou a garantir a cada indivíduo um mínimo de bem estar económico e social.

²⁹ “The results of the study by Surkyn and Lesthaeghe underline the need to look at the connection between ideational transformation, event-based adaptation of values, and demographic changes to understand the demographic trends in Europe.” (Neyer e Andersson 2004: 5)

O processo de individualização social foi acompanhado por uma crescente normalização e burocratização da sociedade, através de mecanismos accionados pelo Estado, o que contribuiu para que as escolhas feitas pelos indivíduos, ao longo da vida, devessem corresponder sempre às exigências de um padrão estandardizado (Liefbroer 2005). Para Marlis Buchmann, como consequência do processo de individualização "A vida progride menos constrangida por tradições e assim está mais susceptível a orientações individualizadas da acção, mas tem de estar ajustada a padrões estandardizados e burocratizados que são definidos por normas legais (Beck, 1983; Beck-Gernsheim, 1982, 1983). Os indivíduos podem fazer escolhas relacionadas com o percurso de vida, mas também têm de fazê-lo de acordo com as exigências do curso da vida estandardizado." (Buchmann 1989: 18)³⁰

De acordo com Marlis Buchmann (1989), a sociedade influenciou o curso de vida através da regulação de papéis, que se estabeleceram segundo a idade, determinando-se desta maneira as suas fases de vida e o modo como se faz a transição entre elas. Através de leis, o Estado procede à estruturação do curso de vida e dessa forma os diferentes aspectos da vida passam a constituir-se como acontecimentos institucionalmente definidos; o curso de vida, com as suas diferentes fases, é algo formalmente construído, burocratizado e estandardizado. É neste cenário de "alternativas estruturalmente dadas" (Buchmann 1989: 42)³¹ que os indivíduos devem fazer as suas escolhas, construir a sua estratégia biográfica.

No processo de individualização social, e de acordo com Marlis Buchmann (1989), a acção individual passou a estar menos sujeita a constrangimentos embora a integração do indivíduo na política e economia racionalizada exija a intervenção e a responsabilização do Estado em mais campos da vida social. Por isso a família, como principal agente socializador, perdeu lugar para o Estado quando este passou a organizar e controlar o sistema educativo. Outros

³⁰ "Life comes to be less constrained by traditions and customs and thus more susceptible to individualized action orientations, but it has to be fitted into standardized and bureaucratized life patterns defined by rules (Beck, 1983; Beck-Gernsheim, 1982, 1983). Individuals can make life course-related choices, but they also must make them in correspondence with the requirements of the standardized life course." (Buchmann 1989: 18)

³¹ "structurally given alternatives." (Buchmann 1989: 42)

âmbitos das relações familiares passaram a estar sujeitos à intervenção do Estado pelo que passaram a ser considerados mais como assuntos públicos do que como assuntos privados.

A partir dos anos sessenta, o crescimento do Estado Social bem como a diversificação das saídas educacionais e a competição em relação às saídas profissionais determinaram uma acentuação do processo de individualização “a legislação social do *welfare* e as políticas sociais conduzem as crianças e a juventude a serem directamente sujeitos de direitos e receptores de serviços e benefícios”³² (Buchmann 1989: 86). Esses mesmos fenómenos, segundo Marlis Buchmann (1989), conduziram também a uma tendência para a parcial não estandardização do curso de vida dos jovens adultos.

Para Marlis Buchmann (1989), precisamente, quando o nível de institucionalização é alto, introduz-se uma separação entre público e privado, considerando-se que certos aspectos da vida privada não têm de estar dependentes de qualquer costume ou tradição. A estandardização do curso de vida é “um pré-requisito para a sua parcial não estandardização”³³; a tradição e o costume são substituídos pela procura e vivência de novas formas de relações sociais e novos modelos biográficos, “O aumento da não estandardização do curso da vida familiar, em particular, pode ser encarado como uma resultante deste processo.”³⁴ (Buchmann 1989: 69).

A tese de Becker (1981 cit. por Liefbroer, Corijn 1999) sobre a “*New Home Economics*” marcou nas últimas décadas a pesquisa sobre o impacto dos aspectos socio-económicos na formação da família. A teoria de Becker pretendeu explicar as alterações ocorridas na formação da família a partir da evolução verificada nos percursos formativos e profissionais da mulher. A tese da “*New Home Economics*” desenvolvida por Becker procurou abordar questões como a diminuição dos casamentos, a queda das taxas de

³² “*Social welfare legislation and social policies address the child and the youth directly as holders of rights and as recipients of services and benefits.*” (Buchmann 1989: 86)

³³ “*a prerequisite for its partial destandardization.*” (Buchmann 1989: 69).

³⁴ “*The increasing destandardization of the family life course, in particular, may be regarded as resulting from this process.*” (Buchmann 1989:69)

fecundidade e ainda o aumento do divórcio. Assenta a teoria de Becker no pressuposto de que as vantagens adquiridas com o casamento e com a parentalidade ficaram reduzidas a partir da melhoria da formação educacional e profissional da mulher (Liefbroer 2006); o investimento feito pela mulher na sua formação tornam menos atractivos o abandono ou a interrupção do trabalho motivados pelo casamento ou pelo nascimento dos filhos. Diz Becker a este propósito “O crescimento do poder económico da mulher proveniente do salário aumentou a rejeição do tempo gasto no cuidado dos filhos e da casa o que, por seu turno, levou a uma diminuição do número dos filhos e encorajou a substituição do tempo gasto na função parental, particularmente no que se refere à mulher. Estas duas mudanças aumentaram a participação da mulher casada no mundo do trabalho. (...) Os ganhos obtidos pelo casamento ficaram reduzidos (...) pelo aumento do salário e participação da mulher no mundo do trabalho já que a tradicional divisão sexual do trabalho dentro de casa tornou este em algo menos vantajoso.”³⁵ (Becker 1993: 55). Esta posição porém só pode ser suportada a partir da divisão tradicional do trabalho, bem como pela falta de soluções institucionais que possibilitem o conciliar das obrigações familiares com o trabalho da casa (Liefbroer, Corijn 1999, Liefbroer 2005). Precisamente estes dois aspectos “ poderão ser relevantes para explicar as tendências e diferenças existentes na transição para a vida adulta.”³⁶ (Liefbroer 2005: 13). A tese de Becker tem sido discutida por autores como Liefbroer e Corijn (1999 cit. por Liefbroer 2005), enquanto teoria geral explicativa do impacto provocado pela melhoria do nível de preparação académica e profissional das mulheres na formação da família.

No trabalho “Becoming an adult in Europe: a macro/micro-demographic perspective”, Francesco Billari (2004) faz referência às posições assumidas por diferentes autores quanto às causas que determinam as tendências segundo as quais se dá a transição para a vida adulta na Europa. Assim:

³⁵ “A growth in the earning power of married women raised the foregone value of their time spent at child care and other household activities which in turn reduced the demand for children and encouraged a substitution away from parental, especially mother’s time. Both of theses changes raised the labour force participation of married women.(...) The gain from marriage is reduced (...) by higher earnings and labour force participation of married women, because the sexual division of labour within households becomes less advantageous.” (Becker 1993: 55).

³⁶ “ it may be a relevant explanation for trends and differentials in the transition into adulthood.” (Liefbroer 2005: 13)

Esping-Andersen (1999) e Mayer (2001) consideram que os diferentes regimes de *welfare* são geradores de dinâmicas diferentes no que concerne à evolução do trajecto de vida das pessoas.

Hoem e Hoem (1997) posicionam-se no sentido de que as políticas socioeconómicas tais como as políticas de subsídios para a compra da casa, bem como as facilidades para o pagamento de empréstimos são determinantes nas condições que se criam para o curso de vida dos jovens.

Neyer (2003) dá particular importância às políticas de família para o processo de passagem para a vida adulta. Considera que, para o efeito, são determinantes as políticas de protecção da maternidade, as políticas referentes às licenças parentais, à guarda das crianças e aos subsídios para os filhos.

Bernardi (2000) aponta a incerteza quanto ao mercado de trabalho, bem como o regresso ao sistema educativo, como causas que explicam as diferenças e tendências existentes nos distintos países relativamente ao modo como se dá a transição para a vida adulta.

Kohler (2002) refere o adiamento para a parentalidade, assim como outros acontecimentos que podem acompanhar o percurso da vida, como uma resposta racional aos incentivos socioeconómicos.

Mayer (2001) atribui às características do *welfare* familiarístico da Europa do Sul (falta de políticas sociais relativas ao desemprego e falta de políticas de família articuladas com o mercado de emprego) as causas que concorrem para explicar o adiamento da saída da casa dos pais. Todavia, a estes factores deverão acrescentar-se as ligações fortes existentes entre pais e filhos. Considera ainda que o adiamento na saída da casa dos pais não é um fenómeno novo na Europa do Sul como diversos autores preconizam.

A pesquisa tem procurado estabelecer uma relação entre o modo como se processa a construção dos cursos de vida e concretamente a diversidade das transições para a vida adulta e os diferentes regimes do *welfare state*. Como

referem Mayer e Müller (1986 cit. por Billari 2004)), o Estado Providência moderno exerceu uma influência marcante no modo como se desenrolaram os trajectos de vida, particularmente no que diz respeito à transição para a vida adulta. É de salientar que o suporte institucional apresenta actualmente fragilidades, umas provenientes da recente desestabilização dos regimes do *welfare state* e outras das quebras nas possibilidades de emprego e no nível de salários (Vogel 2001). Deve referir-se também que a “redistribuição das condições de vida entre as gerações faz-se a favor das gerações mais velhas.”³⁷ (Vogel 2001: 125).

No trabalho “*Family and welfare systems in the transition to adulthood: an emblematic case study*” Giovanni Sgrita (2001), atendendo às características dos sistemas de *welfare* nos diferentes países europeus e ao modo como se distribuem, entre o Estado e a família, as responsabilidades de suporte dos indivíduos, agrupa os diferentes países europeus em três grandes conjuntos, o dos países nórdicos, o dos países continentais e o dos países do Sul;

- No modelo seguido pelos países nórdicos, Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia, as obrigações sustentadas pela família são escassas e a protecção social é considerada um direito dos cidadãos que deve ser garantido pelo Estado. A protecção dos filhos é exercida complementarmente pelo Estado e pela família. Através de procedimentos universais, o Estado distribui individualmente os benefícios aos diferentes membros da família segundo uma concepção igualitária e independente da relação entre os mesmos. O Estado desempenha uma função importante em relação ao cuidado das crianças, considerando-o uma obrigação pública colectiva.

- No grupo dos países constituído pela Áustria, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França, Inglaterra e Irlanda vigora um modelo em que a protecção dos indivíduos é essencialmente uma obrigação da família nuclear. Os benefícios e subsídios dados pelo Estado são considerados auxiliares da ajuda dispensada pela família e têm como pressuposto o princípio das

³⁷ “a redistribution of living conditions between generations in favour of the older generations.” (Vogel 2001: 125).

obrigações recíprocas entre marido e mulher e entre pais e filhos. Os cuidados das crianças são atribuídos em primeiro lugar à família nuclear, pelo que se considera ser importante a presença dos pais, sobretudo da mãe, junto do filho nos primeiros anos após o nascimento. Verifica-se por isso um maior número de mulheres jovens temporariamente sem trabalho profissional nestes países que nos países nórdicos. As políticas reflectem estas tendências e são poucos os benefícios atribuídos às crianças.

- No grupo de países da Europa do Sul constituído por Portugal, Espanha, Itália e Grécia o suporte dos membros mais necessitados é uma atribuição da família que muitas vezes integra também, para além da família nuclear, os familiares mais próximos numa dinâmica relacional típica da família extensa. A distribuição das responsabilidades quanto ao suporte dos membros da família não é muito diferente do dos países continentais, verificando-se apenas um acentuar das obrigações atribuídas à família. Nestes países, concebe-se a intervenção do Estado através das instituições do *welfare* social só nas circunstâncias em que o mercado ou a família não manifestem capacidade para satisfazer as necessidades.

Joachin Vogel (2001), ao considerar os elementos que devem ser tomados em linha de conta na promoção do bem-estar (mercado de trabalho, *welfare state* e família), dá maior importância ao mercado de trabalho; um mercado de trabalho eficiente, gerador de bons salários favorece a família e possibilita o fortalecimento dos mecanismos do Estado Providência. A família e o sistema de *welfare* têm apenas uma função correctiva das condições criadas pelo mercado de trabalho. De acordo com Vogel (2001), o mercado de trabalho e as provisões do *welfare* influenciam as decisões da conjugalidade, constituindo essas duas realidades a causa pela qual os países nórdicos apresentam um comportamento diferente daquele que se observa nos restantes países europeus.

Nos países da Europa do Sul, a falta de políticas de família e a debilidade das políticas sociais características do *welfare* familiarístico dos países do Sul e, mais especificamente, a falta de protecção contra o desemprego, bem como a

incerteza quanto ao mercado de trabalho têm concorrido para que a saída da casa dos pais sofra o atraso que singularmente ocorre nesta região (Billari 2004). Tomassini e al. (2003 cit. por Billari 2004) referem-se ao facto de ser maior a percentagem de jovens dos países de "*strong ties*" em relação aos de "*weak ties*" a afirmarem estarem dependentes dos pais economicamente e, mesmo depois da independência, permanecerem geograficamente próximos dos pais. De acordo com a literatura (Glaser e Tomassini 2000 cit. por Billari 2004), as transições tardias para a vida adulta parecem ocorrer nos países em que no sistema de *welfare* sobressai a importância dada à protecção das pessoas idosas e naqueles onde a velhice mantém um papel importante na relação dos laços familiares.

Nos países da Europa do Sul, a família é o principal suporte para o sustento dos jovens. A família assume o encargo de sustentar os seus membros quer eles ainda estejam a estudar, tenham acabado os estudos ou estejam à espera de conseguir emprego. Como afirma Giovanni Sgritta "nos países da Europa do Sul, a dependência dos jovens é mais uma questão da família que uma questão social; pelo contrário, nos países do Norte e Centro da Europa é mais uma questão social que familiar."³⁸ (Sgritta 2001: 70). Precisamente nos países do Sul, de um modo concreto em Itália, face à situação insegura que os jovens atravessam como consequência da dificuldade em inserirem-se no mercado de trabalho, a família tem desempenhado um papel importante em "conter ou abafar as tensões explosivas de desemprego juvenil muito alto." (Sgritta 2001: 71)³⁹. Se se comparar o desempenho das famílias dos países da Europa do Sul com as dos países da Europa Central e do Norte, conclui-se que as primeiras continuam a ter uma importante função social na reposição das desigualdades entre as gerações.

A família, o mercado de trabalho e a escola são elementos determinantes no modo como se dá a transição para a vida adulta (Sgritta 2001).

³⁸ "*in the Southern European countries, young people's dependence is more a family than a social question; vice versa, in the Northern and Central European countries it is more a social than a family question.*" (Sgritta 2001: 70)

³⁹ "*to contain or cushion the otherwise explosive tensions of very high youth unemployment.*" (Sgritta 2001: 71).

Para Francesco Billari (2004), os factores institucionais e conjunturais, as diferenças culturais e as mudanças de carácter ideológico concorrem para formar as diversas tendências que se observam na transição para a vida adulta. Nos factores institucionais, incluem-se as políticas socioeconómicas (mercado de trabalho, políticas de arrendamento e empréstimos para a compra de casa, políticas familiares, políticas fiscais etc.), bem como os mecanismos dos sistemas do *welfare*; Francesco Billari (2004) chama a atenção para o facto de não ser fácil dizer se estas políticas fazem parte do conteúdo do sistema de *welfare*, e nesta acepção são temporalmente mais estáveis, ou se derivam de iniciativas políticas avulsas sujeitas a revisões frequentes. Em qualquer caso, serão sempre condicionantes da transição dos jovens até à idade adulta.

Para Francesco Billari (2004) é importante perceber como é que determinados factores de natureza individual têm pesos diferentes segundo as diversas situações do sistema de *welfare* ou das políticas sociais e económicas. A este propósito, Aassve (2002 cit. por Billari 2004)) chama a atenção para o facto de a variação do rendimento auferido pelo salário ser mais importante para os jovens que vivem em países com regimes de *welfare* familiarístico ou liberal, do que para os jovens dos países nórdicos ou continentais.

Antonio Schizzerotto e Mário Lucchini (2002) analisaram o processo da transição para a vida adulta em três países europeus, Reino Unido, Itália e Suécia. Na pesquisa utilizaram os dados longitudinais provenientes do *British Household Panel Study*, do *Italian Households Longitudinal Study* e do *Swedish Level of Living Survey* respeitantes à população nascida entre o começo do século XX e o final dos anos setenta. Estes países têm sistemas de *welfare* com características distintas. Antonio Schizzerotto e Mario Lucchini (2002), citando Esping Andersen (1990), Ferrera (1993), Gallie e Paugam (2000), destacam que a Grã-Bretanha tem um sistema de *welfare* suavemente liberal, Itália um sistema residualmente familiarístico e a Suécia um sistema de *welfare* universalístico. Aqueles autores estabelecem precisamente uma relação entre as características do Estado Social sueco e a diminuição da média de idades em que se dá a primeira união na Suécia.

Os mecanismos institucionais acentuam ou diminuem as consequências das diferenças dos rendimentos obtidos pelos salários, como condicionante importante do momento em que pode dar-se a saída da casa dos pais. No entanto, para Francesco Billari (2004), ainda que os factores conjunturais macro-económicos possam produzir mudanças chave, as diferenças estáveis verificadas nas diversas sociedades, ou seja, as diferenças de longo prazo, só podem ser explicadas por factores de natureza cultural.

A diversidade cultural prende-se com percursos históricos diferentes que esculpiram os laços intergeracionais e familiares e construíram diferentes sistemas normativos reguladores das relações sociais, “A presença a longo prazo de continuidades culturais, em particular no que diz respeito ao vigor dos laços intergeracionais nas sociedades, foi enfatizado pelos autores olhando para as diferenças entre NW e SW da Europa.”⁴⁰ (Billari 2004: 23).

Os modelos, segundo os quais ocorrem os processos de transição, também resultam dos efeitos das interacções sociais sob a forma de aprendizagem e influência sociais, de modo que por esta via os fenómenos tendem a generalizar-se de acordo com as práticas existentes nas diferentes comunidades (Billari 2004).

Francesco Billari (2004) e Giovanni Sgritta (2001) dão particular importância à interacção que se dá entre os factores que condicionam os percursos da vida. Neste mesmo sentido, também para Aart Liefbroer (2005), o facto dos jovens adultos adiarem o momento de ter filhos deve-se à combinação de factores de ordem económica, cultural e institucional. Estes factores interagem tornando-se mais importantes uns que outros em determinadas situações (Liefbroer 2005).

Para Francesco Billari (2004), os factores de ordem ideológica criam dinâmicas mais rápidas que os de ordem cultural mas ambos concorrem para explicar, do

⁴⁰ “*The presence of long-term cultural continuities, in particular concerning the strength of inter-generational ties between societies, has emphasized by scholars looking at differences between North-western and South-western Europe.*” (Billari 2004: 23).

ponto de vista demográfico, o comportamento das gerações jovens no seu trajecto de vida para chegarem à vida adulta.

Nesta mesma linha, Clarissa Kugelberg (1998) chama a atenção para um conjunto de factos que poderão influenciar todo o processo. As circunstâncias em que se dá o crescimento dos jovens, hoje, foram profundamente alteradas; os jovens têm acesso a uma enorme quantidade de informação que lhes chega através dos meios de comunicação social, dando-lhes a possibilidade de contactar com experiências de vida diferentes o que lhes põe mais questões quanto ao modo de vida que querem escolher e às respectivas consequências das suas escolhas, “Isto faz parte do processo de individualização que coloca no indivíduo, cada vez mais, a responsabilidade pela sua própria vida. A vasta panóplia de conhecimento e informação cria potencialidades para encontrar novos rumos de vida, mas, ao mesmo tempo, obriga-o a decidir por si próprio. A vida torna-se num projecto planeado” (Kugelberg 1998: 43).

No estudo “*Changes in the transition to adulthood in Europe*”, Aart Liefbroer (2005) faz referência à tese de Blossfeld sobre a repercussão da globalização na entrada para a vida adulta; este autor defende que a globalização, no âmbito do conhecimento produzido pela *Internet*, põe os jovens em contacto com experiências de comportamento muito diversas, ideias e valores relevantes na fase da entrada para a vida adulta. Os jovens deparam-se assim com um conjunto de possibilidades de escolha mais amplo. Também para Blossfeld, a globalização económica aumentou a incerteza nos diferentes países quanto ao mercado de emprego o que conduziu a um atraso nas decisões quanto ao casamento e a parentalidade. Segundo o autor, os efeitos da globalização económica na vida dos jovens adultos poderão depender dos arranjos institucionais existentes nos diversos países.

Alessandro Cavalli (1997) aborda a questão da saída tardia da casa dos pais a partir das transformações culturais operadas nas relações intra-familiares. A evolução seguida no relacionamento entre pais e filhos tornou mais fácil a permanência dos filhos em casa dos pais, até idades avançadas; há uma maior autonomia dentro da família, os pais interferem menos na vida dos filhos

possibilitando-lhes uma maior liberdade, o que até há algum tempo não acontecia. Os pais desistiram mesmo de pôr restrições ao comportamento dos filhos, “A democratização das relações entre pais e filhos tem o efeito de reduzir o conflito entre gerações e tem aliás diminuído a necessidade de cada jovem encontrar a sua própria autonomia saindo para fora da família.”⁴¹ (Cavalli 1997: 182). Há ainda a ter em conta que, para a generalidade das famílias da classe média, o nível educacional dos filhos é superior ao dos pais o que “ajuda a inverter o tradicional poder assimétrico entre gerações.”⁴² (Cavalli 1997: 182).

Nos países da Europa do Sul, a maior autonomia criada dentro da família é compatível com uma maior dependência dos jovens em relação aos pais enquanto meio para o seu próprio sustento, “a família preserva estas funções, como uma agência de suporte para os jovens quando estes se encontrem numa aflição ou a passar uma necessidade económica. Por exemplo, quando se pergunta aos jovens a quem eles recorreriam em caso de falta de dinheiro, a maior parte dos jovens italianos respondem que se dirigiriam aos pais, quando se fez a mesma pergunta aos alemães estes responderam que iriam em primeiro lugar ao banco.”⁴³ (Cavalli 1997: 182). Há ainda a considerar que permanecendo em casa dos pais, os jovens, com emprego ou sem ele, têm um conjunto de necessidades básicas satisfeitas e suportadas economicamente pela família. Isto permite-lhes dispor de condições financeiras para fazer gastos em bens supérfluos como presentes, viagens, alguns objectos de luxo, etc. Para manter este *standard* de vida, precisam de estar bem integrados no mercado de trabalho, auferindo uma boa remuneração e por isso para alguns jovens “Crescer significa perder alguma coisa de valor em ordem a adquirir um *status* que não é valioso, visto que requer esforço e auto-sacrifício.”⁴⁴ (Cavalli 1997: 183).

⁴¹ “The democratisation of parent child relationship has had the effect of reducing the conflict among generations and has therefore reduced the need to find one’s own autonomy by getting out of the family.” (Cavalli 1997:182).

⁴² “helps to reverse the traditional power asymmetry between generations.” (Cavalli 1997:182).

⁴³ “the family preserves its functions as an agency supporting young people in case of distress or economic need. For example, when asked to whom they would address themselves if in need of money, the majority of young Italians replied they would first ask their parents, whereas the young Germans would first go to the bank.” (Cavalli 1997:182).

⁴⁴ “To grow up means losing something valuable in order to acquire a status which is not as valuable, since it requires effort and self sacrifice.” (Cavalli 1997: 183).

Há ainda outros aspectos, também de natureza cultural, que Alessandro Cavalli (1997) no seu estudo *"The delayed entry into adulthood: is it good or bad for society?"* refere como factores que concorrem para tornar pouco atractiva a ideia da passagem para a vida adulta; por um lado, a imagem da juventude como uma fase de ouro precisamente porque há liberdade sem o custo das responsabilidades e, por outro, a percepção de que ser adulto significa "assentar"⁴⁵ (Cavalli 1997: 181).

No estudo *"Transitions to adulthood during the twentieth century. A comparative analysis of Great Britain, Italy, and Sweden"*, Antonio Schizzerotto e Mario Lucchini (2002) referem-se às duas teorias que em seu entender melhor explicam as variações da passagem para a vida adulta " Nos últimos cinquenta anos, os sociólogos construíram diversas explicações para as mudanças nos modelos da transição para a vida adulta. Contudo, o debate sociológico sobre este assunto pode ser razoavelmente simplificado, contrastando a teoria da geração, originariamente proposta por Mannheim (1952) e subsequentemente revista por Inglehart (1977) e Becker (1991), com a tese da individualização dos percursos de vida desenvolvida entre outros, por Beck (1986), Kohli (1986), Giddens (1990), Wallace e Kovatcheva (1998)."⁴⁶ (Schizzerotto e Lucchini 2002:6). Segundo a teoria da geração, os indivíduos pertencentes a uma determinada coorte nasceram num contexto histórico concreto e consequentemente estão sujeitos a condições e experiências sócio-culturais próprias desse mesmo contexto, bem como a constrangimentos e oportunidades específicas.

A teoria da individualização defende que, nas sociedades contemporâneas, as entidades tradicionais como nação, classe ou grupo profissional e mesmo as comunidades locais deixaram de exercer a influência que outrora se fazia sentir sobre a vida das pessoas. Por outro lado, houve uma alteração nos sistemas

⁴⁵ "to settle down"(Cavalli 1997: 181)

⁴⁶ "Over the last fifty years, sociologists have offered various explanations for changes in the patterns of transition to adult roles. However, the sociological debate on this subject can be reasonably simplified by contrasting the theory of generation – originally proposed by Mannheim (1952) and subsequently revised by Inglehart (1977) and Becker (1991) – with the thesis of the individualisation of life courses developes, among others, by Beck (1986), Kohli (1986), Giddens (1990), Wallace and Kovatcheva (1998)." (Schizzerotto e Lucchini 2002: 6)

de valores e normas segundo os quais as pessoas anteriormente se orientavam. Estes factos tiveram influência no modo como passaram a dar-se os diferentes acontecimentos que marcam o percurso de vida dos indivíduos e, em concreto, a transição para a vida adulta. Nas sociedades contemporâneas, os percursos de vida passaram a não ter uma sequência normalizada, não há biografias “*standard*”. A vida é muito mais fragmentada e individualmente construída. Uma definição de individualização destaca, tal como considera Beck (1994 cit. por Nilsen 1998: 60), “primeiro, a desagregação e, posteriormente, a substituição de modos de vida da sociedade industrial por outros novos, nos quais o indivíduo tem de produzir, ensaiar e agregar por si próprio a sua biografia”. Os acontecimentos que anteriormente definiam as fases da vida são agora cronologicamente reversíveis. O começo da vida activa já não tem de coincidir obrigatoriamente com o termo do contacto com o sistema educativo e um indivíduo poderá decidir interromper a sua carreira para voltar a ser estudante a tempo inteiro e, além disso, os trabalhos para toda a vida já não existem. A vida dos casais tornou-se mais instável e fruto dessa relação não aparecem obrigatoriamente os filhos, mas, por outro lado, as pessoas estão dispostas a tê-los sem que exista uma relação estável. Portanto, os acontecimentos que marcavam o percurso de uma vida já não estão linearmente ligados, nem aparecem relacionados com limites de idades precisos.

A principal discordância de Antonio Schizzerotto e Mario Lucchini, em relação à teoria da individualização, surge precisamente na questão da existência ou não dos “relógios sociais” que marcam as idades e os acontecimentos que definem as passagens para a vida adulta nas sociedades contemporâneas, “nós estamos convencidos de que na maior parte das sociedades, hoje, (...) há um acordo colectivo geral em relação tanto às idades como ao percurso das transições para a vida adulta.”⁴⁷ (Schizzerotto e Lucchini 2002: 8).

A sociedade habitualmente regula, de um modo formal ou informal, as idades em que se dão os acontecimentos que marcam precisamente as

⁴⁷ “we believe that in most of today’s societies (...) there is a general collective agreement on both the ages and courses of transitions to adulthood.” (Schizzerotto e Lucchini 2002: 8).

passagens de umas fases para outras no ciclo de vida e os aspectos decorrentes do atingir esses limites, verificando-se apenas alteração, quanto às idades em que se abandona o sistema educativo e consequentemente em que se obtém o primeiro emprego. Há um aumento da idade em que os dois acontecimentos se realizam, como consequência do aumento da formação educativa. No entanto, o adiamento na obtenção do primeiro emprego também deriva da situação criada pela estagnação económica vivida pelas sociedades ocidentais, desde os anos setenta (Schizzerotto e Lucchini 2002).

Antonio Schizzerotto e Mario Lucchini (2002) citando Erikson e Goldthorpe (1992), Shavit e Blossfeld (1993), Shavit e Muller (1998), Gallie e Paugam (2000), Bernardi (2002), referem que os dados empíricos conflituam com as asserções da teoria da individualização, “a classe, o género e a geração ainda têm um papel crucial no destino educacional, ocupacional e matrimonial dos indivíduos.”⁴⁸ (Schizzerotto e Lucchini 2002: 7).

Para Schizzerotto e Lucchini, há outras posições, precisamente as defendidas pela teoria da geração, que apresentam uma maior consistência para explicar as mudanças e características do processo da transição para a vida adulta, “De acordo com as nossas hipóteses, ficou provado que a teoria da geração está mais ajustada que a tese da individualização, para explicar as variações na trajectória para a vida adulta durante o século XX.”⁴⁹ (Schizzerotto e Lucchini 2002: 30).

No estudo *“Convergence towards diversity? Cohort dynamics in the transition to adulthood in contemporary Western Europe”*, Francesco Billari e Chris Wilson (2001) questionam as principais posições teóricas até agora defendidas, para explicar as tendências recentes segundo as quais se dão as transformações sociais e demográficas com particular repercussão no processo de passagem para a vida adulta.

⁴⁸ “class, gender and generation still play a crucial role in the educational, occupational and matrimonial destinations of individuals.” (Schizzerotto e Lucchini 2002: 7).

⁴⁹ “In accordance with our hypotheses, generation theory has proved to be sounder than the individualization thesis in explaining variations in the trajectories to adulthood during the twentieth century.” (Schizzerotto e Lucchini 2002: 30).

De acordo com Thorton (2001 cit. por Billari e Wilson 2001), há autores que interpretam as mudanças sociais segundo modelos unidireccionais, tais como os desenvolvidos pelas teorias da transição demográfica e outros que defendem a não convergência dos modelos nacionais de evolução demográfica e social.

Mayer (2001 cit. por Billari e Wilson 2001) considera que os padrões de vida estão condicionados pelas estruturas dos diferentes sistemas de *welfare* e que as instituições económicas e sociais influenciam determinantemente a resposta ao impacto da globalização. A convergência possível entre os países será a que deriva das diferentes configurações dos sistemas de *welfare*. Entre as estruturas institucionais, que têm uma particular relevância na transição para a vida adulta, contam-se o sistema educativo, a família e o mercado de trabalho.

Reher (1998 cit. por Billari e Wilson 2001) reconhece que a existência na Europa de diferentes sistemas familiares, o que é explicado por percursos históricos dissemelhantes, condicionam o processo de transição para a vida adulta; os contrastes existentes entre os sistemas familiares da Europa do Sul, onde os laços familiares são fortes, e os sistemas familiares da Europa do Norte e Ocidental, em que os laços familiares são fracos, contribuem para explicar a heterogeneidade dos processos de transição.

Como observam Francesco Billari e Chris Wilson, “o ponto mais importante a notar é que ambos, tanto o modelo da herança cultural, como a abordagem das condicionantes institucionais, implicam que a convergência não será expectável a nível nacional.”⁵⁰ (Billari e Wilson 2001: 5).

Contrasta com o pensamento dos autores acima referidos, a teoria da segunda transição demográfica que interpreta demograficamente a teoria da individualização, já anteriormente referida.

⁵⁰ “the most important point to note is that both the cultural inheritance model and the institutional constraints approach imply that convergence is not to be expected at the national level.” (Billari e Wilson 2001:5).

De acordo com a teoria da segunda transição demográfica, proposta por Lesthaeghe e Van de Kaa em 1986, os países evoluirão na mesma direcção, ou seja, terão comportamentos demográficos homogéneos, mas em cada país verificar-se-á o aumento da individualização dos percursos. Segundo aqueles autores o processo de transição é, portanto, comum a todos os países, ainda que cada um se encontre em diferentes etapas desse percurso (Billari e Wilson 2001). É neste sentido que, a propósito da situação dos países da Europa do Sul, Van de Kaa (1987 cit. por Billari e Wilson 2001: 7) afirma, "A segunda transição demográfica está atrasada, mas não há a mais pequena dúvida de que começou e que se completará."⁵¹

A teoria da segunda transição demográfica defende que a formação dos núcleos familiares regista alterações substantivas, tais como o aumento da coabitação fora do casamento, o adiamento do casamento e da parentalidade, bem como a diminuição do número de filhos.

A singularidade dos baixos valores das taxas de fecundidade dos países da Europa do Sul que estarão numa fase menos avançada do processo de transição demográfica relativamente aos outros países europeus ocidentais, particularmente os países nórdicos, conduziu, mais recentemente, ao reconhecimento pelos autores da teoria da segunda transição demográfica, da influência dos aspectos culturais e institucionais no comportamento da fecundidade (Billari e Wilson 2001).

Kholi (1986 cit. por Billari e Wilson 2001) e Buchmann (1989 cit. por Billari e Wilson 2001) defendem uma convergência entre os países no que se refere ao comportamento demográfico, mas uma acentuação da diversidade nos comportamentos individuais, dada a diminuição de quadros normativos sociais e uma maior individualização.

Francesco Billari e Chris Wilson (2001), a partir do estudo de nove países europeus, Áustria, Bélgica, Finlândia, Alemanha Ocidental, Itália, Portugal,

⁵¹ *"The second transition is late, but there is little doubt that it begun and will be completed."* (Billari e Wilson 2001: 7)

Espanha e Suécia, ou seja, países que apresentam diferentes regimes de *welfare* e afastando-se das interpretações anteriormente descritas sobre a convergência na diversidade individual, consideram que existem diferentes padrões nacionais, relativamente estáveis, quanto ao modo como se processa a transição para a vida adulta. Há uma influência do contexto cultural, mas também das estruturas institucionais, particularmente as que dizem respeito à habitação, mercado de trabalho e educação, as quais recebem também, na sua configuração, a influência das especificidades culturais e, por isso, dizem os autores “É através da construção de teorias capazes de terem em conta a permanente diversidade da experiência nacional que os demógrafos alcançarão perspectivas mais profundas acerca dos primeiros anos da vida adulta.”⁵² (Billari e Chris Wilson 2001: 15).

Uma vez apresentadas as principais teorias sobre o tema em estudo, seguem-se agora sucessivamente a Parte II e a Parte III deste trabalho, nas quais se explicarão, respectivamente, a estratégia metodológica adoptada para o mesmo e, a seguir, proceder-se-á à apresentação, análise e discussão dos dados. Estes foram obtidos a partir de entrevistas de grupo dirigidas a estudantes do ensino superior e permitiram fazer as reflexões que se apresentam em síntese no final da Parte III, bem como nas Considerações Finais. Confrontam-se, então, os resultados do estudo empírico com as posições dos diferentes autores anteriormente estudadas.

⁵² “It is through building theories capable of addressing the enduring diversity of national experience that demographers will gain deeper insights into the nature of the early adult life course.” (Billari, Chris Wilson 2001:15).

PARTE II – DESENHO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Na parte do estudo que se segue, pretende-se apresentar o desenho metodológico do trabalho empírico realizado. Explicitar-se-ão as questões que orientaram a investigação, os objectivos que se pretenderam alcançar assim como os procedimentos metodológicos adoptados.

1. Problemática. Pergunta de partida. Objectivos

O comportamento demográfico dos países ocidentais, após a Segunda Guerra Mundial, sofreu alterações substantivas, entre as quais se salientam as mudanças verificadas quanto ao comportamento da fecundidade. A partir dessa altura, em quase todos os países ocidentais passaram a verificar-se valores tão baixos das taxas de fecundidade que deixou de ser possível a renovação das gerações. Estes fenómenos foram acompanhados por modificações quanto às idades em que as mulheres passaram a ter os filhos; o nascimento do primeiro filho veio a dar-se em mães com idades compreendidas entre os vinte e cinco e os trinta ou mais anos, o que alterou a cronologia segundo a qual este acontecimento demográfico ocorria anteriormente. Estas mudanças são o reflexo de transformações sociais entre as quais emerge o adiamento do casamento, bem como novos modos de vida (Schoenmaeckers, Lodewijckx 1999), de que se destaca a maior participação da mulher no mercado de trabalho. Precisamente, parte importante do estudo sobre as alterações da fecundidade diz respeito às implicações do papel mais interventivo da mulher na actividade profissional, às aspirações profissionais das mulheres e à resposta que as políticas sociais dão perante os desafios que os novos modelos sociais propõem.

As alterações dos índices de fecundidade estão ligadas a diversos factores mas apresentam uma relação intrínseca com os fenómenos que se verificam na fase de transição para a vida adulta e às modificações que se têm registado neste processo. Decorre deste facto o interesse pelo estudo do processo de

transição para a vida adulta quando se pretende aprofundar a pesquisa sobre o comportamento da fecundidade.

Como já se referiu na Parte I deste trabalho, há um padrão geral de uma mais demorada transição para a vida adulta, particularmente nos países da Europa do Sul onde geograficamente se inclui Portugal. Nestes países verifica-se um atraso no nascimento do primeiro filho, assim como um decréscimo dos casamentos (Rydell 2002). Em simultâneo, há alterações quanto ao momento do ciclo de vida em que se dá a saída da casa dos pais, como já se viu na Parte I. A escolarização e a sua relação com o mercado de trabalho, bem como outros aspectos dos mecanismos económicos e sociais, exercem uma influência determinante nas opções de vida dos indivíduos, particularmente na fase da vida caracterizada pela procura de autonomia em relação à família de origem. São estas questões e a sua inter-relação que ocupam a presente pesquisa.

Na Parte I deste trabalho, explicitaram-se as principais posições teóricas que os autores apresentam para justificar as diferenças existentes entre os países europeus, no que diz respeito aos acontecimentos que integram o ciclo de vida dos jovens até à situação de adulto. Descreveram-se também as indicações dadas pelos diversos estudos, quanto às alterações que o processo de transição para a vida adulta sofreu, ao longo da história, e, de um modo particular, destacaram-se as notórias mudanças neste processo ocorridas nos países ocidentais, a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

Como já se afirmou anteriormente, o estudo dos acontecimentos demográficos que se dão na fase de transição para a vida adulta reveste-se de particular interesse para a compreensão das alterações que se verificam no comportamento da fecundidade; por isso, como parte integrante do projecto de investigação POCTI/DEM/59445/2004 “A Fecundidade em Portugal: uma perspectiva macro/micro económica”, aparece o presente estudo que visa perceber quais as características que configuram aquela fase da vida entre os jovens portugueses, estudantes do ensino superior. Constitui um estudo exploratório que pretende encontrar pistas para uma abordagem mais ampla do

processo de transição para a vida adulta, a desenvolver ulteriormente, através da aplicação de um inquérito por questionário, a uma amostra representativa da população em estudo o que possibilitará fazer generalizações e estabelecer um modelo de transição para a vida adulta no caso dos jovens portugueses.

No âmbito deste projecto, o presente estudo pretende abordar a problemática da transição para a vida adulta de estudantes do ensino superior em Portugal.

Estabeleceu-se uma questão de partida para o presente trabalho que segue a formulação “Como se processa a transição para a vida adulta entre os estudantes do ensino superior?”. Esta pergunta de partida desdobra-se em outras questões para as quais se tentou encontrar resposta ao longo da pesquisa: quais são as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto ao futuro após o termo do curso? Os mesmos estudantes contam empreender compromissos de natureza familiar antes ou imediatamente a seguir ao termo do curso? Que lugar ocupa a construção de um projecto familiar na arquitectura do futuro próximo daqueles jovens? Quais os principais objectivos de vida após a conclusão do curso? Que constrangimentos encontram para a concretização dos seus projectos pessoais?

Atendendo a estas questões definiram-se como objectivos gerais do trabalho:

- Conhecer as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto à fase de transição para a vida adulta.
- Compreender os mecanismos e factores que podem influenciar as tomadas de decisão em relação aos projectos de vida dos estudantes do ensino superior.
- Perceber as consequências sociais e demográficas que decorrem do modo como se processa a transição para a vida adulta.

2. Procedimentos metodológicos

2.1. Natureza do estudo

Tendo em conta os objectivos acima referidos, desenvolveu-se a pesquisa recorrendo a uma abordagem de natureza qualitativa. Realizou-se um estudo exploratório que pretendeu conhecer as reflexões dos estudantes do ensino superior sobre a construção dos respectivos percursos de vida. Optou-se por uma perspectiva qualitativa já que se pretendeu conhecer o significado que os estudantes dão ao processo, como referem Bogdan e Biklen “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.” (Bogdan e Biklen 1994: 50). É essencial nesta perspectiva “olhar” e “escutar” a realidade e indagar “os pontos de vista subjectivos” (Friedberg 1995: 302) estes são “solicitados e pesquisados pelo investigador. Só a este preço, ele poderá reconstruir e compreender do interior a lógica própria das situações tal como ela é percebida e vivida pelos interessados, com todos os dados implícitos que estes integram nas suas condutas, muitas vezes sem disso se aperceberem completamente.” (Friedberg 1995: 302). Os dados qualitativos exprimem na primeira pessoa as avaliações que os sujeitos fazem sobre as suas próprias experiências, sentimentos, perspectivas e opiniões acerca de determinado assunto (Merriam 1998, Creswell 2007). Decorrente deste facto, a metodologia qualitativa sustentada por entrevistas de grupo semi-estruturadas foi a escolhida para desenvolver um estudo exploratório, descritivo e interpretativo do processo da transição para a vida adulta a partir do posicionamento dos próprios actores.

Não se conceberam situações experimentais para testar hipóteses, mas procurou-se antes, e seguindo uma lógica indutiva, chegar a um esquema de inteligibilidade do objecto de estudo, através da análise dos dados recolhidos “Este trabalho indutivo, o vaivém constante entre as hipóteses de partida, a recolha e tratamento dos dados são particularmente importantes quando se encara a análise qualitativa numa lógica exploratória, como um meio de descoberta (...) e não tanto numa óptica de verificação ou de teste de uma

teoria ou de hipóteses pré-existentes.” (Maroy 1997: 117). De facto, o procedimento indutivo parte da observação do terreno, possibilitando a sugestão de pistas de investigação originais. Na sua base “encontra-se uma pesquisa exploratória, fase aberta na qual o investigador se situa como um verdadeiro explorador, se familiariza com uma situação ou um fenómeno e tenta descrevê-las e analisá-las.” (Maroy 1997: 97). Neste mesmo sentido, afirmam Bogdan e Biklen (1994), “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva. Não recolhem os dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.” (Bogdan e Biklen 1994: 49).

Não se pretendeu demonstrar teorias já existentes, mas chegar, a partir da análise dos dados recolhidos, ao conhecimento do objecto de estudo “as próprias questões chave apoiam-se na investigação de campo. Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objecto de estudo, a direcção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar tempo com os sujeitos. (...) Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes.” (Bogdan e Biklen 1994: 50).

Este tipo de análise pretende “reconstituir pela interpretação, o significado visado pelos actores em situação, (...) desvendar os sentidos de uma situação ou de uma acção, a fim de explicar posteriormente as suas causas ou efeitos.” (Maroy 1997: 121).

2.2. Processo de recolha de dados

2.2.1 As entrevistas – sua pertinência

Uma vez esclarecida a estratégia metodológica da pesquisa, apresentam-se de seguida as técnicas de recolha de dados.

Tendo em conta que as “técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela actividade de pesquisa” (Almeida e Madureira 1990: 78), a recolha de dados de opinião realizou-se aplicando a técnica de entrevista junto dos grupos de estudantes que constituíram a amostra, amostra de conveniência, como adiante se referirá.

Constituindo a entrevista “um método de recolha de informação no sentido mais rico da expressão” (Quivy e Van Campenhoudt 1998: 192) que apresenta vantagens quanto ao “grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos.” (Quivy e Van Campenhout 1998: 194) e, por outro lado, sendo a entrevista “um método de recolha de informação que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente visando obter informação sobre factos ou representações.” (De Ketele e Rogiers, 1996) considerou-se que este seria, de facto, o método ou técnica mais adequado para a pesquisa a realizar. Acresce que “A flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais.” (Quivy e Van Campenhout 1998: 194) fizeram que se preferisse esta técnica como aquela que era particularmente indicada para o tipo de estudo que se queria realizar e para a concretização dos objectivos que tinham sido determinados para a investigação.

De facto, e de acordo com Quivy e Van Campenhout (1998), para pesquisas cujos objectivos digam respeito à “análise de sentido que os actores dão às suas práticas e os acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc.” (Quivy e Van Campenhout 1998: 193), o método ou técnica de entrevista revela-se ajustado e potencialmente revelador da informação pretendida, como referem Quivy e Van Campenhout “Nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interacção humana. Correctamente

valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (Quivy e Van Campenhout 1998: 191).

Pretendeu-se ouvir os estudantes a falar na primeira pessoa, reflectir em conjunto com os colegas sobre os projectos, expectativas e receios que têm quanto à construção dos respectivos projectos de vida e daí a opção pela técnica de entrevista enquanto esta se realiza para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam o mundo.” (Bogdan e Biklen 1994: 143).

Optou-se por fazer entrevistas de grupo com o intuito de se conseguir, através da troca de opiniões entre os diferentes elementos do grupo, desenvolver um processo de descoberta, exploração e comparação de dados muito útil para a pesquisa em que transpareceram as interpretações que os entrevistados deram a alguns tópicos, “Numa conversa de grupo viva, os participantes farão o trabalho de exploração e descoberta para si.”⁵³ (Morgan 1998: 12 *focus group kit 1*)

A entrevista de grupo é um método de pesquisa que procura, através de discussões colectivas livres em torno de determinadas questões propostas por um orientador, alcançar os objectivos do estudo a que este se propôs (Markova 2003). Não se trata portanto de discussões espontâneas, mas de troca de impressões em condições de interacção não rígidas, com uma finalidade determinada, ou seja, são examinadas questões que são “focalizadas”⁵⁴ (Markova 2003: 225). Precisamente, uma das importantes aportações dada pela pesquisa utilizando o *focus group* é a resultante da interacção de ideias entre os elementos do grupo (Mertens 1998).

⁵³ “In a lively group conversation, the participants will do the work of exploration and discovery for you.” (Morgan 1998:12)

⁵⁴ “focalisées” (Markova 2003: 225)

A entrevista de grupo é, tal como a entrevista individual, um método de recolha de dados baseado na comunicação verbal que pode usar a técnica de entrevista não directiva junto de um grupo de pessoas que são interpeladas sobre um determinado assunto “O grupo de discussão (*focus group*) é uma técnica que recorre à entrevista de grupo para recolher os dados.”⁵⁵ (Mayer 2000: 124)

Na entrevista de grupo, os respondentes não intervêm isoladamente, como nas entrevistas individuais, e isso contribui para fornecer ao investigador indutivamente ideias e posições de vários respondentes que estão a ser entrevistados simultaneamente. Trata-se portanto de um processo dinâmico de recolha de dados, resultante da interacção entre várias pessoas (Hesse-Biber 2006). Uma entrevista de grupo fornece dados não equivalentes portanto à soma de várias entrevistas individuais (Hesse-Biber 2006). A situação vivida pelo grupo é única, pode dizer-se que constitui um “*happening*” (Hesse-Biber 2006: 198) e, conseqüentemente, não é replicável; os respondentes não estão apenas a corresponder às perguntas feitas por um entrevistador, mas estão também a responder a cada um dos elementos do grupo como um todo, numa situação concreta; este facto permite captar os consensos e a diversidade existente entre os elementos do grupo acerca do que se está a tratar naquela circunstância (Hesse-Biber 2006, Morgan 1998 *focus group kit 1*). Por este tipo de dinâmica, Markova designa um *focus group* como “a sociedade pensante em miniatura”⁵⁶ (Markova 2003: 231).

Considerou-se que a entrevista de grupo, enquanto estratégia de pesquisa e técnica para a recolha de dados (Mertens 1998, Mayer 2000), era adequada para atingir os objectivos propostos já que desenvolve mecanismos de interacção entre os elementos do grupo susceptíveis de confrontar pontos de vista e desenvolver pistas para o conhecimento das questões, a partir da comunicação gerada entre os actores em presença (Morgan 1998 *focus group kit 1*). Seguindo Donna Mertens (1998), procurou-se usar a entrevista de grupo

⁵⁵ “Le groupe de discussion (*focus group*) est une technique qui recourt à entrevue de groupe pour recueillir les données” (Mayer 2000: 124)

⁵⁶ “la société pensante en miniature” (Markova 2003: 231)

como estratégia de pesquisa, considerando-a adequada para compreender a perspectiva que os indivíduos têm sobre um problema. Precisamente, os mecanismos de interacção desenvolvidos na entrevista de grupo representam uma das vantagens deste método (Mertens 1998), num estudo exploratório em que se pretendia perscrutar as opiniões dos estudantes sobre os respectivos projectos, perplexidades e constrangimentos sentidos na construção do futuro, e, seguindo Markova, os *focus groups* constituem um método adequado para responder à pergunta “como é que a sociedade pensa?”⁵⁷ (Markova 2003: 124).

Foram escolhidos grupos de estudantes a frequentar diferentes cursos, pretendendo-se, desta forma, obter informação diversificada, pelo menos naquilo que poderia ser reflexo de saídas profissionais diferentes e analisar as consequências daí decorrentes, no que concerne à construção dos percursos de vida; precisamente, as entrevistas feitas a estes estudantes permitiram “multiplicar os testemunhos de actores que, de um ponto de vista formal, se encontram em situações diferentes e deveriam portanto ter uma visão diferente da realidade (...) e multiplicar (...) as entrevistas com actores que, segundo os mesmos critérios, estão em situações senão idênticas, pelo menos muito semelhantes e que por isso deveriam ter uma percepção comparável da realidade” (Friedberg 1995: 310)

As entrevistas podem variar segundo o seu grau de estruturação entre dois pólos extremos, a entrevista não estruturada e a entrevista estruturada (Afonso 2005, Bogdan e Biklen 1994). No caso presente, seguiu-se uma linha “semi-estruturada” (Bogdan e Biklen 1994) ou como designam Giglione e Mantalon (1993) “semi-directiva”, o que permitiu colocar questões, para as quais foi proporcionada aos entrevistados a possibilidade de poderem escolher todo e qualquer caminho para as respectivas respostas, exigindo-se apenas ao investigador que reencaminhasse “a entrevista para os objectivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e da forma tão natural

⁵⁷ “comment la société pense-t-elle?” (Markova 2003: 124)

quanto possível.” (Quivy e Van Campenhout 1998: 193). Seguindo Hesse-Biber (2006), nas entrevistas de grupo com este tipo de orientação, facilita-se a interacção entre os participantes, a troca de ideias e o debate, principal contributo desta estratégia de pesquisa e de recolha de dados.

2.2.2 Preparação e desenvolvimento das entrevistas

Tal como já se referiu, a partir da revisão da literatura reconheceram-se os temas que deveriam ser abordados nas entrevistas, para realizar uma pesquisa sobre a transição para a vida adulta. Com base nesse conhecimento, elaborou-se o guião das entrevistas (Anexo III) organizado em torno dos seguintes assuntos:

- Planos para o futuro – procurou-se obter informação de uma forma global sobre os diferentes aspectos que para os jovens entrevistados estavam contidos na construção dos respectivos projectos de vida;
- Saída da casa dos pais – pretendeu-se chegar à informação sobre a altura em que se dá a saída da casa dos pais e os principais obstáculos que existem para a sua concretização;
- Formação e emprego – procurou-se-se perceber as aspirações relativas ao itinerário formativo e as principais questões que eram levantadas quanto ao percurso profissional;
- Projectos quanto ao casamento/união e formação da família – tentou-se compreender quais as opções, motivações e sistemas de valores que estavam presentes nas tomadas de decisão relativas à construção de um projecto familiar.

As perguntas dirigidas aos alunos sobre cada um destes blocos não obedeceram a uma formulação rígida, já que esta resultou em muitos casos da maneira como os próprios intervenientes organizaram e exprimiram o seu pensamento, sendo essa a preocupação do investigador, como acontece em qualquer entrevista de grupo, ouvir e aprender com o grupo. No entanto, procurou-se que fossem abordados os tópicos que se consideraram

importantes a propósito de cada um dos temas, sendo esse precisamente o objectivo das entrevistas de grupo, tentar criar uma conversa em torno de alguns tópicos escolhidos (Morgan 1998 *focus group kit* 1). Donna Martens (1998) sugere que o número de perguntas a serem feitas ao grupo deve ser inferior a dez, habitualmente entre cinco a seis. Esta foi a orientação seguida na elaboração do guião, reconhecendo-se, através da experiência colhida a partir do encontro com cada grupo, que aquele número foi o adequado para reunir informação sobre os assuntos propostos nas discussões; um número superior tornaria as entrevistas particularmente cansativas e, por esse mesmo facto, com pouco resultado, convertendo-se, além disso, numa tarefa pouco entusiasmante e mesmo fastidiosa para todos os participantes.

O guião das entrevistas, que se encontra no Anexo III, foi constituído por cinco questões (Hesse-Biber 2006), "Habitualmente as entrevistas *focus group* incluem menos de dez perguntas e muitas vezes têm cerca de 5 ou 6 no total."⁵⁸ (Mertens 1998: 321). Procurou-se que as perguntas fossem claras, facilmente perceptíveis pelos estudantes, breves e expressas de um modo coloquial (Krueger, King 1998 *focus group kit* 5).

As entrevistas foram marcadas pela investigadora que, através de docentes dos diferentes cursos, procurou conhecer alguns estudantes, os quais, em cada curso, reuniram o grupo de colegas que viriam a disponibilizar-se para a realização das mesmas entrevistas. Em alguns casos, foi feita uma exposição oral a turmas inteiras acerca do que se pretendia com a pesquisa, tendo sido feito de seguida um convite à participação nas entrevistas.

Os *focus groups* realizaram-se em Maio de 2005 (quatro grupos) e em Abril/Maio de 2006 (dois grupos), tendo decorrido nas instalações da Universidade de Évora (Colégio do Espírito Santo e Colégio Verney). Os espaços de realização das entrevistas foram obtidos a partir de diligências feitas pela investigadora, junto de diversos serviços, que para o efeito, facultaram a utilização de diferentes salas, de acordo com o mapa de ocupação

⁵⁸ "Usually, focus group interviews include less than 10 questions and often around 5 or 6 total." (Mertens 1998: 321)

das mesmas. As entrevistas foram por isso realizadas em local isolado, em condições de silêncio que proporcionaram gravações áudio de qualidade satisfatória. As gravações e as transcrições das entrevistas foram realizadas pela investigadora, de que resultaram seis protocolos num total de cento e doze páginas. Inclui-se um protocolo, a título de exemplo, no Anexo V. Cada uma das entrevistas teve em média a duração de 1h 30m, já que as entrevistas de grupo deverão durar entre 1h30 a 2h (Hesse-Biber 2006), e ocorreram em horas diversas de acordo com as disponibilidades dos estudantes.

Não houve, em relação a nenhum dos grupos, qualquer dificuldade quanto ao cumprimento do horário combinado.

No início de todos os encontros, a investigadora disse quem era e deu a conhecer os objectivos das entrevistas e da pesquisa em que as mesmas se enquadravam. Seguidamente, os elementos do grupo apresentaram-se e indicaram a idade e o ano do curso em que se encontravam.

As entrevistas iniciaram-se com uma pergunta aberta que deu oportunidade a cada participante de falar e de criar uma comunicação fácil entre todos os elementos do grupo. Intencionalmente, em primeiro lugar foram abordadas as questões mais gerais para se chegar às mais específicas (Mertens 1998, Krueger 1998 *focus group kit 3*), no entanto, esta sequência foi orientada pela própria dinâmica do grupo. Em entrevistas desta natureza, a pergunta aberta inicial tem como finalidade “quebrar o gelo”, encorajar as primeiras intervenções e habitualmente não se pretende obter informação através desta pergunta (Krueger 1998 *focus group kit 3*). No caso das entrevistas feitas a cada um dos grupos, a pergunta inicial “Quais são as vossas expectativas, os vossos projectos para o futuro?” demonstrou corresponder ao que se pretendia. Através dela, os elementos de cada grupo iniciaram com facilidade as suas intervenções, mas também transmitiram informação que se revelou pertinente para o estudo.

Na condução das entrevistas, esteve sempre presente o cuidado de dar oportunidade aos entrevistados de organizarem o seu pensamento e de

escolherem o rumo das respostas de um modo livre, uma vez que o entrevistador “no caso das entrevistas de grupo (...) limitará as suas intervenções”⁵⁹ (Mayer 2000: 123) para que os participantes tenham oportunidade de manifestar o seu acordo ou desacordo com o que se está a dizer; este facto, conduziu em repetidos momentos ao confronto de ideias, desenvolvendo-se, por essa via, aquilo que se poderá designar por um processo de triangulação das respostas. Pelo clima aberto em que se desenrolaram as entrevistas, a mesma questão gerou nos diferentes grupos encaminhamentos do discurso diferentes, o que originou, em alguns casos, um desenvolvimento mais pronunciado das temáticas relacionadas com a vida profissional, enquanto que, em outros, sobressaíram as questões ligadas à formação da família. Neste âmbito, houve grupos que desenvolveram mais os aspectos ligados ao casamento e outros, as questões respeitantes às condições para o nascimento dos filhos, assim como factos relacionados com a educação dos mesmos.

No início de cada entrevista, foi indicado ao grupo a finalidade da mesma e foi feita a legitimação da entrevista através da garantia da confidencialidade e anonimato, bem como o pedido de autorização para gravação áudio.

Os alunos que participaram nos *focus groups* mostraram-se colaborantes e, na generalidade, fizeram questão de manifestar, no final da respectiva entrevista, o seu agrado por terem podido reflectir sobre os assuntos tratados.

Realizaram-se seis entrevistas de grupo a estudantes pertencentes a licenciaturas diferentes e obtiveram-se dados comparáveis entre si, tal como se pretendia, seguindo Bogdan e Biklen “Nas entrevistas semi-estruturadas, fica-se com a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos.” (Bogdan e Biklen 1994: 135). As entrevistas sucederam-se até ao momento em que se verificou não haver informação relevante obtida através da indagação de novos grupos.

⁵⁹ “dans le cas de l’entrevue de groupe (...) il limitera ses interventions.” (Mayer 2000: 123)

Em pesquisas sustentadas pela estratégia do *focus group*, o número de grupos a abordar depende da diversidade e complexidade dos assuntos a tratar, no entanto, para a maior parte dos projectos, requerem-se três a cinco grupos (Morgan 1998 *focus group kit 2*). Como é razoável, à medida que se sucedem as entrevistas certamente que serão acrescentados novos dados e a partir do momento em que os grupos se tornam repetitivos, isso quer dizer que se atingiu a “saturação teórica”⁶⁰ (Morgan 1998: 78 *focus group kit 2*) e por isso não se verifica nenhuma vantagem em continuar a repetir as entrevistas (Morgan 1998 *focus group kit 2*). No caso do presente estudo, precisamente a partir do sexto grupo entrevistado, verificou-se que não havia informação relevante a acrescentar, registando-se uma repetição relativamente ao já evidenciado nos grupos anteriores. Por este facto, considerou-se não ser necessário aumentar o número de *focus groups*, para além de seis.

2.3. Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por seis grupos de estudantes, como já se frisou anteriormente; cada grupo era composto por estudantes que se encontravam a frequentar uma das seguintes licenciaturas: Arquitectura Paisagista, Artes Visuais, Engenharia Informática, Gestão, Química e Bioquímica, Sociologia. Os representantes dos cursos de Química e Bioquímica constituíram livremente um único grupo, o que é explicável pelo facto de os alunos de cada uma destas licenciaturas fazerem parte do seu percurso académico conjuntamente, frequentando as mesmas disciplinas.

O número de elementos dos grupos esteve compreendido entre cinco e nove alunos, tal como Ivana Markova (2003) sugere, os *focus groups* devem ser compostos por quatro a doze pessoas. Procurou-se que a composição numérica dos grupos permitisse uma discussão viva e o facto de cada grupo ter como participantes alunos do mesmo curso criou uma base de características e interesses comuns, o que facilitou o decurso da entrevista, a possibilidade de se estabelecer a comunicação desejada e a possibilidade de comparar

⁶⁰ “*theoretical saturation*” (Morgan 1998: 78 *focus group kit 2*)

perspectivas (Morgan 1998 *focus group kit 2*). Calcular a composição do grupo “significa colocar em confronto, por um lado, a possibilidade de ter pessoas suficientes para gerar uma discussão e, por outro lado, a possibilidade de ter participantes a mais que dificultam e prejudicam essa mesma discussão. Os grupos entre seis e dez elementos respondem, normalmente, a estas condições, no entanto, há situações em que um grupo, mais pequeno ou maior, conduz a um maior sucesso.” (Almeida 2000: 10).

Procurou-se que, nos elementos dos grupos, se observassem situações particulares comparáveis, isto é, que a composição dos grupos fosse homogénea de acordo com alguns critérios de que se destacam a situação profissional (estudantes universitários), a idade (entre os dezanove e os vinte e seis anos), a frequência da mesma Universidade, o que acarreta ter residência no mesmo local, pelo menos temporariamente. A heterogeneidade dos grupos pode ser procurada atendendo às características da pesquisa em questão, pelo contrário, no caso vertente, pretendia-se recolher informação sobre o processo de transição para a vida adulta junto de um conjunto específico de jovens, que fossem estudantes do ensino superior.

Pelos objectivos da pesquisa seguiu-se o critério de indagar os estudantes do sexo feminino e do sexo masculino, uma vez que poderia ser importante perceber e confrontar as respectivas posições.

O facto de os alunos em cada grupo se terem voluntariado e serem colegas entre si, foi considerado vantajoso já que o conhecimento mútuo também facilita a abordagem de algumas questões que pela sua natureza são mais delicadas (Markova 2003). Seguindo Hesse-Biber (2006), os grupos homogéneos contribuem também para fazer fluir a conversa com maior facilidade, tornando o encontro mais agradável entre participantes que têm alguma coisa em comum.

A amostra escolhida não pretendeu ser uma amostra representativa da população dos estudantes do ensino superior, correspondeu antes a uma amostra de conveniência, tendo sido abordados os alunos que para o efeito se

mostraram disponíveis, facto que se tentou conjugar com alguns requisitos. Assim, procurou-se preferencialmente contactar os alunos que se encontravam a frequentar os anos mais adiantados das licenciaturas, ou seja, o 3º ou 4º ou 5º anos e pertencentes a cursos diferentes. Há dois cursos em que os alunos entrevistados não pertencem exclusivamente aos anos mais adiantados das respectivas licenciaturas. Deste modo, no caso do curso de Sociologia, foram entrevistados estudantes do 2º ano e, no caso do curso de Química e Bioquímica, a composição quanto ao ano do curso em frequência é diversificada, já que existem alunos a frequentar três anos diferentes.

A escolha preferencial por estudantes a frequentar os anos mais adiantados do curso deveu-se ao facto de se querer indagar as opiniões de jovens que se encontravam numa fase da vida mais perto do termo da situação de estudante a tempo inteiro e com o horizonte próximo de iniciar a vida profissional. A opção por estudantes de cursos diferentes deveu-se à circunstância de se ter colocado a possibilidade de se poder chegar a estabelecer algumas ilações entre os posicionamentos dos entrevistados e o facto de estarem a frequentar licenciaturas diferentes com saídas profissionais também diversas “Do ponto de vista do investigador, a composição de cada grupo é tão importante como a composição de todos os grupos. Desta forma, muitas vezes torna-se necessário variar a composição de grupo para grupo. Estas variações na composição dos grupos permitem ao investigador, por um lado, facilitar a dinâmica dentro de cada grupo, e por outro, criar uma oportunidade de comparação entre grupos.” (Almeida 2000: 9).

A escolha de estudantes da Universidade de Évora deve-se a motivos de conveniência, uma vez que estava mais ao alcance da investigadora fazer incidir a sua observação sobre esta população, a qual, por seu turno, não tinha qualquer ligação de natureza pessoal ou profissional com a mesma.

Caracterização dos diferentes grupos que compuseram a amostra:

- O grupo do curso de Arquitectura Paisagista foi constituído por seis estudantes (um aluno e cinco alunas) do último ano da licenciatura, ou seja o

quinto ano, com idades compreendidas entre os vinte e dois e os vinte e seis anos de idade;

- O grupo da licenciatura em Artes Visuais, que se desenvolve ao longo de quatro anos, foi constituído por oito estudantes (dois alunos e quatro alunas) de idades compreendidas entre os vinte e um e os vinte e quatro anos de idade, que se encontravam a frequentar o terceiro ou o quarto ano;

- O grupo dos estudantes da licenciatura em Engenharia Informática, com uma estrutura curricular que se desenvolve ao longo de quatro anos, foi constituído por oito estudantes (seis alunos e duas alunas) que se encontravam a frequentar o terceiro ano, com idades compreendidas entre os vinte e os vinte e três anos;

- O grupo dos estudantes (três alunos e seis alunas) do curso de Gestão foi constituído por quatro estudantes do terceiro ano e por cinco estudantes do quarto ano, com idades compreendidas entre os vinte e os vinte e cinco anos (a estrutura curricular deste curso desenvolve-se ao longo de quatro anos);

- O grupo de estudantes (três alunos e duas alunas) do curso de Química e Bioquímica foi constituído por um aluno do primeiro ano, por um aluno do segundo ano e por três alunos do quarto ano (a estrutura curricular desta licenciatura é constituída por quatro anos), com idades compreendidas entre os dezanove e os vinte e um anos;

- O grupo dos alunos da licenciatura em Sociologia foi constituído por sete alunas do segundo ano, com idades compreendidas entre os dezanove e os vinte e quatro anos.

2.4. O processo da análise dos dados

Tal como já se referiu, foram feitas seis entrevistas de grupo, sendo todas gravadas em suporte magnético e posteriormente transcritas; procedeu-se depois à análise das mesmas, para o que foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, a qual “na investigação social (...) oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade, como por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco directivas.” (Quivy e Campenhoudt 1998: 227). Foi utilizada a análise de conteúdo concebida como “Um conjunto de técnicas de análise das

comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin 2000: 42).

A análise do discurso foi exaustiva procurando-se fazer emergir todas as ideias que tivessem relação com o objecto de estudo, considerando a natureza exploratória do trabalho e a possibilidade das mesmas constituírem pistas para o prosseguimento da investigação.

Inicialmente, fez-se uma tentativa de apreensão total dos textos transcritos, segundo um procedimento a que Bardin (2000) designa por “leitura flutuante”, visando uma “apreensão sincrética das suas características e avaliação das possibilidades de análise” (Estrela 1984: 467). Cada entrevista constitui a unidade de contexto. Esta opção prende-se com o facto de a entrevista ter um carácter semi-estruturado.

Após o primeiro contacto com os documentos a analisar, foi possível determinar a orientação a dar à análise. De acordo com o conhecimento adquirido sobre os textos, procedeu-se à identificação das unidades de sentido através da análise temática que é “eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas)” (Bardin 2000: 153). As entrevistas foram recortadas em torno de cada “tema” (Bardin 2000: 105) encontrado.

Passou-se depois à categorização de todo o material recolhido, seguindo-se deste modo a recomendação de Christian Maroy (1997), “O esquema geral de análise (...) é elaborado e derivado dos materiais. As classes ou categorias e as suas relações são sugeridas ou descobertas indutivamente a partir dos dados. O trabalho é (...) inovador, na medida em que o analista tem de descobrir as categorias pertinentes a partir das quais é possível descrever e compreender a realidade observada” (Maroy 1997: 120). A análise por categorias consiste em proceder a “operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.” (Bardin 2000: 153).

Neste sentido, individualizaram-se as unidades de registo, devidamente codificadas (ver Matriz, Anexo IV), que apresentaram maior relação com o objecto de estudo e agruparam-se segundo o significado comum. Seguindo Marie-Christine D' Unrug (1974 cit. Estrela 1984: 467), consideraram-se como unidades de registo “uma afirmação, uma declaração, um juízo (ou uma interrogação ou negação), em suma, uma frase ou um elemento da frase que, tal como a proposição lógica, estabelece uma relação entre dois ou mais termos. É em princípio uma unidade que se basta a ela própria.” Para cada conjunto de unidades de registo foi definido um indicador, entendido neste trabalho, como uma frase síntese do investigador para representar, expressar ou referir mensagens com sentido idêntico, tal como entende Jorge Vala (1986). Assim, os indicadores foram agrupados segundo um denominador comum, permitindo identificar as categorias e subcategorias, seguindo o que refere Albano Estrela “Cada categoria é definida operacionalmente pelos seus indicadores, a cujo levantamento se deve proceder exaustivamente.” (Estrela 1984:467). Deste modo, a categorização consiste na reunião dos indicadores em categorias e, estas, de acordo com Laurence Bardin, correspondem a “rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns desses elementos” (Bardin 2000: 117).

As categorias foram estabelecidas segundo critérios de exclusividade, ou seja, cada unidade de registo foi integrada numa só categoria; de exaustividade, dado que toda informação constante das entrevistas foi sujeita a codificação; de homogeneidade, pelo que a organização do material foi feita segundo um único princípio de classificação, de objectividade, adequação e pertinência, atendendo à problemática e aos objectivos do estudo (Bardin 2000). A consolidação da lista ou grelha das categorias pressupõe a sua organização segundo níveis de abrangência e de dimensão, obtendo-se desse modo categorias mais amplas e outras mais específicas, ou seja, categorias e subcategorias; de acordo com Strauss (1987 cit. Afonso 2005: 121), o desenvolvimento de categorias de significação consiste em “fazer distinções donde resultam dimensões e subdimensões”

Para além da extracção do sentido dos indicadores, procedeu-se também a uma contagem das frequências dos mesmos no intuito de explicitar o grau de incidência segundo o qual determinada ideia aparece nas entrevistas e, a partir dessa frequência, relevar a importância de um indicador no conjunto de dados recolhidos para o estudo da transição para a vida adulta. Seguiu-se, deste modo, o que a este propósito indica Jorge Vala “A análise de ocorrências visa determinar o interesse da fonte por diferentes objectos ou conteúdos. A hipótese implícita é a de que quanto maior for o interesse do emissor por um dado objecto maior será a frequência de ocorrência, no discurso, dos indicadores relativos a esse objecto” (Vala 1986: 118).

Também se procedeu à contagem de frequências dos sujeitos para explicitar se um determinado indicador foi referido apenas por um sujeito ou por vários e, a partir da frequência, poder relacionar as semelhanças de posição dos entrevistados relativamente aos diferentes indicadores.

Procurou-se ainda aferir com outros “analistas” a adequação das categorias e a pertinência dos indicadores encontrados, com o intuito de considerar na análise “as concordâncias e as divergências” (Estrela 1984: 468) manifestadas para obter desta forma um maior controlo de validade e de fidelidade.

Uma vez explicitados os procedimentos metodológicos adoptados na pesquisa, segue-se a apresentação, análise e discussão dos dados obtidos a partir da estratégia e técnicas de recolha e análise utilizadas e que ao longo da Parte II do trabalho se descreveram.

PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente capítulo pretende-se apresentar e analisar os dados obtidos no presente estudo que procura dar resposta à pergunta de partida desta investigação, ou seja, conhecer o modo como se processa a transição para a vida adulta entre os estudantes do ensino superior. Para esse efeito serão analisados os resultados obtidos através das entrevistas de grupo, a seu tempo realizadas.

Os estudantes do ensino superior encontram-se numa fase do percurso formativo que visa a preparação para o desempenho de compromissos e realizações profissionais específicas e, para a generalidade dos alunos, isto é, para aqueles que chegaram à frequência do ensino superior a partir do regime geral de acesso, é a partir do momento em que acabam os cursos que se delineiam outros projectos e surgem outros acontecimentos que, no seu conjunto, caracterizam habitualmente a vida de um adulto. Entre estes aspectos, destacam-se as alterações no modo de viver as relações interpessoais de índole familiar; habitualmente, há modificações quanto à dedicação de tempo e habitação relativamente à família de origem e é nesta fase que genericamente cada um cria um novo núcleo familiar, qualquer que seja o modelo que para tal tenha sido adoptado.

Os dados recolhidos através das entrevistas permitem conhecer as reflexões, os projectos, as opiniões, de seis grupos de estudantes de diferentes cursos, quanto a temas como a saída da casa dos pais, questões ligadas à formação e ao emprego e à constituição da família, os quais são considerados por Sgritta (2001), Schizzerotto e Lucchinni (2002) componentes chave do processo de transição para a vida adulta.

Através da análise de conteúdo do discurso dos entrevistados e tentando satisfazer os objectivos da pesquisa em curso, procurar-se-á compreender os mecanismos e factores que podem influenciar as tomadas de decisão em relação aos projectos de vida dos estudantes do ensino superior; conhecer as

expectativas que os estudantes têm quanto à fase de passagem para a vida adulta, tentando apreender os diferentes cenários que aparecem no desenhar do futuro; também, e numa lógica de relacionamento dos dados, procurar-se-á perceber e assinalar, concretamente no capítulo das Considerações Finais, as consequências sociais e demográficas que decorrem do modo como se processa a transição para a vida adulta. Sempre que a análise o justifique, far-se-á referência à posição que os autores tomaram sobre aspectos focados a propósito do objecto de estudo.

A análise do material recolhido, através das entrevistas realizadas, permitiu estabelecer uma grelha de categorização organizada em torno de quatro grandes temas – planos para o futuro, saída da casa dos pais, formação e emprego, constituição da família. Cada um dos temas foi subdividido em categorias e subcategorias, como já se referiu. Este conjunto de temas conseguiu reunir as asserções expressas pelos entrevistados que pareceram ter maior interesse para atingir os objectivos do trabalho.

Através do tema - planos para o futuro - , obteve-se informação relevante sobre distintos aspectos, desde os projectos profissionais até aos de âmbito familiar e também se reuniram dados sobre as motivações determinantes das grandes opções para a construção do projecto de vida. Considerou-se este tema na análise, já que o mesmo tornou possível detectar a sequência das diferentes etapas que poderão vir a observar-se na construção dos percursos de vida dos estudantes entrevistados.

A partir das respostas relacionadas com o tema - saída da casa dos pais – conseguiu-se perceber a importância que este marco tem no desenrolar do ciclo de vida e quais são os pressupostos equacionados pelos estudantes para a tomada de decisão relativamente à saída da casa dos pais.

O tema - formação e emprego - reúne um grande número de unidades de registo e é possível detectar as expectativas e também os receios que os estudantes do ensino superior manifestaram em relação ao mercado de trabalho e as respectivas consequências na passagem para uma situação de

independência familiar em todos os aspectos da vida, incluindo o da não necessidade de suporte financeiro por parte dos pais.

O tema – constituição da família – reúne informação sobre o modo como os estudantes encaram o casamento/união, as questões relacionadas com o nascimento e a educação dos filhos. Os indicadores que integram este tema permitem perceber quais são os factores de ordem económica, social e cultural, determinantes nas problemáticas levantadas, quanto à constituição da família e ao comportamento da fecundidade. Com os dados recolhidos neste tema, também é possível perspectivar o tipo de valoração que os entrevistados fazem sobre o casamento e a família e como os projectam no âmbito pessoal.

A Grelha da análise de conteúdo encontra-se no Anexo I e o Quadro sintético da análise de conteúdo, que regista a frequência dos sujeitos e dos indicadores, encontra-se no Anexo II.

Apresenta-se na página seguinte um quadro resumo contendo os temas, as categorias e as subcategorias que foram encontrados.

Depois da apresentação do quadro resumo, descreve-se detalhadamente o modo como está constituído cada um dos temas, ou seja, quais as categorias e subcategorias que neles estão contidas. Dentro de cada tema, apresenta-se também a análise do discurso dos entrevistados, por categorias.

Quadro 9 – Quadro resumo da análise de conteúdo

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Planos para o futuro	Planos relativos à formação e ao emprego	Conclusão dos estudos de formação inicial
		Início da actividade profissional
		Frequência de formação avançada
		Actividade profissional no estrangeiro
		Actividade profissional relacionada com a investigação
	Planos de natureza familiar	Constituição da família
	Planos relacionados com a construção da autonomia	Independência da família
Saída da casa dos pais	Factores ou condicionantes	Questões de ordem económica e social
		Aspectos relacionais e psicológicos
Formação e emprego	Critérios de selecção do trabalho	Possibilidade de realização pessoal
		Tipo de actividade
		Localização do trabalho
	Estratégias para a obtenção de emprego	De natureza profissional
		De natureza pessoal
	Expectativas quanto à obtenção de emprego	Dificuldades ao nível da inserção
		Dificuldades ao nível da remuneração
		Diversidade de oferta de emprego
	Consequências dos percursos formativos	Ao nível do mercado de trabalho
		Ao nível da constituição da família
Constituição da família	Perspectivas/ concepções	Sobre o casamento
		Sobre o alargamento da família
		Sobre a educação dos filhos
	Condicionantes	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira
		Factores de ordem económica
		Factores de ordem social

TEMA – Planos para o futuro

Em - Planos para o futuro - , as unidades de registo permitiram constituir três categorias, ou seja, três grandes blocos que agrupam os objectivos de vida mais imediatos desenhados pelos entrevistados, os quais têm relação com o acabar a formação inicial e conseguir trabalho/ emprego, com o desencadear dos mecanismos tendentes à obtenção da autonomia, em relação à família de origem e com a constituição da família. Este tema é constituído por três categorias as quais integram no conjunto seis subcategorias que a seguir se destacam:

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
➤ Planos relativos à formação e ao emprego	<ul style="list-style-type: none">▪ Conclusão dos estudos de formação inicial▪ Início da actividade profissional▪ Frequência de formação avançada▪ Actividade profissional no estrangeiro▪ Actividade profissional relacionada com a investigação
➤ Planos de natureza familiar	▪ Constituição da família
➤ Planos relacionados com a construção da autonomia	▪ Independência da família

CATEGORIA – Planos relativos à formação e ao emprego

No discurso dos entrevistados, ressaltam quatro ambições que constituíram as subcategorias já anteriormente explicitadas e que são: conclusão dos estudos de formação inicial, início da actividade profissional, ter actividade profissional no estrangeiro e desenvolver actividade profissional relacionada com a investigação.

Na subcategoria – Início da actividade profissional – estão contidas as ideias relativas à orientação que os actores manifestaram ter para a fase a seguir ao termo do curso. Diversas afirmações, transmitidas dezasseis vezes, por treze dos entrevistados, sugerem que é objectivo principal dos estudantes conseguir um trabalho, ao que muitos juntaram a qualidade de estável.

Várias intervenções ocorridas durante as discussões dos diferentes grupos manifestaram claramente que essa preocupação é prioritária para estes estudantes. A título de exemplo, refira-se algumas afirmações, como a de uma aluna do curso de Arquitectura Paisagista:

“Eu acho que o nosso objectivo será para cada um de nós tentarmos arranjar emprego e seguir em frente”,

ou a de um aluno do grupo de Química e Bioquímica que após a finalização do curso pretende:

“Depois, arranjar trabalho estável”,

e de outro aluno, este do curso de Gestão:

“Basta os nossos depoimentos. Nós colocámos o primeiro objectivo foi quê? Arranjar emprego, foi atingir a nossa estabilidade”

assim como de outra aluna, também do curso de Gestão:

“Caso consiga acabar o curso para o ano, espero que sim, primeiro que tudo gostaria de arranjar um emprego que fosse minimamente estável”

Em dois dos entrevistados, reflecte-se também o desejo de tornar útil, o mais rapidamente possível, o investimento feito pelos pais durante a formação no ensino superior, o que para estes estudantes significa conseguir um trabalho remunerado. Assim um dos sujeitos, pertencente ao grupo do curso de Gestão, diz:

“O meu principal objectivo a curto prazo é mesmo acabar o curso, [sair da casa dos pais], rentabilizar o investimento que eles fizeram. Eu venho de muito longe e sai caro a eles todos os meses estar a pagar propinas, casa e tudo.”

Outro sujeito de Engenharia Informática observa também:

“A Universidade é um grande investimento e a pessoa o que quer é pôr esse dinheiro a render.”

Há um aluno do curso de Gestão que especifica o que para ele quer dizer neste momento, ter estabilidade em relação ao trabalho:

“Quando nós nos referimos à estabilidade é, no fundo, fugir um bocadinho ao desemprego, essa era a maior estabilidade, era não cair nesse fosso.”

Nesta parte do discurso, este sujeito identifica estabilidade com a ausência de desemprego. Vê-se contudo, ao longo da análise, que este conceito de estabilidade fica circunscrito para o mesmo sujeito, a uma fase primeira da vida profissional. Na continuidade da vida profissional, a qualidade do trabalho estável tem um significado diferente, não é apenas ter emprego mas conseguir um lugar cimeiro na carreira, é este o sentido que a sua intervenção deixou transparecer:

“A minha perspectiva em termos de família, no fundo, era só quando conseguisse ter aquela estabilidade, ou seja, no fundo, quando chegasse ao topo, manter-me minimamente no topo e não ter essa perspectiva de poder cair, digamos assim.”

No discurso dos entrevistados, o objectivo de obter emprego aparece várias vezes associado ao qualificativo de estável, como já se fez notar. Esta ideia de estabilidade evidencia-se em momentos distintos das entrevistas, facto que será salientado à medida que a análise dos outros temas e das respectivas

categorias vier a ser feita. Conseguir a estabilidade profissional e como consequência dela, a estabilidade financeira, é objectivo claro dos jovens entrevistados para a fase da vida a iniciar, após a conclusão da formação inicial.

Face aos planos e expectativas, que os estudantes manifestaram quanto ao emprego e a propósito de conseguir a estabilidade financeira, procurar-se-á confrontar as respostas dadas relativamente à situação do mercado de trabalho e as estratégias que irão adoptar para dar seguimento aos projectos de vida que cada um pretende construir.

Na subcategoria – Conclusão dos estudos de formação inicial - , considerou-se ainda, como já se disse, um indicador – Importância do curso para a formação da personalidade, pelo facto de o mesmo suscitar uma perspectiva singular entre as opiniões expressas durante as discussões dos diferentes grupos. Uma aluna do curso de Artes Visuais estabelece uma relação entre o facto de se acabar o curso com aspectos da vida pessoal, como a formação do carácter e o nível de satisfação pessoal, os quais poderão ter repercussão em aspectos emocionais determinantes para o exercício da maternidade, assim refere:

“Acontece, hoje, e eu acho que isso é positivo, o facto de as pessoas terem o seu curso, porque é um factor que vai contribuir muito para a construção do carácter da pessoa e a pessoa ao sentir que já cumpriu aquele objectivo da vida, isso transmite e dá uma solidez e uma força a nível de carácter, que depois também se pode verificar nestas questões, que são diferentes, que são emocionais, mas que lá está, a pessoa sente com outro tipo de maturidade e com outro tipo de capacidade para resolver os assuntos [assuntos decorrentes da maternidade] que vão aparecendo.”

Parece ser prioritário, para a generalidade dos entrevistados, conseguir colocação no mercado de trabalho, mais do que a continuidade da formação após a obtenção da licenciatura. Assim, não há nenhuma afirmação que reflecta a intenção de continuar os estudos independentemente de conseguir ou não

trabalho. Os que pretendem continuar a formação dizem pretender fazê-lo em simultâneo com a actividade profissional. Diz um estudante do grupo de Química e Bioquímica:

“Os mestrados normalmente funcionam ao sábado, por isso, é possível conciliar o trabalho e o mestrado.”

Também uma aluna do curso de Sociologia afirma no mesmo sentido:

“Eu também penso tirar o mestrado mas já quando estiver a trabalhar”.

Quem põe a possibilidade de continuar a formação avançada, como actividade exclusiva, salienta que isso dever-se-á apenas ao facto de não ter conseguido arranjar emprego, assim uma aluna do grupo de Química e Bioquímica refere:

“Também depende se aparece logo o primeiro emprego na área ou não. Se não aparecer um primeiro emprego, investe-se nos estudos, continua-se para o mestrado na esperança de conseguir um emprego depois a seguir, já mais elevado.”

O desejo de iniciar a actividade profissional aparece também ligado à ausência de qualquer experiência profissional anterior ou simultânea ao período de formação académica. Isso fica evidenciado através daquilo que a propósito da formação é referido por uma aluna do curso de Gestão:

“E o mestrado e o doutoramento é uma coisa que eu penso mesmo, a longo prazo, só depois de ter alguma experiência profissional e quando digo alguma, digo, sei lá, cinco, dez anos de experiência, para depois então iniciar, porque acho que é muito importante, porque eu só sei estudar, nunca fiz mais nada, se vou acabar o curso e continuar a estudar, sei lá... gostava de experimentar o outro lado, o lado do trabalho e poder aplicar essa experiência a um mestrado ou a um doutoramento.”

Entre os entrevistados do curso de Química e Bioquímica, há dois que referem o desejo de trabalhar no estrangeiro. O mesmo acontece a um estudante do curso de Arquitectura Paisagista. Este acrescenta ainda que gostaria de fazê-lo, após ter adquirido dois ou três anos de experiência profissional, em Portugal. Os motivos, que os estudantes apontam para essa ambição ligam-se, por um lado, à possibilidade de haver uma melhor remuneração do trabalho e, por outro, ao desejo de viver novas experiências de carácter profissional.

Os estudantes do grupo de Química e Bioquímica manifestam o desejo de desenvolver actividades de investigação, constituindo esta possibilidade uma saída profissional desejada. É de notar que um dos sujeitos deste mesmo grupo acrescenta ainda a dificuldade esperada para poder concretizar essa possibilidade no nosso país e é nesse sentido que afirma:

“Na nossa área, no nosso país, a investigação está pouco desenvolvida, comparada com outros países da Europa, para nós é uma barreira que é complicado.”

Para estes estudantes, a dificuldade em alcançar este objectivo surge como um contratempo a enfrentar, relativamente à aplicação profissional da formação adquirida e, por isso, a construção de um projecto pessoal, na sua dimensão profissional, poderá não ser concretizada segundo as aspirações inicialmente pensadas.

CATEGORIA – Planos de natureza familiar

A categoria – Planos de natureza familiar – contém uma só subcategoria – Constituição da família - e agrupa indicadores que reflectem o lugar que a constituição da família ocupa no delinear dos projectos de vida dos entrevistados e, de um modo particular a idade que apontam para o casamento.

Nesta subcategoria, os indicadores -Constituir família não imediatamente após o termo do curso – Constituição da família como projecto não prioritário –

Casar após alcançar a estabilidade - permitem concluir que, para o conjunto dos alunos entrevistados, a constituição da família não ocorrerá imediatamente a seguir à finalização do curso e, por causas diversas, será adiada até à idade e o momento julgados oportunos, de acordo com os critérios de organização do projecto de vida que serão adoptados pelos sujeitos. Destaca-se à partida a questão de conseguir emprego e se possível estável. Ver-se-á, na parte deste trabalho em que se analisa o tema – Constituição da família -, todos os aspectos referidos pelos entrevistados, que permitem evidenciar as linhas de força presentes na concretização deste acontecimento.

Dos entrevistados, três referem não pretender constituir família imediatamente após o termo do curso e cinco referem que a constituição da família não é um projecto prioritário, é neste sentido que um sujeito do curso de Gestão diz:

“(...) o objectivo a curto, médio prazo, em relação a constituir família não está propriamente nos meus horizontes.”

Nove sujeitos de cursos diferentes deram indicação, ao longo das entrevistas, sobre a idade em que pretendiam casar. Alguns sujeitos apontam como idade possível para o casamento, a que derivará da soma de três ou quatro anos à idade do termo do curso, o que apontará para os vinte e seis ou vinte e sete anos. Há porém outros sujeitos que dilatam a idade de ocorrência deste acontecimento. Assim um aluno do curso de Gestão afirma:

“Não vou dizer que a partir dos trinta e falando um bocadinho já à frente, falando dos trinta, não digo que não possa vir a casar, ter filhos, constituir família.”

Também uma aluna do curso de Sociologia salienta,

“Até porque eu disse que penso casar só por volta dos trinta.”

O valor indicado para 2004 pelo INE, relativamente à idade média do casamento das mulheres em Portugal, foi de 28,5 anos e para os homens de

28,6. É de salientar que os alunos (homens) que se referiram à idade em que pretendiam casar, nunca referenciaram uma idade inferior a trinta anos. Genericamente as alunas apontaram para idades inferiores, entre os vinte e cinco e os vinte e oito anos.

Em suma, poderá prever-se que os sujeitos não assumirão compromissos familiares imediatamente a seguir à conclusão das licenciaturas, afastando-se por isso, neste aspecto, do comportamento que, na generalidade, terá sido seguido por gerações anteriores. Vem a propósito recordar a comparação que Karin Wall (2001) estabelece entre os jovens actuais e a geração dos pais concluindo que aqueles, face aos constrangimentos actuais do mercado de trabalho, terão maior dificuldade em observar as normas sociais conducentes à adopção das sequências habituais do percurso da vida até à fase adulta que tipicamente consistem em acabar os estudos, arranjar um emprego, ter uma relação conjugal estável, tornar-se pai ou mãe.

O indicador – Número de filhos esperado – dá informação sobre o número de filhos que alguns dos sujeitos entrevistados gostariam de ter. Há catorze, em quarenta e três sujeitos, que se pronunciaram sobre esta questão. Dois sujeitos indicam que gostariam de ter quatro filhos; quatro afirmam querer ter três filhos; dois dos entrevistados gostariam de ter entre dois a três filhos; um dos sujeitos refere que gostaria de ter no mínimo dois filhos; outro sujeito afirma que quer ter dois; outro não gostaria de ter mais de dois; duas das alunas entrevistadas dizem, ainda, não querer ter apenas um filho. Por se considerar com interesse, recolhem-se a seguir algumas das respostas dadas pelos sujeitos à pergunta sobre o número de filhos que gostariam de ter; através das respostas citadas e da codificação adoptada, é possível verificar o posicionamento de estudantes do sexo feminino e do sexo masculino⁶¹

Diferentes alunos do curso de Artes Visuais dizem:

Ba - “ *Quatro. Sou de uma família grande.*”

⁶¹ Cada unidade de registo é antecedida por um código de letras, a primeira corresponde ao entrevistado e a segunda especifica se o mesmo é do sexo feminino (a) ou do sexo masculino (z).

Aa - *“Quatro e até para tratarem uns dos outros. Quando se chega ao terceiro ou ao quarto, já nem se trata, é o mais velho.”*

Ea - *“Não me ia imaginar numa família com um único filho. A minha mãe tem onze irmãos. O meu pai tem nove. Não conseguia de certeza.”*

Ga - *“Eu sou filha única e a minha família é pequena. Acho que ia gostar, não sei, de ter dois ou três filhos, talvez.”*

Ca - *“Eu acho que isto depende das vivências de cada um. Gostaria de ter dois. Não queria ter assim muitos, mas um só, não.”*

Fz - *“Na minha família somos dois, eu tenho uma irmã. Isso depende muito das vivências das pessoas. É claro que há sempre aqueles irmãos, filhos únicos, que querem ter uma família grande porque sempre foram únicos, mas também há o contrário. Eu acho que só um não tem graça.”*

Do curso de Gestão vários alunos afirmam:

Ea - *“Eu gostava de ter no mínimo dois, mas gostaria de chegar aos três.”*

Ha - *“Eu quero ter três.”*

Aa - *“No mínimo dois, três. Eu mesmo, mesmo gostava de ter três.”*

Da - *“Eu gostava de ter três.”*

Fa - *“No mínimo dois.”*

Ga - *“Dois.”*

Cz - *“Eu mais que dois não.”*

Face à mesma pergunta, um aluno do curso de Gestão dá a seguinte resposta:

Bz - “Eu acho que para mim, venham os que vierem, não me importo, não quero estipular um número tipo limite, é os que vierem.”

Estas mensagens dos entrevistados dão a entender que os mesmos gostariam de ter um número mais elevado de filhos que os valores registados para o índice sintético de fecundidade em Portugal nos últimos anos (1,4 em 2005, segundo dados do INE). Esta posição dos estudantes sugere um estudo comparativo mais amplo quanto ao número de filhos que os jovens, antes de acabar o curso, gostariam de ter e aquilo que efectivamente acontecerá após alguns anos de terminarem os cursos e de terem constituído família.

CATEGORIA – Planos relacionados com a construção da autonomia

A categoria – Planos relacionados com a construção da autonomia contém uma subcategoria – Independência da família. Nesta subcategoria, encontram-se integrados seis indicadores: Emprego que permita alguma autonomia mesmo sem abandono da casa dos pais, Independência anterior ao casamento, Independência desligada do casamento, Independência depois de acabar o curso, Local de residência longe da família por desejo de independência, Independência da família após conseguir a estabilidade.

A independência surge no discurso dos entrevistados como um objectivo a atingir. Porém, a forma de concretizar a independência não é sempre a mesma para todos os entrevistados.

Assim, para seis dos entrevistados, a independência não tem ligação com o casamento, mas sim com a possibilidade de comprar casa ou de ter casa própria. É neste sentido que um dos alunos do curso de Gestão afirma:

“(...) quero ver se arranjo dinheiro para comprar a minha casinha e acho que não penso em casar-me tão depressa.”

Também uma aluna do curso de Sociologia refere:

“Se não quiser casar, saio da casa dos pais, tenho a minha própria casa.”

Outra aluna do curso de Sociologia indica a sua preferência por uma vida organizada independente dos pais, também no que diz respeito à habitação, antes de casar. Esta ideia fica expressa através da mensagem que transmitiu:

“Até porque eu disse que penso casar só por volta dos trinta e penso sair de casa antes.”

Já se viu anteriormente que, para alguns dos sujeitos, a ideia de independência está ligada à circunstância de conseguir ter casa própria; no entanto, há um sujeito do curso de Gestão que pretende conseguir emprego para ter alguma autonomia, mas o objectivo imediato não será sair da casa dos pais. Para um sujeito do curso de Gestão, o objectivo de ser independente e consequentemente sair da casa dos pais aparecerá ligado à circunstância de ter conseguido a estabilidade profissional, tal como o próprio assinala:

“(...) depois como primeiro objectivo, digamos assim, após a estabilidade, tentar sair da casa dos pais. Acho que é no fundo sair do ninho, digamos assim, e ganhar a minha autonomia de certa forma.”

Há dois sujeitos que afirmam explicitamente não tencionar voltar para casa dos pais, após o termo do curso. Trata-se de duas estudantes do curso de Arquitectura Paisagista, uma com os pais a residir em Lisboa e outra com os pais a residir no Alentejo.

Através do discurso dos sujeitos, começam a esboçar-se as condições para a autonomia que são, para muitos, ter emprego e que o mesmo seja estável.

Quando se analisarem os dados referentes ao tema – saída da casa dos pais –, algumas das posições descritas dentro desta categoria serão desenvolvidas, resultando daí uma visão mais completa acerca das atitudes dos entrevistados, face à possibilidade de independência em relação aos pais e também dos

condicionalismos que podem estar presentes no mesmo processo de independência.

Um estudo de Clarissa Kugelberg (1998), a que se fará referência mais adiante, a propósito da discussão de outros temas em análise, reflecte o modo como um grupo de jovens suecos perspectiva as suas vidas futuras, no plano profissional e familiar. Através deste trabalho, pode constatar-se que estes jovens têm objectivos imediatos ao termo dos cursos que não são totalmente convergentes com os referidos pelos jovens portugueses entrevistados. Se, por um lado, tanto no discurso dos estudantes portugueses como no dos estudantes suecos, aparece a preocupação por alcançar uma estabilidade do ponto de vista financeiro, por outro, há um desejo manifesto de “viver a vida” que não emerge nas discussões mantidas entre os jovens portugueses. Assim, Clarissa Kugelberg (1998: 45) observa “Predominou nas entrevistas a ideia de que há uma vida para viver antes de assentar, mas a situação real obriga os jovens a assumirem compromissos e a adaptarem-se à situação do mercado de trabalho, pelo que a situação material é referida como sendo a base essencial para a vida que se pretende. Contudo, ter filhos simboliza uma vida já estabelecida, que muitos querem adiar, uma vez que as obrigações familiares são vistas como um obstáculo para “viver a vida”.

Poderá dizer-se a partir da análise do tema – Planos para o futuro –, que a generalidade dos sujeitos entrevistados tem como objectivo de vida imediato conseguir um emprego não precário, ou seja, adquirir condições de vida seguras do ponto de vista financeiro e seguidamente desenvolver uma união conjugal estável para que, uma vez estabilizada a situação profissional, possam vir a ter filhos.

TEMA – Saída da casa dos pais

O acontecimento - Saída da casa dos pais - é considerado, por diferentes autores (Sgritta 2001, Billari, Philipov, Baizán 2001), como um dos marcos importantes do processo de transição para a vida adulta. As diversas circunstâncias e fenómenos que estão ligados à concretização daquele facto, na vida dos jovens, têm particular interesse para o estudo dos acontecimentos com consequências demográficas que acompanham esta fase da vida.

No discurso dos sujeitos entrevistados, ao tratar das questões inerentes à saída da casa dos pais, foi possível obter um conjunto de informações acerca dos aspectos que têm maior relevância na determinação do momento em que se dá a saída da casa dos pais e do modo como os entrevistados vêem e projectam a independência em relação à família de origem.

O tema – Saída da casa dos pais – é constituído por uma categoria e duas subcategorias que a seguir se indicam:

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
➤ Factores ou condicionantes	▪ Questões de ordem económica e social ▪ Aspectos relacionais e psicológicos

CATEGORIA – Factores e condicionantes

Na categoria – Factores e condicionantes –, foram agrupados dois conjuntos de unidades de registo; um diz respeito aos aspectos de ordem económica e social e o outro reúne as afirmações que, a partir de aspectos de carácter relacional e psicológico, exprimem as opiniões dos actores acerca do tema – Saída da casa dos pais. As duas subcategorias constituídas reflectem os dois aspectos da análise do discurso dos sujeitos.

Na subcategoria – Questões de ordem económica e social —, foram considerados oito indicadores que apresentam uma estreita conexão entre si, todos dizem respeito a aspectos de carácter financeiro e profissional com repercussão na estabilidade das condições de vida. Enunciam-se de seguida os indicadores encontrados nesta subcategoria: Capacidade de auto-sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais; Acabar os cursos tardiamente e não ter emprego como causas dos adiamentos na saída da casa dos pais; Precariedade do primeiro emprego; Desencontro entre os pais e os filhos quanto à saída da casa dos pais; Saída da casa dos pais ligada às condições financeiras para comprar a casa e casar; Adiamento das responsabilidades como causa da saída tardia da casa dos pais; Saída da casa dos pais não condicionada pelo trabalho; Saída da casa dos pais ligada ao casamento.

Durante as discussões mantidas dentro de cada um dos grupos, emergiu a ideia de que a capacidade estável de auto-sustento é uma condição indispensável para que possa dar-se a saída da casa dos pais. Cerca de um quarto dos entrevistados a isso se referiram dezassete vezes. As mensagens dadas pelos diferentes actores em relação a esta questão transmitem os diversos aspectos, que, segundo o entender dos mesmos, possibilitam ou dificultam a efectivação da saída da casa dos pais. A capacidade de auto-sustento aparece associada ao facto de se ter emprego e a isso aludiu uma aluna do curso de Sociologia:

“Uma pessoa sem emprego não vai sair da casa dos pais.”

Relacionado com esta questão, há ainda a considerar o facto de se ter ou não atingido uma situação profissional que permita cobrir os respectivos gastos pessoais, por isso, outra aluna do curso de Sociologia salienta:

“Se não continuava a ser a mesma coisa, tipo, nós fora de casa e os pais a continuarem a pagar-nos a renda da casa, como quando estávamos na Universidade, não valia a pena.”

Há seis sujeitos de três cursos diferentes que referem o facto de não haver estabilidade como causa para a saída tardia da casa dos pais. Esta estabilidade nas condições de vida tem, para muitos dos entrevistados, um conteúdo, significa a capacidade de comprar casa e garantir o sustento de uma família, é o que diz uma aluna do curso de Engenharia Informática:

“Sem estabilidade, os jovens saem cada vez mais tarde de casa porque é cada vez mais difícil ter uma estabilidade para ter uma casa, ter uma família, seja o que for mais cedo.”

Esta unidade de registo dá informação também sobre o atraso que a saída da casa dos pais sofre e o motivo pelo qual, no entender desta aluna, ocorre esse facto. No discurso de outros, a estabilidade aparece especificamente ligada ao emprego e à situação financeira. É o que refere uma aluna do grupo de Química e Bioquímica:

“Se bem que há ainda aquela fase que ele falou que temos que estar em casa dos pais para arranjar estabilidade, para arranjar emprego, para depois poder sair.”

E diz também outro sujeito do curso de Engenharia Informática:

“Vamos voltar ao mesmo. É necessária estabilidade financeira para o resto da nossa vida. Quanto mais tarde tivermos estabilidade financeira, mais tarde vamos sair da casa dos nossos pais”

Alguns sujeitos, ao manifestarem os condicionalismos que segundo o seu entender podem afectar a concretização da saída da casa dos pais, destacam a precariedade dos empregos. Segundo os entrevistados, a precariedade dos contratos não permite a saída da casa dos pais. Diz a este propósito um sujeito do curso de Engenharia Informática:

“Depois de conseguir o primeiro emprego, isso não significa poder sair logo.”

É de salientar que, através das afirmações de aproximadamente um quarto dos sujeitos, poderá depreender-se que eles pensam vir a contar com o suporte financeiro dos pais no início da vida profissional, ou seja, após o termo do curso, tal como o refere uma das alunas entrevistadas do curso de Sociologia:

“Nós, quando entramos no mercado de trabalho, acho que não nos importamos muito com a questão do ordenado, quer dizer, nós ainda estamos na casa dos pais, eles vão ajudando.”

Neste mesmo sentido, refere ainda uma outra aluna do curso de Arquitectura Paisagista:

“(...) nos primeiros anos, uma pessoa tem de mentalizar-se, nos primeiros, um, dois anos e até se ter um emprego realmente fixo, os pais vão continuar a dar dinheiro e vão continuar a ajudar. Mas eu não queria estar tão dependente deles economicamente, tanto mais por eles que acho já tiveram tempo suficiente...”

Também outra aluna do curso de Arquitectura Paisagista reflecte no seu discurso, para além dos condicionalismos e dificuldades que surgem no início da vida profissional, a atitude dos pais face a essa realidade, que se manifesta na ajuda que eles se dispõem a dar-lhe no começo da vida profissional, diz então:

“Ainda há pouco falei disso com a minha mãe, “Se calhar vou precisar da vossa ajuda no início” “Está calada, se precisares claro que te ajudamos”. O meu objectivo era mesmo ficar independente, já bastaram os anos em que uma pessoa aqui está. Parecendo que não é um investimento muito grande.”

Há no entanto um entrevistado do curso de Engenharia Informática que deixa transparecer um possível desencontro entre pais e filhos quanto ao momento da saída da casa dos pais; para os pais bastaria que os filhos alcançassem o

primeiro emprego, enquanto que para os filhos, tal facto não se revela suficiente. De acordo com esta ideia, opina:

“Se esta historinha fosse feita pelos nossos pais se calhar eles diziam logo “Depois do primeiro emprego era bom sair da casa dos pais”. Para nós isso não é possível.”

Independentemente de quaisquer factores de ordem financeira e profissional, salienta-se a posição de quatro dos entrevistados, de dois cursos diferentes, para os quais a saída da casa dos pais aparece ligada ao casamento. De facto, estes sujeitos manifestaram claramente a sua determinação em deixar a casa dos pais só quando casarem. É neste sentido que uma estudante do curso de Sociologia salienta:

“Sairei só para casar.”

E outra colega do mesmo curso comenta também:

“Eu no meu caso estou a pensar sair da casa dos meus pais porque em princípio vou casar, fazemos planos para isso.”

Nas mensagens transmitidas nos diferentes grupos, cuja análise se tem estado a desenvolver, às explicações de ordem financeira não propiciadoras de independência em relação à família de origem, os entrevistados acrescentaram também a duração das licenciaturas como factor retardador da saída da casa dos pais. Há no entanto informação sobre outras causas que têm a ver com a atitude dos jovens face à possibilidade de adquirir todas as responsabilidades inerentes à vida de adulto, como sejam as que dizem respeito à manutenção de casa própria. Dois indicadores recolhem estes dados: Adiamento das responsabilidades como causa da saída tardia da casa dos pais e o outro - Saída da casa dos pais não condicionada pelo trabalho.

Há cinco entrevistados que estabelecem uma ligação entre a saída tardia da casa dos pais e o adiamento em assumir encargos financeiros decorrentes da

posse de habitação própria; neste caso, as despesas com os gastos da casa e de alimentação deixam de estar cobertos pelos pais e mesmo as tarefas inerentes à manutenção da casa exigem de cada um uma responsabilização e desempenho pessoais. Face a esta realidade, afirmam que o adiamento da saída da casa dos pais surge como uma possibilidade mais cómoda, é o que a este propósito refere uma aluna do curso de Gestão:

“Ter uma casa significa pagar a luz, pagar a casa...Porque é assim, ter uma casa implica contas, fazer a comida, arrumar a casa e quer dizer trabalhar, porque à partida para sustentarmos uma casa implica termos de ter um trabalho. Então estar no trabalho e ainda ir para casa fazer isso tudo, se tivermos em casa dos pais eles fazem isso tudo.”

Na mesma linha de interpretação afirma uma estudante, do grupo de Química e Bioquímica:

“Acaba por ser. Não ter de pagar a renda. Não pagar a alimentação. Não fazem o trabalho em casa, se calhar fazem menos.”

A este propósito são esclarecedoras afirmações como a que foi feita por outra entrevistada do curso de Gestão:

“Acho que há muitas pessoas que adiam as responsabilidades. Não digo que seja o caso das pessoas que estão aqui, mas sinceramente acho que as pessoas cada vez adiam mais as responsabilidades.”

Segundo a opinião expressa por alguns dos entrevistados, o facto de se ter trabalho pode não acarretar só por si, e como uma consequência, a saída da casa dos pais. De acordo com este parecer, um dos sujeitos pertencente ao grupo de Química e Bioquímica salienta:

“Mas também conheço muitos casos em que as pessoas têm trabalho estável e continuam a viver em casa dos pais.”

Também uma aluna do grupo de Química e Bioquímica anota:

"Eu tenho um primo que tem um trabalho estável e continua em casa dos pais."

Dando continuidade à análise que se tem vindo a fazer acerca da informação contida na categoria – Factores e condicionantes –, interessa considerar agora o conteúdo das mensagens incluídas na subcategoria – Aspectos relacionais e psicológicos. Aparecem então dados que reflectem duas posições diferentes dos entrevistados. Há actores que reflectem um bom relacionamento e uma ligação afectiva forte aos pais, outros referem a possibilidade de conflito entre a independência que desejam e o facto de estarem a viver na casa dos pais. Entre os primeiros, encontram-se aqueles que tendencialmente adiarão a saída da casa dos pais, mesmo que, para o efeito, tenham condições de vida suficientes. É manifesta uma forte ligação ao ambiente familiar e o deixar a casa da família de origem só surgirá ou pelo casamento, ou por circunstâncias profissionais incontornáveis, como seja, ter emprego em local distinto da habitação dos pais. É neste sentido que uma aluna do curso de Sociologia afirma:

"Eu já não penso assim. Tenho casa comprada (...), completamente pronta para habitar e eu continuo a ir para casa dos meus pais. Vou lá, estive lá três meses nas férias de Verão e nem sequer entrei. Continuo a querer ir para casa e acho que só saio da casa do meu pai e da minha mãe quando for para trabalhar fora de lá. Casar também não está nos meus planos, nem tenho namorado. Só se, por exemplo, viesse trabalhar para fora, gostava de ir trabalhar para Lisboa ou para o Porto, ou assim, só aí nessa altura é que sairia de casa deles e tenho casa lá à porta. Moro três ruas abaixo da casa deles."

Salienta-se, na posição deste sujeito, que a mudança de residência só surgirá se a localização do trabalho profissional assim o exigir. A mesma entrevistada manifesta ainda a necessidade pessoal que tem de viver no seio do ambiente familiar e por isso diz:

“Não me vejo sem aquele carinho, sem aquele calor, sem o meu gato...”

Há ainda outra aluna de Sociologia que exprime bem esta relação afectiva forte com os pais, quando aborda a possibilidade de sair da casa dos pais:

“(...) mas eu sou um bocado apegada aos meus pais, não sairia de um momento para o outro.”

Relacionada com a mesma ideia de forte ligação afectiva com os pais, parece estar a mensagem expressa por uma estudante do curso de Artes Visuais que afirma desejar a independência, mas manter a proximidade ao local de residência dos pais:

“Eu gostava de ter a minha própria casa, mas gostava de na mesma ter os pais perto, quero uma independência, mas ao mesmo tempo, proximidade com eles.”

Um dos sujeitos do grupo de Química e Bioquímica salienta, por seu turno, o desejo que os pais têm de manter os filhos em casa, é neste sentido que afirma:

“Por exemplo, eu tenho sete irmãos, pela minha mãe estávamos todos lá em casa, nenhum de nós tinha saído de casa.”

Há também quem admita ter uma menor possibilidade de levar os amigos para casa, do que na situação de habitação própria, mas isso não constitui motivo suficiente para sair da casa dos pais, já que existe uma boa convivência com os mesmos.

Assinala-se, no entanto, que quatro estudantes, na discussão mantida a propósito da questão da saída da casa dos pais, salientaram a possibilidade de haver algum conflito entre a autonomia e o facto de continuarem a viver em casa dos pais. Estes estudantes manifestaram por diversas vezes (10) a existência de algumas restrições a uma ampla autonomia, mas consideraram o

facto como algo normal, pelo respeito devido aos pais, já que estão “no território deles”.

No conjunto de respostas dadas na categoria em análise – Factores ou condicionantes – encontra-se informação relevante que vai ao encontro da pergunta de partida que orientou o presente estudo – Como se processa a transição para a vida adulta entre os estudantes do ensino superior?

Poderá dizer-se que os sujeitos, embora manifestando desejo de sair da casa dos pais, imediatamente a seguir à conclusão dos estudos, só o farão, caso consigam emprego e desde que o mesmo se revista de alguma estabilidade, para serem auto-suficientes do ponto de vista financeiro e que isso lhes proporcione a possibilidade de comprar casa por um lado e de constituir família por outro. Também se deduz que contam com a ajuda dos pais até terem as condições de vida desejadas, e para a generalidade dos entrevistados os pais aceitam também assegurar o sustento dos filhos, enquanto não haja as garantias de um salário com características razoáveis que permita uma certa estabilidade de vida.

Constata-se, por conseguinte, que os resultados da pesquisa são concordantes com aquilo que acontece nos países europeus em que os laços familiares são mais fortes, onde se verifica uma tendência para a saída mais tardia da casa dos pais, constituindo a família o suporte para o sustento, particularmente nos casos em que as dificuldades proporcionadas pela situação do mercado de trabalho são maiores. Tal como acontece em outros países da Europa do Sul, a solidariedade familiar tem assegurado a satisfação das necessidades materiais dos jovens (Schizzerotto 2001).

O facto de os estudantes acabarem os cursos tardiamente aparece também referido em paralelo com a ausência de emprego, como causa para o adiamento na saída da casa dos pais.

As opiniões expressas pelos sujeitos vão ao encontro da posição defendida por

Joachin Vogel (2001) segundo a qual, face à situação do mercado de trabalho e no caso em que se verifica a existência de tradições familiares no sentido do suporte, a saída mais tardia da casa dos pais é o mecanismo de resposta encontrado pelos jovens. Antonio Schizzerotto (2001) salienta que a solidariedade familiar existente nos países da Europa do Sul tem constituído um factor de coesão social e evitado fracturas propulsionadoras de convulsões sociais, no panorama precário e escasso do mercado de trabalho actualmente à disposição dos jovens. Alguns acontecimentos recentes de contestação dos jovens, em países como a França, e ainda que se devam ter em linha de conta outras questões de natureza social e cultural e não apenas a questão laboral, poderão corroborar o pensamento do autor italiano.

É de salientar que algumas respostas parecem indicar que a saída da casa dos pais não está apenas ligada à estabilidade profissional dos filhos, já que não se dá, mesmo naquelas circunstâncias em que os filhos já têm emprego e possibilidades de se tornarem independentes.

Poder-se-á pensar que, para alguns dos jovens adultos que já têm condições de vida com uma certa estabilidade, o abandono da casa dos pais poderá dar-se eventualmente quando casarem.

Tanto Maria Iacouvou (2000) como Alessandro Cavalli (1997) estabelecem uma diferença entre os países da Europa do Norte e os países da Europa do Sul, quanto ao momento e motivo segundo os quais se dá a saída da casa da família. Para estes autores, os jovens dos países da Europa do Sul casam mais tarde e genericamente deixam a casa dos pais para casar, enquanto que nos países da Europa do Norte, os jovens deixam a casa dos pais mais cedo e adquirem uma residência independente, sem que isso tenha relação com o casamento.

Causas relacionais e de ordem afectiva, para além de causas institucionais, poderão ser tidas em linha de conta para explicar estas diferenças de comportamento o que foi assinalado quando se analisaram os dados contidos na subcategoria – Aspectos relacionais e psicológicos.

Como já se disse, o discurso dos sujeitos manifesta também os fortes laços que os ligam ao ambiente familiar e genericamente a ausência de conflito entre a independência desejada e o relacionamento com os pais. A este propósito, Alessandro Cavalli (1997) estabelece uma ligação entre a saída tardia da casa dos pais e as transformações culturais operadas nas relações intra-familiares. De acordo com este autor, verifica-se que os jovens gozam de uma maior autonomia dentro da família, podendo organizar a sua própria vida com uma margem de independência grande, o que lhes retira a necessidade de abandonar a casa da família de origem para desenvolver um tipo de vida de acordo com as suas próprias escolhas. Esta menor interferência dos pais na vida dos filhos possibilita-lhes uma ampla liberdade, o que anteriormente não acontecia e diminui um eventual conflito entre gerações. Assim, este novo modo de relacionamento contribui para que a saída da casa dos pais não seja algo tão desejado como o era pelas gerações antecedentes.

Já se evidenciou anteriormente que a saída de casa da família de origem pode também ser desejada pelos pais. Aparecem portanto diferentes posições que exigirão um estudo mais amplo em que deverão também ser consideradas as características socio-económicas das famílias, bem como as tradições culturais.

TEMA – Formação e emprego

Sobre o tema – Formação e emprego –, obteve-se abundante informação. Tentou-se extrair do discurso dos entrevistados aqueles aspectos que apresentam relação com o estudo do processo da transição para a vida adulta, o que se procurou evidenciar na categorização.

Ao abordar-se o tema – Planos para o futuro, bem como o tema – Saída da casa dos pais –, ficou patente que as questões ligadas à inserção profissional, bem como à estabilidade do trabalho, ocupam um lugar chave, quando se estuda a organização do futuro de vida destes jovens, na situação em que se encontram de passagem de uma fase do ciclo de vida, caracterizado fundamentalmente por se ser estudante dependente economicamente da

família de origem, para outra, em que é expectável o começo da autonomia financeira e a aquisição de compromissos de carácter familiar.

Pela posição assumida pelos entrevistados e que já se analisou, precisamente quando se estudaram os dados referentes ao tema – Planos para o futuro –, poder-se-á depreender que os jovens nesta fase da vida, manifestam ter como preocupação importante o facto de conseguirem trabalho e essa realidade condiciona as suas resoluções relativamente à independência com saída da casa dos pais. Ver-se-á também, a propósito do tema – Constituição da família –, as implicações que o emprego tem no estabelecer dos projectos familiares.

O tema – formação e emprego – é constituído por quatro categorias e dez subcategorias que a seguir se destacam:

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
➤ Critérios de selecção do trabalho	<ul style="list-style-type: none">▪ Possibilidade de realização pessoal▪ Tipo de actividade▪ Localização do trabalho
➤ Estratégias para a obtenção de emprego	<ul style="list-style-type: none">▪ De natureza profissional▪ De natureza pessoal
➤ Expectativas quanto à obtenção de emprego	<ul style="list-style-type: none">▪ Dificuldades ao nível da inserção▪ Dificuldades ao nível da remuneração▪ Diversidade de oferta de emprego
➤ Consequências dos percursos formativos	<ul style="list-style-type: none">▪ Ao nível do mercado de trabalho▪ Ao nível da constituição da família

CATEGORIA – Expectativas quanto à obtenção de emprego

Começar-se-á a análise deste tema pela categoria – Expectativas quanto à obtenção de emprego. Esta categoria é constituída por três subcategorias, duas das quais dão indicações sobre as dificuldades esperadas pelos sujeitos quanto ao emprego e a terceira – Diversidade de oferta de emprego – revelam um posicionamento positivo face à questão da inserção no mercado de trabalho.

Para a subcategoria – Dificuldades ao nível da inserção –, foram encontrados seis indicadores que a seguir se discriminam: Necessidade de flexibilidade na procura, Dificuldades na obtenção de emprego, Necessidade do recurso a influências, Saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas, Decepção após o termo dos cursos, Precariedade dos contratos. Todos eles reflectem que a inserção no mercado de trabalho e a estabilidade decorrente de uma remuneração satisfatória e constante não se encontram facilmente ao alcance dos entrevistados.

A informação recolhida permite dizer que os sujeitos sentem a necessidade de serem flexíveis em relação à escolha do trabalho, como referem alguns dos sujeitos; por exemplo, uma aluna do curso de Sociologia sublinha:

“É difícil arranjar emprego com muitas imposições.”

Outro sujeito, do grupo de Química e Bioquímica faz notar:

“Se bem que hoje em dia não se pode escolher muito, tem de se agarrar aquilo que aparece.”

Oito dos quarenta e três entrevistados dos cursos de Engenharia Informática, Gestão, Química e Bioquímica, e Arquitectura Paisagista pronunciam-se no sentido de contarem vir a ter dificuldades na obtenção de emprego, como diz uma das entrevistadas do curso de Gestão:

"Hoje em dia tudo está tão mau que uma pessoa fica a pensar, meu Deus, o que é que será quando nós acabarmos."

Também um dos sujeitos do grupo de Química e Bioquímica salienta:

"Sim são poucos os que acabam e têm logo trabalho."

E outro reforça ainda a mesma ideia:

"Penso que não vai ser fácil conseguir emprego."

Esta posição está repetida dez vezes no discurso dos entrevistados.

Contrariando a aspiração à estabilidade profissional evidenciada no tema – Planos para o futuro – anteriormente abordado, aparece aqui informação sobre a instabilidade profissional, evidenciada pelos sujeitos atendendo à precariedade dos contratos. De facto, cinco sujeitos fizeram notar a decepção que sentem pelo facto de não encontrar emprego após o termo do curso. A essa desilusão alude uma aluna do curso de Engenharia Informática:

"Depois de tantos anos a estudar, chegar lá fora e não poder aplicar o que se estudou é frustrante."

Precisamente a este propósito Smithson, Lewis e Guerreiro afirmam que "O efeito do número crescente de contratos de trabalho precário leva a que muitas pessoas se encontrem numa situação profissional de grande incerteza quando estão perto dos 30 anos ou têm 30 e poucos anos de idade" (Smithson, Lewis, Guerreiro 1998: 103).

Nos grupos de discussão, concretamente nos que integraram sujeitos pertencentes aos cursos de Gestão, Sociologia, Química e Bioquímica, sete dos entrevistados referem-se ao facto de ser necessário recorrer a influências como meio para conseguir emprego. A ideia transmitida por estes alunos dá a entender as dificuldades inerentes às actuais características do mercado de

trabalho e, por outro lado, a vulnerabilidade em que os recém-licenciados podem encontrar-se, dados os mecanismos a que têm de recorrer para conseguir emprego. Essa vulnerabilidade levanta também questões de ordem social, já que por esta via haverá certamente sujeitos com um enquadramento social que lhes dará maior facilidade de resolver a questão da sua inserção laboral, enquanto outros estarão precisamente na situação oposta. Ilustram esta realidade afirmações como a de um sujeito do grupo de Química e Bioquímica:

"O factor C funciona muito. Sem o factor C é muito difícil arranjar emprego."

Ou a de uma aluna do curso de Sociologia:

"É preciso arranjar cunhas."

E também a de outra estudante do curso de Gestão:

"Temos mesmo de tentar agarrar tudo. A seguir vai jogar o factor sorte e joga o factor C."

Durante a entrevista realizada aos estudantes do curso de Sociologia, gerou-se entre as participantes alguma polémica em torno desta questão, ou seja, a possibilidade de recorrer a influências. Surgiram opiniões opostas e uma das estudantes deste curso concluiu:

"(...) mas não vamos ficar até aos vinte e seis ou vinte e sete anos a ver, aí ninguém me vem buscar, ninguém me convida para nada."

A percepção da necessidade de recurso a influências também é partilhada por outros jovens europeus. Assim, um estudo conduzido por Clarissa Kugelberg, e que teve como base entrevistas de grupo realizadas a jovens suecos, com idades compreendidas entre os dezoito e os trinta anos salienta que também estes consideram importante usar, com o fim de conseguir emprego,

mecanismos diferentes dos considerados estritamente profissionais, “Os jovens dizem que, para conseguir arranjar um trabalho, uma pessoa precisa de conhecimentos”. Ainda nesse estudo, a mesma autora ressalta conclusões do Örebro Statiska Central Byran (1990) e que apontam para a mesma informação “Investigações revelam que uma grande proporção de empregos é obtida através de conhecimentos” (Kugelberg 1998: 48).

No discurso dos entrevistados, fica salientada a ideia de que a saturação do mercado de trabalho, relativamente a algumas áreas, é mais um aspecto a concorrer para a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. É neste sentido que uma aluna do curso de Sociologia salienta:

“Vão muitas pessoas para Sociologia. Saem muitos e o mercado não equivale.”

Uma das alunas do curso de Gestão sublinha uma das características do mercado de trabalho na sua área e que reside na forte concorrência existente:

“A concorrência é muito grande”.

Precisamente, quatro sujeitos dos cursos de Gestão, Sociologia, Química e Bioquímica referem esta ideia.

Na subcategoria – Dificuldades ao nível da remuneração –, a baixa remuneração inicial é particularmente referida pelas estudantes de Sociologia, assim dizem duas das alunas:

“Com 500 ou 400€ nós ficamos.”

E outra referindo-se ao ordenado salienta:

“Eu acho que hoje em dia não pode ser muito”.

No seio de cada um dos grupos entrevistados pertencentes aos cursos de Engenharia Informática e de Gestão, a opinião dos sujeitos diverge quando se comparam as posições de alguns dos membros de cada grupo, relativamente à possibilidade de acesso ao mercado de trabalho. Assim, enquanto três sujeitos do curso de Gestão e dois do curso de Engenharia Informática referem que há dificuldades ao nível da obtenção de emprego, bem como saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas, dois sujeitos do curso de Gestão, por um lado, e dois do curso de Engenharia Informática, por outro, manifestaram outra posição, ou seja, pronunciaram-se de um modo positivo em relação às possibilidades de trabalho nas respectivas áreas, considerando que existe diversidade de saídas profissionais nos casos particulares dos seus cursos.

Em síntese, se se tiver em linha de conta as afirmações feitas pelos entrevistados quanto às implicações da estabilidade profissional na construção do projecto de vida, já abordadas nos temas – Planos em relação ao futuro e Saída da casa dos pais –, a análise dos dados referentes às expectativas, quanto ao mercado de trabalho, possibilita afirmar que a situação do futuro profissional e as suas implicações na construção do percurso de vida, é vista pelos sujeitos segundo uma perspectiva mais negativa que positiva. As posições de excepção, em relação ao que se acaba de sintetizar, foram assinaladas a seu tempo na análise, que se tem vindo a fazer, e aparecem sobretudo entre os estudantes dos cursos de Gestão e Engenharia Informática. Inversamente, os que sustentam uma posição mais negativa, quanto às saídas profissionais, encontram-se entre os estudantes de Sociologia, Química e Bioquímica.

As dificuldades evidenciadas pelos sujeitos, quanto ao mercado de trabalho dizem respeito à escassez de oferta de possibilidades de emprego, mas também à precariedade que caracteriza os contratos habitualmente estabelecidos. Da análise dos dados, salienta-se também a baixa remuneração que os jovens contam vir a auferir no início de carreira, bem como a saturação do mercado de trabalho para algumas áreas e a necessidade do recurso a influências para poder conseguir um trabalho remunerado.

CATEGORIA – Estratégias para a obtenção de emprego

Depois de se analisar os dados contidos na categoria – Expectativas quanto à obtenção de emprego –, interessa verificar quais as estratégias desenvolvidas pelos alunos para a obtenção de emprego e os critérios que adoptam para a selecção do mesmo.

Esta categoria, como acima ficou registado, é constituída por duas subcategorias que agregam os indicadores respeitantes às estratégias de natureza profissional, por um lado, e às de natureza pessoal por outro, reflectindo, esta última, as atitudes dos sujeitos, como resposta às situações de menor oferta de trabalho, particularmente na respectiva área de formação.

No que diz respeito às estratégias de natureza profissional, as mensagens transmitidas pelos sujeitos revelam que os mesmos procurarão ter em conta os diversos instrumentos habitualmente usados para a procura de emprego. Assim, dois sujeitos do grupo de Química e Bioquímica afirmam que apresentarão os respectivos *currícula* a todas as entidades empregadoras a que puderem ter acesso:

“Mandar currículos para todo o lado.”

E por seu turno, uma aluna do curso de Gestão determinada, diz:

“Vou concorrer a tudo.”

Durante as discussões de grupo, ao serem levantadas questões sobre os critérios de selecção do trabalho, os actores manifestaram também a sua preferência por conseguir trabalho e progredir na carreira sustentados pelo mérito próprio. Atendendo a isso, os mesmos sujeitos referiram estar na disposição de aceitar trabalhos que não correspondem às respectivas preferências, mas que poderão em fases posteriores do percurso profissional proporcionar uma subida dentro das estruturas da instituição empregadora. Uma aluna do curso de Sociologia refere:

“Às vezes podemos entrar para uma posição que não nos agrada, ou fazer coisas que não nos agradam, mas depois pelo nosso trabalho podemos ir subindo lá dentro.”

Também uma entrevistada do grupo de Química e Bioquímica apresenta a mesma perspectiva e por isso diz:

“Ir subindo. O trabalho que for aparecendo e ir subindo.”

Do curso de Gestão um dos entrevistados esclarece:

“Vai ser arranjar um trabalho inicial que me dê possibilidade de evoluir para outros.”

Quanto às estratégias de natureza pessoal, sobressai a atitude decidida, insistente e aguerrida de alguns dos sujeitos face à necessidade de vencer as dificuldades do mercado de trabalho. Salientam-se, neste aspecto, as posições de um sujeito do curso de Gestão que sugere usar todos os meios ao seu alcance para obter um trabalho:

“Isto é um bocadinho como aquele pescador, pesca desde marisco aos moluscos à simples sardinha, carapau, tudo.”

E ainda o mesmo sujeito, a propósito das diligências para conseguir trabalho, acrescenta:

“Desde simples varredor de ruas à caixa de supermercado, ao mais alto gestor de topo, tudo.”

Outra entrevistada, neste caso do curso de Arquitectura Paisagista, refere-se à conveniência da persistência na procura:

“Eu acho que basta procurar. É evidente que ele não aparece. É preciso procurar, procurar...”

Atendendo ao objectivo prioritário de conseguir trabalho e aos condicionalismos do mercado de trabalho, um estudante de Engenharia Informática afirma estar disposto a iniciar a actividade por qualquer tipo de trabalho, até conseguir um que tenha relação com a formação profissional adquirida. É neste sentido que diz:

“Se não arranjar nessa área tenta-se outra, até conseguirmos a nossa área.”

Nesta subcategoria, os dados recolhidos parecem querer dizer que alguns sujeitos não adoptarão uma atitude conformista, face às dificuldades que poderão encontrar, no final do curso, para conseguir trabalho. Na parte do discurso de uma aluna de Arquitectura Paisagista, que anteriormente se citou e que agora se retoma “Eu acho que basta procurar. É evidente que ele não aparece. É preciso procurar, procurar...”, a mesma aluna manifesta uma expectativa optimista face ao mercado de trabalho, o que contraria a posição de outros sujeitos, como se assinalou na abordagem que foi feita à categoria – expectativas quanto à obtenção de emprego. É possível ainda observar que a dificuldade em obter trabalho não deriva de particulares exigências, quanto às características do mesmo e ainda que, numa lógica de razoabilidade, haja a preocupação de conseguir o exercício de uma actividade, que se ligue com a formação adquirida, também há abertura para começar a trabalhar em áreas diversas.

CATEGORIA – Consequências dos percursos formativos

Esta categoria é constituída por duas subcategorias, cujos indicadores dão informação sobre a repercussão dos percursos formativos no processo de inserção no mercado de trabalho e na constituição da família, ao mesmo tempo que reflectem a posição dos entrevistados face à possibilidade de uma continuidade da formação.

Três entrevistados do curso de Gestão manifestam, em quatro momentos do discurso, a ideia de que a classificação final do curso não tem peso na escolha

dos profissionais. Na mesma linha de raciocínio, três sujeitos do curso de Engenharia Informática afirmam que, para a sua área de formação, a inserção no mercado de trabalho no estrangeiro é feita pelas competências conquistadas na prática profissional e não pelos graus académicos adquiridos. Esta posição é no entanto contrariada por um sujeito do curso de Engenharia Informática:

“Quanto maior grau de formação a pessoa tiver melhor.”

As posições destes sujeitos vão ao encontro da constatação, já referida a propósito do tema – Planos para o futuro –, onde parece que, para a generalidade dos entrevistados, não há um interesse imediato em continuar a formação após a conclusão dos cursos. A este propósito, é oportuno referir a ligação que Alessandro Cavalli (1997) estabelece entre a duração da formação e a vantagem social de manter os jovens mais tempo fora do mercado de trabalho, dada a crise de empregabilidade existente nos países europeus.

Na subcategoria que relaciona as consequências dos percursos formativos com a constituição da família, seis sujeitos de três cursos diferentes opinaram que a frequência do ensino superior atrasa a idade do casamento e leva à diminuição do número dos filhos. De acordo com esta posição, uma aluna do curso de Sociologia afirma:

“Tenho colegas que andaram comigo na escola, e que não seguiram para o ensino superior, e que já são casadas.”

Outra aluna do mesmo curso sugere:

“Eu se não viesse para o ensino superior, se calhar já tinha casa e filhos”.

Do curso de Artes Visuais um dos sujeitos observa:

“(...) toda a gente aponta por causa da escolaridade só a partir dos trinta é que casamos etc.”

Aparece nesta unidade de registo não só indicação sobre a repercussão da duração do percurso formativo no assumir de compromissos de índole familiar, mas também referência à idade para a qual, no seu entender, é projectada a altura do casamento, informação que completa a já dada quando da análise do tema – Planos para o futuro. Também uma das entrevistadas do curso de Sociologia comenta:

“(...) os estudos levam muito tempo.”

E um aluno do curso de Química e Bioquímica estabelece a relação entre o adiamento no assumir compromissos familiares e a constituição da família:

“A continuidade dos estudos vai transportar a constituição da família para mais tarde.”

As respostas dos sujeitos permitem afirmar que a frequência do ensino superior e a obtenção de um curso atrasa não só a idade do casamento, mas também a idade do nascimento dos filhos. O atraso em relação ao casamento e às responsabilidades de carácter familiar são referidos tanto por homens como por mulheres, enquanto só estas se pronunciam sobre a consequência do prosseguimento dos estudos na idade mais tardia do nascimento dos filhos. A este propósito, refira-se que Giovanni Sgritta (2001) aponta para a existência de uma correlação positiva entre o aumento do período dedicado aos estudos, enquanto preparação para uma carreira, e o adiamento do casamento/nascimento dos filhos.

Na análise do tema – Planos para o futuro –, o conjunto de respostas encontradas permite dizer que, na generalidade, os sujeitos não afirmaram pretender continuar a receber formação académica imediatamente após o termo da licenciatura. Conjugando esta posição com os dados obtidos a partir da análise acima realizada sobre a categoria – Consequências dos percursos

formativos –, é possível deduzir que, no caso dos sujeitos entrevistados, a continuidade da formação deverá ter uma repercussão pouco notória relativamente a outras decisões do processo de transição para a vida adulta, concretamente no que concerne à constituição da família.

CATEGORIA – Critérios de selecção do trabalho

A categoria – Critérios de selecção do trabalho – é constituída por três subcategorias com informação sobre alguns aspectos que podem dar a conhecer melhor as preferências e escolhas que os estudantes manifestaram relativamente à selecção do trabalho, às repercussões das mesmas em relação ao percurso profissional e às respectivas consequências no processo de transição para a vida adulta.

A propósito dos critérios para a selecção do trabalho, cinco sujeitos referiram a ideia de que a realização pessoal é mais importante que a remuneração; dois sujeitos manifestaram que a escolha do emprego está dependente do tipo de trabalho. A localização do trabalho também é referida por um sujeito do curso de Sociologia como determinante da selecção do trabalho; três entrevistados afirmam ter preferência por permanecer no local de origem, um sujeito, por questões de natureza financeira, gostaria de ter um trabalho perto do local de residência; um sujeito indica também que gostaria de ficar a trabalhar perto da família. Alguns destes indicadores manifestam as fortes ligações à família e ao sítio onde habita a família, o que deixa transparecer a importância que alguns dos sujeitos atribuem à estrutura familiar.

Há três entrevistados que mostram preferência por abandonar o lugar de residência da família de origem, por não haver saídas profissionais nos respectivos locais, assim o refere uma estudante de Sociologia, cujos pais residem no Alentejo:

“Eu também penso nisso, [ligação ao ambiente familiar] mas na minha zona também não há assim grandes oportunidades e eu também acho

que se calhar é um bocado difícil arranjar emprego lá e então se calhar também teria de sair mais cedo.”

Sumariamente, os condicionalismos derivados da localização do trabalho poderão alterar a residência habitual e determinar, por este motivo, a saída da casa dos pais, pelo menos durante períodos relativamente prolongados. No entanto, concorrem para a escolha de um trabalho outros factores, entre os quais foram destacados o tipo de trabalho e se o mesmo apresenta alguma ligação com um projecto de realização pessoal.

A partir da análise do tema – Formação e emprego –, que anteriormente se desenvolveu, poderá dizer-se que a generalidade dos estudantes conta vir a encontrar dificuldades quanto à sua inserção no mercado de trabalho. Este facto surge ligado à ideia da saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas, o que parece não se verificar do mesmo modo em relação aos cursos de Gestão e de Engenharia Informática.

A precariedade dos contratos é apontada como um aspecto negativo, já que prejudica o objectivo de alcançar a estabilidade necessária para a assunção de compromissos familiares. A este propósito, Alessandro Cavalli (1997) refere que os jovens europeus passam muito tempo da sua vida activa em trabalhos em *part-time*, trabalho sazonal, trabalho precário e que, só já perto dos trinta e cinco anos, conseguem um trabalho a tempo integral.

Considerando as características deste estudo, não será possível perceber se as diversas expectativas, quanto à empregabilidade, virão a verificar-se. No entanto, abre-se neste ponto a possibilidade de pesquisa que consistirá em procurar ver se as diferentes índices de empregabilidade correspondem a diferentes opções de natureza familiar.

A longa duração dos percursos formativos é apontada como um factor a contribuir para o adiamento de decisões que impliquem obrigações familiares. Será certamente interessante verificar se a diminuição da duração das licenciaturas, facto que passou a dar-se em Portugal, tal como em outros

países europeus, na sequência da aplicação da Declaração de Bolonha, terá repercussões no mercado de emprego e se daí decorrem outras consequências na transição para a vida adulta, concretamente no que diz respeito à construção dos projectos familiares.

É de salientar que os estudantes evidenciam a necessidade de recorrer a influências para conseguir emprego. Emerge também a ideia de flexibilidade quanto à procura de trabalho. Na revisão de literatura, que se fez na I Parte do trabalho, refere-se a questão levantada por Clarissa Kugelberg (1998), segundo a qual a mobilidade dos jovens no mercado de trabalho poderia não ser apenas motivada pela precariedade dos contratos, mas também por uma mudança de mentalidade dos jovens que aspirariam a uma vida independente e repleta de experiências diferentes. Da análise dos dados, os entrevistados parecem reflectir sobretudo o desejo de atingir, o mais rapidamente possível, uma situação que lhes confira estabilidade profissional.

TEMA – Constituição da família

O tema – Constituição da família – é composto por duas categorias e cinco subcategorias que integram as unidades de registo que se considerou terem maior interesse para o presente estudo. Por um lado, na subcategoria - Perspectivas/concepções - há informação importante sobre o modo como os estudantes encaram a construção dos laços familiares e de um modo particular o casamento/união. Reuniram-se em torno de outra categoria – Condicionantes - as unidades de registo que dão informação sobre aspectos que podem dificultar as decisões em assumir compromissos familiares, tanto no que diz respeito ao casamento/união, como em relação à procriação, o que permitirá perceber as consequências desses factos no comportamento dos valores da fecundidade.

Assinalam-se a seguir as categorias e subcategorias encontradas para este tema.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
➤ Perspectivas/ concepções	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sobre o casamento ▪ Sobre o alargamento da família ▪ Sobre a educação dos filhos
➤ Condicionantes	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira ▪ Factores de ordem económica ▪ Factores de ordem social

CATEGORIA – Perspectivas/ concepções

Esta categoria é constituída por três subcategorias que dão informação sobre as posições tomadas pelos entrevistados, quanto à formação das uniões e a variados aspectos relacionados com o nascimento e educação dos filhos.

Diversos indicadores indiciam mudanças em relação a alguns aspectos dos costumes sociais e ao modo de conceber o casamento e a família.

O indicador – Transformação social quanto à concepção do casamento e à importância dada à família –, conjugado com a quase totalidade dos indicadores encontrados nesta categoria, dá informação relevante sobre o posicionamento que os entrevistados tomam relativamente ao casamento e às circunstâncias em que encaram poder ter filhos.

Há cinco sujeitos de quatro cursos que transmitem com alguma insistência (oito vezes) a ideia de que para eles ter-se-á dado uma transformação social no que diz respeito à concepção do casamento e à importância que hoje se dá à família. São significativas as expressões utilizadas por alguns dos sujeitos. Uma aluna do curso de Gestão afirma:

“Na sociedade, antigamente, as pessoas casavam mais cedo porque era assim, era assim que as pessoas eram educadas.”

Esta mesma ideia é sublinhada através de outra aluna do curso de Artes Visuais:

“E, por outro lado, aquela ideia que há uns anos havia de se casar cedo e constituir família cedo, o tal criar uma independência, ter a própria casa é uma ideia mais ultrapassada ou, se não é ultrapassada, esticou-se no tempo e é vista como algo a fazer mais tarde na vida. Acho que se adiantou dez anos.”

Também uma das entrevistadas do curso de Sociologia salienta:

“O casamento normalmente era aquilo que a gente disse sair da casa dos pais era ter a independência financeira. Hoje não, já não representa isso. A maior parte das pessoas hoje que casam já têm uma vida estável, tanto sobrevivem com uma pessoa como sem essa pessoa, acabam por conseguir sobreviver da mesma maneira.”

Este conjunto de unidades de registo dá indicações sobre o adiamento do casamento, dado que deixou de haver a necessidade do mesmo para se adquirir a independência, particularmente a financeira, uma vez que ela será alcançada antes e independentemente do casamento (as afirmações anteriormente recolhidas são feitas por mulheres). Transparece também a ideia de que o casamento deixou de ocupar o lugar de objectivo principal na construção do projecto de vida. Esta informação fica acrescida com as opiniões expressas pelos sujeitos no sentido de considerarem dar preponderância à vida profissional sobre a familiar; três estudantes do grupo de Química e Bioquímica afirmam:

“Pois é isso que eu estou a dizer. Não penso muito nisso [constituir família]. Dou mais importância à parte profissional do que a isso.”

Por seu turno outro sublinha:

“Dantes era o casamento agora é determinante a carreira.”

E ainda uma das alunas desse grupo pormenoriza:

"Mesmo que haja ajudas, apoios, a carreira está sempre à frente."

Sobressai a indicação da mudança operada quanto aos objectivos de vida que anteriormente se estabeleciam e aos que agora aparecem como importantes. O casamento seria um objectivo a atingir cedo, facto que hoje, segundo os sujeitos, terá sofrido alterações passando o casamento a dar-se mais tarde. A partir deste conjunto de posições manifestadas pelos entrevistados, salientam-se, por um lado, uma mudança quanto à importância dada à formação da família e, por outro, um retardar da idade do casamento.

Em estreita conexão com a ideia de se poder aceitar a existência de uma transformação social, quanto à concepção do casamento e à importância dada à família, aparecem diversos dados que a seguir se analisam.

Entre os sujeitos, há posições divergentes quanto à concepção do casamento. Assim, dois dos entrevistados não estabelecem qualquer distinção entre união de facto e casamento. Um destes sujeitos, uma estudante do curso de Sociologia, também refere, assim como outro estudante do curso de Engenharia Informática, a não necessidade do casamento para uma relação feliz. Pronuncia-se este último no sentido da não necessidade do casamento para a durabilidade e autenticidade de uma relação:

"Eu considero o casamento entre duas pessoas sem terem nenhum papel assinado. Podem viver cinquenta anos juntas sem ter nenhum papel assinado."

No entanto, quando este mesmo sujeito diz:

"Mas também é uma responsabilidade que nós temos, eu sou casado. Senão agora chateei-me, já não quero estar casado, e passados dois meses já estão separados",

parece querer indicar que atribui maior seriedade a uma relação quando se está casado.

Outros dois sujeitos dos mesmos cursos consideram, por seu turno, que o casamento é um passo importante para a vida do casal. Uma das alunas do curso de Engenharia Informática observa:

“Eu acho que não é só para as outras pessoas, acho que também é para o casal. Só casas se quiseres. Até podes casar só com duas testemunhas.”

Também uma das entrevistadas do curso de Sociologia salienta a preferência pelo casamento, neste caso, pelas vantagens de natureza legal:

“Por um lado é sempre bom casar. Um pessoa casada, com um papel passado, pode não ter muita esperança, mas pode ter mais regalias.”

Para dois sujeitos do Curso de Engenharia Informática, a prática do casamento deriva apenas de um costume social. É nesse sentido que um dos sujeitos se pronuncia:

“Não percebo o conceito de casar para ter lá o papel assinado. Hoje é tão volátil, acho que não quer dizer nada, não é para o casal é para as outras pessoas.”

Este sujeito também diz em relação ao casamento:

“Não acredito.”

Duas estudantes, uma do curso de Sociologia e outra do curso de Gestão referem, a sua opção pelo casamento religioso. Uma das entrevistadas estabelece uma relação entre o casamento e as convicções religiosas:

“Eu tenho uma perspectiva cristã do casamento. Considero-o importante. Espero com o marido tentar criar à minha volta um ambiente positivo em relação ao casamento e à família, e com isso vir a influenciar outros casais que se relacionem comigo e contribuir para uma visão menos materialista da sociedade.”

Há três aspectos ainda que se distinguem no discurso dos entrevistados, sobre os factores que concorrem para formar a concepção que se constrói sobre o casamento. Assim, um sujeito refere que a proveniência geográfica influencia a concepção que se tem sobre o casamento. Outro conjunto de sujeitos afirma que a experiência vivida pelos pais influencia a representação que se tem sobre o casamento, três sujeitos em três unidades de registo referem-se a esta ideia. A este propósito afirma um dos sujeitos do curso de Engenharia Informática:

“Os meus pais felizmente continuam felizes ainda hoje e, por isso, eu tenho uma ideia feliz porque o que tenho em casa é um exemplo muito feliz. É uma coisa em que eu acredito. Enquanto há pessoas que não passaram por uma boa experiência, também tenho casos assim na família, casamentos que foram uma fraude completa.”

Um outro estudante do grupo de Química e Bioquímica transmite a ideia de que a alta percentagem de divórcios pode justificar o não casamento, diz então:

“Há tantos divórcios que investir no casamento já não sabemos se vale a pena para depois passados um ano ou dois estar separados.”

O papel que os pais têm na perspectiva e decisões que os filhos tomam relativamente ao casamento surge salientado, não só através das experiências familiares vividas pelos próprios, mas também em aspectos de carácter emocional e outros, em que a opinião dos pais é marcante para as opções que os filhos tomam. Para quatro dos entrevistados, o casamento realiza-se para satisfazer o desejo dos pais, a este propósito afirma um estudante do curso de Engenharia Informática:

“Eu gostava de casar, gostava. Acho que também é uma alegria para os pais. Acho que é uma alegria para os pais casar, ter a família e ser feliz, é o que eles esperam de nós também.”

Por outro lado, um dos sujeitos sugere ainda que o casamento aparece não só como o modo de satisfazer o desejo dos pais, mas também como a forma de que os mesmos reconheçam uma relação, neste sentido, diz uma aluna do mesmo curso:

“Mas há muitas pessoas que se casam porque os pais só vêem uma determinada relação a sério ou só concebem o facto do filho estar com aquela pessoa, quando há um casamento, quando há uma coisa oficial.”

A influência, que os pais exercem na construção do percurso de vida dos entrevistados, emerge no discurso mediante a ideia transmitida pelos sujeitos de que o casamento também é uma exigência para poder ter filhos, já que os pais não aceitariam a prole dos respectivos filhos a partir de uma relação não sustentada pelo casamento. Refere um sujeito do curso de Engenharia Informática:

“Ter filhos sem casar, os pais dizem, “eh pá! Mas o que é isso.”

Há cinco sujeitos que se referem à possibilidade de terem experiência de vida em comum antes do casamento. Estes sujeitos manifestam que querem casar, mas, para dar esse passo de uma forma segura, preferem ter uma experiência de vida em comum, antes do casamento; diz um sujeito do curso de Engenharia Informática:

“Se houver hipótese de viver junto com uma pessoa antes de dar um passo importante. Se correr bem eu acho que neste caso eu gostava de casar.”

Também uma aluna do grupo de Química e Bioquímica observa:

“Exactamente é muito vulgar os jovens quererem primeiro experimentar a vida a dois e só depois avançar para dar um passo mais seguro.”

Outra aluna do grupo de Química e Bioquímica reitera um motivo de segurança para a opção de vida em comum, antes do casamento:

“É mais o medo de falhar.”

Assumindo uma posição diferente, um dos sujeitos do mesmo grupo, que os anteriores, valoriza a confiança mútua como condição para o casamento, em detrimento da experiência de vida em comum e, por isso, opina:

“Acho que não, acho que quando uma pessoa tem a certeza dos seus sentimentos e da outra pessoa, não há que primeiro experimentar e depois dar o passo.”

Dois dos entrevistados referem a hipótese de vida em comum antes de casar, mas sem estabelecer uma relação entre esse facto e a verificação de segurança numa união, como condição prévia ao casamento; uma aluna do curso de Sociologia posiciona-se:

“(…) se calhar, viver juntos e depois casar. “

E um sujeito do grupo de Química e Bioquímica constata:

“Há pessoas que começam a viver juntas e só passados dez, vinte anos é que se casam.”

Na categoria que se está a analisar – Perspectivas/concepções – dentro do tema – Constituição da família –, considerou-se a subcategoria – Sobre o alargamento da família – que reúne os dados sobre os projectos que os entrevistados têm quanto aos filhos e aos aspectos relacionados com o modo de conceber a respectiva educação.

Há um conjunto de indicadores que dão informação relevante sobre a maneira como os sujeitos ligam o casamento/união com a possibilidade de ter filhos. Assim, quatro elementos do curso de Química e Bioquímica manifestaram-se, no sentido de rejeitar a possibilidade de haver filhos fora do casamento. Há outros sujeitos, em número de três, que põem a possibilidade de haver filhos na situação de uma união, indicando, no entanto, que tal deve ocorrer nas circunstâncias de uma relação estável; assim um dos sujeitos do grupo de Química e Bioquímica afirma:

“Numa situação de uma união de facto, a generalidade das pessoas novas já têm filhos, independentemente do casamento.”

E outra aluna do mesmo grupo pormenoriza:

“Exige-se uma relação mais estável como o casamento.”

Surge neste ponto alguma divergência entre os sujeitos. Uns consideram a necessidade de existir casamento para haver filhos, outros opinam que tal poderá dar-se na situação de uma união de facto. É manifesta, no entanto, a posição dos sujeitos, de que os filhos deverão existir, se se verificam as condições próprias de uma relação estável.

Na subcategoria – Sobre a educação dos filhos – estão contidos indicadores que reúnem afirmações de alguns dos sujeitos entrevistados, acerca de questões de ordem social que eles consideram terem repercussão na educação dos filhos, transmitindo também a valoração que a esse propósito estabelecem.

Através de indicadores como - Aumento das exigências feitas pelos filhos, Exigência e sobriedade na educação dos filhos, O acesso à informação a contribuir para o aumento das exigências que os filhos fazem aos pais, Adiar os nascimentos pelas dificuldades em satisfazer as exigências dos filhos, A situação material dos pais não deve ser determinante na educação dos filhos - estão reunidas opiniões que apareceram no discurso dos sujeitos, quando

questionados sobre o comportamento da fecundidade em Portugal. Estas opiniões pretendem dar uma explicação para a dificuldade que os pais podem sentir para educar os filhos, segundo os padrões de vida por estes esperados. Estes padrões de vida são publicitados e absorvidos pelas crianças e desse modo os pais, na impossibilidade de satisfazer as exigências sugeridas, decidem ter poucos filhos.

Três dos entrevistados referem três vezes que actualmente se observa um aumento de exigências que os filhos fazem aos pais. Por este facto, segundo uma das estudantes, é responsável o maior acesso à informação que as crianças têm.

Uma das alunas entrevistadas justifica o adiamento dos nascimentos pela dificuldade que os pais podem sentir, por não terem possibilidade de satisfazer todos os pedidos dos filhos, e assim opina, uma das entrevistadas do curso de Artes Visuais:

“Mais, porque também têm acesso a mais e isto também deve dificultar um bocadinho o papel dos pais, porque também é complicado dizer não, não, não, não! E daí também eles pensarem, se calhar não é boa altura, não porque eu quero dar isto tudo e não posso, mas porque ele pode eventualmente querer isto e eu não lhe posso dar, também por aí.”

A este propósito, uma aluna do mesmo curso de Artes Visuais assume uma posição de exigência e sobriedade em relação à educação dos filhos:

“Eu sinceramente mesmo que tenha dinheiro para dar tudo aos meus filhos, eu não vou dar, para as pessoas não se tornarem egoístas”.

CATEGORIA – Condicionantes

Nos aspectos condicionantes para a constituição da família indicados pelos sujeitos, destacam-se, pela frequência com que surgem no discurso, aqueles que se relacionam com as questões de natureza profissional.

A dificuldade em compatibilizar a carreira com as obrigações familiares foi referida várias vezes (13) por oito dos entrevistados, sendo destacada sobretudo por seis alunos do curso de Gestão que falaram sobre o tema. Os obstáculos a essa compatibilização dizem respeito às dificuldades de tempo, à pressão exercida pelo trabalho, à relação existente entre a escassez de empregos e a necessidade correspondente de dispensar toda a atenção para mantê-lo, mesmo em detrimento da dedicação à família. Expressões como a de uma estudante de curso de Gestão ilustram esta realidade:

“Nós, por exemplo, vemos muitas vezes o factor tempo. As pessoas casam, têm família e depois o tempo que passam com os filhos é cada vez menor porque a sociedade também assim o exige, porque se não crescermos lá dentro do trabalho, podemos perder o emprego, se não provarmos que somos bons, podemos perder o emprego e depois pensamos, como é que alimentamos a família, como é que continuamos”.

Outra estudante do mesmo curso exprime a dificuldade em conciliar o trabalho profissional com o tempo a despendar com a família, chegando a realçar uma dúvida sobre a possibilidade de constituição da família:

“(...) acho que o factor pressão do trabalho faz que nós pensemos se vale a pena constituir família, se não vamos ter tempo para eles?”

Entre os aspectos que foram referidos, como condicionantes da constituição da família, sobressaiu a ideia de que a estabilidade profissional é condição para constituir família. De facto, onze sujeitos de cursos diferentes exprimiram repetidamente (dezassete vezes) esta opinião. Estas frequências são reveladoras da importância dada pelos sujeitos a este factor. A obtenção da estabilidade aparece mais uma vez no discurso dos entrevistados associada à possibilidade de ter um emprego, a que agregam também a característica de alguma durabilidade. Assim afirma um estudante do curso de Engenharia Informática:

“Uma pessoa nunca sabe se encontra um bom emprego que até permita ter a tal estabilidade dois anos depois de terminar o curso. É mesmo isso, é quando puder ser, quando tiver condições para isso.”

E outro do mesmo curso salienta:

“A estabilidade até mesmo para constituir família. Ter um trabalho um mês, dois meses, um ano. Ter a garantia por dois, três anos é completamente diferente.”

Diz uma estudante do curso de Artes Visuais:

“O que eu acho é que hoje em dia quando pensas em ter filhos, essas condições são equacionadas, são postas em causa, como é que eu posso ter um filho se querendo dar-lhe isto, não tenho possibilidades e então vou esperar mais algum tempo.”

E um sujeito do grupo de Química e Bioquímica afirma:

“Temos de ter trabalho estável para depois poder constituir família. Uma pessoa para constituir família quer ter um mínimo de estabilidade, penso que é isso também que nos preocupa.”

Um estudante do grupo de Química e Bioquímica e outro do curso de Gestão, cujas posições a propósito da relação entre a idade do casamento e a estabilidade estão recolhidos no tema - Planos para o futuro –, estabelecem a expectativa temporal que têm quanto ao momento em que poderão conseguir uma ocupação estável, o que segundo os mesmos sujeitos nunca acontecerá antes de atingirem o patamar dos trinta ou mais anos.

Verifica-se portanto que os estudantes entrevistados pretendem ter uma vida estabilizada antes de contraírem compromissos de natureza familiar, contrastando estas preferências com as que ocorrem entre os jovens adultos suecos, tal como referem Schizzerotto e Lucchinni “As sequências pós-

modernas das transições para a vida adulta, que essencialmente consistem em trabalhar e ter uma família antes de acabar a escola, são muito mais comuns na Suécia que na Grã-Bretanha e Itália.”⁶² (Schizzerotto e Lucchinni 2002: 32).

Um estudante do curso de Gestão associa a estabilidade com a possibilidade de chegar ao topo da carreira e só nessa altura equaciona a hipótese de constituir família, afirma:

“A minha perspectiva em termos de família no fundo era só quando conseguisse ter aquela estabilidade, ou seja, no fundo quando chegasse ao topo, manter-me minimamente no topo e não ter essa perspectiva, de poder cair, digamos assim. Aí sim, posteriormente ter família, constituí-la e ter tempo também para os filhos, para a esposa.”

A importância da carreira como condicionante do número de filhos, neste caso pela dificuldade em conseguir ter tempo para lhes dedicar, aparece também referida por um estudante do grupo de Química e Bioquímica:

“As pessoas querem subir na carreira, não têm tempo para ter mais filhos.”

Houve no entanto duas posições diferentes, ambas correspondentes a mulheres, que se pronunciaram no sentido de optarem pela família em detrimento de uma posição profissional cimeira. A este propósito disse uma das entrevistadas, estudante do curso de Gestão:

“Eu admito que no momento em que eu tiver filhos, (...) acho que eles vão ser o mais importante para mim e se isso implicar uma descida na subida que já tive na empresa em prol deles, acho que o faria.”

⁶² “Post-modern sequences of transitions to adulthood – which essentially consist in working and having a family before ending school – are more common in Sweden than they are in Great Britain and Italy.” (Schizzerotto e Lucchinni 2002: 32).

Do mesmo curso, outra das entrevistadas manifesta que dá a primazia à família em detrimento da possibilidade de vir a ocupar um lugar de topo numa empresa e faz referência também à dificuldade que pode existir entre conciliar um lugar de grande responsabilidade profissional e a dedicação que a vida familiar exige:

“Por isso mesmo, é que eu prefiro sinceramente não estar num emprego..., numa empresa, no topo da empresa e ter uma vida familiar porque sei que é muito difícil estar no topo da empresa e ter uma família”.

Uma estudante do curso de Artes Visuais assumiu que, para ela, a constituição da família não estaria condicionada pela carreira pelo que afirma:

“Em relação a constituir família (...). Penso que, se a oportunidade surgir, eu não vou pôr barreiras a nível de carreira. ”

Um estudante do grupo de Química e Bioquímica sublinhou também a dificuldade que as mulheres podem sentir para conciliar emprego e filhos, e a discriminação de que podem ser alvo nos empregos, pelas exigências da maternidade, o que segundo o mesmo sujeito é uma questão com evidentes implicações em relação ao número de filhos que as mulheres podem decidir vir a ter. Diz a este propósito:

“Há uma certa discriminação, principalmente em relação às mulheres. Se elas entram em licença de parto, quando acabar o contrato, quase de certeza que vão ser despedidas. Conheço algumas situações em que isso aconteceu.”

A questão salientada por este aluno deverá continuar, certamente, a ser objecto de atenção cuidada por todos aqueles que estudam as questões relativas ao comportamento da fecundidade nos países europeus, com vista à adopção das políticas mais adequadas.

Relativamente ao número de filhos que as pessoas podem ter, quatro alunos do curso de Gestão e um sujeito do curso de Arquitectura Paisagista apontam a falta de tempo como a causa para a diminuição do número de filhos, neste sentido afirma um outro aluno do curso de Arte Visuais:

“ (...) se calhar não passa tanto pelas dificuldades económicas, mas é mais pela falta de tempo.”

Há alguns aspectos de ordem social referidos pelos sujeitos que foram integrados na categoria – Condicionantes e que constituem a subcategoria – Factores de ordem social –, uma vez que, em si mesmos, podem ajudar a compreender, do ponto de vista dos sujeitos, um conjunto de causas que contribuem para explicar a descida dos índices de fecundidade, ao qual está ligado o estudo da transição para a vida adulta que se tem estado a desenvolver. Entre esses aspectos, os estudantes salientaram que os hábitos consumistas influenciam o padrão de vida e o número de filhos, ou seja, houve afirmações feitas pelos sujeitos que atribuem às características do modo de vida actual de muitas pessoas a explicação para a diminuição do número de filhos nas famílias. A este propósito, afirma uma estudante do curso de Gestão:

“O consumismo das pessoas é tão grande que esquecem que podem vir a ter outro género de felicidade podendo dar à luz, nascendo outra criança, não, as pessoas é, se aquele tem, eu quero melhor. Tenho uma casa assim, tenho de ter uma casa maior, porque as pessoas hoje em dia são assim.”

Esta posição de crítica social é repetida por outro sujeito do mesmo curso, através da afirmação:

“A vida das pessoas está mesmo assim. Consumismo. Tu tens, eu tenho de ter melhor que tu.”

Dois sujeitos atribuem à falta de apoio que o Estado dá à família, o facto de haver um menor número de nascimentos.

Um sujeito do curso de Gestão refere-se à necessidade de contar com o apoio dos avós para a educação dos filhos, dada a falta de tempo dos pais, diz então:

“(...) e nunca esquecer também a ajuda dos pais (...) poder contar também com os nossos pais e com os nossos sogros também para educar os filhos porque nós ao fim e ao cabo quer marido quer esposa, nunca vamos poder ter tempo, por muito que conciliemos as coisas, nunca vamos poder ter tempo os dois, para estar com os filhos; a questão da pressão da sociedade nunca nos vai deixar fazer isso.”

Através da análise do discurso dos entrevistados, no que diz respeito ao tema – Constituição da família, transparece a ideia de que o casamento já não é encarado do mesmo modo como o terá sido em gerações anteriores; deste modo, a ênfase é posta na autenticidade da relação e não na formalização de um contrato matrimonial e, por isso, parece haver quem não estabeleça uma distinção entre o casamento e a união de facto. No entanto, aparecem também motivações de carácter religioso a justificar a opção pelo casamento, bem como outras ligadas ao facto de os sujeitos poderem gozar de maiores regalias. É levantada a hipótese de coabitação antes do casamento para que este se dê, segundo os sujeitos, após uma relação segura.

A possibilidade de ter filhos surge apenas dentro do casamento ou na situação de uma união, mas no pressuposto da existência de uma relação estável. Refira-se a este propósito um estudo de Ann Nilsen elaborado a partir de entrevistas de grupo realizadas a jovens noruegueses no qual a autora comenta “As discussões nas entrevistas de grupo acerca da melhor altura para ter filhos sugerem que as ideias dos intervenientes acerca desta questão estão relacionadas com a *estabilidade* numa união conjugal, bem como num emprego. (...) A noção de *assentar* na vida é referida frequentemente quando se fala de constituir família e ter filhos. A tudo isto associa-se um emprego permanente, porque é necessário um rendimento fixo para fazer face a essas obrigações económicas, mas, mesmo para os grupos de jovens que já têm um trabalho fixo neste momento, a ideia de ter uma família no presente é bastante remota.” (Nilsen 1998: 67, 72). Parece ser comum aos jovens noruegueses

entrevistados por Ann Nilsen (1998) e aos estudantes portugueses, sobre cujas reflexões incide a presente análise, a ideia da necessidade de estabilidade financeira decorrente de um emprego seguro para poder constituir família. No entanto, parece haver algum distanciamento nas posições dos dois grupos, no que concerne às disposições de ter uma família, caso as condições do emprego sejam satisfatórias. Nesta circunstância, entre os jovens portugueses entrevistados há quem coloque a hipótese de contrair obrigações familiares.

O casamento/união estável surge condicionado pela carreira profissional sobressaindo a importância que este aspecto tem na construção dos planos de carácter familiar. A carreira profissional insere-se numa perspectiva de realização pessoal, mas também como condição para uma situação económica aceitável propiciando a aquisição de compromissos familiares, como seja a possibilidade de haver filhos. Há no entanto quem refira não pretender que os desafios postos por uma carreira profissional venham a ser prioritários relativamente à assunção de compromissos familiares.

Associado ao lugar que a profissão ocupa na construção dos projectos de vida, aparece a perspectiva do adiamento do casamento, “esticou-se” no tempo, segundo a expressão de uma das estudantes. No discurso dos entrevistados, o casamento aparece desligado da possibilidade de adquirir, através desse acontecimento, a independência financeira, já que, actualmente, isso ocorre antes do casamento.

Os sujeitos referiram um conjunto de circunstâncias que parecem influenciar a representação que cada um tem sobre o casamento. Salientam-se as experiências vividas pelos progenitores, se estas foram positivas, a representação sobre o casamento também o será. No sentido oposto, a alta percentagem de divórcios parece influenciar negativamente a ideia que se constrói sobre o casamento. A maior ou menor importância que se dá ao casamento surge também relacionada com a proveniência geográfica. É posto ainda em evidência que a realização do casamento está ligada à possibilidade de satisfazer um desejo dos pais.

Entre as dificuldades para a constituição da família surgem, por um lado, as que derivam da ausência de condições de vida estáveis e, por outro, a escassa disponibilidade de tempo para dedicar à família, como consequência das exigências profissionais.

Como síntese da análise e discussão dos dados, dir-se-á que relevam do discurso dos entrevistados, como marcos importantes da fase de transição para a vida adulta, diversos aspectos que se desenvolvem em torno do binómio formação/emprego em conexão com a procura da estabilidade profissional. Autores como Beck (1999), Kohli (1986) e Elder (1995), referidos por Schizzerotto e Lucchini (2002), atribuem uma ligação de causalidade entre as alterações dos arranjos institucionais, particularmente as que dizem respeito ao modo como está organizado o trabalho e as mudanças no tempo, e sequência dos acontecimentos para desempenhar as funções de adulto.

A estabilidade profissional e, intrinsecamente ligada a ela, a estabilidade financeira são dois objectivos de vida para os estudantes entrevistados e que aparecem a condicionar outras decisões na fase de transição para a vida adulta, das quais se destacam o momento e a ocorrência de saída da casa dos pais e a constituição de família, concretamente, no que se refere à possibilidade de nascimento de filhos.

Se, por um lado, o alcançar a estabilidade profissional aparece como parte importante das diferentes equações segundo as quais se estabelece a relação entre os diferentes passos da construção dos projectos de vida, por outro, ela surge como algo difícil de atingir: há dificuldades inerentes à precariedade dos contratos e ao baixo índice de ofertas de emprego. Segundo o posicionamento dos sujeitos, as saídas profissionais podem ser mais ou menos acessíveis, atendendo aos diferentes cursos obtidos pelos estudantes. De acordo com Cavalli (1997), Roquero (1997) e Palomba (2001), as características dos contratos de trabalho, bem como a eventualidade do desemprego condicionam a possibilidade dos jovens adultos assumirem responsabilidades familiares, o que significa um adiamento da saída da casa dos pais, do casamento e da parentalidade. Também para Blossfeld (2005 cit. por Liefbroer 2005), a

globalização económica contribuiu para o adiamento das decisões em relação à conjugalidade e à parentalidade, já que aumentou a incerteza quanto ao mercado de trabalho.

A estabilidade profissional aparece associada à ideia de construção de uma carreira, o que demora tempo e, por isso, as obrigações de carácter familiar serão necessariamente adiadas. A isto deverá juntar-se o facto de os estudos superiores serem longos, o que arrasta a possibilidade de estarem reunidos os requisitos para a assunção de compromissos familiares para idades correspondentes aos avançados vinte anos. O alicerçar de uma carreira conduz a um prolongamento temporal da passagem que consiste em acabar a formação e adquirir compromissos familiares. Esta realidade acompanha a tendência que se verifica nos restantes países europeus nos quais, segundo Francesco Billari (2004) e Aart Liefbroer (2005), a formação de novos agregados foi diferida no tempo e assim, alguns fenómenos com significado demográfico como deixar a casa dos pais, casar e ter filhos ocorrem muito mais tarde do que antes.

Sobressai ainda do discurso dos entrevistados a ideia chave de que acabar o curso é importante antes de tomar outras decisões, como seja a determinação para constituir um novo núcleo familiar ainda que este constitua um objectivo a atingir. Precisamente, esta posição é semelhante à dos jovens italianos sobre os quais Livi Bacci (1997 cit. por Sgritta 2001:74) diz “a conclusão da formação é um requisito indispensável para encontrar um emprego; ter um emprego estável e casa é condição necessária para que possa dar-se a independência da família; isto precede a decisão de viver como casal, o que é por seu turno preliminar a quaisquer decisões reprodutivas. Cada uma destas fases, até ao final do último século, foi tornando-se cada vez mais longa.”

Face à escassez do mercado de trabalho e embora haja um desejo manifesto de vir a trabalhar na área correspondente à formação profissional, a maior preocupação dos sujeitos entrevistados manifesta-se na fuga ao desemprego, o que poderá significar começar a vida profissional com remunerações baixas e posteriormente, através da insistência na procura de trabalho, bem como na

subida profissional por mérito, chegar a atingir outra situação mais satisfatória. A baixa remuneração dos primeiros empregos é um factor a contribuir para o adiamento das decisões de natureza familiar.

A expectativa da dificuldade em obter trabalho está tão presente entre os entrevistados, que é manifesta a consciência da necessidade do recurso a influências para poder ser superada a situação de escassez das saídas profissionais.

A saída da casa dos pais surge fortemente condicionada pelo alcançar de recursos financeiros satisfatórios através de uma situação profissional segura; sem meios para o auto-sustento, os estudantes entrevistados consideram não estarem reunidas as circunstâncias razoáveis para se tornarem autónomos e, por isso, a saída da casa dos pais fica dificultada. Para eles, a autonomia nessas condições não faz sentido, já que isso continuaria a obrigar os pais a sustentarem-nos. Joachin Vogel (2001) considera que, face à escassez de emprego, o adiamento quanto ao abandonar a casa dos pais é a saída que os jovens encontram naquelas situações em que há tradições familiares no sentido do suporte dos filhos. Para Joachin Vogel (2001), se o mercado de trabalho e as provisões do Estado Social fornecerem boas oportunidades, as decisões quanto à conjugalidade e parentalidade dão-se mais cedo. No entanto, para Francesco Billari (2004), para além dos factores institucionais e conjunturais, deverão ser consideradas as diferenças culturais e as mudanças ideológicas como componentes explicativas das tendências segundo as quais se processa a transição para a vida adulta.

A independência em relação à família de origem aparece para alguns dos sujeitos entrevistados desligada do casamento, não se verificando, neste aspecto, diferentes posições, quanto ao género, e concretiza-se logo que haja condições financeiras decorrentes de circunstâncias seguras quanto à situação profissional. Para outros, a saída da casa dos pais só surgirá na altura do casamento. Precisamente, segundo Maria Iacouvou (2000) e Alessandro Cavalli (1997), os jovens nos países da Europa do Sul casam mais tarde e

fazem transições directas da casa dos pais para o casamento e para a parentalidade.

A saída da casa dos pais aparece também ligada à possibilidade de comprar casa.

O tipo de relacionamento entre os pais e os filhos, em que é manifesta a forte ligação afectiva e a ausência de particulares dificuldades para usufruir dentro do ambiente familiar de um certo grau liberdade, é um factor explicativo de uma mais demorada permanência em casa dos pais. Ilustra esta realidade o facto manifestado por alguns estudantes de pretenderem ficar a viver perto dos pais quando casarem ou criarem uma habitação própria. Alessandro Cavalli (1997) considera que as transformações culturais, operadas no relacionamento entre pais e filhos, contribuem para um adiamento da saída da casa dos pais; os filhos alcançaram uma maior autonomia dentro da família e, por esse facto, não sentem necessidade de saírem da casa dos pais.

No discurso dos sujeitos, surgem observações, no sentido de se verificarem, em muitos casos, uma não concretização da saída da casa dos pais, por uma tendência ao adiamento das responsabilidades, e o não querer ter uma vida menos cómoda, do que aquela de que podem usufruir em casa dos pais. A este respeito, refere Alessandro Cavalli (1997) que muitos jovens preferem permanecer em casa dos pais, porque esse facto lhes permite manter um *standard* de vida superior ao que possuiriam se estivessem a viver de forma autónoma.

Das reflexões feitas pelos entrevistados, sobressaem duas posições que poderão ser contrastadas quanto ao modo como é encarado o casamento. Há sujeitos que se referem à constatação de uma transformação de mentalidade quanto ao modo de encarar o casamento e a importância dada à família. Deste facto releva que a vida profissional ocupa um lugar preponderante nas preocupações quanto à construção dos projectos pessoais, em detrimento dos projectos familiares e, assim, o casamento já não é um objectivo a atingir cedo; o casamento é encarado como um costume social e, por isso, a maior ênfase é

posta na possibilidade de se estabelecer uma relação feliz, independentemente de haver ou não uma formalização da relação conjugal. Há uma identificação entre o casamento e a união de facto. É colocada a possibilidade de vida em comum, antes do casamento, por motivos de uma maior segurança futura quanto à relação. A alta percentagem de divórcios aparece como uma justificação para o não casamento. Este conjunto de posições parece harmonizar-se com a tese defendida por Van de Kaa (1987), referido por Liefbroer (2005) e Neyer e Andersson (2004), acerca da tendência segundo a qual se operaram, nos países industrializados ocidentais, as mudanças ideológicas com reflexos no modo de conceber o casamento e a família, e que Van Kaa (1987) designou por Segunda Transição Demográfica. Surgem, no entanto, outras posições que apelam para a importância do casamento a fim de dar maior seriedade a uma relação. As motivações de carácter religioso aparecem também a justificar a opção pelo casamento, bem como uma maneira de ir ao encontro de um desejo dos pais. A adesão ao casamento encontra-se também relacionada com a ideia de festa e esta será uma maneira de explicitar a importância do facto para a vida da pessoa.

A possibilidade de haver filhos aparece apenas como uma realidade a considerar dentro do casamento ou como fruto de uma relação estável.

Kholi (1986 cit. Billari e Wilson 2001) e Buchmann (1989 cit. Billari e Wilson 2001) referem precisamente que, entre os países ocidentais, embora haja uma convergência demográfica, dar-se-á uma acentuação da diversidade no que concerne aos comportamentos individuais, já que se verifica uma diminuição dos quadros normativos sociais e uma maior individualização.

Quanto ao número de filhos, surgiram posições de algumas estudantes que manifestam um desejo de ter uma prole mais numerosa que aquela que poderá coincidir com o índice sintético de fecundidade registado actualmente para Portugal. Ainda que se tenham manifestado posições neste sentido, também foram explicitadas as dificuldades financeiras sentidas pelas famílias portuguesas, o que dificulta a possibilidade de ter mais filhos. A falta de tempo para a família é apontada como uma causa para a diminuição do número de

filhos. Com este mesmo efeito, é referida a dificuldade em compatibilizar a carreira com as obrigações familiares.

O padrão da qualidade de vida actual, os hábitos consumistas e o aumento das exigências feitas pelos filhos, as quais conduzem a maiores gastos, são também apontados como causa para a descida da fecundidade. É referida ainda a falta de apoio do Estado para a educação dos filhos, como factor a contribuir negativamente para os valores dos índices de fecundidade em Portugal. Neyer (2003 cit. por Billari 2004) considera que as políticas de família são importantes na fase de transição para a vida adulta, já que as suas orientações, quanto à protecção da maternidade, licenças parentais, subsídios para os filhos, influenciam as decisões dos jovens quanto ao assumir de compromissos familiares.

Depois de analisados e discutidos os dados à luz das questões de investigação propostas para este trabalho, interessa agora dar lugar às reflexões finais, num âmbito mais distanciado dos mesmos, procurando situar a realidade apreendida face às posições teóricas evidenciadas na Parte I e explicitar também as possíveis hipóteses de estudo que foram levantadas, à medida que a pesquisa foi avançando.

PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez terminada a análise dos dados, importa agora apresentar algumas considerações de carácter geral sobre o trabalho realizado e salientar possíveis hipóteses de futuros trabalhos que o estudo exploratório desenvolvido permite perspectivar.

O comportamento demográfico dos países ocidentais, após a Segunda Guerra Mundial, registou alterações, entre as quais se destacam as mudanças dos índices de fecundidade que sofreram descidas, estabilizando em níveis que não permitem a renovação das gerações. A pesquisa demográfica tem manifestado o seu interesse por desenvolver estudos que procurem explicar as tendências e os factores que justificam este comportamento. Nesta linha tem vindo a desenvolver-se o projecto de investigação POCTI/DEM/59445/2004 “A Fecundidade em Portugal: uma perspectiva macro/micro económica”, em que este estudo se insere. A pertinência desta dissertação, inserida numa pesquisa sobre o comportamento da fecundidade, deve-se ao facto de existir uma relação estreita entre os acontecimentos demográficos na fase de transição para a vida adulta e os resultados nos índices de fecundidade alcançados. Fez-se incidir a pesquisa sobre estudantes do ensino superior. Esta escolha justifica-se pelo facto de estes se encontrarem numa fase da vida que proporciona e potencia grandes mudanças nas dimensões pessoal e profissional, o que possibilita a abordagem de questões relacionadas com a idade formação/emprego e as suas repercussões em diversos âmbitos, particularmente os de carácter relacional/familiar. Para a generalidade dos estudantes portugueses do ensino superior, a concretização de um trabalho, de um emprego, surge após o termo do curso. Do modo como se dá a transição para a vida profissional decorrem diversas consequências na construção dos projectos pessoais, entre as quais se destacam as que dizem respeito às decisões de natureza familiar.

Pese embora a natureza exploratória da pesquisa que incidiu sobre uma amostra de conveniência, seis grupos de estudantes de diferentes cursos, a

frequentar a Universidade de Évora, a análise e discussão dos dados fizeram emergir respostas às perguntas de pesquisa que inicialmente foram propostas. Interessa recordar que a investigação partiu de uma pergunta - “Como se processa a transição para a vida adulta entre os estudantes do ensino superior?”. Esta proposição foi desdobrada em outras questões para as quais se tentou encontrar resposta ao longo da investigação: quais são as expectativas que os estudantes do ensino superior têm quanto ao futuro após o termo do curso? Os mesmos estudantes contam empreender compromissos de natureza familiar antes ou imediatamente a seguir ao termo do curso? Que lugar ocupa a construção de um projecto familiar na arquitectura do futuro próximo daqueles jovens? Quais os principais objectivos de vida após a conclusão do curso? Que constrangimentos encontram para a concretização dos seus projectos pessoais? Na síntese do capítulo anterior encontram-se as ideias força interpretativas dos dados obtidos a partir da metodologia adoptada para o estudo desenvolvido. As entrevistas realizadas permitiram recolher as reflexões feitas sobre temas como formação e emprego, saída da casa dos pais, compromissos de natureza familiar, os quais são considerados por autores como Sgritta (2001), Schizzerotto e Lucchini (2002), aspectos chave do processo de transição para a vida adulta.

No âmbito dos dados obtidos destaca-se a preocupação expressa pelos jovens entrevistados quanto ao futuro profissional, particularmente no que concerne à possibilidade de conseguir trabalho e sobretudo que seja estável. Há portanto uma expressão de incerteza quanto ao futuro. Esta expectativa não foi no entanto partilhada do mesmo modo pelos estudantes dos diferentes cursos. Assim, os estudantes dos cursos de Engenharia Informática e de Gestão esperam não vir a encontrar tantas dificuldades de inserção no mercado de trabalho como os estudantes dos cursos de Sociologia ou Química e Bioquímica.

A estabilidade profissional como um objectivo a atingir é uma das mensagens que repetidamente surge no discurso dos sujeitos. O desejo de estabilidade profissional manifestado pelos estudantes entrevistados parece distanciar-se das soluções para as quais apontam actualmente os decisores políticos e

económicos no que concerne ao modo de resolver os problemas do desemprego, aumento dos postos de trabalho e características dos contratos. As mudanças de locais de trabalho e as remunerações baixas são admitidas pelos entrevistados como fases iniciais de uma carreira profissional mas que deverão ser superadas logo que possível e dar lugar a uma situação de estabilidade profissional. Aliás, os projectos pessoais, concretamente os que dizem respeito aos compromissos de natureza familiar, bem como às decisões individuais ligadas à fecundidade, parecem vir a concretizar-se apenas em situações de estabilidade financeira, decorrentes da estabilidade profissional. Não é expectável nesta linha de pensamento que o nascimento de filhos se dê imediatamente a seguir ao termo dos cursos, como ficou patente ao longo da análise. Este acontecimento poderá ser transportado para idades não anteriores aos vinte e cinco, vinte seis anos e, em muitos casos chegará mesmo aos trinta ou mais anos. Os projectos ligados ao casamento não se encontram entre os primeiros objectivos a alcançar, após o termo do curso, mas antes as prioridades, na construção do projecto de vida, vão direccionadas para o desenvolvimento de planos profissionais, com vista à obtenção de um emprego estável.

O facto de a estabilidade financeira poder vir a ser alcançada apenas em idades avançadas do ciclo de vida levanta questões como a sugerida por Esperanza Roquero (1997); para esta autora, deixa de fazer sentido atribuir uma limitação biológica à fase da juventude, na acepção de passagem para a situação de adulto. Tal deve-se ao facto de a autonomia financeira, normalmente ligada a um emprego, não estar presente na vida de muitos jovens, até idades avançadas. A questão da autonomia financeira derivada de um emprego deixa de seguir a cronologia habitual e não está presente em grupos tradicionalmente designados como adultos.

A insegurança e incerteza no começo da vida profissional são, para os sujeitos entrevistados, factores que concorrem para o adiamento da saída da casa dos pais. Sem condições para uma situação de razoável estabilidade financeira, os sujeitos entrevistados não vêem possibilidades de se tornarem autónomos em relação à família de origem. Este fenómeno de adiamento da saída da casa

dos pais é comum e característico dos restantes países da Europa do Sul, tal como sustentam Mayer (2001 cit. por Billari 2004), Sgritta (2001) e Vogel (2001).

Entre os sujeitos entrevistados, embora alguns tenham manifestado o desejo de sair da casa dos pais após o termo do curso, há outros que exprimiram claramente a sua decisão de fazê-lo apenas quando casarem, mesmo que já tenham adquirido anteriormente uma situação segura, do ponto de vista profissional e financeiro. Esta posição segue o que afirma Maria Iacouvou (2000) e Alessandro Cavalli (1997) para os quais, nos países da Europa do Sul, os jovens casam mais tarde e deixam a casa dos pais para casar.

Paralelamente, ressalta a ideia de que a permanência mais prolongada em casa dos pais, mesmo depois de acabar os cursos, não constitui um problema para a generalidade dos estudantes. Os filhos usufruem de uma certa autonomia, mesmo vivendo em casa dos pais e por isso não se sentem constrangidos, vivendo nessa situação.

A ausência de conflito, entre os pais e os filhos, é ainda reforçada com a disponibilidade dos pais para ajudarem economicamente os filhos, no início da vida profissional, até ao momento em que estes consigam uma situação financeiramente razoável que possibilite a independência. Os sujeitos entrevistados contam, em caso de necessidade, poder vir a ter ao seu alcance essa ajuda dos pais.

Consideram os estudantes que há uma transformação social no modo de encarar o casamento e como consequência disso, o casamento legal perdeu importância, admitindo-se a união conjugal apenas como reflexo de uma relação estável. Sublinham também que o casamento terá deixado de ser relevante como veículo para a aquisição da independência, já que esta se adquire por via do trabalho e da remuneração dele decorrente, mais do que através do casamento. Esta posição dos estudantes inquiridos segue a linha de pensamento de Van de Kaa (1987), mediante a qual, desde os anos sessenta houve mudanças ideológicas com repercussão na valoração de diferentes

aspectos da vida, entre os quais o casamento e a aceitação da coabitação sem casamento. Precisamente, a conexão entre as transformações demográficas verificadas na Europa, no pós-guerra, e as mudanças no conjunto de valores socialmente aceites, constitui o cerne da teoria da Segunda Transição Demográfica (Surkyn e Lesthaeghe 2004, Neyer e Andersson 2004).

Kholi (1986) e Buchmann (1989), referidos por Billari e Wilson (2001), defendem uma convergência entre os países, no que se refere ao comportamento demográfico, mas uma acentuação da diversidade nos comportamentos individuais, dada a diminuição de quadros normativos sociais e uma maior individualização.

Francesco Billari (2004) explica as alterações demográficas verificadas nos países europeus, não apenas a partir das mudanças ideológicas mas também a partir da interacção dos factores institucionais e conjunturais, bem como das diferenças de carácter cultural. É nesta linha de pensamento que Francesco Billari (2004) salienta a importância de compreender como é que os factores de natureza individual têm pesos diferentes segundo os diferentes sistemas de *welfare* ou das políticas sociais e económicas.

Para os estudantes entrevistados o nascimento dos filhos deverá ocorrer ou dentro do casamento ou como fruto de uma união estável, temporalmente consistente, que é equiparada ao casamento. Parece haver neste ponto um distanciamento entre o conteúdo da Teoria da Segunda Transição Demográfica e as preferências dos sujeitos entrevistados. Como parte da emergência de novos comportamentos à luz desta teoria, está o facto de haver crescentemente nascimento de filhos fora do casamento. Para Maria Iacovou (2000) e Alessandro Cavalli (1997) nos países da Europa do Sul, embora recentemente a coabitação antes e fora do casamento tenha vindo a registar um aumento, os filhos nascem dentro do casamento.

Quanto ao número de filhos, há afirmações dos estudantes entrevistados que manifestam o desejo de ter uma prole mais numerosa que a coincidente com o índice sintético de fecundidade para Portugal (1,4 do INE para 2005). Levanta-

se neste ponto uma possibilidade de trabalhos futuros, procurando verificar as expectativas quanto ao número de filhos que os estudantes têm antes de acabar os cursos e o que realmente acontece depois. De facto, alguns estudantes evidenciaram as dificuldades económicas como uma causa para a diminuição do número de filhos em Portugal, bem como outras ligadas por um lado, à falta de tempo dos pais, dadas as obrigações profissionais que os mesmos têm e, por outro, à própria organização do trabalho. Neste aspecto, houve respostas que chamaram a atenção para as maiores dificuldades sentidas pelas mulheres. A consciencialização do papel social de uma dinâmica de fecundidade positiva é tarefa a desenvolver pelos intervenores políticos procurando impulsionar soluções que possibilitem à mulher conciliar o trabalho com a maternidade “sabemos que os territórios não poderão promover processos sustentados de desenvolvimento económico e social, particularmente em termos inter-geracionais, se o número de filhos que cada família tem for insuficiente para garantir a substituição de gerações.” (Mendes e Rego e Caleiro 2006). O papel interventor da mulher na sociedade, através da sua actuação enquanto profissional, abre um desafio que consiste em encontrar as melhores soluções para que tal se torne possível em conjugação com a maternidade. Para além do papel das políticas, Maura Misiti (2000) sugere que ao estudar as questões demográficas, dever-se-á ter em conta o papel dos meios de comunicação social, os quais influenciam o comportamento das famílias e são um veículo de conhecimento e de divulgação de mensagens e de valores.

Saliente-se também que nas entrevistas emergiram posicionamentos dos sujeitos preconizando a necessidade do Estado desenvolver políticas que promovam a fecundidade, concretamente através da criação de serviços para a guarda dos filhos, os quais serão facilitadores da tarefa de conciliar o trabalho com as obrigações familiares.

Um dos objectivos delineados para este trabalho foi o de perceber as consequências sociais e demográficas que decorrem do modo como se processa a transição para a vida adulta. Precisamente o facto de os jovens, pelos motivos já apontados, adiarem as decisões de fecundidade, conduzirá a

uma diminuição do período disponível para haver filhos, o que poderá fazer persistir a tendência para a diminuição das taxas de natalidade. Esta realidade tem consequências sociais manifestas, como as que se relacionam, tanto em Portugal como em outros países europeus, com a dificuldade de manter o sistema de segurança social que caracterizou o modelo do Estado Social construído no pós-guerra. De acordo com Karin Wall (2001), o facto de se verificar uma escassez de oportunidades de trabalho leva a que os jovens europeus encontrem actualmente dificuldades em organizar as suas vidas de acordo com as normas sociais conducentes à vivência das sequências comuns do percurso de vida até à fase adulta, tal como foram observadas pela geração dos pais.

Nem sempre foram coincidentes as opiniões das alunas e dos alunos quanto ao número de filhos desejado, nem quanto ao lugar que poderia ocupar a carreira em relação a projectos de natureza familiar. Embora a natureza do estudo exploratório qualitativo não permita fazer generalizações, o facto de algumas estudantes porem a hipótese de terem um número maior de filhos que os seus colegas homens e darem prioridade a um projecto familiar relativamente à carreira, sugere um estudo mais aprofundado sobre estas duas questões atendendo ao género.

Na interpretação dos dados obtidos através das entrevistas de grupo, não foi possível estabelecer quaisquer inferências tendo em conta o estrato social dos sujeitos, o *status* económico dos pais ou ainda a proveniência geográfica dos sujeitos, o que constituiu uma limitação do presente estudo. Estes aspectos deverão ser considerados em futuros trabalhos que pretendam fazer generalizações interpretativas das causas e factores intervenientes no modo como se concretizam os acontecimentos demográficos, na fase de transição para a vida adulta.

O estudo abordou apenas a transição para a vida adulta entre estudantes do ensino superior. Tendo em vista o objectivo de conseguir estabelecer um modelo de transição para a vida adulta em Portugal, a pesquisa deverá incidir também sobre os jovens que não chegam a frequentar o ensino superior, para

os quais a questão da constituição de uma carreira, a relação desta com o momento da saída da casa dos pais e, mesmo, as decisões de fecundidade, poderão ser encaradas de modo distinto.

Versando o presente estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes do ensino superior, algumas interrogações podem surgir na relação desta temática com as modificações introduzidas no sistema educativo, pelo chamado Processo de Bolonha. Assim, e tendo em vista os objectivos das medidas que este preconiza, poderá haver repercussões mais longínquas que aquelas que se encontram relacionadas apenas com a dinâmica do ensino-aprendizagem. Genericamente os graduados numa licenciatura poderão passar a obter o título mais cedo que os jovens licenciados até ao ano 2005. Esse facto terá alguma consequência na mudança cronológica dos acontecimentos que marcam a transição para a vida adulta? O Processo de Bolonha visa aumentar a mobilidade dos jovens no espaço europeu. Se tal vier a acontecer, quais as repercussões desse fenómeno no comportamento da fecundidade? Entre outros objectivos, a mobilidade parece ter como fim dar maiores oportunidades de emprego aos jovens, se isso acontecer, haverá consequências desse facto no que concerne aos projectos familiares?

Também a necessidade de formações certificadas para o exercício de actividades que tradicionalmente eram exercidas por quem tinha algumas competências para fazê-lo, ainda que adquiridas de um modo não formal, poderá conduzir a mudanças na fase de transição para a vida adulta entre a população jovem sem formação no ensino superior? A necessidade de formações certificadas para o exercício de uma vasta gama de actividades confluirá no estender da noção de carreira profissional, entre nichos da população, onde habitualmente havia apenas a preocupação de conseguir emprego com uma remuneração satisfatória? Em que medida é que esta alteração afectará os projectos de vida das mulheres? Quais as repercussões destas hipotéticas mudanças no comportamento da fecundidade? Um aumento da formação terá de facto efeitos positivos na diminuição do desemprego? Nesse caso virão a notar-se consequências nos índices de fecundidade?

Deixaram-se algumas perguntas que a encruzilhada do sistema de ensino, particularmente do ensino superior, suscitam. No entanto, para além das mudanças que o mesmo venha a gerar, interessa salientar, a partir do estudo apresentado, que presentemente as circunstâncias de vida dos jovens estudantes/licenciados desencadeiam um processo de adiamento de decisões importantes do ciclo de vida, sobretudo as que dizem respeito à assunção de obrigações de natureza familiar. Sobotka (2004) comentava que os homens e as mulheres da Europa pareciam ter-se tornado cada vez mais ignorantes sobre as contingências da sua idade biológica, mas os jovens entrevistados interpretaram, para o seu caso, as causas desse aparente esquecimento. De facto, o estudo que se apresentou permite perspectivar a continuidade do adiamento em relação ao casamento, como em relação à concretização da fecundidade, caso não se verifiquem melhorias nas possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, conducentes a uma situação financeira com alguma estabilidade. A mensagem que se retira do discurso dos entrevistados, leva a colocar a dúvida sobre a eficácia de iniciativas legislativas tendentes a alterar os baixos níveis de fecundidade, que não procurem encontrar soluções satisfatórias para os jovens, relativamente à estabilidade profissional.

PARTE V – BIBLIOGRAFIA⁶³

AFONSO, Natércio

2005 **Investigação naturalista em educação**, Lisboa: ASA editores.

ALMEIDA, Ana

2000 **Guião para condução e análise de entrevistas de “focus groups”**, Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Centro de Estudos da Escola.

ALMEIDA, João Ferreira e PINTO, José Madureira

1990 **A investigação nas ciências sociais**, Lisboa: Editorial Presença.

BARDIN, Laurence

2000 **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70.

BECKER, Gary

1993 **A treatise on the family**, Estados Unidos: Harvard University Press.

BILLARI, Francesco

2004 “Becoming an Adult in Europe: a Macro (/Micro)-Demographic perspective”, **Special Collection S3-2**, disponível em:
<http://www.demographic-research.org> (acedido em Maio de 2005).

BILLARI, Francesco

2004 **Choices, opportunities and constraints of partnership, childbearing and parenting: the patterns in the 1990s**, disponível em:
<http://www.unece.org/ead/pan/epf/billari.pdf> (acedido em Maio de 2005).

⁶³ Referenciam-se apenas as obras citadas directa ou indirectamente ao longo do texto.

BILLARI, Francesco e WILSON, Chris

2001 "Convergence towards diversity? Cohort dynamics in the transition to adulthood in contemporary Western Europe", **MPIDR Working Paper WP - 2001-039**, disponível em:

<http://www.demogr.mpg.de/Papers/Working/WP-2001-039.pdf> (acedido em Setembro de 2006).

BILLARI, Francesco e PHILIPPOV, Dimiter e BAIZÁN, Pau

2001 "Leaving Home in Europe: the experience of cohorts born around 1960", **MPIDR working paper WP 2001- 014**, disponível em:

<http://www.demogr.mpg.de/Papers/working/wp-2001-014.pdf> (acedido em Junho de 2005).

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari

1994 **Investigação qualitativa em Educação**, Porto: Porto Editora.

BUCHMANN, Marlis

1989 **The script of life in modern society**, Chicago: The University of Chicago Press.

CAVALLI, Alessandro

1997 "The delayed entry into adulthood is it good or bad for society?", **Jovens em mudança: Actas do Congresso Internacional Growing up between Center and Periphery**, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

COPPOLA, Lucia

2004 "Education and Union Formation as Simultaneous Processes in Italy and Spain", **European Journal of Population** 20: 219-250.

CORDÓN, Juan Antonio Fernandez e SGRITTA, Giovanni

2000 **The southern countries of the European Union: a paradox**, disponível em:

http://62.116.39.195/ftp/projekte/observatory/sevilla_2000_papers.pdf (acedido em Outubro de 2006).

CORDÓN, Juan Antonio Fernández

1997 "Youth Residential Independence and Autonomy", **Journal of Family Issues**, Vol. 18, 6: 576-607.

CRESWELL, John W.

2007 **Designing and conducting mixed methods research**, Estados Unidos da América: Sage Publications.

DE KETELE, J-M e ROEGIERS, X.

1996 **Méthodologie du recueil d'informations: fondements des méthodes d'observations de questionnaires, d'interviews et d'études de documents**, Bélgica : De Boeck e Larcier S.A.

DUMON, Wilfried

2001 "Comments on Giovanni Sgritta's paper", in LYNNE, Chisholm e LILLO, Antonio e LECCARDI, Carmen e RICHTER, Rudolf, **Family forms and young generation in Europe**, Viena: Austrian Institute for Family Studies, disponível em:

http://ec.europa.eu/employment_social/eoss/downloads/milan_dumon_en.pdf
(acedido em Maio de 2005).

ESTRELA, Albano

1984 **Teoria e prática de observação de classes**, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

FRIEDBERG, Erhard

1995 **O poder e a regra. Dinâmicas de acção organizada**, Lisboa: Instituto Piaget.

GALLAND, Olivier

2001 "Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations", **Révue française de sociologie**, Vol 42, 5: 611-640.

GAMMER, Carole

1999 **A adolescência e crise familiar**, Lisboa: Climepsi.

GIGLIONE, Rodolphe e MANTALON, Benjamin

1993 **O Inquérito: teoria e prática**, Oeiras: Celta Editora.

GOLDSCHIEDER, Frances

2000 **"Why study young adult living arrangements? A view of the second demographic transition"**, disponível em:

http://www.demogr.mpg.de/Papers/workshops/000906_paper05.pdf (acedido em Outubro de 2006).

GOLDSTEIN, Joshua e LUTZ, Wolfgang e TESTA, Maria Rita

s/ data **The decline of family size preferences in Europe: towards sub-replacement levels**, disponível em:

http://www.oif.ac.at/aktuell/paper_testa_family_size.pdf (acedido em Junho de 2005).

HESSE-BIBER, Sharlene Nagy e LEAVY, Patricia

2006 **The practice of qualitative research**, Estados Unidos da América: Sage Publications.

IACOUVOU, Maria

2000 **"Young People in Europe: Two Models of Household Formation", Working Paper Series do European Panel Analysis Group (EPAG),6**, disponível em:

<http://www.iser.essex.ac.uk/epag/pubs/workpaps/pdf/2000-06.pdf> (acedido em Agosto de 2005).

LEANDRO, Maria Engrácia

2001 **Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas**, Lisboa: Universidade Aberta.

KRUEGER, Richard A.

1998 **Developing questions for focus groups, focus groups kit 3**, Estados Unidos da América: Sage Publications.

KRUEGER, Richard A. e KING, Jean A.

1998 **Involving community members in focus groups, focus groups kit 5**, Estados Unidos da América: Sage Publications.

KUGELBERG, Clarissa

1998 "Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta", **Sociologia - Problemas e Práticas**, 27: 97-113.

LIEFBROER, Aart C.

2005 **Changes in the transition to adulthood in Europe**, disponível em: <http://www.nidi.knaw.nl/en/output/2005/rbs-2005-adulthood.pdf/rbs-2005-adulthood.pdf> (acedido em Outubro de 2006).

LIEFBROER, Aart e CORIJN, Martine

1999 "Who, what, where and when? Specifying the impact of educational attainment and labour force participation on family formation", **European Journal of Population** 15: 45-75.

MAROY, Christian

1997 "A análise qualitativa de entrevista" in ALBARELLO, Luc e DIGNEFFE, Françoise e MAROY, Christian e RUQUOY, Danielle e SAINT-GEORGES, Pierre, **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**, Lisboa: Gradiva.

MARKOVA, Ivana

2003 "Les focus groups" in MOSCOVICI, Serge e BUSCHINI, Fabrice, **Les méthodes des sciences humaines**, Paris: Presses Universitaires de France.

MAYER, Robert e SAINT-JACQUES, Marie-Christine

2000 "L'entrevenue de recherche" in MAYER, Robert e OUELLET, Francine e SAINT-JACQUES, Marie-Christine e TURCOTTE, Daniel e outros, **Méthodes de recherche en intervention sociale**, Montréal: Gaëtan Morin Éditeur Itée.

MENDES, Maria Filomena

1992 **Análise sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 90**, Universidade de Évora, policopiado.

MENDES, Maria Filomena

2006 **As mutações do mercado de trabalho em Portugal – Análise com base nos dados dos IOF'S, relativos à última década do século XX**, policopiado.

MENDES, Maria Filomena e REGO, Conceição e CALEIRO, António

2006 **Educação e fecundidade em Portugal: as diferenças nos níveis de educação influenciam as taxas de fecundidade?**, Universidade de Évora, policopiado

MERRIAM, Sharan

1998 **Qualitative research and case study applications in education**, S. Francisco: Jossey-Bass Publishers.

MERTENS, Donna M.

1998 **Research methods in education and psychology: Integrating diversity with qualitative & quantitative approaches**, California: Sage Publications.

MISITI, Maura

2000 **Public opinion and the role of the media**, disponível em: http://62.116.39.195/ftp/projekte/observatory/sevilla_2000_papers.pdf (acedido em Junho de 2006).

MORGAN, David

1998 **The focus group guide book, focus group kit 1**, Estados Unidos: Sage Publications.

MORGAN, David

1998 **Planning focus groups, focus group kit 2**, Estados Unidos: Sage Publications.

NAZARETH, J. Manuel

2000 **Introdução à Demografia**, Lisboa: Editorial Presença

NEYER, Gerda e ANDERSSON, Gunnar

2004 "Contemporary Research on European Fertility: Introduction Demographic Research", **Special Collection S3-1**, disponível em:
<http://www.demographic-research.org> (acedido em Outubro de 2005).

NILSEN, Ann

1998 "Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida", **Sociologia - Problemas e Práticas**, 27: 59-78.

PAIS, José Machado

1990 "A construção sociológica da juventude – alguns contributos", **Análise Social**, vol. XXV: 105-106.

PAIS, José Machado

1991 **Formas sociais de transição para a vida adulta: os jovens através dos seus quotidianos**, Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

PALOMBA, Rossella

2001 **Postponement in family formation in Italy, within the Southern European context**, disponível em:
<http://demography.anu.au/Publications/ConferencePapers/IUSSP2001/Program.html> (acedido em Junho de 2005).

PEREA, Maria Antonia

2001 "Family forms and the young generation in Europe", in LYNNE, Chisholm e LILLO, Antonio e LECCARDI, Carmen e RICHTER, Rudolf, **Family forms and young generation in Europe**, Viena: Austrian Institute for Family Studies, disponível em:

http://ec.europa.eu/employment_social/eoss/downloads/milan_perea_en.pdf
(acedido em Maio de 2005).

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van

1998 **Manual de investigação em ciências sociais**, Lisboa: Gradiva.

ROQUERO, Esperanza

1997 "Efectos da la movilidad laboral en el rito de pasaje hacia el estado adulto: el caso español", **Jovens em mudança: Actas do Congresso Internacional Growing up between Center and Periphery**, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

RYDELL, Ingrid

2002 **Demographic patterns from the 1960s in France, Italy, Spain and Portugal**, disponível em:

[http://www.framtidsstudier.se/filebank/files/20051201\\$133501\\$fil\\$11Yx5IYbo0CFJLL00XD8.pdf](http://www.framtidsstudier.se/filebank/files/20051201$133501$fil$11Yx5IYbo0CFJLL00XD8.pdf) (acedido em Junho de 2006).

SCHIZZEROTTO, Antonio e LUCCHINI, Mario

2002 "Transitions to Adulthood during the twentieth century. A comparative analysis of Great Britain, Italy, and Sweden", **Working Paper Series do European Panel Analysis Group (EPAG)**, 36, disponível em: <http://www.iser.essex.ac.uk/epag/pubs/workpaps/pdf/2000-36.pdf> (acedido em Agosto de 2005).

SCHOENMAECKERS, Ronald e LODEWIJCKX, Edith

1999 "Demographic behaviour in Europe: some results from FFS country reports and suggestions for further research", **European Journal of Population** 15: 207-240.

SGRITTA, Giovanni

2001 "Family and welfare systems in the transition to adulthood: an emblematic case study", in LYNNE, Chisholm e LILLO, Antonio e LECCARDI, Carmen e RICHTER, Rudolf, **Family forms and young generation in Europe**, Viena: Austrian Institute for Family Studies, disponível em: http://ec.europa.eu/employment_social/eoss/downloads/milan_sgritta_en.pdf (acedido em Maio de 2005).

SMITHSON, Janet e LEWIS, Suzan e GUERREIRO, Maria das Dores

1998 "Percepções dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida familiar", **Sociologia - Problemas e Práticas**, 27: 97-113.

SOBOTKA, Tomas

2004 **Postponement of childbearing and low fertility in Europe**, Amesterdão: Dutch University Press.

SURKYN, Johan e LESTHAEGHE, Ron

2004 "Value Orientations and the Second Demographic Transition (SDT) in Northern, Western and Southern Europe: An Update", **Special Collection S3-3**, disponível em: <http://www.demographic-research.org> (acedido em Março de 2006).

VALA, Jorge

1986 "A análise de conteúdo" in SILVA, Santos A. e PINTO, Madureira J. **Metodologia das ciências sociais**, Porto: Edições Afrontamento.

VAN DE KAA, Dirk

1987 "Europe's second demographic transition", **Population Bulletin**, Vol. 42, No 1.

VOGEL, Joachin

2001 "European welfare regimes and the transition to adulthood: a comparative and longitudinal perspective", in LYNNE, Chisholm e LILLO, Antonio e LECCARDI, Carmen e RICHTER, Rudolf, **Family forms and young generation in Europe**, Viena: Austrian Institute for Family Studies, disponível em:

http://ec.europa.eu/employment_social/eoss/downloads/milan_vogel_en.pdf
(acedido em Maio de 2005).

WALL, Karin

2001 "Introduction", in LYNNE, Chisholm e LILLO, Antonio e LECCARDI, Carmen e RICHTER, Rudolf, **Family forms and young generation in Europe**, Viena: Austrian Institute for Family Studies, disponível em:

http://ec.europa.eu/employment_social/eoss/downloads/milan_wall_en.pdf
(acedido em Maio de 2005).

ÍNDICE DE ANEXOS

	Pag
ANEXO I – GRELHA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	188
ANEXO II – QUADRO SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	249
ANEXO III – GUIÃO DAS ENTREVISTAS	264
ANEXO IV – MATRIZ DE CODIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS	266
ANEXO V – PROTOCOLO DE ENTREVISTA	267

ANEXOS

ANEXO I – GRELHA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

TEMA – Planos para o futuro

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego	Conclusão dos estudos de formação inicial	Terminar o curso	<p>Da – “Os meus planos são: terminar o curso, claro” G1</p> <p>Bz, Cz, Dz – “Acabar o curso”. QB</p> <p>Ga – “Também pretendo acabar o curso o mais rapidamente possível, vai ser um pouco difícil mas vou fazer por isso.” G</p> <p>Da – “acabar o curso para aí com vinte e quatro ou vinte e cinco.” S</p> <p>Cz – “ Os meus planos para o futuro, a curto prazo, talvez para os próximos sete ou oito anos são os mesmos: acabar o curso” G</p> <p>Iz – “Pretendo mais ou menos o mesmo que os meus colegas que é: terminar a licenciatura” G</p>

Nota : Cada unidade de registo é antecedida por um código de duas letras, a primeira corresponde ao entrevistado e a segunda especifica se o mesmo é do sexo feminino (a) ou do sexo masculino (z).

Todas as unidades de registo terminam com uma codificação respeitante ao curso a que o entrevistado pertence (AP – Arquitectura Paisagista, AV – Artes Visuais, EI – Engenharia Informática, Gestão – Gestão, QB – Química e Bioquímica, S – Sociologia).

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Conclusão dos estudos de formação inicial (cont.)	Importância do curso para a formação da personalidade	Aa - "Acontece hoje, e eu acho que isso é positivo, o facto de as pessoas terem o seu curso, porque é um factor que vai contribuir muito para a construção do carácter da pessoa, e a pessoa ao sentir que já cumpriu aquele objectivo da vida, isso transmite e dá uma solidez e uma força a nível de carácter, que depois também se pode verificar nestas questões, que são diferentes, que são emocionais, mas que lá está, a pessoa sente com outro tipo de maturidade e com outro tipo de capacidade para resolver os assuntos [assuntos decorrentes da maternidade] que vão aparecendo." AV
	Início da actividade profissional	Conseguir emprego/trabalho estável	Da – "tentar arranjar um emprego" G Ca – "Eu acho que o nosso objectivo será para cada um de nós tentarmos arranjar emprego e seguir em frente." AP Iz – "posteriormente [a terminar a licenciatura] arranjar emprego" G Bz - [após a finalização do curso] "Depois arranjar trabalho estável." QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Início da actividade profissional (cont.)	Conseguir emprego/trabalho estável (cont.)	<p>Iz - “Quando nós nos referimos à estabilidade é no fundo fugir um bocadinho ao desemprego, essa era a maior estabilidade, era não cair nesse fosso.” G</p> <p>Iz - “Basta os nossos depoimentos. Nós colocámos o primeiro objectivo foi quê? Arranjar emprego, foi atingir a nossa estabilidade” G</p> <p>Cz - [após a finalização do curso] “Depois arranjar trabalho estável” QB</p> <p>Ba – “ Penso acabar, trabalhar, tipo dois, três anos para ter estabilidade” S</p> <p>Ea – “Caso consiga acabar o curso para o ano, espero que sim, primeiro que tudo gostaria de arranjar um emprego que fosse minimamente estável.” G</p> <p>Ca – [após a finalização do curso] “ arranjar emprego, ter uma vida estabilizada” S</p> <p>Aa – “As minhas expectativas [após a finalização do curso] são arranjar emprego” S</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Início da actividade profissional (cont.)	Conseguir emprego/trabalho estável (cont.)	<p>Da – “depois [de acabar o curso] tentar arranjar um emprego” G</p> <p>Ba – “Relativamente a expectativas para quando acabar o curso, espero começar a trabalhar logo.” AV</p> <p>Aa – “Os meus planos são: quando acabar o curso, penso arranjar emprego, sinceramente não penso em estudar, fazer mestrado e doutoramento, não sei. Acabar a licenciatura e empregar-me” G</p> <p>Bz - “O meu principal objectivo a curto prazo é mesmo acabar o curso,[sair da casa dos pais], rentabilizar o investimento que eles fizeram. Eu venho de muito longe e sai caro a eles todos os meses estar a pagar propinas, casa e tudo.” G</p> <p>Ba – “A Universidade é um grande investimento e a pessoa o que quer é pôr esse dinheiro a render.” EI</p>
		Iniciar a actividade na área de formação	<p>Aa – “Relativamente aos meus objectivos, depois de terminar o curso gostava de começar a trabalhar na área específica.” AV</p> <p>Hz – “O meu objectivo é acabar o curso e arranjar um emprego na área da informática, melhor.” EI</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Início da actividade profissional (cont.)	Em caso de dificuldade na obtenção de emprego, opção por continuar os estudos	<p>Aa – “Também depende se aparece logo o primeiro emprego na área ou não. Se não aparecer um primeiro emprego, investe-se nos estudos, continua-se para o Mestrado na esperança de conseguir um emprego depois a seguir já mais elevado.” QB</p> <p>Ha – “e na altura tentar intercalar [conciliar casamento e formação avançada].” G</p>
	Frequência de formação avançada	Conciliar trabalho e estudo	<p>Aa, Ea – “Pode ser as duas coisas, trabalho e estudo também.” QB</p> <p>Cz – “Os Mestrados normalmente funcionam ao sábado por isso é possível conciliar o trabalho e o Mestrado.” QB</p> <p>Da – “Eu também penso tirar o mestrado mas já quando estiver a trabalhar.” S</p> <p>Aa – [após terminar o curso e conseguir trabalho] “...depois gostaria de tirar outro curso que me ficou sempre como uma pedra no sapato” AV</p>
		Continuar os estudos após a licenciatura	Ea – “E o mestrado e o doutoramento é uma coisa que eu penso mesmo, a longo prazo, só depois de ter alguma experiência profissional e quando digo alguma, digo, sei lá,

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Frequência de formação avançada (cont.)	Continuar os estudos após a licenciatura (cont.)	cinco, dez anos de experiência, para depois então iniciar, porque acho que é muito importante, porque eu só sei estudar, nunca fiz mais nada, se vou acabar o curso e continuar a estudar, sei lá... gostava de experimentar o outro lado, o lado do trabalho e poder aplicar essa experiência a um mestrado ou a um doutoramento." G Iz – "Não pretendo a longo prazo deixar de estudar, pretendo fazer um interregno, cerca de dois, três anos." G
	Actividade profissional no estrangeiro	Trabalhar no estrangeiro	Ea –[pensar em trabalhar no estrangeiro] " Sim." QB Bz – [pensar em trabalhar no estrangeiro] "Já." QB
		Procura de novas experiências	Cz –[motivação para trabalhar no estrangeiro] "Um sítio novo. Novas experiências." QB
		Procura de melhor remuneração	Bz – [motivação para trabalhar no estrangeiro] "Remuneração superior à que se pode ter cá." QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Actividade profissional no estrangeiro	Ir para o estrangeiro depois da aquisição de alguma experiência profissional	Ca – “A minha ideia era ficar dois, três anos, em Portugal, ganhar alguma experiência, e depois, sim, ir para o estrangeiro e tentar lá fora.” AP
	Actividade profissional relacionada com a investigação	Desejo por desenvolver actividades de investigação	<p>Bz – “Na nossa área, no nosso país a investigação está pouco desenvolvida comparada com outros países da Europa, para nós é uma barreira que é complicado.” QB</p> <p>Aa – [trabalhar em investigação] “Todos querem, pode não ser já.” QB</p> <p>Bz – [trabalhar em investigação] “Eu gostava.” QB</p> <p>Aa – “Pode não se proporcionar mas quase todos gostávamos de seguir investigação.” QB</p> <p>Aa – [trabalhar em investigação] “Todos querem, pode não ser já.” QB</p> <p>Bz – [trabalhar em investigação] “Eu gostava.” QB</p> <p>Aa – “Pode não se proporcionar mas quase todos</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Actividade profissional relacionada com a investigação (cont.)	Desejo por desenvolver actividades de investigação(cont.)	gostávamos de seguir investigação.” QB
Planos de natureza familiar	Constituição da família	Idade do casamento	<p>Fa – “Também pretendo casar a médio prazo, dentro de três ou quatro anos. G</p> <p>Aa – “e depois [de acabar o curso e arranjar emprego] é procurar casa e depois casar-me. Não penso esperar muito tempo, dentro de quatro ou cinco anos penso casar-me.” G</p> <p>Ha – “Queria tentar casar de aqui a três, quatro anos” G</p> <p>Ba – “casar por volta dos vinte e seis, vinte e sete.” S</p> <p>Iz – “Não vou dizer que a partir dos trinta e falando um bocadinho já à frente, falando dos trinta, não digo que não possa vir a casar, ter filhos, constituir família.” G</p> <p>Ea - [Idade do casamento] “...ou seja, quando tiver vinte e cinco anos” G</p> <p>Ga - “Até porque eu disse que penso casar só por volta dos trinta.” S</p> <p>Bz – “Quanto a casar, isso só mesmo lá para os trinta e tal.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos de natureza familiar (cont.)	Constituição da família (cont.)	Idade do casamento (cont.)	Da – “para aí com vinte e sete ou vinte e oito casar e depois ter filhos para aí dois anos ou três depois de estar casada.” S
		Número de filhos esperado	<p>Ba – “Quatro. Sou de uma família grande.” AV</p> <p>Aa – “Quatro e até para tratarem uns dos outros. Quando se chega ao terceiro ou ao quarto, já nem se trata, é o mais velho.” AV</p> <p>Fz – “Na minha família somos dois, eu tenho uma irmã. Isso depende muito das vivências das pessoas. É claro que há sempre aqueles irmãos, filhos únicos que querem ter uma família grande porque sempre foram únicos, mas também há o contrário. Eu acho que só um não tem graça.” AV</p> <p>Ga – “Eu sou filha única e a minha família é pequena. Acho que ia gostar, não sei, de ter dois ou três filhos, talvez.” AV</p> <p>Ea – “Não me ia imaginar numa família com um único filho. A minha mãe tem onze irmãos. O meu pai tem nove. Não conseguia de certeza.” AV</p> <p>Ea – “Eu gostava de ter no mínimo dois, mas gostaria de chegar aos três.” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos de natureza familiar (cont.)	Constituição da família (cont.)	Número de filhos esperado (cont.)	<p>Ca – “Eu acho que isto depende das vivências de cada um. Gostaria de ter dois. Não queria ter assim muitos mas um só, não.” AV</p> <p>Ha – “Eu quero ter três.” G</p> <p>Aa – “No mínimo dois, três. Eu mesmo, mesmo gostava de ter três.” G</p> <p>Da – “Eu gostava de ter três.” G</p> <p>Ga – “Dois.” G</p> <p>Fa – “No mínimo dois.” G</p> <p>Cz – “Eu mais que dois não.” G</p> <p>Bz - “Eu acho que para mim, venham os que vierem, não me importo, não quero estipular um número tipo limite, é os que vierem.” G</p>
		Conseguir conciliar o emprego com os filhos	<p>Fa - [o emprego e os filhos] “Eu por acaso sou otimista nisso. Acho sempre que vou conseguir, não sei se vou ou não, um bocadinho uma coisa aparte. Isto é o meu sonho se calhar, a falar mais alto. Mas acho que, se conseguir manter-me assim, acho que se calhar, até vou conseguir, não sei”. ”</p> <p>G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos de natureza familiar (cont.)	Constituição da família (cont.)	Constituir família não imediatamente após o termo do curso	<p>Iz – “o objectivo a curto, médio prazo, em relação a constituir família não está propriamente nos meus horizontes.” G</p> <p>Fa – “À partida constituir família, só a longo prazo mas é uma coisa que se tiver de acontecer, acontece antes.” AP</p> <p>Ga – “Também pretendo constituir a minha família, não tão a curto prazo” G</p>
		Constituição da família como um projecto não prioritário	<p>Iz - “não colocas propriamente o constituir família como um objectivo primeiro, digamos assim.” G</p> <p>Dz – “ Constituir família não é uma prioridade.” EI</p> <p>Az, Dz, Ez, Fz - “ Não é uma prioridade imediata.” EI</p> <p>Iz - “Para mim casar e ter filhos não está propriamente nos meus objectivos.” G</p>
		Casar após alcançar a estabilidade	<p>Cz – “Acho que em princípio, quero mais consolidar a minha vida e talvez quando tiver tudo organizado posso fazer casar], mas tão depressa, não.” G</p> <p>Ea – “Depois, também perspectivo, no prazo de cinco anos talvez, e caso tenha essa mínima estabilidade no trabalho, casar, constituir a minha família” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos de natureza familiar (cont.)	Constituição da família (cont.)	Casar após alcançar a estabilidade	<p>Da – “Quando tiver estabilidade, é óbvio que gostava de comprar uma casa, pronto de casar” G</p> <p>Ca - [acabar o curso, arranjar emprego] “...ter uma vida estabilizada, depois casar e depois ter filhos.” S</p> <p>Ba – “penso acabar, trabalhar, tipo dois, três anos para ter estabilidade e só depois, comprar casa, casar e ter filhos.” S</p> <p>Bz – [Casar] “ quando tiver a vida estável e arranjar alguém, claro.” QB</p>
Planos relacionados com a construção da autonomia	Independência da família	Emprego que permita autonomia mesmo sem abandono da casa dos pais	Da – “que pode até não ser o sonho ideal [emprego], mas que me permita ter a minha própria independência. Não é preciso que isso necessariamente se verifique numa casa, não, mas que eu possa ter uma certa independência.” G
		Independência anterior ao casamento	Ga - “e penso sair de casa antes.” [de casar] S

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relacionados com a construção da autonomia (cont.)	Independência da família (cont.)	Independência desligada do casamento	<p>Aa - "Se não quiser casar, saio da casa dos pais, tenho a minha própria casa." S</p> <p>Da - "Agora tenho namorado, tenho uma pessoa, penso casar, mas se não tivesse também não ia estar a trabalhar e a viver em casa dos meus pais porque não casava. Então saía." S</p> <p>Ga - "penso desfrutar um pouco após a licenciatura, ter um trabalho, desfrutar um pouco da minha casa e da independência económica, ainda sozinha, e então depois, constituirei família, logo se vê." G</p> <p>Bz - "Quero isso mesmo, rentabilizar o investimento, sair de casa, arranjar trabalho, sair de casa, comprar uma casinha, talvez alugar, se não..." G</p> <p>Ga - "Se acontecer, acontece [casar], mas penso em tornar-me independente, sei lá, poder comprar uma casa, poder ter a minha independência a nível económico e é isso." AV</p> <p>Cz - "quero ver se arranjo dinheiro para comprar a minha casinha e acho que não penso em casar-me, tão depressa." G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Planos relacionados com a construção da autonomia (cont.)	Independência da família (cont.)	Independência desligada do casamento (cont.)	Aa – “depois passado um tempo [de terminar o curso e de arranjar emprego] arranjar casa, e depois...talvez casar. Agora tenho vinte anos, aos vinte e quatro acabar o curso, aos vinte e cinco, se calhar, comprar casa com alguma ajuda dos pais.” S
		Independência depois de acabar o curso	Fa - “Eu nem sequer coloco a possibilidade de voltar [para casa dos pais depois de acabar o curso] .” AP Ea - “ Eu também não.” [voltar para casa dos pais depois de acabar o curso] AP
		Local de residência longe da família por desejo de independência	Cz – “Eu gostava de fazer uma coisa diferente, [não ficar a viver perto da família depois de acabar o curso] vejo os meus irmãos muito agarrados à minha mãe.” QB
		Independência da família após conseguir a estabilidade	Iz – “depois como primeiro objectivo digamos assim, após a estabilidade, tentar sair da casa dos pais. Acho que é no fundo sair do ninho, digamos assim, e ganhar a minha autonomia de certa forma. “ G

TEMA – Saída da casa dos pais

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou condicionantes	Questões de ordem social e económica	Capacidade de auto-sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais	<p>Ba - “Sem estabilidade os jovens saem cada vez mais tarde de casa porque é cada vez mais difícil ter uma estabilidade para ter uma casa, ter uma família, seja o que for mais cedo. EI</p> <p>Dz - “Vamos voltar ao mesmo. É necessária estabilidade financeira para o resto da nossa vida. Quanto mais tarde tivermos estabilidade financeira, mais tarde vamos sair dos nossos pais” EI</p> <p>Cz – As pessoas acabam o curso, não têm emprego, têm de estar durante um tempo com os pais para ver se arranjam uma certa estabilidade monetária para avançar para uma casa, para constituir família. QB</p> <p>Aa – “Se bem que há ainda aquela fase que ele falou que temos que estar em casa dos pais para arranjar estabilidade, para arranjar emprego, para depois poder sair.” QB</p> <p>Bz – [necessidade de ter um trabalho estável para sair da casa dos pais] “Normalmente.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Capacidade de auto- sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais (cont.)	<p>Dz - “Era o ideal, não quer dizer que seja o que está mais ao nosso alcance, mas seria o ideal.” [ter estabilidade financeira para poder sair da casa dos pais] AP</p> <p>Da - “Eu penso sair logo de casa dos meus pais mas não sei se vou poder porque só vou poder sair da casa dos meus pais quando tiver autonomia financeira e arranjar um emprego e não sei se vou conseguir logo. O meu objectivo era acabar o curso e conseguir logo mas posso não conseguir. S</p> <p>Dz - “Se eu ficar em Lisboa, possivelmente ainda ficarei algum tempo em casa dos pais porque tão depressa não vou ter disponibilidade financeira.” AP</p> <p>Ba - “O jovem sai da casa dos pais quando pode ter uma vida própria. Quando se pode sustentar.” EI</p> <p>Ca - “Uma pessoa sem emprego não vai sair da casa dos pais” S</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Capacidade de auto- sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais (cont.)	<p>Aa - [Se não conseguir emprego] "Aí ficava em casa dos pais." S</p> <p>Ea - "Nós quando entramos no mercado de trabalho acho que não nos importamos muito com a questão do ordenado, quer dizer, nós ainda estamos na casa dos pais, eles vão ajudando." S</p> <p>Ea - "Senão continuava a ser a mesma coisa, tipo, nós fora de casa e os pais a continuarem a pagar-nos a renda da casa como quando estávamos na Universidade, não valia a pena." S</p> <p>Ba - "Ainda há pouco falei disso com a minha mãe, "Se calhar vou precisar da vossa ajuda no início" "Está calada, se precisares claro que te ajudamos".O meu objectivo era mesmo ficar independente, já bastaram os anos em que uma pessoa aqui está. Parecendo que não é um investimento muito grande." AP</p> <p>Fa - "nos primeiros anos, uma pessoa tem de mentalizar-se, nos primeiros, um, dois anos e até se ter um emprego realmente fixo, os pais vão continuar a dar</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Capacidade de auto-sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais (cont.)	<p>dinheiro e vão continuar a ajudar. Mas eu não queria estar tão dependente deles economicamente, tanto mais por eles que acho já tiveram tempo suficiente..." AP</p> <p>Da - "É o que eu penso também mas se por acaso não tiver ninguém e se já tiver independência financeira, se já me puder sustentar com independência, saio." S</p> <p>Aa - "Eu também." S</p>
		Acabar os cursos tardiamente e não ter emprego como causas dos adiamentos na saída da casa dos pais	Da - "É isso. Há pessoas que estão a acabar os cursos até muito tarde depois saem e têm dificuldade em encontrar emprego e depois até aos trinta, trinta e tal anos vivem com os pais." S
		Precariedade do primeiro emprego	<p>Dz - "O primeiro emprego nunca é muito estável, não temos a certeza que vamos ficar ali." AP</p> <p>Dz - "Depois de conseguir o primeiro emprego, isso não significa poder sair logo." EI</p>
		Desencontro entre os pais e os filhos quanto à saída da casa dos pais	Dz - "Se esta historinha fosse feita pelos nossos pais se calhar eles diziam logo "Depois do primeiro emprego era bom sair da casa dos pais. Para nós isso não é possível." EI

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Saída da casa dos pais ligada às condições financeiras para comprar a casa e casar	Ca – “Por isso hei-de sair da casa dos meus pais quando tiver condições para comprar uma casa juntamente com essa pessoa e casar.” S
		Adiamento das responsabilidades como causa da saída tardia da casa dos pais	<p>Ea - “Ter uma casa significa, pagar a luz, pagar a casa...Porque é assim, ter uma casa implica contas, fazer a comida, arrumar a casa e quer dizer trabalhar, porque à partida para sustentarmos uma casa implica termos de ter um trabalho. Então estar no trabalho e ainda ir para casa fazer isso tudo, se tivermos em casa dos pais eles fazem isso tudo.” G</p> <p>Da - “Acho que há muitas pessoas que adiam as responsabilidades. Não digo que seja o caso das pessoas que estão aqui, mas sinceramente acho que as pessoas cada vez adiam mais as responsabilidades.” G</p> <p>Aa – “Acaba por ser. Não ter de pagar a renda. Não paga a alimentação. Não fazem o trabalho em casa, se calhar fazem menos.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Adiamento das responsabilidades como causa da saída tardia da casa dos pais (Cont.)	<p>Bz – “Às vezes dão apenas uma ajuda aos pais para a alimentação.” QB</p> <p>Aa – “Exactamente, acaba por ser mais barato. [Estar em casa dos pais] QB</p> <p>Ea – “Se calhar não têm tantas responsabilidades, como seja tomar conta de uma casa.” QB</p>
		Saída da casa dos pais não condicionada pelo trabalho	<p>Aa – “Eu tenho um primo que tem um trabalho estável e continua em casa dos pais.” QB</p> <p>Bz – “Mas também conheço muitos casos em que as pessoas têm trabalho estável e continuam a viver em casa dos pais.” QB</p>
		Saída da casa dos pais ligada ao casamento	<p>Bz – “Só saem mesmo para casar.” QB</p> <p>Aa – [em que circunstâncias se dá a saída da casa dos pais] “Para casar.” QB</p> <p>Bz –[saída da casa dos pais porque vão casar] “Exacto.” QB</p> <p>Ga -“ Sairei só para casar.” S</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Saída da casa dos pais ligada ao casamento	Ca – “Eu no meu caso estou a pensar sair da casa dos meus pais porque em princípio vou casar, fazemos planos para isso.” S
	Aspectos relacionais e psicológicos	Boa ligação afectiva com a família	Ea - “Eu já não penso assim. Tenho casa comprada desde o ano passado, um andar meu e um andar da minha irmã, o meu pai comprou uma casa para cada uma, a gente tem a casa mobilada, completamente pronta para habitar e eu continuo a ir para casa dos meus pais. Vou lá, estive lá três meses nas férias de Verão e nem sequer entrei. Continuo a querer ir para casa e acho que só saio da casa do meu pai e da minha mãe quando for para trabalhar fora de lá. Casar também não está nos meus planos, nem tenho namorado. Só se por exemplo, viesse trabalhar para fora, gostava de ir trabalhar para Lisboa ou para o Porto, ou assim, só aí nessa altura é que sairia de casa deles e tenho casa lá à mãe quando for para trabalhar fora de lá. Casar também não está nos meus planos, nem tenho namorado. Só se por exemplo, viesse trabalhar para fora, gostava de ir

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Aspectos relacionais e psicológicos (cont.)	Boa ligação afectiva com a família (cont.)	<p>trabalhar para Lisboa ou para o Porto, ou assim, só aí nessa altura é que sairia de casa deles e tenho casa lá à porta. Moro três ruas abaixo da casa deles." S</p> <p>Ea - "Não me vejo sem aquele carinho, sem aquele calor, sem o meu gato..." S</p> <p>Ga - [Saída da casa dos pais para casar] " mas eu sou um bocado apegada aos meus pais, não sairia de um momento para o outro." S</p> <p>Dz - "Consigo conviver bem com os meus pais, estar lá nas férias e não me mete confusão. Gostava de ter liberdade de levar pessoal lá para casa, fazer jantares e isso não dá. Os meus pais estão sempre em casa, não dá tanto essa possibilidade." AP</p> <p>Cz - "Por exemplo, eu tenho sete irmãos, pela minha mãe estávamos todos lá em casa, nenhum de nós tinha saído de casa." QB</p>
		Independência mas proximidade com os pais	<p>Ba - "Eu gostava de ter a minha própria casa, mas gostava de na mesma ter os pais perto, quero uma independência, mas ao mesmo tempo, proximidade com eles." AV</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Aspectos relacionais e psicológicos (cont.)	Dificuldade em ter total autonomia e o facto de se estar a viver em casa dos pais	<p>Ea - "Há outras circunstâncias que acho que é de evitar, porque às tantas estamos naquela iminência,"eu já sou maiorzinho já não tenho de dizer que vou ali" mas entretanto ainda estamos lá." AP</p> <p>Ea - "Não é pedir autorização mas há ali uma série de variáveis, tu já não estás propriamente a argumentar tudo, a ter de dizer tudo." AP</p> <p>Dz – "Sim, sim." AP</p> <p>Aa – "Estás em casa deles, é o mínimo respeito." AP</p> <p>Ea - "É diferente, é o território deles, enquanto estiveres no território deles, ainda que possa existir isso e também isso depende da relação que tu tens com os teus pais e a tua postura. Há pessoas que confrontam mais, há outras que preferem não ter essa postura tão...isto é o meu espaço, eu já sou mais velha..." AP</p> <p>Dz - "Eu não peço autorização." AP</p> <p>Ca -"A não ser o carro." AP</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Factores ou Condicionantes (cont.)	Aspectos relacionais e psicológicos (cont.)	Conflito entre a autonomia e o facto de se estar a viver em casa dos pais (cont.)	<p>Dz - “É natural que os pais se preocupem. É evidente que devemos educá-los a não serem pais galinha, mas acho que é possível.” AP</p> <p>Dz - “Eu não peço autorização.” AP</p> <p>Ca - “A não ser o carro.” AP</p> <p>Dz - “É natural que os pais se preocupem. É evidente que devemos educá-los a não serem pais galinha, mas acho que é possível.” AP</p> <p>Cz – “Acho que há muitos pais que gostam de ter os filhos debaixo da asa.” QB</p>

TEMA – Formação e emprego

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Critérios de selecção do trabalho	Possibilidade de realização pessoal	Realização pessoal mais importante que a remuneração	<p>Da - “Muito bem remunerada e andar ali com uma cara completamente fechada para as pessoas não gostando daquilo que estou a fazer, prefiro baixar as expectativas em relação ao meu ordenado e gostar daquilo que estou a fazer, sentir-me realizada” G</p> <p>Ca - “Acho que é a satisfação pessoal.” S</p> <p>Dz – “Se me puserem várias hipóteses para escolher sou capaz de ir mais rapidamente para uma coisa que goste mesmo que tire menos benefícios do que fazer aquilo que não goste. Depende das propostas.” QB</p> <p>Cz – “A realização pessoal.” QB</p> <p>Bz – “Sim, [realização pessoal] mas logo a seguir a questão financeira.” QB</p>
	Tipo de actividade	A escolha de emprego dependente do tipo de trabalho	<p>Aa – “O tipo de trabalho.” QB</p> <p>Bz – “ Por exemplo se me dessem a escolher fazer investigação, ou seja fazer uma coisa diferente todos os dias, ou um trabalho de rotina, preferia fazer investigação e</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Critérios de selecção do trabalho (cont.)	Tipo de actividade (cont.)	A escolha de emprego dependente do tipo de trabalho (cont.)	não trabalho de rotina." QB
	Localização do trabalho	Localização como factor predominante na selecção do trabalho	Aa -"Primeiro saber o sítio onde nós queremos trabalhar se é Lisboa, se é Évora" S
		Preferência pela região de origem	Dz - "Não sei se vai ser em Lisboa, ou noutras áreas do país. Mas para ser noutras áreas do país, prefiro ir para fora." AP Ea – " Ao contrário do que aqui já foi dito, espero ficar na região, na minha região de origem, que é aqui no Alentejo. Não precisa de ser propriamente em Évora, mas arredores, que possa estar aqui, porque sempre cresci aqui, não queria partir" G Dz – "Eu sou do Norte onde há mais oportunidades. Se calhar se ficasse lá em cima, não ficava mal." QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Critérios de selecção do trabalho (cont.)	Localização do trabalho (cont.)	Proximidade à zona de residência	Cz – “A distância em relação à nossa cidade também é um factor importante. Mesmo em termos financeiros a distância vai condicionar muito.” QB
		Preferência por trabalhar perto da família	Bz – “Se uma pessoa tiver possibilidade de ficar perto da família e fazer aquilo que goste é o melhor.” QB
		Abandono do local de origem por escassez de saídas profissionais	<p>Aa – “Depende da região de onde nós viemos. Eu sou do interior onde não tenho praticamente nenhuma oportunidades lá. Desde o secundário disse que sairia, saí, e vim-me embora.” QB</p> <p>Ba - “Eu também penso nisso, [ligação ao ambiente familiar] mas na minha zona também não há assim grandes oportunidades e eu também acho que se calhar é um bocado difícil arranjar emprego lá e então se calhar também teria de sair mais cedo.” S</p> <p>Cz – “em princípio quero sair daqui, não tenho grandes perspectivas de trabalho aqui.” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Estratégias para a obtenção de emprego	De natureza profissional	Obtenção de trabalho e progressão na carreira por mérito	<p>Da - "Às vezes podemos entrar para uma posição que não nos agrada, ou fazer coisas que não nos agradam mas depois pelo nosso trabalho podemos ir subindo lá dentro." S</p> <p>Ea - "Prefiro entrar por mérito próprio." S</p> <p>Bz - "Ir subindo." QB</p> <p>Aa - "Ir subindo. O trabalho que for aparecendo e ir subindo." QB</p> <p>Aa - "Também prefiro entrar por mérito próprio" S</p> <p>Cz - "Vai ser arranjar um trabalho inicial que me dê possibilidade de evoluir para outros." G</p> <p>Ea - [emprego com alguma estabilidade] "...mas que me desse possibilidades de subir lá dentro e de experimentar." G</p>
		Obtenção de emprego por selecção e concurso	<p>Ba - "Inscrevermo-nos no Centro de Emprego." S</p> <p>Fa - "Acho que em termos mesmo concretos, a administração pública é sempre um caminho." AP</p> <p>Cz , Aa - "Mandar currículos para todo o lado." QB</p> <p>Ha - "Vou concorrer a tudo." G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Estratégias para a obtenção de emprego (cont.)	De natureza pessoal	Tentar arranjar trabalho independentemente das características do mesmo	<p>Iz - [Arranjar trabalho] “Desde simples varredor de ruas à caixa de supermercado, ao mais alto gestor de topo, tudo.” G</p> <p>Iz - [Conseguir trabalho] “Isto é um bocadinho como aquele pescador, pesca desde marisco aos moluscos à simples sardinha, carapau, tudo.” G</p> <p>Aa - “É preciso abrir caminhos.” AP</p>
		Persistência na procura	Ba - “Eu acho que basta procurar. É evidente que ele [emprego] não aparece. É preciso procurar, procurar.” AP
		Começar por qualquer tipo de trabalho até conseguir um que tenha relação com a formação profissional adquirida	Hz – “Se não arranjar nessa área tenta-se outra até conseguirmos a nossa área.” EI

[

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego	Dificuldades ao nível da inserção	Necessidade de flexibilidade na procura	Da - "É difícil arranjar emprego com muitas imposições." S Bz - "Se bem que hoje em dia não se pode escolher muito, tem de se agarrar aquilo que aparece. QB Da - "Acho que o importante é entrar no mercado de trabalho." S
		Dificuldades na obtenção de emprego	Ha - "Hoje em dia tudo está tão mau que uma pessoa fica a pensar, meu Deus, o que é que será quando nós acabarmos." G Dz - "Penso que não vai ser fácil conseguir emprego" El Cz - "A minha opinião não é tão optimista quanto a vossa, sou muito sincero. Não acho que seja uma área que esteja assim tão bem quanto isso, tudo bem que não somos também os piores, mas de facto é difícil conseguir essa estabilidade, num prazo tão curto, um, dois anos, alguns conseguem, os melhores e com a cunha, como toda a gente diz." G Fa - "Fácil, fácil, não é." [Conseguir emprego] AP Cz - [expectativas quanto ao emprego] "Não são boas." QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Dificuldades ao nível da inserção (cont.)	Dificuldades ao nível da obtenção de emprego (cont.)	<p>Dz – [Obtenção de emprego] “Está complicado.” QB</p> <p>Bz – [Expectativas quanto ao emprego] Não são muito boas. Está complicado.” QB</p> <p>Cz – “Sim são poucos os que acabam e têm logo trabalho.” QB</p> <p>Gz – “Até porque há muitos jovens a pedir empréstimos aos bancos, mesmo para estudar na universidade e essas pessoas vão sair da universidade e não tendo emprego para esses empréstimos...as pessoas precisam mesmo.” EI</p> <p>Bz – “Não há contratos.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Dificuldades ao nível da inserção (cont.)	Necessidade do recurso a influências	<p>Iz - "O factor C e o factor S. O factor sorte também conta muito." G</p> <p>Cz - "O factor C funciona muito. Sem o factor C é muito difícil arranjar emprego." QB</p> <p>Bz -[" o factor c"] "E' assim." QB</p> <p>Ha -"Temos mesmo de tentar agarrar tudo. A seguir vai jogar o factor sorte e joga o factor C." G</p> <p>Iz, Fa, Aa - "Exacto." G</p> <p>Aa - "Arranjar cunhas." S</p> <p>Aa -[arranjar cunhas] "... mas não vamos ficar até aos vinte e seis ou vinte e sete anos a ver, ai ninguém me vem buscar, ninguém me convida para nada." S</p>
		Saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas	<p>Da - "Vão muitas pessoas para Sociologia. Saem muitos e o mercado não equivale." S</p> <p>Ga - "A concorrência é muita" G</p> <p>Aa - "A concorrência é muito grande" G</p> <p>Bz - "Isto é um fenómeno generalizado, acabar e não ter trabalho. Há outras áreas que ainda é pior que a nossa, por exemplo ensino. Está mais complicado." QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Dificuldades ao nível da inserção (cont.)	Decepção após o termo do curso	Ca – “Depois de tantos anos a estudar, chegar lá fora e não poder aplicar o que se estudou é frustrante.” EI
		Precariedade dos contratos	<p>Cz – [arranjar emprego] “Está complicado. Está para todos os cursos e vemos, por exemplo, outras pessoas que acabaram o curso, podem trabalhar um ano e no ano seguinte estarem sem fazer nada na área porque não arranjam. Não temos nada estável. Temos este emprego que é para cinco, seis anos, não há nada disso. Há contratos sucessivos.” QB</p> <p>Fz – “A questão aqui é se arranjam trabalho ou arranjam emprego.” EI</p> <p>Aa, Cz - [expectativa de conseguir um emprego estável] “Não.” QB</p> <p>Bz – [expectativa de conseguir um emprego estável] “Pode acontecer, mas não é muito provável.” QB</p> <p>Dz – [conseguir um emprego estável] “Era o que queríamos, mas não é o que está no horizonte, já estamos mentalizados.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Dificuldades ao nível da remuneração	Baixa remuneração inicial	<p>Aa - "Com 500 ou 400€ nós ficamos." S</p> <p>Da - "Com o tempo podemos ir atingindo outras metas." S</p> <p>Da -[ordenado] "Eu acho que hoje em dia não pode ser muito" S</p>
	Diversidade de oferta de emprego	Optimismo em relação à área de trabalho	<p>Aa – "Apesar de tudo na nossa área [Engenharia Informática] estamos muito optimistas neste momento, se fosse outros cursos era pior." EI</p> <p>Iz – "É uma área que não está propriamente saturada, digamos assim." G</p> <p>Ha – " (...) os exemplos que sigo de perto estão todos a trabalhar. Toda a gente arranjou, seja num banco, seja numa grande empresa, pode ser numa empresa mais pequena, seja num escritório de contabilidade, arranjam nesta área." G</p> <p>Ha – "Mesmo que seja difícil o tal emprego estável, a tal efectividade, acho que uma coisa para mim é assente, que arranjar emprego, vamos arranjar nem que seja a contrato de seis meses e depois voltas a renovar, contrato de uma ano." G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Diversidade de oferta de emprego (cont.)	Variadas possibilidades de trabalho	Az – “Há muitas coisas que podemos fazer porque isto abrange muitas áreas. Há muitas coisas que podemos fazer, não apenas uma.” EI
Consequências dos percursos formativos	Em relação ao mercado de trabalho	Classificação final do curso sem peso na escolha dos profissionais	<p>Ha – “Às vezes não interessa se acabou com uma boa média” G</p> <p>Ea - “Importante, importante acho que é a entrevista, mais se calhar do que a média.” G</p> <p>Ha - “Eu vi isto pelo exemplo do namorado dela que seguiu assim mais de perto, porque ele realmente acabou o curso em quatro anos mas não tinha uma média nada de extraordinário e passou à frente de muitos que tinham uma média superior a ele pelo comportamento que teve na entrevista.” G</p> <p>Aa – “e passou à frente dessas pessoas todas, com médias muito superiores devido à entrevista e devido às experiências profissionais que ele tinha tido anteriormente coisa que sinceramente eu não tenho. Se perguntarem na entrevista “O que é que já fez na sua vida? Eu digo, “Nada”. Só estudei e passei férias, mais nada.” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Consequências dos percursos formativos (cont.)	Em relação ao mercado de trabalho (cont.)	Importância dada à avaliação das competências e não aos graus académicos	<p>Ez - "Lá fora o que eles avaliam, pelo menos na nossa área são as competências da pessoa, porque ter um mestrado ou um doutoramento não interessa muito." EI</p> <p>Az - "Não interessa dizer que tem mestrado ou que seja...há pessoas a trabalhar nisto que não têm nenhum curso superior. EI</p> <p>Az - "Mas isso é assim considerando o país em que estamos. Lá fora às vezes não interessa muito." EI</p>
		Importância da formação	Ba - "quanto maior grau de formação a pessoa tiver melhor." EI

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Consequências dos percursos formativos (cont.)	Em relação à constituição da família	Frequência do ensino superior atrasa a idade do casamento e do nascimento dos filhos	<p>Ba - "Tenho colegas que andaram comigo na escola e que não seguiram para o ensino superior e que já são casadas." S</p> <p>Aa - "Eu se não viesse para o ensino superior se calhar já tinha casa e filhos" S</p> <p>Dz - "toda a gente aponta por causa da escolaridade só a partir dos trinta é que casamos etc." AV</p> <p>Ea - "os estudos levam muito tempo." [facto que aumenta a idade do casamento] S</p> <p>Bz – "A continuidade dos estudos vai transportar a constituição da família para mais tarde." QB</p> <p>Ba - "Por exemplo quem deixa de estudar, eu vejo colegas minhas, quem deixou de estudar, já está praticamente tudo casado e já tem filhos e eu ainda estou no terceiro ano." AV</p> <p>Bz – "A continuidade dos estudos vai transportar a constituição da família para mais tarde." QB</p>

TEMA – Constituição da família

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções	Sobre o casamento	Transformação social quanto à concepção do casamento e à importância dada à família	<p>Ha – “A minha avó costuma dizer que antigamente, a mãe dela, portanto a minha bisavó, costumava dizer aquele ditado que “Antes dos vinte é para quem tu quiseses, depois dos vinte é para quem vier”, portanto mostrava um bocadinho. Hoje já não se passa nada disso. Eu acho é que se dá menos importância se calhar, à família.” G</p> <p>Ha – “Dantes casava-se, porque era assim. Hoje em dia dá-se muito ênfase à parte do estudo.” G</p> <p>Iz - “mas enquanto tu dantes pensavas logo em constituir família, agora pensas cada vez mais na tua estabilidade, em atingires a tua autonomia e dantes não. Por exemplo, quando a minha mãe se casou, a minha mãe casou-se com vinte e um anos, com a minha idade, ias perguntar à minha mãe nessa altura, o objectivo dela era logo constituir família, ter filhos. Nem pensava em empregos nem nada disso. Hoje é completamente diferente.” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Transformação social quanto à concepção do casamento e à importância dada à família (cont.)	<p>Ea – “Mas o casamento não é como se vivia antes.” QB</p> <p>Ea –[o casamento é o motivo de saída da casa dos pais] “Mas acho que agora já não acontece tanto...” QB</p> <p>Ha – “Na sociedade antigamente, as pessoas casavam mais cedo porque era assim, era assim que as pessoas eram educadas.” G</p> <p>Ea - “E por outro lado, aquela ideia que há uns anos havia de se casar cedo e constituir família cedo, o tal criar uma independência, ter a própria casa é uma ideia mais ultrapassada ou se não é ultrapassada, esticou-se no tempo e é vista como algo a fazer mais tarde na vida. Acho que se adiantou dez anos.” AV</p> <p>Ea – “O casamento normalmente era aquilo que a gente disse, sair da casa dos pais era ter a independência financeira. Hoje não, já não representa isso. A maior parte das pessoas hoje que casam já têm uma vida estável, tanto sobrevivem com uma pessoa como sem essa pessoa, acabam por conseguir sobreviver da mesma maneira.” S</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Descrença em relação ao casamento	Gz – “Não acredito.” [No casamento] EI
		Opção pelo casamento religioso	Fa - “Eu tenho uma perspectiva cristã do casamento. Considero-o importante. Espero com o marido tentar criar à minha volta um ambiente positivo em relação ao casamento e à família e com isso vir a influenciar outros casais que se relacionem comigo e contribuir para uma visão menos materialista da sociedade.” G Ea – “ Eu se um dia me acontecesse isso preferia casar” [por igreja]. S
		A experiência vivida pelos pais influencia a representação sobre o casamento	Ba – “Acho que isso depende muito da experiência que cada um de nós tem em casa, o casamento dos nossos pais.” EI Ba – “Os meus pais felizmente continuam felizes ainda hoje e eu tenho e por isso eu tenho uma ideia feliz porque o que tenho em casa é um exemplo muito feliz. É uma coisa em que eu acredito. Enquanto há pessoas que não tenham passado por uma boa experiência, também tenho casos assim na família, casamentos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	A experiência vivida pelos pais influencia a representação sobre o casamento (cont.)	que foram uma fraude completa. El Ca – “Também não digo que é preciso casar, também não digo que é muito fácil casar, mas acredito, tenho um exemplo feliz em casa também, como ela.” El
		Proveniência geográfica influencia a concepção que se tem sobre o casamento	Dz – [Concepção que se tem sobre o casamento] “Também depende da região de onde cada um vem.” El Ea – “Eu sou de um ponto do país diferente do delas em que a gente dá muita importância a esse tipo de coisas [casamento religioso]. S
		União de facto identifica-se com o casamento	Aa – “viver junta para mim já é casar” S Dz – “Já têm experiência de vida a dois. Apesar de não estarem casados, acho que isso já se pode chamar um casamento.” QB
		Não necessidade do casamento para uma relação feliz	Dz – “Pode dar certo, não é preciso casar.” El Aa – “ porque o que interessa é eu gostar dele, ele compreender-me.” S
		Casar para satisfazer o desejo dos pais	Fz – “Eu gostava de casar, gostava. Acho que também

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Casar para satisfazer o desejo dos pais (cont.)	<p>é uma alegria para os pais. Acho que é uma alegria para os pais casar, ter a família e ser feliz, é o que eles esperam de nós também." El</p> <p>Ba – “Mas há muitas pessoas que se casam porque os pais só vêem uma determinada relação a sério ou só concebem o facto do filho estar com aquela pessoa, quando há um casamento, quando há uma coisa oficial. El</p> <p>Dz – “Eles querem que nós sigamos o exemplo deles [casar].” El</p> <p>Dz – “Nós também estamos sujeitos a algumas pressões, o meu pai gostava muito que eu me casasse e se calhar se não me caso isto...” El</p> <p>Da – “ O casamento tem mais importância para os meus pais e para os pais dele do que para mim.” S</p>
		Casamento considerado como um costume social	<p>Az – “Duas pessoas vivem juntas, gostam uma da outra, acho que não é preciso o papel para estarem casadas. Eles vão casar, vestido de branco e não sei quê, é só para agradar às outras pessoas.” El</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Casamento considerado como um costume social (cont.)	<p>Az – “Não percebo o conceito de casar para ter lá o papel assinado. Hoje é tão volátil, acho que não quer dizer nada, não é para o casal é para as outras pessoas.” EI</p> <p>Dz - “Eu considero o casamento entre duas pessoas sem terem nenhum papel assinado. Podem viver cinquenta anos juntas sem ter nenhum papel assinado.” EI</p>
		O casamento como exigência para haver filhos	<p>Ez – “Ter filhos sem casar, os pais dizem, “eh pá! Mas o que é isso?” EI</p> <p>Bz – “Nos casos que eu conheço, o facto de vir um filho a caminho vai levar ao casamento. Para terem filhos as pessoas querem estar casadas.” QB</p>
		O casamento não é sinónimo de casamento religioso	Ca – “O casamento não quer dizer que cases por Igreja.” EI
		O casamento como um passo importante na vida do casal	Ca – “Eu acho que não é só para as outras pessoas, acho que também é para o casal. Só casas se quiseres. Até podes casar só com duas testemunhas.” EI

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	O casamento como um passo importante na vida do casal (cont.)	<p>Ca – “Como ele dizia para mostrar às pessoas que iam casar. Uma pessoa pode casar só com duas testemunhas, nem precisa de ter aquele copo de água, aquela coisa toda. É uma coisa para a pessoa e para o casal. Para mim é importante, não a nível de só de registo. Eu sou cristã, praticante e para mim a bênção é importante. Mas se a pessoa que estiver comigo não aceitar e eu amar essa pessoa também não é por aí que não vou viver com ela, porque essa pessoa não quer casar pela Igreja.” EI</p> <p>Ea – “Por um lado é sempre bom casar. Um pessoa casada com um papel passado pode não ter muita esperança mas pode ter mais regalias.” S</p>
		Atribuição de maior seriedade à relação quando se está casado	<p>Dz – “Mas também é uma responsabilidade que nós temos, eu sou casado, agora chateei-me, já não quero estar casado, e passados dois meses já estão separados.” EI</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Experiência de vida em comum antes do casamento	<p>Fz – “Se houver hipótese de viver junto com uma pessoa antes de dar um passo importante. Se correr bem eu acho que neste caso eu gostava de casar.” EI</p> <p>Cz – “É vulgar as pessoas viverem juntas para ver o que dá.” QB</p> <p>Cz – “Há pessoas que começam a viver juntas e só passados dez, vinte anos é que se casam.” QB</p> <p>Aa – “Exactamente é muito vulgar os jovens quererem primeiro experimentar a vida a dois e só depois avançar para dar um passo mais seguro.” QB</p> <p>Ea – [motivo justificativo da vida em comum prévia ao casamento]” É mais o medo de falhar.” QB</p> <p>Aa – “se calhar, viver juntos e depois casar “ S</p>
		Alta percentagem de divórcios a justificar o não casamento	<p>Cz – “Há tantos divórcios que investir no casamento já não sabemos se vale a pena para depois passados um ano ou dois estar separados.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Conhecimento e confiança mútuos a dispensarem a experiência de vida em comum anterior ao casamento	Bz – [necessidade de vida conjugal prévia ao casamento como uma garantia de segurança] “Acho que não, acho que quando uma pessoa tem a certeza dos seus sentimentos e da outra pessoa, não há que primeiro experimentar e depois dar o passo.” QB
		Preponderância da vida profissional sobre a familiar	Az – “Pois é isso que eu estou a dizer. Não penso muito nisso [constituir família]. Dou mais importância à parte profissional do que a isso.” EI Bz – “Dantes era o casamento agora é determinante a carreira.” QB Aa – “Mesmo que haja ajudas, apoios, a carreira está sempre à frente.” QB
	Sobre o alargamento da família	Ter filhos não condicionado pela situação financeira	Ea – “Uma ideia que eu partilho, acho que se o momento propício fosse um, eu que posso não estar tão bem financeiramente, não vou dizer que não pensaria ter um filho por isso. Claro que tenho de

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o alargamento da família (cont.)	Ter filhos não condicionado pela situação financeira (cont.)	pensar no futuro dele, mas tenho de pensar às tantas, se aquela é uma boa altura por que não? Se eu estou preparada para isso, por que não?" AV
		Opção pela família em detrimento de uma posição profissional cimeira	Ga - "Eu admito que no momento em que eu tiver filhos, não sei se é por eu gostar muito de crianças e sempre ter gostado, acho que eles vão ser o mais importante para mim e se isso implicar uma descida na subida que já tive na empresa em prol deles, acho que o faria." G
		Rejeição da possibilidade de haver filhos fora do casamento	Aa, Bz, Dz, Ea – [possibilidade de terem filhos fora do casamento] "Não." QB
		Ter filhos na situação de uma união	Cz – "O meu irmão, por exemplo, não está casado, está junto com a mulher, tem uma filha e já estão a pensar em ter mais, sem estarem casados; acho que têm uma vida a dois, ainda não têm o casamento oficializado, mas a pessoa pensa sempre em ter

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre o alargamento da família (cont.)	Ter filhos na situação de uma união (cont.)	filhos." QB Dz – “Numa situação de uma união de facto, a generalidade das pessoas novas já têm filhos, independentemente do casamento.” QB Aa – “Exige-se uma relação mais estável como o casamento.” [Para ter filhos] QB
	Sobre a educação dos filhos	Aumento das exigências feitas pelos filhos	Ga- “as crianças exigem mais, exigem um computador, exigem a Internet” G Da - “Ele tem um computador, eu quero dois. Os pais podem não lho dar, só que vem ele e diz “ O meu colega lá da escola...” G Ga – “O meu colega tem, porque é que eu não posso ter.” G
		Exigência e sobriedade na educação dos filhos	Aa - “Eu sinceramente mesmo que tenha dinheiro para dar tudo aos meus filhos, eu não vou dar, para as pessoas não se tornarem egoístas” G

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre a educação dos filhos (cont.)	O acesso à informação a contribuir para o aumento das exigências que os filhos fazem aos pais	Aa – “Mas eu acho que independentemente do que os pais idealizam para os filhos, também há muito a questão do que faz a informação, os media, etc. Os filhos também cada vez vêem mais coisas e querem mais coisas e às vezes independentemente dos pais não terem idealizado aquilo para o filho, é o filho que chega a casa e diz “Mãe, eu gostava de ir para ali, ou eu quero aquilo” AV
		Adiar os nascimentos pelas dificuldades em satisfazer as exigências dos filhos	Aa – “Mais, porque também têm acesso a mais e isto também deve dificultar um bocadinho o papel dos pais, porque também é complicado dizer não, não, não, não! E daí também eles pensarem, se calhar não é boa altura não, porque eu quero dar isto tudo e não posso, mas porque ele pode eventualmente querer isto e eu não lhe posso dar, também por aí.” AV

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Perspectivas/concepções (cont.)	Sobre a educação dos filhos (cont.)	A situação material dos pais não deve ser determinante na educação dos filhos	<p>Ea – “Mas não aquela coisa, eu quero ter a minha casa própria e o meu carro. A educação de um filho pode não passar por ele se sentir realizado só porque em tempos os pais tiveram...” AV</p> <p>Ga – “Não, claro que não. “ AV</p> <p>Ea – “Tu podes ir contribuindo para isso e ao mesmo tempo ires criando os teus filhos. Só que eu acho que hoje em dia pensa-se demasiado assim. Ter mesmo a casa definitivamente própria, quando isso pode ser uma coisa a atingir num determinado tempo. “ AV</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira	Dificuldades em compatibilizar a carreira com as obrigações familiares	<p>Ha - "Eu acho que principalmente é o emprego que a pessoa escolhe e à medida que o escolhe, como há tão poucos tenta agarrá-lo, e como tenta agarrá-lo para não fugir, ela faz tudo e esquece a família, esquece tudo." G</p> <p>Aa - "Se o filho está doente não podemos faltar, onde é que temos o tempo? Se não, perdemos o emprego." G</p> <p>Ha – "Nós, por exemplo, vemos muitas vezes o factor tempo. As pessoas casam, têm família e depois o tempo que passam com os filhos é cada vez menor, Por que a sociedade também assim o exige, porque se não crescermos lá dentro do trabalho, podemos perder o emprego, se não provarmos que somos bons, podemos perder o emprego e depois pensamos, como é que alimentamos a família, como é que continuamos" G</p> <p>Aa - "acho que o factor pressão do trabalho faz que nós pensemos se vale a pena constituir família, se não vamos ter tempo para eles?" G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Dificuldades em compatibilizar a carreira com as obrigações familiares (cont.)	<p>[Motivos pelos quais as pessoas têm menos filhos]</p> <p>Iz – A pressão da sociedade. G</p> <p>Fa – A pressão da sociedade. G</p> <p>[No sentido de]</p> <p>Iz – A competitividade. G</p> <p>Da, Aa, Ea – Os empregos. G</p> <p>Fa – “É por isso que temos os filhos mais tarde. É uma coisa que se vai arrastando obrigatoriamente.” AP</p> <p>Ca – “Porque não temos condições para isso.” AP</p> <p>Ea - “Por isso mesmo é que eu prefiro sinceramente não estar num emprego..., numa empresa, no topo da empresa e ter uma vida familiar porque sei que é muito difícil estar no topo da empresa e ter uma família” G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Opção pela família em detrimento de uma posição profissional cimeira	<p>Ga - "Eu admito que no momento em que eu tiver filhos, não sei se é por eu gostar muito de crianças e sempre ter gostado, acho que eles vão ser o mais importante para mim e se isso implicar uma descida na subida que já tive na empresa em prol deles, acho que o faria." G</p> <p>Ea - "Por isso mesmo, é que eu prefiro sinceramente não estar num emprego..., numa empresa, no topo da empresa e ter uma vida familiar porque sei que é muito difícil estar no topo da empresa e ter uma família"</p>
		Compromissos familiares só depois de chegar ao topo da carreira	<p>Iz – "A minha perspectiva em termos de família no fundo era só quando conseguisse ter aquela estabilidade ou seja, no fundo quando chegasse ao topo, manter-me minimamente no topo e não ter essa perspectiva de poder cair, digamos assim. Aí sim, posteriormente ter família, constituí-la e ter tempo também para os filhos, para a esposa." G</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Estabilidade profissional como condição para constituir família	<p>Aa – “Temos de ter trabalho estável para depois poder constituir família. Uma pessoa para constituir família quer ter um mínimo de estabilidade, penso que é isso também que nos preocupa.” QB</p> <p>Bz – [a constituição da família está dependente] “De arranjar um emprego.” QB</p> <p>Cz – [arranjar emprego] “Acho que sim.” QB</p> <p>Aa – [arranjar emprego] “Não só.” QB</p> <p>Bz – “Não se vive do ar.” QB</p> <p>Dz – “Quando tivermos estabilidade.” [Será possível constituir família] EI</p> <p>Dz – “Arranjar trabalho estável para que depois possamos constituir família.” QB</p> <p>Ba - “Se eu não tiver emprego, como é que vou comer, como é que vou dar de comer aos meus filhos? AV</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Estabilidade profissional como condição para constituir família (cont.)	<p>Dz – “A estabilidade até mesmo para constituir família. Ter um trabalho um mês, dois meses, uma ano. Ter a garantia por dois, três anos é completamente diferente.” EI</p> <p>Ba – “Uma pessoa nunca sabe se encontra um bom emprego que até permita ter a tal estabilidade dois anos depois de terminar o curso. É mesmo isso, é quando puder ser, quando tiver condições para isso.” EI</p> <p>Ea – “O que eu acho é que hoje em dia quando pensas em ter filhos, essas condições são equacionadas, são postas em causa, “Como é que eu posso ter um filho se querendo dar-lhe isto, não tenho possibilidades e então vou esperar mais algum tempo.” AV</p> <p>Aa - Com emprego é mais fácil.” QB</p> <p>Dz – [arranjar emprego] “Para a maior parte, não é mais fácil, é fundamental.” QB</p> <p>Dz – “Uma pessoa para constituir família também quer ter o mínimo de estabilidade.” QB</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Estabilidade profissional como condição para constituir família (cont.)	Ba – “A pessoa acaba o curso, depois arranja emprego, não arranja, nunca tem dinheiro para comprar carro, casa seja para o que for e cada vez os jovens começam a sua vida mais tarde, porque também demoram mais a poupar devido a esta instabilidade a nível de trabalho e tudo isso.” EI
		Prioridade da constituição da família mesmo em situação de insegurança profissional	Ea – “Eu posso constituir família na mesma sem ter um emprego estável ou não. Pode ser mais inseguro mas isso não vai fazer depender de constituir família ou não.” QB
		A carreira como condicionante do número de filhos	Da – “As pessoas querem subir na carreira, não têm tempo para ter mais filhos.” QB
		Dificuldade das mulheres para conciliar emprego e filhos	Cz – “Há uma certa discriminação, principalmente em relação às mulheres. Se elas entram em licença de parto, quando acabar o contrato, quase de certeza que vão ser despedidas. Conheço algumas situações em que isso aconteceu.” QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Constituição da família não condicionada pela carreira	Aa - "Em relação a constituir família, acho que isso é muito difícil estar a determinar mais ou menos. Penso que se a oportunidade surgir, eu não vou pôr barreiras a nível de carreira, pôr à frente, não quero porque prefiro...mas se não surgir, também não é uma coisa que me preocupe." AV
		Falta de tempo como causa determinante para a diminuição do número de filhos	Ea, Ha, Fa, Cz – A falta de tempo [causa pela qual as pessoas têm menos filhos]. G Fz - "se calhar não passa tanto pelas dificuldades económicas mas é mais pela falta de tempo." AV Dz – "Uma vez que queremos oferecer aos nossos filhos não só nível financeiro mas carinho, estar com eles e isso tudo, torna-se muito difícil na sociedade que nós temos e da forma como ela é constituída, proporcionar isso." AP

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores de ordem económica	Exigências relacionadas com a qualidade de vida e custo da educação dos filhos	<p>Ga - “Acho que isso também tem a ver com o que aconteceu na sociedade. Antigamente as pessoas contentavam-se com pouco e hoje uma pessoa para ter um filho tem mais custos”G</p> <p>Aa – “As pessoas preferem ter um ou dois filhos e criá-los com melhores condições, do que terem seis ou sete e criarem-nos e criá-los com piores condições.” QB</p> <p>Fa – [Antes de casar] “Como é óbvio, também gostaria de estar estável economicamente.” G</p>
		Necessidade de estabilidade financeira para ter filhos	<p>Ea – “Eu acho que há uma ideia que está bem patente nestes últimos tempos que julgo, até por pessoas que conheço que casaram há algum tempo e que estão sempre à espera da melhor oportunidade por exemplo, para ter filhos. Estão à espera de ter a casa, o carro e um certo conforto, nesse sentido monetário e alguma estabilidade também pessoal, para ter os seus filhos e pensarem nos estudos deles” AV</p> <p>Da - “É preciso estabilidade financeira para ter filhos.” S</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores de ordem económica (cont.)	Necessidade de estabilidade financeira para ter filhos (cont.)	Dz – [Para ter um filho] “ Tem que o sustentar, tem de dar o mínimo para poder viver como deve ser, e isso custa dinheiro.” QB Ga – “É preciso ter um mínimo de segurança.” AV
		Despesa inerente ao número de filhos	Iz - “Isto é interessante. Eu gosto de as ouvir falar, uma quer ter dois filhos, outra quer ter três, eu começo a assustar-me. Dois filhos já dá uma despesa e pêras, três então, não se fala.” G
		Causas económicas para a diminuição do número de filhos em Portugal	Aa –[motivo pelo qual as pessoas têm menos filhos em Portugal] “A crise económica.” QB Aa - “Acho que a parte financeira é importante[causa da diminuição da taxa de natalidade].” G Iz - “Exacto [causa da diminuição da taxa de natalidade]” G Dz – “Nós temos um nível de vida muito caro para os salários que são praticados no nosso país e isso condiciona.” [o número de filhos] QB

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores de ordem social	Hábitos consumistas influenciam o padrão de vida e o número de filhos	Ha - "O consumismo das pessoas é tão grande que esquecem que podem vir a ter outro género de felicidade podendo dar à luz, nascendo outra criança, não, as pessoas é, se aquele tem, eu quero melhor. Tenho uma casa assim, tenho de ter uma casa maior, porque as pessoas hoje em dia são assim." G Da - "A vida das pessoas está mesmo assim. Consumismo. Tu tens, eu tenho de ter melhor que tu." G Ca - "Não é por causa de os meus filhos não poderem ir para o ballet ou uma coisa do género que eu vou deixar de ter filhos." AV
		Necessidade de contar com a ajuda dos avós para a educação dos filhos, dada a falta de tempo dos pais	Iz – " e nunca esquecer também a ajuda dos pais porque no fundo é numa altura em que os pais, pelo menos eu falo por mim, talvez quando chegar aos trinta, deve ser na altura em que os meus pais já estão a entrar na reforma, na pré-reforma e poder contar também com os nossos pais e com os nossos sogros

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Condicionantes (cont.)	Factores de ordem social (cont.)	Necessidade de contar com a ajuda dos avós para a educação dos filhos, dada a falta de tempo dos pais (cont.)	também para educar os filhos porque nós ao fim e ao cabo quer marido quer esposa, nunca vamos poder ter tempo, por muito que conciliemos as coisas, nunca vamos poder ter tempo os dois, para estar com os filhos; a questão da pressão da sociedade nunca nos vai deixar fazer isso." G
		Falta de apoio do Estado para a educação dos filhos	Bz –[motivo pelo qual as pessoas têm menos filhos em Portugal] "A falta de apoio." QB Bz – "Por exemplo, o abono de família, quem precisar desse dinheiro para criar um filho, acho que é muito pouco, quase nada. Hoje em dia está tudo tão caro! Não deixa de ser uma ajuda, mas acho que é quase insignificante." QB

ANEXO II – QUADRO SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

TEMA – Planos para o futuro

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Planos relativos à formação e ao emprego	Conclusão dos estudos de formação inicial	Terminar o curso				4 / 4	3 / 3	1 / 1	8 / 8
		Importância do curso para a formação da personalidade		1 / 1					1 / 1
	Início da actividade profissional	Conseguir emprego/trabalho estável	1 / 1	1 / 1	1 / 1	5 / 8	2 / 2	3 / 3	13 / 16
		Iniciar a actividade na área de formação		1 / 1	1 / 1				2 / 2
		Em caso de dificuldade na obtenção de emprego, opção por continuar os estudos				1 / 1	1 / 1		2 / 2
	Frequência de formação avançada	Conciliar trabalho e estudo		1 / 1			3 / 3	1 / 1	5 / 5
		Continuar os estudos após a licenciatura				2 / 2			2 / 2
	Actividade profissional no estrangeiro	Trabalhar no estrangeiro					2 / 2		2 / 2
		Procura de novas experiências					1 / 1		1 / 1

Legenda: AV – Curso de Artes Visuais; AP – Curso de Arquitectura Paisagista; EI – Curso de Engenharia Informática; G – Curso de Gestão; QB – Curso de Química e Bioquímica; S – Curso de Sociologia.

Frequência de sujeitos – número de sujeitos que refere determinado indicador; Frequência de indicadores – número de unidades de registo contidas no indicador

TEMA - Planos para o futuro (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Planos relativos à formação e ao emprego (cont.)	Actividade profissional no estrangeiro (cont.)	Procura de melhor remuneração					1 / 1		1 / 1
		Ir para o estrangeiro depois da aquisição de alguma experiência profissional	1 / 1						1 / 1
	Actividade profissional relacionada com a investigação	Desejo por desenvolver actividades de investigação					2 / 7		2 / 7
Planos de natureza familiar	Constituir família	Idade do casamento				5 / 5	1 / 1	3 / 3	9 / 9
		Número de filhos esperado		6 / 6		8 / 8			14 / 14
		Conseguir conciliar o emprego com os filhos				1 / 1			1 / 1
		Constituir família não imediatamente após o termo do curso	1 / 1			2 / 2			3 / 3
		Constituição da família como um projecto não prioritário			4 / 4	1 / 2			5 / 6
		Casar após alcançar a estabilidade				3 / 3	1 / 1	2 / 2	6 / 6

TEMA - Planos para o futuro (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Planos relacionados com a construção da autonomia	Tornar-se independente da família	Emprego que permita autonomia mesmo sem abandono da casa dos pais				1 / 1			1 / 1
		Independência anterior ao casamento						1 / 1	1 / 1
		Independência desligada do casamento		1 / 1		3 / 3		2 / 3	6 / 7
		Independência depois de acabar o curso	2 / 2						2 / 2
		Local de residência longe da família por desejo de independência					1 / 1		1 / 1
		Independência da família após conseguir a estabilidade				1 / 1			1 / 1

TEMA – Saída da casa dos pais

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Factores ou condicionantes	Questões de ordem social e económica	Capacidade de auto-sustento/estabilidade como condição para a saída da casa dos pais	3 / 4		2 / 3		3 / 3	4 / 7	12 / 17
		Acabar os cursos tardiamente e não ter emprego como causa dos adiamentos na saída da casa dos pais						1 / 1	1 / 1
		Precariedade do primeiro emprego	1 / 1		1 / 1				2 / 2
		Desencontro entre os pais e os filhos quanto à saída da casa dos pais			1 / 1				1 / 1

TEMA – Saída da casa dos pais (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Factores ou condicionantes (cont.)	Questões de ordem social e económica (cont.)	Saída da casa dos pais ligada às condições financeiras para comprar a casa e casar						1 / 1	1 / 1
		Adiamento das responsabilidades como causa da saída tardia da casa dos pais				2 / 2	3 / 4		5 / 6
		Saída da casa dos pais não condicionada pelo trabalho					2 / 2		2 / 2
		Saída da casa dos pais ligada ao casamento					2 / 3	2 / 2	4 / 5
	Aspectos relacionais e psicológicos	Boa ligação afectiva com a família	1 / 1				1 / 1	2 / 3	4 / 5
		Independência mas proximidade com os pais		1 / 1					1 / 1
		Dificuldade em ter total autonomia e o facto de se estar a viver em casa dos pais	4 / 8				1 / 1		5 / 9

TEMA – Formação e emprego

			FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Critérios de selecção do trabalho	Possibilidade de realização pessoal	Realização pessoal mais importante que a remuneração				1 / 1	3 / 3	1 / 1	5 / 5
	Tipo de actividade	A escolha de emprego dependente do tipo de trabalho					2 / 2		2 / 2
	Localização do trabalho	Localização como factor predominante na selecção do trabalho						1 / 1	1 / 1
		Preferência pela região de origem	1 / 1			1 / 1	1 / 1		3 / 3
		Proximidade à zona de residência					1 / 1		1 / 1
		Preferência por trabalhar perto da família					1 / 1		1 / 1
		Abandono do local de origem por escassez de saídas profissionais				1 / 1	1 / 1	1 / 1	3 / 3

TEMA – Formação e emprego (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Estratégias para a obtenção de emprego	De natureza profissional	Obtenção de trabalho e progressão na carreira por mérito				2 / 2	2 / 2	3 / 3	7 / 7
		Obtenção de emprego por selecção e concurso	1 / 1			1 / 1	2 / 1	1 / 1	5 / 4
	De natureza pessoal	Tentar arranjar trabalho independentemente das características do mesmo	1 / 1			1 / 2			2 / 3
		Persistência na procura	1 / 1						1 / 1
		Começar por qualquer tipo de trabalho até conseguir um que tenha relação com a formação profissional adquirida			1 / 1				1 / 1
Expectativas quanto à obtenção de emprego	Dificuldades ao nível da inserção	Necessidade de flexibilidade na procura					1 / 1	1 / 2	2 / 3
		Dificuldades na obtenção de emprego	1 / 1		2 / 2	2 / 2	3 / 5		8 / 10
		Necessidade do recurso a influências				4 / 3	2 / 2	1 / 2	7 / 7
		Saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas				2 / 2	1 / 1	1 / 1	4 / 4

TEMA – Formação e emprego (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Estratégias para a obtenção de emprego	De natureza profissional	Obtenção de trabalho e progressão na carreira por mérito				2 / 2	2 / 2	3 / 3	7 / 7
		Obtenção de emprego por selecção e concurso	1 / 1			1 / 1	2 / 1	1 / 1	5 / 4
	De natureza pessoal	Tentar arranjar trabalho independentemente das características do mesmo	1 / 1			1 / 2			2 / 3
		Persistência na procura	1 / 1						1 / 1
		Começar por qualquer tipo de trabalho até conseguir um que tenha relação com a formação profissional adquirida			1 / 1				1 / 1
Expectativas quanto à obtenção de emprego	Dificuldades ao nível da inserção	Necessidade de flexibilidade na procura					1 / 1	1 / 2	2 / 3
		Dificuldades na obtenção de emprego	1 / 1		2 / 2	2 / 2	3 / 5		8 / 10
		Necessidade do recurso a influências				4 / 3	2 / 2	1 / 2	7 / 7
		Saturação do mercado de trabalho relativamente a algumas áreas				2 / 2	1 / 1	1 / 1	4 / 4

TEMA – Formação e emprego (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Expectativas quanto à obtenção de emprego (cont.)	Dificuldades ao nível da inserção (cont.)	Decepção após o termo do curso			1 / 1				1 / 1
		Precariedade dos contratos			1 / 1		4 / 4		5 / 5
	Dificuldades ao nível da remuneração	Baixa remuneração inicial						2 / 3	2 / 3
	Diversidade de saídas profissionais	Optimismo em relação à área de trabalho			1 / 1	2 / 3			3 / 4
		Variadas possibilidades de trabalho			1 / 1				1 / 1
Consequências dos percursos formativos	Em relação ao mercado de trabalho	Classificação final do curso sem peso na escolha dos profissionais				3 / 4			3 / 4
		Importância dada à avaliação das competências e não dos graus académicos					2 / 3		2 / 3
		Importância da formação			1 / 1				1 / 1
	Em relação à constituição da família	Frequência do ensino superior atrasa a idade do casamento e do nascimento dos filhos		2 / 2			1 / 2	3 / 3	6 / 7

TEMA – Constituição da família

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Perspectivas/ Concepções	Sobre o casamento	Transformação social quanto à concepção do casamento e à importância dada à família		1 / 1		2 / 4	1 / 2	1 / 1	5 / 8
		Descrença em relação ao casamento			1 / 1				1 / 1
		Opção pelo casamento religioso				1 / 1		1 / 1	2 / 2
		A experiência vivida pelos pais influencia a representação sobre o casamento			2 / 3				2 / 3
		Proveniência geográfica influencia a concepção que se tem sobre o casamento			1 / 1			1 / 1	2 / 2
		União de facto identifica-se com o casamento					1 / 1	1 / 1	2 / 2
		Não necessidade do casamento para uma relação feliz			1 / 1			1 / 1	2 / 2

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Perspectivas/ Concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Casar para satisfazer o desejo dos pais			3 / 4			1 / 1	4 / 5
		Casamento considerado como um costume social			2 / 3				2 / 3
		O casamento como exigência para haver filhos			1 / 1		1 / 1		2 / 2
		O casamento não é sinónimo de casamento religioso			1 / 1				1 / 1
		O casamento como um passo importante na vida do casal			1 / 2			1 / 1	2 / 3
		Atribuição de maior seriedade à relação quando se está casado			1 / 1				1 / 1
		Experiência de vida em comum antes do casamento			1 / 1		3 / 4	1 / 1	5 / 6

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Perspectivas/ Concepções (cont.)	Sobre o casamento (cont.)	Alta percentagem de divórcios a justificar o não casamento					1 / 1		1 / 1
		Conhecimento e confiança mútuos a dispensarem a experiência de vida em comum anterior ao casamento					1 / 1		1 / 1
		Preponderância da vida profissional sobre a familiar			1 / 1		2 / 2		3 / 3
	Sobre o alargamento da família	Ter filhos não condicionado pela situação financeira		1 / 1					1 / 1

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Perspectivas/ Concepções (cont.)	Sobre o alargamento da família (cont.)	Opção pela família em detrimento de uma posição profissional cimeira				1 / 1			1 / 1
		Rejeição da possibilidade de haver filhos fora do casamento					4 / 4		4 / 4
		Ter filhos na situação de uma união					3 / 3		3 / 3
	Sobre a educação dos filhos	Aumento das exigências feitas pelos filhos				2 / 3			2 / 3
		Exigência e sobriedade na educação dos filhos				1 / 1			1 / 1
		O acesso à informação a contribuir para o aumento das exigências que os filhos fazem aos pais		1 / 1					1 / 1

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Perspectivas/ Concepções (cont.)	Sobre a educação dos filhos (cont.)	Adiar os nascimentos pelas dificuldades em satisfazer as exigências dos filhos		1 / 1					1 / 1
		A situação material dos pais não deve ser determinante na educação dos filhos		2 / 3					2 / 3
Condicionantes	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira	Dificuldades em compatibilizar a carreira com as obrigações familiares	2 / 2			6 / 11			8 / 13
		Opção pela família em detrimento de uma posição profissional cimeira				2 / 2			2 / 2
		Compromissos familiares só depois de chegar ao topo da carreira				1 / 1			1 / 1
		Estabilidade profissional como condição para constituir família		2 / 2	2 / 3		4 / 9	3 / 3	11 / 17

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Condicionantes (cont.)	Factores relacionados com o trabalho profissional e com a carreira (cont.)	Prioridade da constituição da família mesmo em situação de insegurança profissional					1 / 1		1 / 1
		A carreira como condicionante do número de filhos					1 / 1		1 / 1
		Dificuldade das mulheres para conciliar emprego e filhos					1 / 1		1 / 1
		Constituição da família não condicionada pela carreira		1 / 1					1 / 1
		Falta de tempo como causa determinante para a diminuição do número de filhos	1 / 1	1 / 1		4 / 4			6 / 6
	Factores de ordem económica	Exigências de qualidade de vida e custo da educação dos filhos				1 / 1	1 / 1		2 / 2
		Necessidade de estabilidade financeira para ter filhos		2 / 2			1 / 1	1 / 1	4 / 4
		Despesa inerente ao número de filhos				1 / 1			1 / 1

TEMA – Constituição da família (cont.)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA SUJEITOS / FREQUÊNCIA INDICADORES						
			AP	AV	EI	G	QB	S	Total
Condicionantes (cont.)	Factores de ordem económica (cont.)	Causas económicas para a diminuição do número de filhos em Portugal				2 / 2	2 / 2		4 / 4
	Factores de ordem social	Hábitos consumistas influenciam o padrão de vida e o número de filhos		1 / 1		2 / 2			3 / 3
		Necessidade de contar com a ajuda dos avós para a educação dos filhos, dada a falta de tempo dos pais				1 / 1			1 / 1
		Falta de apoio do Estado para a educação dos filhos					1 / 2		1 / 2

ANEXO III – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Objectivo das entrevistas: Recolher dados sobre a transição para a vida adulta entre estudantes do ensino superior

TEMAS	OBJECTIVOS	PARA UM FORMULÁRIO DE QUESTÕES	TÓPICOS
Planos para o futuro	Perceber os planos que os estudantes têm para a construção dos respectivos projectos de vida e a sequência e momento segundo os quais prevêem que virão a dar-se os diferentes acontecimentos constitutivos dos itinerários de vida pessoais	Propor aos elementos do grupo que falem dos projectos que têm para a construção dos respectivos projectos de vida	<ul style="list-style-type: none"> - Acabar o curso - Vida profissional - Formação da família
Saída da casa dos pais	Obter informação sobre as circunstâncias, condicionalismos e previsões que os estudantes têm em relação à saída da casa dos pais	Questionar os estudantes sobre o momento em que contam abandonar a casa da família de origem, bem como sobre as circunstâncias em que tal poderá acontecer	<ul style="list-style-type: none"> - Determinação temporal da saída da casa dos pais - Condicionantes para a saída da casa dos pais - Atitude dos pais relativamente à saída
Formação e emprego	<p>Recolher dados sobre as perspectivas de emprego no termo do curso.</p> <p>Obter informação sobre as estratégias e reacções face às características do mercado de trabalho</p> <p>Detectar o modo como é encarada a continuidade da formação e motivações para as respectivas opções</p>	<p>Solicitar aos estudantes que falem sobre as opções que irão tomar para a obtenção do emprego após o termo do curso.</p> <p>Questionar os estudantes sobre as perspectivas que têm quanto às saídas profissionais dos respectivos cursos</p> <p>Pedir aos estudantes que se pronunciem sobre os seus projectos quanto à continuidade da formação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Expectativas optimistas ou pessimistas em relação ao mercado de trabalho. As perspectivas dos diferentes cursos - Continuação ou não da formação após a conclusão dos cursos. Motivações - Formação no estrangeiro. Motivações - Selecção do trabalho

GUIÃO DAS ENTREVISTAS (cont.)

TEMAS	OBJECTIVOS	PARA UM FORMULÁRIO DE QUESTÕES	TÓPICOS
<p>Projectos quanto ao casamento/união.</p> <p>Formação da família</p>	<p>Obter informação sobre as circunstâncias e a idade em que poderão ser contraídos compromissos de tipo familiar, conjugal e filhos.</p> <p>Captar as perspectivas que os entrevistados têm em relação ao casamento/união</p>	<p>Pedir informação sobre a idade em que contam casar</p> <p>Pedir para mencionarem os factores que podem influenciar as tomadas de decisão quanto ao casamento e ao nascimento dos filhos</p> <p>Pedir aos estudantes que falem sobre a concepção de casamento que têm</p>	<p>- Projectos de âmbito familiar. Quais e suas condicionantes</p> <p>- Concepção do casamento</p> <p>- Dimensão e cronologia dos projectos de cariz familiar</p> <p>- Relação entre estes projectos e as questões de carácter profissional</p>

ANEXO IV – MATRIZ DE CODIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

MATRIZ DE CODIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Codificação dos entrevistados por cursos	Codificação por sexos
AP – Arquitectura Paisagista	a – sexo feminino
AV – Artes visuais	z – sexo masculino
EI – Engenharia Informática	
G – Gestão	
QB – Química e Bioquímica	
S – Sociologia	

ANEXO V – PROTOCOLO DE ENTREVISTA

PROTOCOLO DA ENTREVISTA FEITA A ALUNOS DO CURSO DE GESTÃO

Data da entrevista: 2005.05.16

Hora: 18horas

Local: Universidade de Évora, Colégio do Espírito Santo

Quais são as vossas expectativas em relação ao vosso futuro, quais são os vossos projectos?

Aa – Os meus planos são: quando acabar o curso, penso arranjar emprego, sinceramente não penso em estudar, fazer mestrado e doutoramento, não sei. Acabar a licenciatura e empregar-me, e depois é procurar casa e depois casar-me. Não penso esperar muito tempo, dentro de quatro ou cinco anos penso casar-me.

Cz – Os meus planos para o futuro a curto prazo, talvez para os próximos 7 ou 8 anos são os mesmos: acabar o curso e em princípio quero sair daqui, não tenho grandes perspectivas de trabalho aqui. Vai ser, arranjar um trabalho inicial que me dê alguma possibilidade de evoluir para outros trabalhos.

Se conseguir já a curto prazo fazer o mestrado, quero fazer mestrado, se não, vou fazer se calhar, no início, uma pós-graduação e pretendo evoluir. Nesse espaço de tempo, quero ver se arranjo dinheiro para comprar a minha casinha e acho que não penso em casar-me, tão depressa. Acho que em princípio, quero mais consolidar a minha vida e talvez, quando tiver tudo organizado, posso fazer isso, mas tão depressa, não.

Da – Os meus planos são: terminar o curso, claro, depois, tentar arranjar um emprego que pode até não ser o sonho ideal, mas que me permita ter a minha própria independência. Não é preciso que isso necessariamente se verifique numa casa, não, mas que eu possa ter uma certa independência. Depois gostava de experimentar, o nosso curso é muito versátil, pode-se trabalhar em vários sítios. Eu gostava de experimentar alguns, até arranjar um que pense ser, o tal, o ideal e ter estabilidade. Quando tiver estabilidade, é óbvio que gostava de comprar uma casa, pronto de casar...mas não... é um passo de tal maneira importante, ou comprar uma casa é um passo tão importante que actualmente não nos leva só a nós mas, leva também os nossos pais. É preciso ter segurança do que se está a fazer e ter por trás aquele tipo de certeza, que à partida não vou ser despedida, ou não vou ficar a meio, que é para levar do princípio ao fim.

Ea – Caso consiga acabar o curso para o ano, espero que sim, primeiro que tudo, gostaria de arranjar um emprego que fosse minimamente estável, mas que me desse possibilidades de subir lá dentro e de experimentar. Mas numa empresa, por exemplo, em que pudesse passar

por dois ou três departamentos para experimentar, que pudesse crescer lá dentro, subir no cargo, mas não precisa de ser uma coisa a curto prazo, pode ser a longo prazo. Ao contrário do que já aqui foi dito, espero ficar na região, na minha região de origem, que é aqui no Alentejo. Não precisa de ser propriamente em Évora, mas arredores, que possa estar aqui, porque sempre cresci aqui, não queria partir, é claro se surgisse uma grande oportunidade, tinha de pensar, porque é aqui que tenho tudo, tenho a família, tenho os amigos, não queria sair. Depois, também perspectivo, no prazo de cinco anos talvez, e caso tenha essa mínima estabilidade no trabalho, casar, constituir a minha família, ou seja, quando tiver vinte e cinco anos e pronto, seguir em frente. Essencialmente espero mais tarde, já depois de trabalhar alguns anos, gostava de tentar um negócio próprio mas isto já mesmo a longo prazo, com trinta e tal anos, já depois de muita experiência profissional. E o mestrado e o doutoramento é uma coisa que eu penso mesmo, a longo prazo, só depois de ter alguma experiência profissional e quando digo alguma, digo, sei lá, cinco, dez anos de experiência, para depois então iniciar, porque acho que é muito importante, porque eu só sei estudar, nunca fiz mais nada, se vou acabar o curso e continuar a estudar, sei lá... gostava de experimentar o outro lado, o lado do trabalho e poder aplicar essa experiência a um mestrado ou a um doutoramento.

Fa – Gostava de estudar outras áreas do conhecimento, isto pode não passar pela Universidade, pode passar por outras formas. Também pretendo casar a médio prazo, dentro de três ou quatro anos. Como é óbvio, também gostaria de estar estável economicamente. Gostava de criar emprego e não o contrário. Eu gostava que isso fosse o mais rápido possível. Era bom que se conseguisse um emprego e se conseguisse fazer isso paralelamente, porque às vezes não é fácil... mas gostava de tentar misturar a gestão com outras áreas, porque esta não me completa mesmo, e então vou procurar outras formas. Mas casar, sim, está nas minhas perspectivas de curto, médio prazo.

Ga - Também pretendo acabar o curso o mais rapidamente possível, vai ser um pouco difícil, mas vou fazer para isso. Também pretendo constituir a minha família, não tão a curto prazo, porque penso querer desfrutar um pouco após acabar a licenciatura, ter um trabalho, desfrutar um pouco da minha casa e da minha independência económica, ainda sozinha, e então depois, constituirei família, logo se vê.

Gostaria também, como os meus colegas já referiram, de ter um negócio próprio, mas isso vai ter de ser ainda para depois, mas será um projecto a longo prazo.

Ha – Quase tudo já foi dito. Já tive experiências noutras áreas. Quando vim para a Universidade já tinha tido experiência noutras áreas, já tinha trabalhado e na altura foi isso que me incentivou a vir para cá e se calhar me incentivou mais ainda a vir para gestão, porque gosto do negócio que um dia possa vir a abrir para enfrentar o contacto com alguém. Eu adoro falar, eu gosto muito de falar e gosto de estar em contacto com as pessoas.

Casar, já estive mais longe, já lá vão três anos de namoro portanto, já estive mais longe. Agora pretendo, quando acabar o curso para o ano, quando entrei para a Universidade vinha mesmo com essa perspectiva, porque entrei aos vinte dois anos, uma pessoa quando entra com essa idade já tem um objectivo totalmente diferente das pessoas que entram com dezoito, porque a experiência que uma pessoa adquire, uma pessoa adulta, seja em que área for, ela já vem com uma perspectiva totalmente diferente, já não vem para aqui para vir propriamente brincar, como muitos fazem. Na altura uma pessoa entra com a perspectiva de fazer, fazer e acabar o mais rápido possível. Foi com essa perspectiva que entrei e é com essa que eu quero sair.

Mestrado e pós-graduações e doutoramento, quero tentar fazer, possivelmente uma pós-graduação. Queria tentar casar de aqui a três, quatro anos e na altura tentar intercalar. É o que pretendo fazer e é tudo.

Iz – Pretendo mais ou menos o mesmo que os meus colegas que é: terminar a licenciatura, posteriormente arranjar emprego, depois como primeiro objectivo digamos assim, após a estabilidade, tentar sair da casa dos pais. Acho que é no fundo sair do ninho, digamos assim, e ganhar a minha autonomia de certa forma. Não pretendo a longo prazo deixar de estudar, pretendo fazer um interregno, cerca de dois, três anos, também um bocadinho para aliviar a cabeça e para ganhar uma certa experiência profissional, mas pretendo ao fim de um certo tempo, tornar a estudar, não obrigatoriamente dentro da área da gestão, mas também queria explorar outras áreas do conhecimento. Também queria dedicar tempo à minha outra paixão, o desporto, que de certa forma tem sido esquecida um bocadinho, para me dedicar ao curso.

Quanto a casar, antes dos trinta não pretendo e quando digo sair do ninho é no fundo ganhar a minha autonomia, da minha casinha mas independentemente de ter mais alguém, digamos assim, não constituir família, pelo menos para já, não quer dizer que entretanto as coisas não mudem, mas o objectivo a curto, médio prazo, em relação a constituir família, não está propriamente nos meus horizontes.

Bz – O meu principal objectivo a curto prazo é mesmo acabar o curso, sair de casa dos meus pais, rentabilizar o investimento que eles fizeram. Eu venho de muito longe e sai caro a eles todos os meses estar a pagar propinas, casa e tudo. Quero isso mesmo, rentabilizar o investimento, sair de casa, arranjar trabalho, sair de casa, comprar uma casinha, talvez alugar, se não...

Quanto a casar, isso só mesmo lá para os trinta e tal, quando tiver a vida estável e arranjar alguém, claro.

Vocês não prevêem que após o termo do curso venham a ter dificuldades para arranjar emprego?

Vários – Não.

Ea – Até por que o país está a precisar muito de ...

Vários – Da gestão.

Ha – Hoje em dia tudo está tão mau que uma pessoa fica a pensar, meu Deus, o que é que será quando nós acabarmos. Eu presumo que dentro da nossa área, tanto gestão como economia, acho que ainda não há aquela....

Iz – É uma área que não está propriamente saturada, digamos assim.

Ha – Exacto.

Iz- Ainda não atingiu o ponto de saturação.

Aa – E por isso a tal ideia de só continuar a estudar mais tarde.

Iz – Sim, sim.

Ea – Portanto, a gente também tem consciência que há-de haver uma altura em que há-de estar saturada e que é preciso ir mais longe, adquirir mais conhecimentos, trabalhar mais.

Aa – Sinceramente começo a ser a favor de formações...Gostava de ter formações a curto prazo, por exemplo, aquelas formações que as empresas, as empresas mais modernas já fazem. Porque se eu fizesse outro curso, não era minimamente na área de gestão. Toda a gente já sabe, era fazer teatro, é o meu *hobby* que faço para além de ser aluna de gestão. Se fizesse um curso era nessa área, nunca seria na área de gestão.

Ha – Acho que temos pouco medo a comparar se calhar, a comparar com os cursos de ensino, ou coisas assim, porque pelo menos eu, os exemplos que sigo de perto estão todos a trabalhar. Toda a gente arranjou, seja num banco, seja numa grande empresa, pode ser numa empresa mais pequena, seja num escritório de contabilidade, arranjam nesta área, enquanto que vejo, seguindo exemplos de ensino, então os do ensino! É completamente diferente. É claro que pode haver pessoas que levam três meses para arranjar e até podem levar um ano, mas acabo por vê-los todos a trabalhar, então olhando e vendo, por que é que não me calhará também a mim?

Iz – Nós vemos o nosso curso basicamente naquela perspectiva profissional tipo, tirarmos o curso, arranjarmos emprego, depois vem um bocadinho mais os nossos *hobbies*, os nossos gostos, as nossa preferências, porque no fundo ficamos com o emprego de gestão, curso de

gestão, um emprego, um trabalho relacionado com a área da economia ou da gestão e basicamente depois, darmos, após o curso e após a nossa estabilidade a nível profissional, mais tempo a outras coisas que também gostamos, no fundo, não é só propriamente o gosto pela gestão.

Vocês prevêem conseguir estabilidade do ponto de vista profissional, pouco tempo depois de acabar o curso?

Iz – Um ano, dois, no máximo, eu pelo menos falo por mim.

Aa – O meu namorado acabou o curso o ano passado, em princípio este ano fica estável, num banco.

Cz – A minha opinião não é tão optimista quanto a vossa, sou muito sincero. Não acho que seja uma área que esteja assim tão bem quanto isso, tudo bem que não somos também os piores, mas de facto é difícil conseguir essa estabilidade, num prazo tão curto, um, dois anos, alguns conseguem, os melhores e com a cunha como toda a gente diz.

Iz – O factor C e o factor S. O factor sorte também conta muito.

Cz – É um bocado complicado na nossa área. Eu pelo menos falo, no caso da minha namorada, ela ainda está a acabar o curso faltam-lhe três meses mas já tem um pré-contrato assinado no último sítio onde está agora a fazer o último estágio. É impossível para mim, para o ano ir fazer um estágio e à partida ter um contrato no sítio onde estava a trabalhar.

Ea - Eu acho que tem muito a ver com as perspectivas de cada pessoa. Se calhar a minha perspectiva de estabilidade, de ganhar, de ter um emprego... eu se calhar contento-me em ir trabalhar para um banco, ou contento-me com uma empresa minimamente pequena porque eu também não penso sair de Évora, muito mais ficar na área onde trabalha o meu namorado que é Beja, mas sinceramente não pretendo sair, por isso, eu não tenho a perspectiva de ir para uma grande empresa. Mas se calhar uma pessoa que tem essa perspectiva, é muito mais difícil ganhar um emprego estável.

Ha – Mesmo que seja difícil o tal emprego estável, a tal efectividade, acho que uma coisa, para mim é assente, que arranjar emprego vamos arranjar, nem que seja a contrato de seis meses e depois voltas outra vez a renovar, contrato de um ano. Podemos levar dois ou três anos a ficar estáveis e efectivos mas, nestes dois ou três anos, acho que vamos todos estar a trabalhar que é o que não acontece por exemplo com os professores, porque eles podem estar um ano inteiro a trabalhar com um horário completo e no ano a seguir, já nem sequer arranjam e nós mesmo que não sejamos efectivos para ficar ali sempre mesmo a contrato, acho que vamos ter

sempre alguma coisa para fazer. E para mim, isso é muito importante, porque ter andado aqui quatro ou cinco anos para depois ter que estar em casa... Eu acho por exemplo, que se não arranjasse, não ia ficar em casa nem que fosse para uma caixa de um supermercado, ficar ali entre quatro paredes a fazer limpeza à minha mãe, porque era isso que ela me ia mandar fazer...o importante para mim, é trabalhar, se possível dentro da minha área, foi para isso que eu estudei este tempo. Portanto desde que eu conseguisse trabalhar sempre, não ter que estar parada, desempregada, não sei quê, se não fosse efectiva, não era, mas trabalhava, fazia qualquer coisa.

Fa – Pois é isso, lá está, emprego há. A pessoa tem é que se sujeitar a várias coisas. Se calhar não é o emprego ideal que sempre sonhou, mas ao menos está a trabalhar, é isso.

Da - Não podemos ir com aquela ideia de que vamos para algum lado e que vamos logo ser directores e que vamos ser aquele gerente, porque o gerente é que manda, o gestor é que resolve tudo e que manda em toda a gente...Não, nós somos os últimos a entrar, somos os que fazem aquilo que ninguém quer.

Ea – Tirar fotocópias.

Ga – A gente faz tudo.

Iz – Quando nós nos referimos à estabilidade é no fundo fugir um bocadinho ao desemprego, essa era a maior estabilidade, era não cair nesse fosso.

Quais são os vossos critérios de selecção do emprego?

Da – Muito bem remunerada e andar ali com uma cara completamente fechada para as pessoas, não gostando daquilo que estou a fazer, prefiro baixar as expectativas em relação ao meu ordenado, e gostar daquilo que estou a fazer, sentir-me realizada, lá está, para me motivar e provavelmente para motivar as pessoas que estão à minha volta, o que acaba por ser muito melhor para toda a gente.

Ha – Eu costumo dizer, que se me fecharem num escritório a fazer contabilidade, eu troco com a Secretária, porque estar lá fechada nas quatro paredes a olhar para o computador, a sério. Claro que sei que corro um risco, gosto de contabilidade, não é isso, mas pronto, se tivesse que ser, ia para um escritório de contabilidade, mas eu preferia fazer contabilidade em *part-time* porque é uma coisa que se faz sozinha e eu gostava de estar num sítio onde pudesse comunicar, por exemplo no caso de um banco, estar a um balcão, poder falar com as pessoas porque eu acho que ficava super mal-humorada estar fechada durante não sei quanto tempo dentro de um escritório a olhar para um computador, a mudar números.

Ea - Se me metem numa empresa para estar num escritório, sinceramente não é para mim.

Ha – Vou atender telefones. Atender telefones, não me importo que eu adoro estar ao telefone mas...

Fa – O escritório a mim não me incomoda nada, vender é que não, não consigo vender nada.

Então em relação à escolha do emprego o vosso primeiro critério é fazer uma coisa de que gostam, depois em segundo lugar, virá a remuneração?

Vários – Não, em segundo, a zona.

Da, Ea – A zona.

Ea – Quero contribuir para o desenvolvimento da região.

Da – Eu também.

Iz e Fa – O meu segundo talvez a remuneração também.

Iz -.É um factor mesmo importante.

Ha – Se ficar em Évora é um espectáculo, mas se me derem oportunidade para ir para outro sítio acompanhado de uma boa remuneração é óbvio que uma pessoa...esquece logo do critério da zona.

Ea – Se fosse mesmo uma grande aposta, uma grande empresa cheia de perspectivas de subir lá dentro, aí sim, ou então, em comparação entre uma empresa cá e uma noutra zona não assim tão grande que pagassem muito melhor. Quando digo muito melhor não é mais cinquenta nem cem euros, portanto era mesmo muito melhor, mas também sairia para uma empresa grande que estivesse disposta a apostar em mim e que me garantisse que não era para estar lá dois meses e mandarem-me embora.

Aa – Eu sinceramente quando às vezes vou a Lisboa, eu vou muitas vezes a Lisboa, penso, eu só vinha trabalhar para Lisboa se me pagassem muito, muito, muito bem. Sinceramente, a qualidade de vida que Lisboa me oferece não compensa o dinheiro. Gosto de ir a Lisboa para ir ao teatro, para ir às compras mas não para viver.

Iz – Eu é precisamente o contrário. Se tivesse de fazer algo de que gostasse mas em Lisboa era-me um bocadinho indiferente, tipo se tivesse de fazer o que gosto em Lisboa ou em Évora, acabava por ser um bocadinho indiferente aí depois vinha o factor remuneração. É lógico, se tivesse a ganhar mais em Lisboa, ia para Lisboa, se tivesse a ganhar mais em Évora, ficava em Évora e depois, só como terceiro factor, vinha o factor geográfico, digamos assim.

Fa – Eu sou de Lisboa, vivi em Lisboa até aos quinze anos e adoro Lisboa mas eu hoje em dia não me vejo a constituir família em Lisboa, vejo isso cá e se por exemplo, me visse a viver sozinha, ter o meu emprego e não sei quê e se não tivesse perspectivas de casar tão cedo, isso ia para Lisboa, não pensava duas vezes. Agora em questões de família e como pretendia isso a curto, médio prazo, penso cá.

Iz – Isso também depende das perspectivas que eu tenho, exactamente. Eu como não tenho perspectivas de constituir família pelo menos no curto, médio prazo.

Fa – Eu isso percebo perfeitamente.

Iz – Tenho um certo à vontade para dizer isso.

Ha – Não trocava isto...mas se me dessem oportunidade de ir para o Porto eu ia porque acho uma cidade excelente e a qualidade em termos de vida, é melhor que Lisboa.

Ea – É assim, um dos motivos que me levava a não querer ir para uma grande cidade cheia de confusão é porque em termos de perspectiva de família é muita confusão. E depois há outra coisa, em termos habitacionais, eu não gosto de apartamentos. Eu sempre vivi numa casa individual, não estou a dizer que vá conseguir, porque são muito mais caras e não sei o quê, mas eu queria livrar-me de um apartamento, nem que fosse uma bifamiliar, unifamiliar, qualquer coisa, mas que tivesse um espaço para quintal, que não tivesse que andar a subir escadas, não é o viver sozinha, isso em termos de família, porque se fosse viver sozinha num apartamento acho que dava. Mas em termos de família queria poder dar aos meus filhos mais espaço, contacto com a rua, porque um apartamento depois para eles virem cá para baixo, uma pessoa nunca está descansada, enquanto se tiver um quintal, fecha os portões...tem outro tipo de contacto e em Lisboa sabe-se perfeitamente que isso é muito difícil.

Que meios vão utilizar para arranjar emprego?

Ha – Vou concorrer a tudo.

Iz – Desde simples varredor de ruas à caixa de supermercado, ao mais alto gestor de topo, tudo.

Ha – Temos mesmo de tentar agarrar tudo. A seguir vai jogar o factor sorte e joga o factor C.

Vários – Exacto.

Iz – Isto é um bocadinho como aquele pescador, pesca desde marisco aos moluscos à simples sardinha, carapau, tudo.

Ea – O principal disto tudo, como o meu colega estava a dizer, é mesmo não desanimar.

Iz – Exactamente.

Ea - Porque nós podemos estar em contacto com colegas que até conseguiram arranjar primeiro que nós e então podemos ficar completamente desanimados.

Fa - Porque às vezes é estar no momento certo, na hora certa.

Ha – Às vezes não interessa se acabou com uma boa média, se acabou com, sei lá, com qualquer coisa, mas não interessa.

Fa – Pois é isso.

Ha - Porque tudo depende do sítio, do lugar, da hora onde nós estamos.

Ea – Importante, importante, acho que é a entrevista, mais se calhar, do que a média.

Iz – A forma como tu estás, a forma como tu és, como te apresentas, como tu falas.

Ha - Eu vi isto pelo exemplo do namorado dela que seguiu assim mais de perto, porque realmente ele acabou o curso em quatro, mas não tinha uma média nada de extraordinário, e passou à frente de muitos que tinham uma média superior a ele, pelo comportamento que teve na entrevista.

Aa – Sim, pois.

Iz – Isso dá-me alguma esperança.

Aa – Ele estava a concorrer contra pessoas da Católica que nós sabemos que são pessoas... que a Universidade em si tem mais prestígio que a Universidade de Évora, pessoas da Católica e do ISCTE e passou à frente dessas pessoas todas, com médias muito superiores devido à

entrevista e devido às experiências profissionais que ele tinha tido anteriormente, coisa que sinceramente eu não tenho. Se perguntarem na entrevista “O que é que já fez na sua vida? Eu digo, “Nada”. Só estudei e passei férias, mais nada.

Ha – Eu já fui a algumas entrevistas e no entanto, acho que tudo depende da hora, como nós estamos, do estado de espírito, se o nervosismo é grande, se não é grande, se vamos lá àquele trabalho só naquela a ostentar e acho que tudo depende disso, porque se calhar, se nós agora formos, estamos no terceiro ano, abriram estágios de Verão, imaginemos que somos chamados, se formos a uma entrevista, nós somos naturais, estamos naquela, mais na desportiva, se conseguimos, conseguimos.

Iz – Tens razão.

Ha – Enquanto, quando nós acabamos é totalmente diferente. O nervosismo é maior porque queremos tentar agarrar e aí tudo depende. A fala sai tremida...

Ha. Iz - As mãos tremem.

Ha – A gente não pára quieta.

Ha – As características pessoais são definitivas, porque as características pessoais influenciam muito. Falamos bem e tudo mais e no entanto chegamos lá a pessoa fica com uma perspectiva negativíssima, nunca mais nos vai chamar para o resto da vida.

Iz- Hoje em dia a imagem conta muito. Uma pessoa que hoje tenha uma imagem minimamente apresentável é meio caminho andado para conseguir um bom emprego. Até nós homens temos que nos preocupar cada vez mais com a imagem.

Queria agora pôr-vos outra questão. O que é para vocês um adulto? Quando é que vocês consideram que uma pessoa está na fase adulta?

Vários – Não há uma idade.

Ha – Não é tipo, amanhã tens vinte anos, amanhã és adulto.

Iz – A minha mãe diz que eu nunca o vou ser. Por isso...

Ea – Aos olhos dos pais nunca o vamos ser.

Ha – Eu tenho vinte e cinco e a minha mãe continua a dizer-me... pronto.

E para vocês

Ea – Eu não me considero de maneira nenhuma.

Iz – Eu nunca me vou considerar, acho eu.

Ga – Implica responsabilidade.

Há alguns marcos na vida da pessoa que para vocês definem a passagem para a vida adulta?

Vários – Há.

Aa – A constituição de família. Acho que as pessoas ficam com mais responsabilidade.

Da – O casamento, os filhos são o fundamental.

Ga – Os filhos são o fundamental.

Ea – Acho que a compra de uma casa faz com que a pessoa se torne mais responsável, mais adulta, mais...

Ha – Independente.

Fa – Tem tudo a ver com o assumir mais responsabilidades portanto, à medida que vamos assumindo, como é comprar casa, constituir família...

Iz – Primeiro, logo a partir do momento em que fazes dezoito anos tens logo a responsabilidade de tirar a carta, quando entras na faculdade comesças a vir às aulas se quiseres, comesças tu a orientar o teu próprio tempo, a gerir a tua própria vida, gerir o teu dinheiro, pronto, aí ganhamos logo uma certa autonomia. Depois, posteriormente, quando entramos no mercado de trabalho, ganhamos outra responsabilidade porque temos pessoas superiores a comandar-nos, horários a cumprir, sei lá, contas a dar, acho que no fundo é definido a nível de etapas. O que para mim pode ser mais cedo, para outros pode ser mais tardio.

E a relação da fase adulta com o deixar ou não deixar a casa dos pais, o que é que pensam sobre isto?

Iz- É um passo importante.

Ha – Para marcar perante eles.

Da – Olhem cá estamos nós, somos independentes.

Iz – Já tenho a minha casa, já não preciso do teu tecto, já tenho o meu próprio...

Ha – Já crescemos.

Fa - Mas também que conseguimos dar esse passo e que...

Há – Pai, mãe, já crescemos, adeus.

Iz – Abandonar o ninho, aquilo que eu tinha dito logo no início.

Relacionado com este tema queria fazer um comentário. Parece que hoje as pessoas abandonam a casa dos pais mais tarde, qual é que vos parece que é a causa deste fenómeno?

Da - Acho que há duas coisas. Eu falo por mim.

Ga - Normalmente estuda-se até mais tarde e por isso começa-se a trabalhar mais tarde.

Bz - Casa-se mais tarde.

Da – Acho que há muitas pessoas que adiam as responsabilidades. Não digo que seja o caso das pessoas que estão aqui, mas sinceramente acho que as pessoas cada vez adiam mais as responsabilidades.

Ea - Ter uma casa significa, pagar a luz, pagar a casa....Porque é assim, ter uma casa implica contas, fazer a comida, arrumar a casa e quer dizer trabalhar, porque à partida para sustentarmos uma casa implica termos de ter um trabalho. Então, estar no trabalho e ainda ir para casa fazer isso tudo, se tivermos em casa dos pais eles fazem isso tudo.

Fa – Mas acho que tem a ver com o que Bz disse, porque antes casava-se muito mais cedo e agora não.

Iz – A nível de relacionamentos, tu antes, a partir do momento que casavas, já levavas casa ou arranjavas casa logo ali a seguir.

Fa – Era mais fácil também.

Iz – E hoje não. A nível de relacionamento.

Ha – Tudo dependia da sociedade. A sociedade antigamente, as pessoas casavam mais cedo porque era assim, era assim que as pessoas eram educadas.

Dantes casava-se, porque era assim. Hoje em dia, dá-se muito ênfase à parte do estudo.

Fa – À parte profissional.

Ha – Porque hoje em dia no mínimo, uma pessoa para poder arranjar um emprego mais ou menos tem de ter o nono ano.

Iz – No mínimo.

Da - É obrigatório. Não era.

Ha - Exactamente. Para tirar a carta de condução, que é uma coisa que antigamente até com a quarta classe se tirava, portanto, é o mínimo, é o nono ano, sem isso, a pessoa não consegue. Há crianças, na altura são crianças que olham para o nono ano, os pais deixam-nos continuar a estudar, eles por si sós têm vontade de estudar, vão continuando, chegam a uma idade em que começam a ver, vou para a Universidade e tudo se prolonga.

Dentro do que vocês disseram o vosso objectivo é acabar o curso, ter um emprego e a partir daí criar uma autonomia em relação aos pais?

Todos - Sim.

Cz – O meu pai dava-me um tiro se depois de acabar o curso continuasse a pedir dinheiro.

Risos.

Cz – Devia ser a única altura em que ele me ia dizer, “Não, já és adulto, já tens um emprego”, fora isso... continuo a ser um gaiato.

Iz – O meu pai diz que eu tenho de atingir a autonomia antes de ele se reformar.

Ea – Acho que isso vai depender das características da pessoa. Se a pessoa for deixa a andar, não fazer nada, enquanto os meus pais me sustentarem, vou estar a chatear-me, para quê?

Pelo que percebi, a vossa reacção foi imediata, pensam, eu vou tirar o curso, quero arranjar um emprego imediatamente, um modo de vida e pretendo sair a seguir da casa dos meus pais. E o casamento, onde aparece?

Fa – Eu acho que tem tudo a ver, lá está, com o que a Ha estava a dizer. A sociedade mudou imenso. O que rege a sociedade hoje em dia é tudo contra a família, as opções das pessoas, o que se incute é tudo ao contrário.

Eu tenho uma perspectiva cristã do casamento. Considero-o importante. Espero com o marido tentar criar à minha volta um ambiente positivo em relação ao casamento e à família e com isso vir a influenciar outros casais que se relacionem comigo e com isso contribuir para uma visão menos materialista da sociedade.

Iz – Basta os nossos depoimentos. Nós colocámos o primeiro objectivo foi quê, arranjar emprego, foi atingir a nossa estabilidade não colocas propriamente o constituir família, como um objectivo primeiro, digamos assim.

Fa – Mas é normal, porque aí é assim, é normal, senão às tantas és meio...tens de ter estabilidade para conseguires...

Iz – Sim, estás a perceber, mas enquanto tu dantes pensavas logo em constituir família agora, pensas cada vez mais na tua estabilidade, em atingires a tua autonomia e dantes não. Por exemplo, quando a minha mãe se casou, a minha mãe casou-se com vinte e um anos, com a minha idade, ias perguntar à minha mãe nessa altura, o objectivo dela era logo constituir família, ter filhos. Nem pensava em empregos nem nada disso. Hoje, é completamente diferente.

Fa – Claro.

Ha – O estudo, a maneira como a tua mãe foi criada, a educação que ela teve. Ela chegou àquela idade é como se a avozinha ou coisa do género viessem dizer “Tens de te casar, estás a passar da validade”

Iz – Exactamente. É verdade.

Ha – Eu estou a dizer isto mas é o que a minha avó me diz.

Fa – Já estás a ficar para tia.

Ha – A minha avó costuma dizer que antigamente, a mãe dela portanto, a minha bisavó costumava dizer qualquer ditado que “Antes dos vinte é para quem tu quiseses, depois dos

vinde é para quem vier” portanto, mostrava um bocadinho. Hoje já não se passa nada disso. Eu acho é que dá-se menos importância se calhar, à família.

Nós, por exemplo, vemos muitas vezes o factor tempo. As pessoas casam, têm família e depois o tempo que passam com os filhos é cada vez menor, porque a sociedade também assim o exige, porque se não crescermos lá dentro do trabalho podemos perder o emprego, se não provarmos que somos bons, podemos perder o emprego e depois pensamos, como é que alimentamos a família, como é que continuamos.

Ea - Cada vez temos menos tempo.

Aa – Se o filho está doente, não podemos faltar, onde é que temos o tempo? Se não, perdemos o emprego.

Ga – A concorrência é muita.

Aa - A concorrência é muito grande e acho que o factor, a pressão do trabalho faz que nós pensemos se vale a pena constituir família e ter filhos, se não vamos ter tempo para eles?

Ea – Pois, aparece nos documentários que em média os pais estão com os filhos à hora do jantar e depois eles têm de se ir deitar porque têm escola e os pais ficam a acabar de arrumar as coisas e no outro dia aquela azáfama.

Vocês vão ter este problema o emprego, os filhos?

Vários – Claro, claro.

Fa – Eu por acaso sou muito optimista nisso. Acho sempre que vou conseguir, não sei se vou ou não, como é óbvio, mas conseguir um bocadinho uma coisa à parte. Isto é o meu sonho se calhar, a falar mais alto. Mas acho que, se conseguir manter-me assim, acho que, se calhar, até vou conseguir, não sei.

Aa – Eu sinceramente acho, que vou partir muito do princípio de ligar as tarefas e haver uma grande cumplicidade entre mim e o pai das crianças, porque se nós dividimos tarefas e isso tudo, acho que vai ser mais fácil do que se for tudo para os meus braços ou tudo para as mãos dele...

Da - Depende da rotina diária que vais criar. Vais ver se consegues encaixar ali, sinceramente, crianças.

Ea – Por isso mesmo é que eu prefiro sinceramente não estar num emprego..., numa empresa, no topo da empresa e ter uma vida familiar porque sei que é muito difícil estar no topo da empresa e ter uma família.

Ga – Eu admito que no momento em que eu tiver filhos, não sei se é por eu gostar muito de crianças e sempre ter gostado, acho que eles vão ser o mais importante para mim e se isso implicar uma descida na subida que já tive na empresa em prol deles, acho que o faria.

Iz – Para mim casar e ter filhos não está propriamente nos meus objectivos. Não vou dizer que a partir dos trinta e falando um bocadinho já à frente, falando dos trinta, não digo que não possa vir a casar ter filhos e constituir família. A minha perspectiva em termos de família no fundo era só quando conseguisse ter aquela estabilidade ou seja, no fundo quando chegasse ao topo, manter-me minimamente no topo e não ter essa perspectiva de poder cair, digamos assim. Aí sim, posteriormente ter família, constitui-la e ter tempo também para os filhos, para a esposa e nunca esquecer também a ajuda dos pais porque no fundo é numa altura em que os pais, pelo menos eu falo por mim, talvez quando chegar aos trinta, deve ser na altura em que os meus pais já estão a entrar na reforma, na pré-reforma e poder contar também com os nossos pais e com os nossos sogros, também para educar os filhos porque nós ao fim e ao cabo, quer marido quer esposa, nunca vamos poder ter tempo, por muito que conciliemos as coisas, nunca vamos poder ter tempo os dois, para estar com os filhos; a questão da pressão da sociedade nunca nos vai deixar fazer isso.

Ea – Por exemplo, também o número de filhos era encarado de modo diferente. A minha avó costumava dizer que o meu bisavô costumava dizer, "Filhos e pedras em casa nunca são demais". Portanto daí ele ter tido seis.

Da - Mas aí pensavam mais um membro na família para trabalhar.

Iz – Exactamente. Mais um rendimento.

Ha – Há um aspecto que não mudou de maneira nenhuma na sociedade, quanto maior a miséria, maior o número de filhos.

Vários – Isso continua na mesma.

Iz – Isso é igual

Ha – Porque eu tenho a minha avó que tem noventa anos, ela teve doze filhos. Na altura havia os padrinhos e as madrinhas, ela ficava com três, quatro.

Mas essa parte da sociedade continua a mesma, costuma dizer-se quanto maior a miséria, maior o número de filhos.

Ea – Os meus avós paternos tiveram cinco filhos, cinco rapazes. Entre eles também se vêem perspectivas diferentes, mesmo sendo rapazes. Os mais velhos casaram cedo, em contrapartida os mais novos já casaram, como eles estavam a dizer que queriam, na casa dos trinta. É verdade, é verdade, e depois o meu tio que está mais mal de vida, a média dos meus tios é, cada um tem um, o meu pai tem dois, e o meu tio que está mais mal de vida tem seis, e eram para estar cá muitos mais mas outras...e é o que está pior.

Ha – Por falar em casamento, a minha tia casou aos doze anos mas ainda hoje está viva.

Qual é que vos parece ser a causa pela qual, as pessoas hoje têm menos filhos?

Vários – A falta de tempo.

Iz – A pressão da sociedade.

Fa – A pressão da sociedade.

Em que aspecto?

Iz – A competitividade.

Da, Aa, Ea – Os empregos.

Ha – Eu vi há pouco tempo na televisão o caso de uma professora que é de Lisboa e que vem todos os dias dar aulas a Campo Maior. Eu acho que a pressão que ela tem da dita concorrência, dos outros professores, tentaram ocupar-lhe o lugar, ela agarra tudo e conforme agarra tudo, calhou-lhe Campo Maior. Ela faz à volta de quinhentos quilómetros todos os dias de lá para cá. Os filhos têm psicólogos, ela está num psicólogo porque ela diz que não consegue. Não consegue acompanhar os filhos e ela diz, se o tempo voltasse para trás, nunca na vida tinha ido para o ensino.

Eu acho que principalmente é o emprego que a pessoa escolhe e à medida que o escolhe, como há tão poucos tenta agarrá-lo. E como tenta agarrá-lo para não fugir, ela faz tudo e esquece a família, esquece tudo.

Aa - Acho que a parte financeira é importante.

Iz – Exacto.

Da – Nós podemos ter um emprego, para duas pessoas, até dá. Pelo menos, eu vejo por pessoas que tenho perto, que ter um filho é caríssimo, sai caríssimo. É o carro, é as fraldas, sai caríssimo. Eu vejo pela minha irmã. Ela casou-se numa idade relativamente nova comparada com a actual. A minha irmã casou-se com vinte e cinco anos, não é tarde, casou-se com vinte cinco anos e ela tem quase trinta e não está a pensar ter filhos, porque ela não tem minimamente estabilidade financeira.

Ga – Acho que isso também tem a ver com o que aconteceu na sociedade. Antigamente as pessoas contentavam-se com pouco e hoje uma pessoa para ter um filho tem mais custos porque as crianças exigem mais, exigem um computador, exigem a Internet.

Da – A vida das pessoas está mesmo assim. Consumismo. Tu tens eu tenho de ter melhor que tu.

Ga – O meu colega tem, porque é que eu não posso ter.

Da - Exactamente. Ele tem um computador, eu quero dois. Os pais podem até não lho dar, só que vem ele e diz “ O meu colega lá da escola...”

Fa – Eu acho que as pessoas preferem ter um carro novo e pagar todos os meses aquilo, a ter mais um filho. Acho que são opções.

Ha – Não se esqueçam que as pessoas hoje em dia ganham cem, e gastam cento e vinte.

Fa – Pois.

Ea - Exactamente.

Fa – O endividamento das famílias cada vez é maior.

Ha – O consumismo das pessoas é tão grande que esquecem que podem vir a ter outro género de felicidade podendo dar à luz, nascendo outra criança. Não, as pessoas é, se aquele tem eu quero melhor. Tenho uma casa assim, tenho de ter uma casa maior, porque as pessoas hoje em dia são assim

Da – Uma coisa que já me fez muita impressão e que já ouvi cerca dois ou três casais dizerem, casais com quem tenho contacto directo e perguntar-lhes, já aconteceu, até a minha prima agora teve um bebé e antes de ela ter, quando ela se casou, “Então quantos pretendes ter?” “Um, que é para lhe poder dar tudo”. Dizem isto, “que é para lhe poder dar tudo”, como se isso

não estragasse. Ela até podia ter dois, aparentemente, pelo que eu vejo, claro que não vou lá contar o dinheiro, nem o ordenado, mas aparentemente, é uma pessoa que poderia vir a ter... Não me parece que se tivesse dois filhos passassem mal. Todos tinham alimentação, roupa, comida, casa. Agora quer um para lhe poder dar tudo.

Aa - Eu também conheço um caso que é assim. Eles podiam ter perfeitamente dois filhos mas ... "Ah, porque assim não podemos dar tudo". Eu sinceramente mesmo que tenha dinheiro para dar tudo aos meus filhos, eu não vou dar, para as pessoas não se tornarem egoístas.

Fa - Egoístas, eu acho que sim. E outra coisa que vejo também, parece-me que a própria sociedade, inclusive o governo, não há políticas que ajudem as famílias. Por exemplo eu lembro-me perfeitamente de estudar, acho que era em geografia ou qualquer coisa que certos governos às vezes nestes casos criaram políticas favoráveis.

Qual é a vossa perspectiva em relação ao número de filhos?

Ea - Eu gostava de ter no mínimo dois, mas gostaria de chegar aos três.

Ha - Eu quero ter três.

Aa - No mínimo dois, três. Eu mesmo, mesmo, gostava de ter três.

Da - Eu gostava de ter três.

Ga - Dois.

Fa - No mínimo dois.

Agora gostava de ouvir os rapazes.

Iz - Isto é interessante. Eu gosto de as ouvir falar, uma quer ter dois filhos, outra quer ter três, eu começo a assustar-me. Dois filhos já dá uma despesa e pêras, três então, nem se fala.

Ha - Mas tu neste momento não precisas de te assustar.

Iz - Mas é que é assim, primeiro, desculpem lá o egoísmo, primeiro eu, primeiro quero o meu emprego, a minha casinha.

Há, Fa - Mas já falámos nisso.

Iz – Sim, mas percebes, não vejo propriamente essa questão de ter filhos assim.

Ha – Mas os teus objectivos são aqueles. Para nós são outros.

Iz – A questão é mesmo essa.

Ha - Eu estou a pensar, acabo o curso para o ano, ao fim e ao cabo, acabo com 26 anos, o mercado para mim, entre aspas, começa-se a fechar, quer a gente queira, quer não, começa. Eu aos 27, 28, penso casar, eu não digo que aos 30, 31 não me veja de barriga.

Iz – É essa a questão, pois aí também está o factor genético, porque é assim, elas quando chegarem aos quarenta já não podem ter filhos, é essa questão e nós não, nós até aos sessenta podemos ter filhos e podemos alimentar essa perspectiva.

Cz – Eu mais que dois não. É assim, eu no meu caso tenho mais dois irmãos, somos três em casa. O ideal é dois, mais acho que não e menos também não. Um filho único sofre um bocado, tem tudo e não tem nada; tem tudo porque os pais dão tudo, mas também não tem nada, porque não tem com quem brincar. Aquelas coisas que nos acontecem não temos a quem as contar, porque aos pais acaba por não se contar. Mais que dois...é assim, em minha casa somos três e praticamente temos dois anos de diferença entre os três, assim é complicado para os meus pais, mas também se calhar, eles não pensaram a altura em dividir ali o espaço. Mais que três não. Três é já...

Várias – A cara dele.

Bz – Eu acho que para mim, venham os que vierem, não me importo, não quero estipular um número tipo limite, é os que vierem.

Fa - Um homem com coragem!

Vocês acham que as pessoas perspectivam ter os filhos dentro ou fora do casamento?

Ha – Eu pessoalmente gostava que fosse dentro do casamento.

Da - Fora, eram bem-vindos, coitadinhos, não tinham culpa, claro, mas não gostava.

Ha – Mas cada vez se vêem mais fora do casamento.

Ga - Cada vez se vêem mais fora do casamento até porque cada vez se casam menos.

Ea - Há muitas mulheres que não casam e querem ser mães à mesma.

Aa – Eu sempre disse, mesmo que não me casasse, queria se mãe à mesma, mesmo que não tivesse essa possibilidade, que não encontrasse a outra metade, queria ser mãe à mesma.

Iz - Estou a ver o Bz já com um bebé nos braços.

Risos.